



Editora Gato Ed

60 DIAS DE ISOLAMENTO

UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O VIVER E
SENTIR DURANTE A PANDEMIA

**Denise Machado Cardoso
Felipe Bandeira Netto
Organizadores**

60 DIAS DE ISOLAMENTO

UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O VIVER E
SENTIR DURANTE A PANDEMIA

Aos leitores

Uma realidade comum a todos foi uma queda em espiral no desconhecido vazio onde caímos no ano de 2020, o medo nos abraçou e de muitas formas gritamos. Tocamos o mundo é complexo e difícil, entender requer dentre muitas coisas se conhecer. 60 dias de pandemia foi o início de uma reviravolta na vida de todas e todos, homens, mulheres e crianças de todas as idades e gêneros. As crianças tiveram que inventar uma nova forma de se comunicar dentro de um caos que nos tirou o chão, sem beijos, sem abraços e sem brincadeiras de guerra e dentro de uma guerra que está nos eliminando. Pensar a pandemia em plena pandemia não é fácil, é preciso rasgar o plástico que está nos tirando o ar, tentar respirar e usar todas as forças para colocar em textos escritos e imagéticos em diversos estilos aquilo que ainda resta de esperança e de fôlego para juntar forças. Assim fizeram os estudantes de graduação que seguiram o exemplo da organizadora, uma professora atuante em várias frentes e que apoia nossa editora, Denise Machado Cardoso e o fotógrafo Felipe Bandeira, antropólogo visual e quilombola que também nos apoia, ambos com uma sacada de Mestre, vinda da academia e da periferia nos presenteiam com este livro. Um trabalho constituído e construído à várias mãos, olhares e compreensões. É só curtir galera.

Leila Leite
Editora



COMITÊ CIENTIFICO

Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira

Laboratório de Comunicação - Unidade de Investigação - PRAXIS-
Centro de Filosofia, Política e Cultura. Universidade de Évora.

Edmar Tavares da Costa

Instituto de Ciências Biológicas / Pró-Reitor de Ensino de Graduação
/ Universidade Federal do Pará.

Gilmar Pereira da Silva

Instituto de Ciências da Educação / Vice-Reitor da Universidade
Federal do Pará.

Isabel Rosa Cabral

Instituto de Ciências Biológicas / Assessoria da Diversidade e
Inclusão Social / Universidade Federal do Pará.

João Batista Mendes Nunes

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática
(PPGECM) do Instituto de Educação Matemática e Científica
(IEMCI) da Universidade Federal do Pará.

Jonathan da Silva Cardozo

Instituto Ciberespacial - ICIBE - Universidade Federal Rural da
Amazônia / Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES /
Membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais
da Amazônia.

José Maria Gonçalves da Silva Ribeiro

Rede Internacional de Cooperação Científica Imagens da Cultura /
Cultura das Imagens. Universidade Aberta. Professor visitante da
UFG - Faculdade de Artes Visuais.

Leila Cristina Leite Ferreira

Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia –
Universidade Federal do Pará. Membro do grupo de pesquisa em
Antropologia Visual e da Imagem.

Maria Auxiliadora Delgado Machado

Departamento de Didática. Escola de Educação. Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro.

Marilia de Nazaré de Oliveira Ferreira

Instituto de Letras e Comunicação / Pró-Reitora de Relações
Internacionais / Universidade Federal do Pará.

Marise Rocha Morbach

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Diretora da Faculdade de
Ciências Sociais / Universidade Federal do Pará.

Soeli Farias Lemoine

Instituto de Pesquisa em Estudos Culturais e Ambientais Sustentáveis
da Amazônia - IPEASA / Ministère de l'Éducation Nationale.

Vanuza Souza Silva

Instituto de ciências Humanas Comunicação e Artes - ICHCA – Vice
Coordenadora de Relações públicas / Universidade Federal de
Alagoas.

Zélia Amador de Deus

Instituto de Ciências das Artes / Assessoria da Diversidade e Inclusão
Social / Universidade Federal do Pará.

COMITÊ EDITORIAL EDITORA GATO ED

André Leite Ferreira

Geógrafo

Gê Dias

Jornalista e Editora

João Neto Souza Rodrigues

Pedagogo / Professor substituto / Universidade Federal do Oeste do Pará

Jorgete Lago

Doutora Etnomusicologia / Universidade do Estado do Pará

Leila Leite

Doutora em Antropologia

Lucélia Leite Ferreira

Mestra em Antropologia / Secretaria de Estado de Educação

Luzia Ferreira

Geógrafa

Denise Machado Cardoso
Felipe Bandeira Netto
Organizadores

60 DIAS DE ISOLAMENTO

Uma interpretação sobre o viver e sentir durante a pandemia

Editora Gato Ed
Belém-Pará
2021

Editores: Felipe Bandeira Netto e Denise Machado Cardoso

Editoração Eletrônica: Felipe Bandeira Netto

Capa: Felipe Bandeira Netto

Imagem da Capa: A máscara que encara vida – Felipe Bandeira Netto

Revisão Técnica: Denise Machado Cardoso, Felipe Bandeira Netto e Leila Leite

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S493 60 dias de isolamento : uma interpretação sobre o viver e sentir durante a pandemia [recurso eletrônico] / Denise Machado Cardoso e Felipe Bandeira Netto. — Belém : Gato Ed, 2021. Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-214-8

1. Antologia literária. 2. Literatura brasileira.
I. Cardoso, Denise Machado. II. Netto, Felipe Bandeira.
III. Título.

CDD B869.8

Todos os direitos reservados. Esta publicação pode ser reproduzida, armazenada, transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocopiador, gravador ou de qualquer outra forma, desde que seja citada a autoria dos textos de acordo com as regras da ABNT NBR 10520.

Gato Ed Editora

E-mail: editoragatoed@gmail.com

Site: www.editoragatoed.com.br

Este livro é disponibilizado de forma gratuita em seu formato e-book no site da Editora Gato Ed.

E-BOOK GRATUITO

Dedicamos este livro às pessoas que produzem conhecimento científico, às fazedoras de arte e cultura e, em especial à memória de todos os mortos por covid-19 no Brasil e no mundo e as famílias destas pessoas, que no dia de hoje somam mais de duzentas e cinquenta mil mortos. Em especial, à memória da primeira pessoa vítima desta doença no Brasil, uma mulher preta, periférica, trabalhadora doméstica, moradora do Rio de Janeiro; Rosana Aparecida Urbano, de 57 anos!

Prefácio	12
Introdução	21
ARTIGOS	31
A Importância da Atuação do Profissional Farmacêutico no Enfrentamento da Pandemia de Covid-19	32
Garantia de Direitos dos Povos Indígenas em Tempos de Pandemia: Uma Luta Histórica	43
Retornaremos à Normalidade?	66
Reflexões Sobre as Implicações da Pandemia na Educação Brasileira	75
saúde mental: uma experiência emocional durante a pandemia do Covid-19	86
A Emergência das lojas Digitais no município de Igarapé-Açu/PA como Meio de Estabilidade Econômica Frente ao Período Pandêmico	107
Desafios em Tempos de Isolamento Social: Problemas Sanitários Decorrentes da Falta de Políticas Públicas no Bairro de Águas Lindas	119
Fake News na Pandemia: Um Desserviço à Saúde da População Brasileira em Tempos de Covid-19	130
Coletividade e Afeto Durante a Pandemia: Experiência do Centro Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados	141
Implicações da Pandemia na Elaboração do Luto: Covid-19 e a Impossibilidade de Velar seus Mortos	150
Impactos na Saúde Mental das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica no Período da Pandemia da Covid-19	161
A Dor da Quarentena: Reflexões Antropológicas Sobre o Isolamento Social de Pesquisadoras Mulheres Durante a Pandemia	172

<i>CONTOS</i>	192
Ausências memoráveis	193
A Minha História com Nietzsche sob o Divã: Um Ensaio Sobre a Solidão e o Isolamento Social na Pandemia do Covid-19	199
A rua	206
Amizade Incomum	212
(EN)cont(r)o: do desguarnecer à libertação no isolamento	218
Zeitgeist	224
Reencontros no Improvável	233
<i>CARTAS</i>	240
A Paralisia Temporal e seu Efeito em Nossas Vidas	241
Ansiedade, Bolhas, Covid: Indiferença Compartilhada	249
A Transitoriedade da Vida em Tempos de Isolamento Social: Reflexões Psicanalíticas	259
Carta para alguém do futuro: cara a cara com uma pandemia	268
CARTA AO FUTURO: o desabafo de um Presente em crise	275
A disseminação de um vírus e o isolamento dos seres humanos	282
Costa, 10 de junho de 2020	289
Carta Para Beatriz	293
Carta aos curiosos buscando aforismas ou estudiosos em busca de relatos sobre a pandemia de 2020	300
Covid-19 E "Eu"	309
Será Que Já É Possível Respirar Sem Máscaras?	314
Para o tão anômalo e conhecido COVID19	322
Reflexões Introdutórias Sobre A Felicidade Em Tempos De Isolamento Social	325

Uma Análise sobre a Paralisia que atingiu a Sociedade no Século XXI	332
PARALELO: as duas retas de hoje	339
POESIAS	345
Calendário	346
Margem Ao Sol – Antologia Poética	347
Morte Querida	358
Nebulosas Mentais	362
O Tempo Lá Fora, O Tempo Aqui Dentro	364
(Sobre)Viver	370
Vitória-rosa vermelha	372
Quintal	374
Virada do mês/ da mesa/ dos meios	377
Ansiedade e Vida Em Tempos De Pandemia	380
Froidias	383
Além de uma máscara	389
A Esperança	394
O Con/Re(Finamento) da Vida e da Morte: O Legado da COVID-19	396
Poema Sem Fim	409
Querido Futuro	419
Ele Chegou, Eu Me Encontrei	430
As Faces de uma Mente que Enfrenta Uma Pandemia	432
Sonho	443
Prisão Altruísta	445
ENSAIOS	448

ISOLAMENTO SOCIAL: angústia, sofrimento e adoecimento mental frente à finitude	449
A paralização obrigatória	460
Uma Crônica Da Minha Pandemia	462
Tempestade Emocional: quando o território é manchado e coberto por cinza	468
Relação Entre Saúde Mental e Isolamento Social em Tempos de Pandemia	471
Quarentena E Seus Efeitos Emocionais E Psicológicos Em Quem Vive A Pandemia Causada Pelo Covid-19	479
Para Além De “Perdidas Na Noite” (1989): Um Ensaio Dialógico Entre O Local Das Travestis Na Sociedade Brasileira E A COVID-19	489
O Mito Da Caverna Durante a Pandemia de Covid-19 - Um Ensaio Comportamental da Reação Populacional Brasileira Ao Isolamento Social	500
O (re) tecer a vida como Penélope	511
Marcha Pela Ciência E A Valorização Da Educação E Da Pesquisa Públicas No Brasil	514
Isolamento que apressou o silêncio	521
A Leitura Como Válvula de Escape Durante a Quarentena	527
A Negação Da Ciência Em Tempos De Pandemia	539
O FAZER CIENTÍFICO: Reflexões na pandemia	548
Pandemúsica, uma proposta de interatividade entre músicas e redes sociais	560
Cuidado de si e o corpo em uma linha tênue com a pandemia	570
Vivendo Na Quarentena	580
A Violência Doméstica No Brasil No Cenário Da Pandemia De Covid-19	595

O temor além da pandemia	604
Morte, existência e pandemia em <i>free jazz</i>	614
Amigos da Caverna	624
<i>NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS</i>	630
Cotidiano Pandêmico	631
Retratos Enclausurados – “Retratos a partir da experiência de (sobre)viver em tempos de pandemia no Brasil.”	643
Quanto tempo demora sessenta dias?	651
<i>OS AUTORES</i>	659
<i>Denise Machado Cardoso</i>	660
<i>Felipe Bandeira Netto</i>	663

Prefácio

O prefácio de um livro é constantemente o espaço reservado a uma pessoa convidada (ou a própria pessoa autora) para apresentar a obra, o contexto da escrita e a autoria do texto que está vindo à público. Em latim, prefácio significa dito antes (*fatio + prae*), portanto, é sempre uma interpretação inicial da obra completa – talvez a primeira –, com a devida preocupação de chamar a pessoa leitora para acompanhar a obra do início ao fim. A pessoa prefaciadora é quase sempre aquela – à parte as pessoas autoras e editoras – que lê a obra antes de chegar ao público, antes mesmo de ser divulgada e distribuída. A honra de apresentar uma obra é, geralmente, dada a alguém de referência em determinada área e/ou expertise, ou a alguém cuja fama trará novas pessoas leitoras para acompanhar a obra em sua completude. Não é o caso deste prefaciador, muito pelo contrário,

pois ainda me considero um aprendiz de uma área que escolhi chamar de minha – as Ciências Sociais e, particularmente, a Antropologia –, no entanto, sou um bom leitor de obras inspiradoras, como essa que tenho a honra de apresentar ao público. No rol das pessoas convidadas a prefaciarem uma obra, também, é possível que este convite seja direcionado a quem as pessoas autoras tenham determinado afeto, respeito e admiração.

À Denise, posso direcionar todo o meu afeto e amor construído dentro e fora do mundo acadêmico, ao longo dos últimos anos, tendo como ponto de partida as nossas experiências no Projeto Extracurricular Temático/Grupo de Trabalho em Ciências Sociais (Pet/GT/CS), vinculado à época à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, coordenado pelas/os prof. Samuel Sá, Wilma Leitão e por ela, e que desde 2006 movimentam a minha ética como pessoa e profissional com foco na excelência solidária – um método de trabalho desenvolvido naquele ambiente que corresponde a uma construção coletiva e colaborativa entre as/os mais antigas/os e as/os mais novas/os. Desde lá, estivemos/estamos envolvidos em muitas outras parcerias de sucesso; ela sempre como minha coordenadora e amiga. Uma delas é o VISAGEM – Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem, que desde 2013 alimenta o sonho de construir um espaço privilegiado

de debates acerca das audiovisualidades na Região Amazônica; e estamos conseguindo! Uma curiosidade: o nome do grupo foi uma sugestão minha após variadas tentativas de nomeação do nosso coletivo. De lá pra cá, conseguimos lançar nove edições da Revista Visagem, quatro edições do Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, duas do Festival do Filme Etnográfico do Pará e uma do Colóquio de Antropologia e Cinema da Amazônia. Isso tudo, é a prova de que parcerias são importantes, assim como o trabalho coletivo e colaborativo construído no afeto e troca contínua.

Ao Felipe, expressei meu desejo de sucesso na caminhada, nos amores e na vida. É dele a minha admiração pelas mais belas imagens de corpos nus representadas pela fotografia na atualidade. As composições visuais com pessoas negras merecem o nosso respeito e votos sinceros de que essas composições ganhem o lugar de destaque que merecem! Ele é também meu companheiro de jornada; estamos juntos no VISAGEM. E, recentemente, eu pude construir uma interlocução maior com o que ele vem produzindo academicamente quando debati um de seus trabalhos no seminário Caleidoscópio – Ano III, em 2020.

E, acredito eu, que esses foram os motivos acima descritos pelos quais Denise Cardoso e Felipe Bandeira Netto convidaram-me para construir esse texto de prefácio ao livro 60

dias de isolamento – uma interpretação sobre o viver e o sentir durante a pandemia que vocês têm agora em tela – esta edição é transmitida em formato e-Book, portanto, coube a mim traduzir o em mãos para os nossos cotidianos digitais, se permitem-me a liberdade. Agradeço a essas duas pessoas pelo respeito ao meu trabalho e trajetória, pela honra de compartilharmos momentos de reflexão, trabalho e divertimentos e pela acolhida deste texto que, sem dúvidas, estabelece um outro momento na minha experiência como escritor, acadêmico e cientista.

Por fim, as diversas conexões que nos unem permitiram-me estar aqui e dialogar mais uma vez com essas duas pessoas importantes na minha vida, dentro e fora da academia. E como espectador e admirador do trabalho e da trajetória de ambas, tive, em 2020, que ficar apenas nestes dois lugares por conta do distanciamento e isolamento social, mas anseio agora que nos próximos meses possamos compartilhar mais momentos de alegrias e comemorações não somente em telas de celulares e computadores, mas com a proximidade física do abraço apertado e muitos afagos.

E foram em telas (de televisões, computadores, celulares, *tablets* e outros meios de transmissão da imagem e do som) que vimos o ano de 2020 passar diante das nossas percepções. E,

assim, pudemos entender e imaginar as consequências de uma pandemia devastadora, que mudou nossas formas de viver e de morrer, nossas formas de sentir e experimentar. O cotidiano digital redimensionou o lugar de nossos refúgios e angústias que, certamente, vieram dessa busca constante por informação sobre saúde, doença e morte durante os momentos mais críticos. Mas, por sermos também criativas/os e inventivas/os o suficiente, conseguimos imaginar outros mundos possíveis, nos quais nem a peste, nem a fome e nem a guerra poderão nos alcançar. Chamem do nome que quiserem (ou puderem), mas esses mundos existem e são possíveis de serem imaginados e praticados.

Dito isto, o livro em tela, publicado pela Gato Ed, apresenta o resultado de uma chamada pública para a composição de entrecruzadas reflexões sobre a pandemia de covid-19, que se alastrou durante o ano que passou, mas que ainda deixa marcas mesmo após anunciadas as vacinas de combate ao vírus e os contextos nacionais de imunização. Neste momento, estamos todas/os praticando as nossas imaginações para os novos tempos que virão. E foi com esse objetivo que a chamada pública para a construção dessa obra preferiu por abrigar textos de pessoas em cursos de graduação de instituições de ensino superior espalhadas pelo território nacional. E, assim, nasceu essa coletânea com textos e imagens que variam em formato e estilo e que apresentam

um panorama da experiência de estudantes espalhados pelo país, que neste momento passam por momentos de incerteza (na conclusão de seus cursos), de dúvidas (em ter escolhido determinada área e/ou tema de pesquisa), de instabilidade (emocional, patrimonial, de recursos – com os cortes de bolsas de iniciação científica e/ou de extensão, por exemplo).

No entanto, e mesmo frente à tanta desesperança e abandono, são estas/es jovens pesquisadoras/es, artistas e escritoras/es quem nos fornecem o horizonte imaginativo para superarmos estes momentos de dificuldades trazidos pela pandemia, crise sanitária, desestabilização política e incapacidades institucionais em âmbito executivo, legislativo e judiciário – nas escalas federais, estaduais e municipais. Esses textos são as respostas para todas as ineficiências que estamos vivendo e sentindo porque a juventude é capaz de revigorar os ânimos mais abalados, com ímpeto e com novas propostas. É o que esperamos que vocês experimentem ao ler os textos aqui publicados.

Os textos escolhidos e publicados nesta coletânea encontram na pandemia um lugar comum, mas diferenciam-se pela ótica e objeto retratado; assim como pela forma de apresentarem-nos as suas inquietações, reflexões e análises. Então, temos aqui reunidos artigos, ensaios, contos, cartas e

poesias que experimentam a escrita da pandemia a partir de múltiplas perspectivas, mas também temos as narrativas imagéticas que situam o cotidiano pandêmico utilizando para isso as imagens; todas essas composições são retratos de um cenário de incertezas (e muita criatividade!).

Os temas caminham por um amplo espectro que nos levam a re-imaginar a saúde, a doença, a atuação profissional, a agenda sanitária, o isolamento social, a dor, a violência, a morte, o luto, o cuidado, a ciência, o negacionismo, as notícias falsas... e, principalmente, o que seremos depois da pandemia. De alguma forma, os textos dialogam com propostas de novas éticas, de novos modelos comportamentais e culturais e a possibilidade de construção de uma sociedade mais justas e equânime. Há nesses textos não apenas uma reflexão situada da pandemia, mas uma possibilidade de articulação com outros horizontes imaginativos, como novas políticas de bem viver e sentir. Se os textos acadêmicos (artigos e ensaios) costuram em si uma dimensão mais analítico-reflexiva da pandemia, sugerindo caminhos a serem tomados no presente e no futuro e/ou apontando soluções; os demais textos (contos, cartas e poesias) nos apresentam formas criativas de composição das palavras em situação de pandemia, buscando articular imaginação e inventividade na construção de novos espaços, sentimentos e práticas; e as fotografias e os

desenhos em preto & branco nos apresentam como paisagens, corpos e emoções foram aprisionadas nestes 60 dias de isolamento. Porém, o que desejamos agora é viver e sentir o mundo livres... da pandemia.

Um prefácio é sempre o anúncio de uma nova obra, de novas ideias e proposições, então, espero que este livro anuncie novos tempos de bem viver e sentir!

Cidade Velha, Belém-PA, 18 de fevereiro de 2021.

Milton Ribeiro

Professor de Ciências Sociais, DFCS|UEPA
Antropólogo, Cientista Social e Doutorando, PPGSA|UFPA

Introdução

Em março do ano de 2020, iniciou-se no Brasil uma época de transformações surpreendentes do nosso cotidiano. Há um ano passamos a conviver com uma nova realidade marcada por incertezas, tristeza, angústia e perplexidade decorrentes da pandemia do Novo Coronavírus. Acometidos pelos impactos da COVID-19, fomos levados a adotar novas práticas de convívio social, cuidados com a saúde, debates sobre as implicações socioambientais do chamado sistema mundo, e adoção de estratégias sanitárias até então desconhecidas para a maioria da sociedade.

Embora tenhamos que reconhecer que a pandemia surpreendeu as pessoas em diferentes regiões do planeta, no Brasil temos agravantes devido às questões políticas que levaram o país a ser mais do que um lugar com altíssimos índices de

contágio e mortes pela doença. É notório que a maneira como o governo federal conduziu as ações de enfrentamento da pandemia foram desastrosos e evidenciou que seu projeto é mais preocupante do que se supunha, pois põe em risco a vida das pessoas ao invés de buscar preservá-las.

Há doze meses refletimos e debatemos sobre este momento único. Elaboramos explicações e tentamos agregar conhecimentos e percepções que nos atravessam praticamente todos os instantes de nossos dias. Cada um de nós tem algo a dizer, tem algo a compartilhar, tem algo a narrar, pois a pandemia colocou-nos em uma mesma situação que nos emaranha em suas teias. Tornamo-nos iguais na dor, na doença e na esperança. Fomos postos juntos nesta experiência globalizada e conectados pelos efeitos avassaladores de um vírus. A compreensão desta realidade mundializada pode ser expressa, portanto, por todos e todas nós.

No âmbito das universidades e institutos de pesquisa assistimos a uma avalanche de estudos nas mais diversas áreas de conhecimento. A ciência enfrenta severas críticas nestas primeiras décadas de milênio numa onda de negacionismo, mas teve sua importância reconhecida porque, mesmo que a contragosto de alguns segmentos sociais, apresentou explicações

e respostas advindas de todas as suas áreas de conhecimento. Além disso, as ciências que hierarquicamente são vistas como inferiores passaram a ter um status de maior relevância.

Além da importância de cientistas, há que se considerar que artistas também foram destaque em 2020. Tratados, geralmente, de maneira preconceituosa e pouco valorizada, homens e mulheres das artes se tornaram uma constante companhia virtual para amenizar as mazelas destes tempos. Por outro lado, o isolamento social impactou de tal forma a sociabilidade que as expressões artísticas despontaram como uma das principais estratégias de externar sentimentos e sensações relacionados à pandemia.

“A sociedade humana está nua!”, podemos afirmar, pois suas contradições, violências contra diferentes grupos sociais, desigualdades expressas em diferentes marcadores sociais, preconceitos e racismo, e outras características deste sistema que tem no crescimento econômico a sua base de sustentação, tornaram-se indubitavelmente expostos. Contudo, ainda se faz necessário externar o que pensamos, sentimos, suportamos e desejamos diante de tudo o que é vivenciado desde o final de 2019 (não à toa, a doença é nomeada como COVID-19).

Refletimos e propomos uma possibilidade de publicar tais percepções sobre a pandemia às pessoas que estão vinculadas a cursos de graduação. Afinal, se os canais de comunicação da comunidade científica oportunizam a seus pares publicar suas ideias (advindas de suas pesquisas) em formato de artigos, ensaios e outras experiências de usos da linguagem escrita, levantamos a seguinte questão: Como e em que lugares se expressam aquelas pessoas que ainda estão em processo de formação? As revistas científicas exigem titulação mínima para aceitar publicações, pois seu objetivo é promover a publicização de pesquisas, promover o debate acadêmico de excelência, oportunizar a troca entre as pessoas que lidam com o processo de elaboração de informação sustentada nas análises de dados de investigação. Quais oportunidades de publicação teriam aquelas que ainda estão na graduação?

O que tem a dizer as pessoas que ainda não chegaram ao ponto de assumir sua autonomia intelectual? De que modo estas que ainda estão iniciando seus primeiros passos na formação de cientistas e intelectuais poderia contribuir neste debate? Aqueles e aquelas iniciados teriam quais espaços para dialogar e expressar-se? Essas e outras questões nos motivaram a propor um livro em formato não impresso, o chamado e-book – para

oportunizar graduandos e graduandas a publicar suas obras cuja temática estivesse voltada para a pandemia.

Este *ebook* é a resultante de desejos mútuos, seja a vontade de possibilitar a graduandos e graduandas produzirem academicamente nas mais amplas esferas da escrita e outras formas de linguagem, seja na experiência da educação voltada para a autonomia, conforme proposto pelo mestre Paulo Freire. Imprimir, portanto, a percepção de múltiplas pessoas sobre o isolamento social e como estas estavam e/ou lidaram com este momento, tornou-se o objetivo central desta proposta de coletânea.

A opção por organizar um livro amplo, no sentido de permissividade quando aos modos de expressão, oportunizou diversas formas das pessoas se expressarem sem ficarem restrito a um só estilo, de modo a contemplar a diversidade de expressão e meios de fazê-la. Para tal, deixamos em aberto o modo de elaborar e criar as obras, oportunizamos que distintas linguagens e formatos fossem apresentados, e assim, abrimos a chamada para artigos, cartas, ensaios, fotografias e poesias.

A nós organizador e organizadora do e-book foi apresentada uma grata surpresa porque a adesão e aceitação à proposta foi além das nossas expectativas. Graduandos e

graduandas das mais diversas áreas do conhecimento, bem como, de inúmeras instituições de diversos Estados de todas as regiões do país, submeteram seus trabalhos à avaliação pela Comissão Científica.

Convidamos colegas professores e professoras de universidades brasileiras e de outros países para emitirem parecer crítico sobre as obras encaminhadas. Acreditamos que esse seria um procedimento que proporcionaria a avaliação segundo as regras da produção científica e contemplaria o momento específico de formação que a graduação apresenta. A leitura crítica seria (e foi) um procedimento pedagógico devido à indicação do que poderia ser ajustado e aperfeiçoado. E como todo processo de avaliação justo e criterioso, a oportunidade de auto avaliação também se fez notar.

Para realizarmos esta coletânea, tivemos também o apoio institucional da Universidade Federal do Pará em suas diferentes instâncias administrativas. Tal apoio foi fundamental para a realização desta obra reforçando, uma vez mais, a importância desta Instituição de Ensino Superior para a promoção do ensino e pesquisas de qualidade.

Como anteriormente salientado, este livro chega ao grande público em um momento em que estamos vivenciando

tempos onde o negacionismo coloca sobre a ciência o manto da desconfiança, apesar das evidências contrárias, trazidas pelos impactos da pandemia. Momento em que mazelas sociais afloram, violências, medos, ansiedade, depressão, e outros se tornam visita constantes (e indesejadas) em nossas casas.

Ousamos dizer que organizar este livro fora uma ideia criada diante do desconhecido e oficializada antes mesmo de nos darmos conta da devastação que a Covid-19 causaria no mundo e em nosso país. E a ideia por trás do desejo de organizar a coletânea era a de contemplar as múltiplas formas de expressão vividas, sentidas e externalizadas por graduandos e graduandas em suas diversas áreas.

Acreditamos que o texto acadêmico científico, como é o caso do artigo, é apenas uma das formas de se compreender o mundo e as pessoas, sensações e sentimentos estão para além da formalização restrita a este formato e estilo. Por sermos múltiplos, diversos e infinitos em nossas singularidades e intimismo, o sentir é ter a percepção única de modo introspectivo sobre algo. Vivemos, criamos, e tomamos consciência das realidades de modo igualmente diferente, mesmo que esta se apresente igual para todos.

2020 foi um ano que nos trouxe novas experiências. Diante de algo novo é comum sentir medo, a estranheza provoca o susto e a vontade de autoproteção torna-se uma sensação inerente. Amanhecemos o ano de dois mil e vinte com a eminência de uma ameaça invisível ao tato e palpável aos sentimentos. Uma ameaça desconhecida e mortal, era um novo começo, o princípio do que veríamos chamar de “nova normalidade”, o baile de carnaval, se estendeu/estenderá por um longo período, dançamos nas ruas o baile de máscaras eternos e em suspeição de morte.

Para algumas pessoas tudo pode ser compreendido por um cálculo matemático, para outras a poesia é uma forma de se conectar com a percepção do invisível, algumas buscam na fotografia tatear o mundo e a sua realidade, ensaios e contos podem dizer mais sobre seus autores e autoras do que confissões silenciosas.

Nestes sessenta dias de início da pandemia no Brasil houve a reinvenção do cotidiano. Com este cenário sombrio e temeroso, havia alegria e esperança somados à conscientização e constatação de que as desigualdades sociais eram muito mais intensas do que se supunha. As narrativas trazidas neste livro revelam que embora tenham muito em comum, as vidas das

pessoas são distintas, múltiplas e singulares, mesmo que haja similitudes nas vivências e experiências da pandemia.

Por certo, leitores e leitoras deste e-book perceberão que estas significações são ricas, testemunhos preciosos de um tempo atípico e lugares próximos e distantes, e tomando posse destas narrativas em amplas formas construídas e elaboradas sem receios e/ou excitações. Desejamos, caro leitor, cara leitora, que estas narrativas de vida traduzidas em poesia, fotografias, cartas, contos, ensaios e artigos inspirem a, também escrever, narrar, fotografar, dizer e refletir sobre o viver e sentir de modo introspectivo e intimista os nossos tempos.

Boa e prazerosa leitura!

Denise Machado Cardoso

Felipe Bandeira Netto

Belém do Pará, março de 2021

60 DIAS DE ISOLAMENTO

*Uma interpretação sobre o viver e o
sentir durante a pandemia*

Denise Machado Cardoso

Felipe Bandeira Netto

Organizadores



ARTIGOS

A Importância da Atuação do Profissional Farmacêutico no Enfrentamento da Pandemia de Covid-19

Brenda Costa da Conceição¹

Resumo

O profissional Farmacêutico dentre as suas funções regulamentadas e seu conjunto de ações e saberes, se destaca por visar os medicamentos como a principal ferramenta terapêutica para a recuperação ou manutenção das condições de saúde e da promoção do uso racional dos medicamentos, sendo essa uma das ferramentas de maior excelência do profissional Farmacêutico. No presente artigo, falaremos da atuação do farmacêutico e sua importância no contexto de pandemia COVID-19, discutindo temas importantíssimos, como: intervenção e promoção de saúde.

Palavras-Chave: *Assistência Farmacêutica, Pandemia, Uso racional de medicamentos*

Introdução

A COVID-19 foi detectada pela primeira vez em dezembro de 2019, na província de Wuhan, na China,

¹ Graduanda de Farmácia, Centro Universitário Fibra (FIBRA). E-mail: breuscsta@gmail.com

apresentando um crescimento exponencial de casos e óbitos, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar a COVID-19 como uma pandemia em meados de março do ano corrente. A doença apresenta alto potencial de infecção e possui como agente etiológico o SARS-CoV-2².

Diante desse cenário totalmente novo, os desafios são inúmeros: pouco conhecimento sobre o mecanismo de ação do agente etiológico, rápida transmissão com crescimento exponencial, ausência de vacinas e até a dificuldade de definições da doença. Por se tratar de um vírus respiratório, suas características clínicas e epidemiológicas se assemelham a outras síndromes virais, o que prejudica na sua identificação³.

Em decorrência de estigmas desenvolvidos pela própria formação histórica do farmacêutico no Brasil, e sua eventual falta de identidade, ficou instituída por meio da Política Nacional de Assistência Farmacêutica⁴, o caráter fundamental do profissional

² GARCIA, LP; DUARTE, E. **Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil**. Brasília, Abr: 2020.

³ FREITAS, ARR; NAPIMOGA, M; DONALISIO, MR. **Análise da gravidade da pandemia de Covid-19**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 2020.

⁴ BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 338**, de 06 de maio de 2004.

na promoção à saúde, assumindo a tarefa de prestar assistência e educação farmacêutica dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). Diante de uma pandemia, não é diferente, sua atuação está intimamente ligada a orientação da comunidade.

No presente artigo, abordaremos a importância do papel farmacêutico no enfrentamento da pandemia de COVID-19, Sendo este um trabalho de revisão bibliográfica, com base em dados de sítios como Organização Mundial de Saúde, Ministério da Saúde, SciELO e PubMed; que visou o conhecimento acerca da COVID-19, compreendendo sua transmissão, sintomas, mecanismo de ação e seus possíveis tratamentos e através do Conselho Federal de Farmácia que exalta e exemplifica de que maneira o profissional farmacêutico é importante e essencial neste cenário de pandemia.

A contribuição do farmacêutico na promoção da saúde

A trajetória da atividade farmacêutica possui um longo caminho que foi e segue sendo percorrido, podendo ser dividida em três períodos mais importantes durante o século XX: o tradicional, o de transição e o de desenvolvimento da atenção ao paciente. O tradicional é conhecido pelos boticários que preparavam, vendiam os medicamentos e orientavam sobre o uso.

O de transição é o período no qual surge o aparecimento da indústria farmacêutica, onde o papel do farmacêutico diminui de maneira significativa, perdendo seu valor e função social, sendo um momento de ênfase no desenvolvimento das indústrias e na busca de novos fármacos⁵.

O farmacêutico, na busca de representatividade, começa a desempenhar a prática da farmácia clínica, passou a compreender sua importância para a saúde pública e de que forma a orientação ao paciente se faz indispensável para a promoção da saúde. Ou seja, passa a direcionar o foco não apenas no medicamento enquanto produto, mas ao paciente como a principal peça da prática farmacêutica⁶.

No Brasil, segundo a Resolução nº 338 (2004), o Conselho Nacional de Saúde aprovou a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, estabelecendo-a como parte integrante da Política Nacional de Saúde, sendo este um conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir dos

⁵ HEPLER CD, STRAND LM. **Oportunidades y responsabilidades en la Atención Farmacéutica.** *Pharmaceutical Care España* 1999; 1, p.35-47.

⁶ ZUBIOLI A, organizadores. **A farmácia clínica na farmácia comunitária.** Brasília: Ethosfarma; 2001.

princípios norteadores do SUS que são a universalidade, integridade e equidade⁷. A Atenção Farmacêutica refere-se a atividades desenvolvidas pelo farmacêutico no âmbito de atenção à saúde que por sua vez possui ações desenvolvidas no contexto da Assistência farmacêutica, sendo considerada como um modelo de prática farmacêutica, com o objetivo de diminuir as reações adversas e proporcionar a melhor terapêutica possível ao paciente, desenvolvida com destaque no contato direto do farmacêutico e o paciente⁸.

Em 2002, por meio de um processo de construção coletiva proposto pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), com o objetivo de promover a Atenção Farmacêutica no Brasil, foi estabelecido os elementos construtivos da prática de Atenção Farmacêutica que são: A educação em saúde, a orientação farmacêutica, o atendimento farmacêutico, o acompanhamento farmacoterapêutico, os registros das atividades e avaliação dos resultados. Ademais, foram esclarecidos conceitos que estão relacionados com a prática de atenção farmacêutica como: Problemas Relacionados com Medicamento (PRM), conceituado como um problema de saúde relacionado ou suspeito a

⁷ Id., 2004.

⁸ Id., 2004.

farmacoterapia, e Intervenção Farmacêutica que se define como um ato planejado, com documentação realizada em conjunto com profissionais da saúde e o paciente, onde é analisado a necessidade de interferência ou não afim de solucionar os problemas relacionados a farmacoterapia⁹.

Diante dos elementos construtivos que conduzem a Atenção Farmacêutica, no que diz a respeito à educação em saúde, considerando a promoção do uso racional de medicamentos um processo educativo e indispensável para esclarecer as dúvidas da população quanto ao uso do medicamento, posologia, os riscos da automedicação, troca da medicação ou interrupção, bem como enfatizar a importância da procura do profissional de saúde na prescrição de medicamentos. Tendo em vista que a farmácia é considerada como um estabelecimento comercial diferenciado que dispõe de obrigações que devem estar em constante vigor de acordo com a Lei nº. 8.080/90¹⁰, em contrapartida, o fácil acesso a esses medicamentos

⁹ IVAMA, A.M. **Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica: proposta**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2002. 24p.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.916**, de 30 de outubro de 1998.

aumenta a venda e o consumo pela população, sendo fundamental a orientação e presença do profissional farmacêutico.

O farmacêutico diante da pandemia de Covid-19

Em razão do atual contexto mundial de saúde, os profissionais da área estão em contato com cargas virais mais significativas por frequentarem os locais com foco da doença. Até então, sabe-se que o vírus é transmitido por meio de gotículas respiratórias ou por meio do contato. Diante disso, o profissional farmacêutico assume o papel de promotor da saúde, a fim de propagar as informações corretas acerca da doença e sua prevenção e controle. Segundo nota técnica emitida pela ANVISA¹¹, cabe ao farmacêutico, algumas tarefas básicas diante dessa pandemia, sendo a primeira a orientação das medidas de prevenção e controle, tanto para pessoas infectadas quanto não-infectadas, inclusive outros profissionais de saúde; esclarecimentos sobre a doença à população, como possíveis

¹¹ BRASIL. ANVISA. **Nota técnica GVIMS/GGTES/ANVISA N° 04/2020**. Apresenta orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Publicado em 31 de março de 2020. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271858/Nota+T%C3%A9cnica+n+04-2020+GVIMS-GGTES-ANVISA/ab598660-3de4-4f14-8e6f-b9341c196b28>> Acesso em: 16/04/2020.

sintomas, quem constitui o grupo de risco, desconstrução de tabus em relação à medicamentos, e principalmente combate a desinformação.

Diante da exposição ocupacional, um ponto que deve ser citado, é a participação do farmacêutico no incentivo ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), pois ela se constitui como principal estratégia para prevenir a contaminação dos profissionais de saúde, diante do agente etiológico COVID-19. Uma educação continuada em saúde, colabora para estabelecimento de normas e procedimentos de biossegurança, evitando a exposição à materiais potencialmente infecciosos¹².

Outro ponto importante da atenção farmacêutica, ainda ligado a promoção da saúde, no que se refere ao uso racional de medicamentos, a citar o caso do uso de Hidroxicloroquina no tratamento da infecção por COVID-19. Os boatos sobre uma possível efetividade do seu uso como tratamento resultou na procura exacerbada e desnecessária do medicamento, o que causou a falta do mesmo para pacientes que fazem uso contínuo

¹² DO CENTRO UNIVERSITÁRIO, Comissão de Biossegurança. Cesmac: Manual de Biossegurança: Farmácia. 2015.

da substância para tratar doenças como Artrite Reumatoide, Lúpus e Síndrome de Sjögren¹³.

O fato levou a ANVISA a atualizar a lista de medicamentos controlados, através da RDC Nº 351 de 20 de março de 2020, passando a incluir Hidroxicloroquina e Cloroquina na lista de substâncias controladas, e assim evitar o uso indiscriminado por parte da população. Vale salientar ainda, que não há evidências suficientes que corroborem para o uso do medicamento como tratamento farmacológico da doença. Nos casos existentes, são em curto período, com baixa quantidade e sem a possibilidade de avaliar efeitos a longo prazo¹⁴.

Desse modo, percebemos que diante dessas atividades fundamentais de um farmacêutico, encontra-se o caráter promotor de saúde, com base no acolhimento e orientação, que vai desde o paciente aos próprios profissionais de saúde. Bem como, prioriza

¹³ RIBEIRA, Elen. Falta hidroxicloroquina para quem precisa do medicamento. **Seleções Reader's Digest**, Rio de Janeiro, 20 mar 2020.

¹⁴ HYDROXYCHLOROQUINE in the management of critically ill patients with COVID-19: the need for an evidence base. **Lancet Respir Med**. Published 15 apr, 2020. Disponível em:< [https://doi.org/10.1016/S2213-2600\(20\)30172-7](https://doi.org/10.1016/S2213-2600(20)30172-7)> Acesso em 16/04/20.

a Política Nacional de Medicamentos¹⁵, é possível vislumbrar setores que se encontram no enfrentamento da pandemia de coronavírus, a exemplo da atenção farmacêutica, com suas orientações no que diz respeito a orientação da comunidade, as medidas de prevenção e controle, o uso racional de medicamentos e ainda com a tarefa de notificação em casos suspeitos e/ou confirmados.

Conclusão

Com base no cenário de pandemia, o número exponencial de óbitos e a capacidade de propagação do vírus, é notório que estamos lidando com algo novo e ameaçador, o que gera uma série de problemas econômicos, sociais, psicológicos e principalmente cria questionamentos sobre como proceder, como se proteger e como se cuidar. A procura de soluções tem sido uma busca incessante por todos os profissionais da saúde do mundo, seja essas soluções preventivas, de tratamento ou até mesmo de uma possível cura. O profissional farmacêutico encontra-se incluído nessa equipe que trabalha no enfrentamento da Covid-19

¹⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de medicamentos. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

e dentro de suas atribuições, não apenas as que foram abordadas no desenvolvimento deste trabalho, como todas as demais áreas que este profissional pode exercer, contribuem para um só objetivo: a promoção da saúde.

Garantia de Direitos dos Povos Indígenas em Tempos de Pandemia: Uma Luta Histórica

Márcio Clay Faria do Nascimento¹⁶
Tatiana Cristina Vasconcelos Maia¹⁷

Resumo

Este artigo tem como escopo o tema da garantia de direitos dos povos indígenas em tempos de pandemia, com vistas a focar uma luta histórica travada por eles, especialmente frente aos desafios do momento atual. O objetivo geral é analisar como os povos indígenas brasileiros vêm resistindo aos inúmeros ataques que sofrem, desde a colonização, passando pelas missões religiosas, até a chegada da pandemia de COVID-19. A metodologia da pesquisa foi a investigação documental e bibliográfica em fontes que tratam do tema em questão, a busca de informações e a análise desses documentos para a construção do artigo. Esta pesquisa desvelou que os povos indígenas desde a colonização vêm lutando em prol da garantia dos seus direitos. O principal deles, a própria vida. Com o alastramento da pandemia nos seus territórios, os povos indígenas estão sofrendo sérios perigos e fica explícita a falta de ações urgentes para salvar as vidas desses povos da morte e do desaparecimento.

Palavras-Chave: Povos indígenas. Missões religiosas. Pandemia de COVID-19.

¹⁶ Graduando em Sociologia. E-mail: mf.violao@gmail.com

¹⁷ Doutoranda em Educação em Ciências e Matemáticas, Mestre em Educação pela UEPA, graduada em Pedagogia, professora da Educação Básica e do Ensino Superior. E-mail: tat_maia@hotmail.com.

Introdução

Os povos indígenas habitam a Amazônia desde tempos imemoriais, muito antes da chegada dos europeus. Estudos arqueológicos indicam tais evidências¹⁸. Em outras áreas de pesquisa, como História e Ciências Jurídicas¹⁹, são comuns as comprovações de que havia diferentes culturas e diversos processos civilizatórios neste continente.

Há indícios de seres humanos no Brasil datados de 16.000 a.C. a 12.770 a.C., encontrados em escavações arqueológicas. A dispersão dos diversos povos por todo o território nacional aconteceu em cerca de 9000 a.C. Ao longo dessa movimentação, teria ocorrido a diferenciação linguística e social que deu origem aos troncos indígenas Macro-Jê²⁰ e Macro-Tupi²¹. Deste último, entre os séculos VIII e IX, originaram-se as nações Tupi e Guarani. Estas são as que mais se destacam nos últimos 500 anos

¹⁸ SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (Orgs.). **Muito além dos campos:** arqueologia e história na Amazônia Marajoara. Belém: Gknoronha, 2010.

¹⁹ LOPES, Reinaldo José. **1499:** O Brasil antes de Cabral. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

²⁰ Macro-jê é um [tronco linguístico](#) que, teoricamente, estende-se por regiões não litorâneas e mais centrais do Brasil.

²¹ Macro-tupi é um [tronco linguístico](#) que abrange diversas línguas das populações indígenas da América do Sul.

da História do Brasil, justamente porque tiveram um contato mais próximo com o homem branco²².

Foi a partir da chegada das caravelas portuguesas ao litoral do Brasil no século XVI, quando, entre incertezas e esperanças, vieram embarcados padres de diversas ordens religiosas, que as missões evangelizadoras se tornaram uma realidade na vida dos povos indígenas brasileiros. Ao aportarem nas “terras do pau-brasil”, esses religiosos pioneiros se depararam com pessoas desnudas, algo inadmissível pelos padrões europeus²³.

Se a catequese colonial foi baseada na imposição, na coerção, as “boas” intenções das missões vigentes não são menos perniciosas, uma vez que solapam a realidade dos indígenas ao decretar àqueles um processo de aculturação que pode levar ao etnocídio. Ademais, no momento em que vivemos uma pandemia causada pelo novo coronavírus, as missões podem representar uma ameaça ainda maior se considerarmos que seus agentes, caso infectados, possam ser vetores da doença entre os indígenas e

²² TEMBÉ. **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Temb%C3%A9>. Acesso em: 16 jul. 2020.

²³ BRASIL. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional; Departamento Nacional do Livro, s.d. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

promover um surto catastrófico dentro das aldeias, capaz de acarretar um sem-número de vidas perdidas.

Após essa contextualização histórica do percurso das missões evangelizadoras entre os povos indígenas até a relação destes com a pandemia causada pelo novo coronavírus, a reflexão que instigamos é a seguinte: os povos indígenas brasileiros vêm sofrendo, desde o processo de colonização, através das primeiras missões religiosas até o momento atual, incursões etnocêntricas, que desrespeitam e vilipendiam seu status cultural. Assim, é pertinente considerar que: A forma desinteressada e exígua como o atual governo vem atuando no combate à pandemia entre os povos indígenas não seria uma maneira velada de contribuir para o controle dos corpos dessas populações?

O objetivo deste artigo é analisar como os povos indígenas brasileiros vêm resistindo aos inúmeros ataques que sofrem, desde a colonização, passando pelas missões religiosas, até a chegada da pandemia da COVID-19.

A metodologia utilizada para a elaboração do artigo foi qualitativa, mediante a qual identificamos, nas informações pesquisadas, as influências interpretativas sobre a temática em questão. Neste sentido, consideramos que “O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria

explicativa; o sujeito – observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado”²⁴.

A pesquisa foi do tipo documental e bibliográfica em fontes que trazem o tema em questão, além da busca de informações e a análise desses documentos para a construção do artigo. Assim, fizemos uso de vários livros, artigos científicos, matérias jornalísticas e documentários. A partir da consulta a esse material, selecionamos os mais pertinentes e diretamente conectados com a temática abordada. Através da interpretação dos dados coletados, realizamos a análise identificando os elementos mais relevantes e sinalizadores para os resultados da pesquisa.

Esta pesquisa revela sua relevância ao contribuir com a produção que vem sendo realizada sobre os povos indígenas e a luta que os envolve na garantia dos seus direitos, assim como auxilia a produção de pesquisas relacionadas às implicações da experiência da pandemia entre esses povos.

²⁴CHIAZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. p. 79.

O texto está organizado nas seguintes etapas: Introdução; Povos indígenas: colonizadores e missões; Pandemia: um novo desafio aos povos indígenas; COVID-19 e os grupos indígenas e as considerações finais.

Povos Indígenas: Colonizadores e Missões

Desde a chegada dos colonizadores ao território brasileiro, os povos indígenas vêm sendo alvo da incansável batalha para os “civilizar”, situação caracterizada por relações conflituosas, desrespeitosas, que geram processos de desvalorização da cultura dos povos, vistos como inferiores, a culminar no genocídio de grupos por conta da tentativa de conquista social e espiritual.

Para os portugueses, os indígenas desconheciam o conceito de religiosidade, muito embora rituais e crenças místicas que envolviam a pajelança, o contato com os espíritos dos ancestrais e entes da floresta fizessem parte do cotidiano indígena, assim como possuíam uma cosmogonia e uma intrincada estrutura de deidades. Logo, como parte importante no processo de colonização, uma das principais incumbências das missões era extinguir tais conhecimentos e práticas realizadas pelos indígenas, por estas afirmarem sua identidade e serem definidoras

das diferenças culturais que não foram e não são respeitadas até hoje.

Com esse intento, as missões religiosas não impuseram simplesmente um “Deus”, mas uma nova língua e novas práticas, obrigando os indígenas a abandonar sua ancestralidade, tradição e costumes em nome de algo que desconheciam e com o qual não tinham nenhuma relação ou mesmo identificação.

Os conflitos promovidos pela dominação dos colonizadores, principalmente os portugueses, geraram uma diminuição considerável na população original brasileira, motivada pelo desaparecimento de um grande número de indígenas devido às guerras, doenças e ao abandono de suas aldeias²⁵.

Atualmente, seis séculos após a chegada dos primeiros padres jesuítas, as missões religiosas, agora também implementadas por numerosos grupos cristãos evangélicos²⁶,

²⁵ AMOROSO, Marta Rosa. Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais [on-line]**, v. 13, n. 37, p. 101-114, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 jul. 2020.

²⁶ WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2004.

avançam “a pleno vapor” com o objetivo de consolidar o empreendimento iniciado pelos portugueses nos idos de 1500. De forma menos violenta, se considerarmos que não há castigos nem enfrentamento belicoso, mas nem por isso menos prejudicial aos indígenas, as missões seguem à risca os modelos da imposição religiosa, mas, desta feita, camufladas por ações de cunho social como ajuda humanitária, com ênfase na importância do combate ao alcoolismo, à prostituição, à violência e, mais recentemente, ao coronavírus.

Mesmo modificando os métodos e imprimindo uma suavização em seus modos de ação, as missões, católicas e/ou evangélicas²⁷, tendem a se configurar, para os indígenas, como uma adesão compulsória a uma realidade externa e desconhecida. Em outras palavras, as missões atuais, como em séculos passados, reafirmam a falsa premissa de que é importante conduzir os índios ao caminho da “salvação”, mesmo que eles não demonstrem interesse pelo fato de desconsiderarem tal propósito, uma vez que concebem o mundo espiritual sob uma ótica e práticas próprias.

²⁷ IGREJAS E MISSÕES RELIGIOSAS. **Povos indígenas no Brasil**, s.d. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Igrejas_e_Miss%C3%B5es_religiosas. Acesso em: 16 jul. 2020.

Na tentativa de obrigar os índios a crer em algo totalmente desconectado de sua realidade, do contexto de sua natureza, está-se violentando, desrespeitando e desconstruindo toda uma realidade e tradição. O ato de impor uma ideia de fé religiosa, mesmo que aparentemente sem força ou coação, não deixa de ser uma violência. Menosprezar a história de um povo, sua cultura, sua cosmologia, sua relação com o mundo, sua cosmogonia, sua ancestralidade, sua compreensão de existência e rituais, insuflando conceitos e práticas sem conexão com sua vivência, não pode ser compreendido como algo respeitoso e aceitável. Qualquer paradigma sociocultural imposto a outrem é um ato de violação de direitos.

A Constituição de 1988 trouxe inovações importantes sobre os direitos e a relação dos indígenas com o Estado brasileiro. Uma delas é a compreensão dos povos indígenas como vivedouros, e não mais como categoria social transitória, ou seja, sujeita a desaparecer. Outra inovação fundamentalmente assegura aos povos indígenas o respeito às suas tradições, costumes, língua e organização social, reconhecendo aos índios o direito à diferença. O caput do artigo 231 da Constituição preconiza:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições,

e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens²⁸.

Portanto, também é considerado como “bem” o patrimônio cultural imaterial produzido pelos povos indígenas, cuja preservação é assegurada por lei. A tradição dos gentios, dos primeiros habitantes do Brasil, merece ser considerada e preservada como patrimônio cultural.

Diante disso, é inegável a importância de se considerar a identidade dos povos indígenas, na medida em que ela é construída socialmente²⁹. A identidade étnica é, portanto, “[...] um classificador que opera no interior do sistema inter-étnico e ao nível ideológico, como produtos de representações coletivas polarizadas por grupos sociais em oposição latente ou manifesta”³⁰. Outrossim, no entendimento desse autor, etnia abrange a definição de identidade e padrão cultural, em que a identidade contém a dimensão individual e coletiva. Consequentemente, a identidade pode ser assumida por membros

²⁸BRASIL. República Federativa (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

²⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

³⁰ Id. p. XVIII.

de grupos minoritários ou pode ser aquela de grupos majoritários. A etnia, portanto, reflete uma identidade contrastiva, ou seja, identidade que é vista como oposição.

Portanto, a identidade indígena, ou a busca pela afirmação da diferença e por reconhecimento étnico, leva-nos a questionar a atuação de diversas instituições em relação aos indígenas, que se encontram dentro e fora da aldeia, assim como os mecanismos utilizados por aqueles na busca pelo reconhecimento de sua existência.

Pandemia: Um Novo Desafio aos Povos Indígenas

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o termo Pandemia é utilizado para conceituar o alastramento de uma determinada enfermidade por diversas regiões, em sentido continental ou mundial. Para esta organização, não é fundamental considerar a gravidade da moléstia, mas, sim, seu poder de contágio e o alcance de sua proliferação geográfica.

Neste momento, o planeta vive um surto de COVID-19, uma doença surgida em dezembro 2019, provavelmente em Wuhan, na China, de onde se espalhou pelo mundo, causando profundas transformações nas relações entre as pessoas. Sendo

transmitida por um vírus pouco conhecido pela comunidade científica e, como alguns de seus sintomas se confundem com algumas outras doenças viróticas, seu tratamento requer cuidados e equipamentos específicos, além de exigir atenção meticulosa na higiene pessoal e isolamento social.

A pandemia causada pelo coronavírus, somada à questão das seculares incursões das missões religiosas, representa perigo iminente para a preservação dos povos indígenas no Brasil, principalmente quando consideramos a forma desinteressada e desrespeitosa como os governos vêm atuando sobre a realidade desses povos³¹.

Nos últimos 20 anos, pouco tem sido feito pelos povos indígenas no país. Embora os partidos de esquerda tenham demonstrado uma compreensão maior sobre a importância das causas sociais e a relevância dos grupos tidos como “minoritários”, ainda assim as conquistas foram pouco significativas para os povos indígenas e comunidades tradicionais. Há índices que mostram uma queda considerável nos processos de demarcação de terras entre os governos de Lula e

³¹ ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL - APIB. **Emergência Indígena:** Plano de Enfrentamento da COVID-19 no Brasil. Disponível em: <http://emergenciaindigena.apib.info/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

Dilma Rousseff, sobretudo se considerarmos o quadro de terras declaradas³².

Figura 1 – Demarcação de terras indígenas nos governos de Lula e Dilma Housseff.



Fonte: Infoamazônia³³.

O governo de Michel Temer pareceu fazer “vista grossa” para o tema, desconsiderando a urgência das questões demarcatórias. Após o processo de redemocratização, Temer é considerado o presidente com o pior desempenho no setor. Sem

³²INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/liminar-do-stf-obriga-governo-a-protger-povos-indigenas-durante-a-pandemiahttps://www.socioambiental.org/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

³³Disponível em: <https://infoamazonia.org/pt/2016/06/indigenous-leaders-react-to-possible-demarcations-revision-in-temergovernment/#!/story=post-15845&loc=-7.333344200000002,-63.995909959256,7>. Acesso em: 16 jul. 2020.

nenhuma atitude em prol das questões indígenas, ele contribuiu enormemente para o desmantelamento da política indigenista quando, em 2017, oficializou um parecer da Advocacia-Geral da União (AGU) que, na prática, inviabilizava as demarcações de terra, assim como promoveu a demissão do então presidente da FUNAI Franklimberg de Freitas, em atenção a pedidos da bancada ruralista³⁴.

Atualmente, é a visão míope e exterminadora que o presidente Jair Bolsonaro demonstra sobre os povos indígenas brasileiros que tem preocupado antropólogos, ativistas e entidades ligadas à causa. Declaradamente a favor da grilagem, dos garimpeiros, das mineradoras, dos madeireiros e dos latifundiários, Bolsonaro não esconde o total desprezo pela causa indígena e por todos os direitos conquistados ao longo de séculos de luta.

A desatenção e a indiferença pela realidade dos indígenas³⁵ demonstrada pelo atual governo evidenciam-se pela

³⁴ TRIBUNAL ANULA NOMEAÇÃO DE MISSIONÁRIO PARA COORDENAÇÃO DE ÍNDIOS ISOLADOS DA FUNAI. **Ministério Público Federal [on-line]**, Distrito Federal, Procuradoria da República no Distrito Federal, 21 mai. 2020. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/df/sala-de-imprensa/noticias-df/tribunal-anula-nomeacao-de-missionario-para-coordenacao-de-indios-isolados-da-funai>. Acesso em: 30 mai. 2020.

³⁵ FREITAS, Guilherme. Eduardo Viveiro de Castro: “O que se vê no Brasil

ação da FUNAI, até então vinculada ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, quando não fez uso de recursos financeiros disponíveis no combate à pandemia da COVID-19 entre os povos indígenas. A Fundação Nacional do Índio recebeu, no mês de abril de 2020, cerca de 10 milhões e 840 mil reais para as ações de proteção dos povos indígenas e combate à doença. Todavia, somente o valor mínimo de R\$ 1.059,00 reais relacionados a este recurso foi utilizado.

Os desastres ambientais que tendem a se intensificar com o afrouxamento das fiscalizações feitas pelo IBAMA, o acesso facilitado às áreas indígenas, seja por missionários, mineradoras, grileiros ou garimpeiros, possíveis vetores do vírus até as aldeias, pode ocasionar o contágio dos povos pela COVID-19. O Instituto Socioambiental - ISA mantém um intenso monitoramento das aldeias. Portanto, o número de casos de contaminação ou óbitos apresentados por este órgão refere-se somente à realidade aldeã. Contudo, há ainda o caso de índios que, para receber benefícios como auxílio emergencial ou o Bolsa Família, deslocam-se para

hoje é uma ofensiva feroz contra os índios”. **Revista IHU on-line**, 7 set. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/559817-eduardo-viveiros-de-castro-o-que-se-ve-no-brasil-hoje-e-uma-ofensiva-feroz-contr-os-indios>. Acesso em: 16 jul. 2020.

as cidades próximas, o que aumenta as possibilidades de contágio³⁶. Outro fator que preocupa os pesquisadores da área e que precisa ser evitado é a possibilidade de a COVID-19 acometer toda uma aldeia, impedindo que os indígenas consigam caçar e/ou produzir alimentos, o que poderia causar mortes também por fome. Com o objetivo de evitar que tal situação ocorra, é fundamental traçar planos que permitam o acesso dos grupos indígenas a alimentos básicos. Então, é imprescindível pensar em formas de permitir o acesso até os povos indígenas sem que isto os coloque em situação de risco, conforme afirma a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, no programa Opinião Nacional, exibido pela TV Cultura em 22 de abril de 2020:

Etnias correm o risco de desaparecer por conta do vírus. Há registros históricos que apontam que em 1563 desapareceram $\frac{3}{4}$ do grupo indígena Tabacaria. Isso já ocorreu e poderá ocorrer novamente entre os grupos mais isolados e mais vulneráveis³⁷.

³⁶ INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terror missionário: COVID-19 pode chegar às aldeias. **Outras Mídias**, 31 abr. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/terror-missionario-covid-19-pode-chegar-as-aldeias/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

³⁷ POVOS INDÍGENAS E A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS. **Opinião Nacional**, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVK0Fb125mc>. Acesso em: 01 mai. 2020.

Portanto, é fundamental construir estratégias de enfrentamento ao vírus juntamente com os povos indígenas. Discutir sobre o isolamento³⁸, pensar nos insumos, no auxílio e proteção desses povos. Neste sentido, com a experiência de tantas outras epidemias, alguns grupos indígenas se mobilizaram em associações e fecham estradas e outras vias de acesso para evitar o contato com os brancos e o possível contágio. Assim como também fazem uso das redes sociais como uma forma de se articularem em grupos.

Covid-19 e os Grupos Indígenas

Ao se considerar que os conhecimentos, as tradições e a história entre os povos indígenas são todos transmitidos pelos mais velhos através da oralidade, o desaparecimento dos anciãos, causado pelo alto índice de contaminação pelo coronavírus, pode significar um etnocídio, uma vez que esse grupo, ao perder suas principais referências, perderá também suas características culturais originais, facilitando o seu processo de aculturação e, conseqüentemente, a perda de sua matriz identitária.

³⁸ TEMBÉ. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Temb%C3%A9>. Acesso em: 16 jul. 2020.

A Fiocruz aponta para os altos índices de mortes entre os povos indígenas, sobretudo entre os mais idosos, ou grupo de risco. Segundo a fundação, 48% se comparada às taxas de mortalidade entre brancos, negros e pardos. Este alto índice se configura possível por conta das distâncias percorridas pelos indígenas até os centros urbanos para atendimentos de alta e/ou média complexidade e pela dificuldade de manterem-se isolados, por conta do acesso facilitado aos madeireiros, garimpeiros e grileiros, pela pouca fiscalização do IBAMA impetrada pelo atual governo.

A falta de políticas públicas endereçadas à manutenção da vida dos povos indígenas fica clara pela inexistência de ações que possibilitem o isolamento social de fato, que permitam o acesso dos povos aos benefícios necessários (assistência médica, medicamentos e alimentação), sem que haja a necessidade de sair da região das comunidades. O Sistema Único de Saúde – SUS, em seu setor responsável por atender às demandas indígenas, apresenta uma estrutura defectível e de recursos mínimos para o tratamento da COVID-19. Somado a isso e à falta de orientação referente aos cuidados básicos de higienização necessários ao combate ao vírus, há o fato de os grupos indígenas

compartilharem, por valores culturais, utensílios e espaços físicos³⁹.

Dados cedidos pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil⁴⁰ afirmam que até o dia 10 de julho de 2020 o número de indígenas infectados era de 13.241 e que os óbitos chegavam a 461 vidas perdidas. Um verdadeiro extermínio que o presidente da República Jair Bolsonaro insistiu em ignorar. Ao invés de tomar medidas que permitissem a facilitação no combate à COVID-19 entre os povos indígenas e quilombolas, o presidente sancionou, em 08 de julho do corrente ano, com 16 vetos, a Lei n. 14.021, de 2020, que visa a proteger esses povos durante a pandemia.

Alguns povos indígenas, na tentativa de evitar o contato com os brancos e um possível contágio, viram-se forçados a abandonar a vida em aldeias e tornaram-se coletores e caçadores nômades. “A decisão desses indígenas de não manter contato com outros grupos e com não-índios é possivelmente resultado de violentos

³⁹ POVOS INDÍGENAS E A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS. **Opinião Nacional**, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVK0Fb125mc>. Acesso em: 01 mai. 2020.

⁴⁰ ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL - APIB. **Emergência Indígena**: Plano de Enfrentamento da COVID-19 no Brasil. Disponível em: <http://emergenciaindigena.apib.info/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

encontros anteriores e da contínua invasão e destruição de sua floresta”⁴¹, segundo matéria postada no site Survival Brasil.

Faz-se necessário lembrar que os povos indígenas dependem exclusivamente do meio ambiente para a caça, a pesca e a plantação. Caso os garimpeiros continuem contaminando os rios e os grileiros e madeireiros prossigam desmatando inadvertidamente, os indígenas sofrerão diretamente as consequências. É importante lembrar também que, pelo pouco contato externo, as comunidades tradicionais apresentam um quadro imunológico muito mais fragilizado, o que pode causar, em caso de transmissão do vírus, sua dizimação. São grupos pouco numerosos. Portanto, a realidade da pandemia pode causar seu extermínio.

Considerações Finais

A luta dos povos indígenas pelos seus direitos perdura por séculos e, nas últimas horas, têm valido muitas vidas com a pandemia da COVID 19. A vida, que é o mais importante dos direitos humanos, vem sendo constante e massivamente agredida,

⁴¹ POVOS ISOLADOS. **Survival Brasil**, s.d. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/povos/indios-isolados-brasil>. Acesso em: 09 jun. 2020.

seja por condutas irascíveis dos não indígenas ou por doenças levadas até aqueles povos. Desde a chegada dos “colonizadores” na Amazônia, os indígenas vêm sofrendo as consequências de um processo desastroso⁴² que interfere, atinge, diminui e nega ferozmente seus direitos mais primários.

Um dos fatores que contribuem enormemente para esse processo são as missões religiosas⁴³, que chegaram com o discurso de “assistir”, de “acolher”, de “educar”; porém, vêm ferindo o modo de viver dos povos indígenas, atacando suas crenças e tradições e, de certa maneira, vem subsidiando a extinção dos processos de viver dos indígenas.

O objetivo deste artigo foi justamente analisar como os povos indígenas brasileiros vêm resistindo aos inúmeros ataques que sofrem, desde a colonização, passando pelas missões religiosas, até a chegada da pandemia de COVID-19.

Ao longo dessa pesquisa, verificamos que a resistência dos povos indígenas vem sendo cruelmente testada. Desde os

⁴² CARDOSO, Denise Machado. **O processo decisório de políticas públicas para o desenvolvimento local**: Rio Arraiolos – Almeirim/Pará. 2006. 288f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém.

⁴³ MONTERO, Paula (Org.). **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

primeiros contatos com os europeus, estes povos sofrem com o desrespeito e atualmente com o perigo vigente da pandemia e, principalmente, da falta de ações urgentes, por parte do poder público para salvar as suas vidas do desaparecimento.

É fundamental que compreendamos que todas as formas de interferência no modo de viver das comunidades indígenas exercem importante papel na perda das suas principais referências, sejam elas dos seus pajés ou caciques, que dominam um conhecimento ancestral e, por isso, são basilares nas comunidades, ou mesmo as crianças que, como geração futura, permitirão a continuidade das comunidades e de todos os seus processos socioculturais.

A pandemia causada pelo coronavírus é o risco maior do momento presente, podendo ser compreendido como mais um elemento utilizado como fator de extermínio das características culturais originais das comunidades indígenas brasileiras. Nesse panorama caótico, no qual confirmamos uma diminuta ação do Governo Federal em prol dos povos da floresta, questionamo-nos: o que está sendo feito para impedir esse enorme genocídio?

Concluimos que, através destes movimentos genocidas, o risco de desaparecimento das populações indígenas é real, e, com

ele, perderemos também a matriz identitária das comunidades originais, às quais todos nós devemos nossa composição como nação.

Retornaremos à Normalidade?

Lucas Oliveira de Souza⁴⁴

Resumo

Este texto fará uma análise como esse período de quarentena pode ser entendido como uma ruptura. Para tanto, será tecida uma análise bibliográfica de algumas produções desse período que refletem sobre este momento. Ademais, avaliar como alguns temas, como a desigualdade e o racismo passaram a ser mais discutidos, por meio de debates nas redes sociais. Desse modo, evidencia-se como a quarentena ajudou a aprofundar debates na sociedade brasileira. Este trabalho se divide em três partes. Na introdução, será tecida uma retrospectiva de alguns fatos relacionados à pandemia. Diferenciando essa da ocorrida em 1918. Em seguida, será indicado como esse momento pode ser entendido como uma ruptura ao modo de vida anterior. Além disso, entender como a religiosidade influenciou na percepção sobre a pandemia em alguns setores da sociedade. Ao final, algumas considerações sobre os efeitos da quarentena na disseminação de conhecimento.

Palavras-Chave: Sociedade, pandemia, ruptura.

Introdução

Nesse texto, falarei sobre como a pandemia alterou o cotidiano que tínhamos e como não haverá um retorno ao que vivíamos. Para tanto, abordarei a influência da religiosidade como um marcador capaz de, inclusive, justificar a pandemia em

⁴⁴ Discente do sétimo semestre do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado do Pará. E-mail: lucas2605ods@gmail.com.

segmentos populosos da população. Não obstante, busco demonstrar como o racismo e a desigualdade começaram a ser debatidas com maior alcance. O que pode ser justificado pelo fato de uma parte da população ter ficado mais tempo em casa. Dessa maneira, considero que os impactos da pandemia atingem aos cidadãos de forma diferente, por causa da grande desigualdade no país.

Em 11/02/2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) denominou a nova doença de Covid-19. Em 11/03/2020, a OMS elevou o nível de risco, de epidemia, para pandemia, alarmando a população. Em Belém, uma semana após o anúncio, as medidas de distanciamento social começaram a ser estimuladas, com a suspensão das atividades econômicas e educacionais, a fim de assegurar o distanciamento social, por meio do isolamento radical evitando, assim, o ritmo acelerado do contágio.

Este artigo visa identificar o que há de diferente nessa pandemia em relação à de 1918, interpretando como a religiosidade moldou alguns comportamentos, contrários às medidas restritivas capazes de conter a disseminação do vírus, além de avaliar o impacto da discussão sobre o racismo, neste momento, para o futuro, utilizando-se da análise bibliográfica.

Rupturas

A nossa sociedade sofreu um processo de colonização, em que houve forte influência da Igreja Católica, a quem caberia catequizar e salvar os povos nativos. Em pesquisa Datafolha deste ano, nota-se que 81% dos brasileiros assumem uma religião, dividindo-se entre católicos e evangélicos⁴⁵. Decerto, uma das justificativas para a pandemia teria uma conotação religiosa. Assim, aponta-se a metáfora do Apocalipse, último livro do Novo Testamento⁴⁶.

Desse modo, há três interpretações predominantes acerca desse fenômeno, entre católicos e protestantes, a primeira é preterista, segundo a qual os acontecimentos narrados estariam ocorrendo no passado. A futurista, por sua vez, em que os eventos são narrados a partir do futuro, uma vez que assumem um caráter escatológico, isto é, os eventos extraordinários ocorriam para anunciar a segunda vinda de Cristo. Há, também, uma abordagem

⁴⁵ 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1.** Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em 30/07/2020.

⁴⁶ BÍBLIA Sagrada. Apocalipse. In: BÍBLIA Sagrada: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Mateus Hoepers. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2002, pp. 1440-1630.

idealista, pois o livro teria, apenas, uma conotação simbólica. Logo, não seria válida em nenhum momento histórico.

Em suma, o apocalipse, segundo esta tradição serviria para separar aqueles que seriam salvos, ou seja, quem segue a tradição cristã, temente à Deus, seguindo aos seus princípios, estariam “salvos”, embora o vírus não pergunte a religião de ninguém, essa é uma justificativa usada para momentos de rupturas, como vivenciado atualmente, à medida que apresenta uma razão reconfortante à tragédia da morte diária de milhares.

Além disso, houve uma transformação no âmbito econômico. Segundo Mascaro⁴⁷ neste ano, assim como em 2008, há um padrão estrutural da crise, o que pode alongar o período da derrocada financeira, uma vez que as formas de acumulação do capital estão modificadas, pois os padrões de sociabilidade não serão iguais ao momento anterior. Esse fato ganha relevo em um país como o Brasil, tão desigual, com boa parte da população sofrendo com o desemprego, informalidade e aumento da pobreza.

Destarte, um indicativo de como a desigualdade interferiu em quem sofreu mais com a pandemia pode ser observado pelo

número de mortos. Assim sendo, percebe-se que 57% dos negros e pardos morreram por conta da COVID-19. Além disso, esse público é o que mais precisa de assistência hospitalar, pois 49% dos internados não era branco⁴⁸.

Ainda que as mazelas econômicas sejam imensuráveis e atinjam a maior parte da população. O maior impacto não será sentido no curto prazo, porque o que se vivencia será o principal fato da vida de algumas gerações, o impacto psicológico e os inúmeros malefícios, decorrentes dele, como ansiedade, síndrome do pânico e depressão.

Embora apresente semelhança com a gripe espanhola de 1918, segundo Rocha (2010)⁴⁹, uma vez que houve nos dois casos negligência das autoridades no combate à doença. Em contrapartida, o acesso às informações modificou, haja vista que, naquela época, o principal meio de informação eram os jornais. Na contemporaneidade, ao contrário, a internet disseminou

⁴⁸ Morrem 40% mais negros do que brancos por coronavírus no Brasil. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>. Acesso em 05/06/2020.

⁴⁹ ROCHA, Juliana. Pandemia de gripe de 1918. In *Invivo Fiocruz*. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> . Acesso em 30/07/2020.

orientações acerca de medidas de proteção ao vírus. Portanto, essa ferramenta se mostrou, ao longo dos últimos meses, capaz de ampliar debates, os quais se mantinham atrelados à academia na maioria das vezes.

Desse modo, conforme Mbembe (2018)⁵⁰, ao versar sobre a necropolítica, a qual seria um sistema em que atua para promover a morte dos negros, os quais são vistos como indesejáveis. Dessa forma, a morte desses indivíduos seria aceitável. Evidencia-se como, ao longo desse período, este desdobramento foi perceptível. Aliás, vale frisar, que a primeira vítima fatal no Rio de Janeiro foi uma empregada doméstica, cuja patroa havia retornado da Itália, após o carnaval, e tinha contraído e transmitido à funcionária que morreu no dia seguinte⁵¹.

Outrossim, há uma dinamização do conhecimento, o que pode ser entendido por dois pontos. O primeiro é o isolamento forçado. O segundo, por outro lado, são as inúmeras lives (transmissão ao vivo que ocorrem nas redes sociais). Deste modo,

⁵⁰ MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política**. 3. Ed. São Paulo: n-1 edições, 2018, 80 p.

⁵¹ FREITAS, Conceição. A doméstica que morreu porque a patroa trouxe o corona da Itália. **METRÓPOLES** 21/03/2020. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/conceicao-freitas/a-domestica-que-morreu-porque-a-patroa-trouxe-o-corona-da-italia>>. Acesso em 31/07/2020.

então, cabe destacar o alcance da filósofa Djamila Ribeiro, cujas conversas no Instagram atingiriam 110 mil pessoas, levando assuntos acadêmicos, por meio de linguagem acessível ao grande público⁵².

Considerações Finais

Não é fácil. 30, 60, 90, 120 dias de isolamento nos forçam ao limite. Além da busca pela sobrevivência, por meio das rigorosas medidas de distanciamento e higienização dos produtos consumidos, além de si próprio. Este período, pode ser definido em quatro etapas. Na primeira, uma certa negação, na vã esperança de que seria uma pausa momentânea, para recuperar o fôlego. Em seguida, o choque com a realidade, na qual se constatou que estávamos sozinhos, sem poder esperar por uma ação enérgica dos governantes.

Ademais, houve uma tentativa de ressignificar a quarentena, recorrendo a novas formas de ocupar o dia. O tempo foi interpretado de outro modo. Inúmeros tutoriais e lives começaram a tomar conta das redes sociais, ensinando como

⁵²RIBEIRO, DJAMILA. **Feminismos Plurais**. Disponível em: <<https://instagram.com/djamilaribeiro1?igshid=asfnfjl79a7d>>. Acesso em 31/07/2020.

aprender um novo idioma, como cozinhar, como arrumar a casa, como dançar, como ler 10 livros por semana, dicas de filmes e séries que deveriam ser vistas, antes do final da quarentena. Dessa forma, buscou-se um escapismo para o momento da solidão. Alguns obtiveram sucesso, o que nesses tempos têm sido tão relativos, mas pode ser entendido como uma resistência ao abatimento.

Por último, um esforço em manter a realidade atual semelhante à anterior, porém, ao contrário dela, cercada de receios, em que se retoma ao trabalho, à prática de exercícios, por exemplo. Mas ainda falta algo. A sensação de vazio perdura, nada é capaz de preenchê-la.

A historiadora Schwarcz (2020)⁵³ argumenta que o final do século XX seria agora, em que os avanços tecnológicos teriam chegado a um limite, o modelo de vida, até então experimentado, não seria capaz de oferecer o que será necessário para o “novo normal” que emergirá. Acrescento que mesmo em isolamento conseguimos, a duras penas, ficar mais próximos; a tecnologia é capaz de permitir visualizar o outro com uma velocidade inimaginável há 10 anos. Nesses meses, as atenções às mazelas

⁵³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

do nosso tempo cresceram, aqueles que não se preocupavam com elas passaram a admitir sua existência, o que já é um avanço.

Dessa maneira, considero que este momento se caracteriza por ser de ruptura, à medida que o isolamento forçado, embora triste, e a pandemia ainda não tenha chegado ao fim, constato que esse período histórico serve para lançar luz às futuras agendas, as quais se tornaram evidentes, a quem não as considerava importante. Friso isso sobre racismo e desigualdade. Estas deixaram de lado o “acho que” para ser discutida com maior rigor acadêmico, segundo Borges (2020)⁵⁴. Assim, destaco como o confinamento dinamizou o acesso à ciência, por intermédio das transmissões ao vivo nas redes sociais. Apesar de inesperado, esse fato que atingiu a humanidade pode, no médio prazo, promover mudanças, por causa das discussões surgidas ao longo desses meses.

⁵⁴ BORGES, Juliana. **Pandemia e Racismo**. 08/05/2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/blog/diario-de-uma-quarentener/pandemia-e-racismo/>> . Acesso em 30/06/2020.

Reflexões Sobre as Implicações da Pandemia na Educação Brasileira

Fernanda Salla Brandini⁵⁵
Vinícius de Oliveira Silva⁵⁶

Resumo

A descoberta do novo coronavírus, SARS-COV-2, e o aumento no índice de casos diagnosticados com a doença, tem sido causa de grandes preocupações a nível global, provocando perdas inestimáveis e crises políticas, econômicas e sociais em diferentes governos, exacerbando as desigualdades sociais. No que tange a educação, diferentes medidas têm sido adotadas pelos órgãos públicos, dentre as quais encontram-se a suspensão temporária das aulas presenciais e a utilização de tecnologias digitais para o ensino remoto. Nesse sentido, o artigo se propõe a discutir sobre os impactos da pandemia no sistema educacional brasileiro, contextualizando também o papel do professor, a partir da pesquisa exploratória e interpretação dos dados levantados até o momento. Observou-se que a utilização das plataformas digitais como alternativa ao ensino presencial, falha ora pela limitação do trabalho pedagógico na interação com os alunos, ora pela impossibilidade de acesso à grande maioria dos alunos, logo, contrastando com o propósito maior da educação, de possibilitar a todos meios de acesso ao conhecimento científico para a compreensão e transformação do mundo.

⁵⁵Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: fernandasalla6@gmail.com

⁵⁶Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: viniciusdeoliveirasilva14@outlook.com.br

Palavras Chave: Pandemia; Educação; Desigualdades Sociais; Tecnologias Digitais.

Introdução

Desde dezembro de 2019, o mundo tem vivenciado um cenário de crises intensas, decorrentes do avanço da COVID-19, doença causada pela incidência de um novo coronavírus, denominado cientificamente como *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2; Síndrome Respiratório Aguda Grave 2), podendo se apresentar na forma mais leve, assintomática ou agravando-se e levando a óbito, principalmente se for o caso de pessoas idosas ou com comorbidades⁵⁷.

Apesar do primeiro caso da doença ter sido registrado em Wuhan, na China, o vírus causador, passou a se espalhar rapidamente por diferentes continentes, afetando diversos países e levando a OMS (Organização Mundial da Saúde) a classificar a doença como “pandemia” em 11 de março de 2020⁵⁸. No Brasil,

⁵⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de gestão e incorporação de tecnologias e inovação em saúde. **Diretrizes para diagnóstico e tratamento da COVID- 19**. Brasília, DF: SCTIE, 2020. Disponível em: <<https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/13/Diretrizes-COVID-13-4.pdf>> Acesso em: 17 set. 2020.

⁵⁸ OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Doenças crônico-degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre a alimentação saudável, atividade física e saúde**. Brasília, DF: OPAS/OMS, 2020. Disponível

até o momento em que este estudo está sendo concluído, os órgãos de saúde registram mais de quatro milhões de casos confirmados, somando-se a estes, 141,406 mortes relacionadas ao COVID-19⁵⁹. Na tentativa de conter a propagação do vírus, o governo tem recomendado medidas como o distanciamento físico, redução da mobilidade, uso de máscaras e higienização constante.

Considerando que o vírus tem se apresentado como ameaça à saúde física, e até mental da população, tendo em vista que tem provocado mudanças drásticas no estilo de vida das pessoas, cabe pensarmos também a situação dos milhares de estudantes nesse quadro pandêmico, pois embora os mais jovens estejam menos propensos às formas sintomáticas e graves da doença, ainda podem ter seu desenvolvimento gravemente afetado e seu aprendizado retardado pela falta de acesso as instituições de ensino. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2020),

em:<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875> Acesso em: 25 jun. 2020.

⁵⁹ BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: 27 set. 2020.

com o fechamento das escolas para contenção do vírus em mais de 190 países, cerca de 1,7 bilhões de estudantes foram afetados⁶⁰.

Desse modo, a pesquisa se constitui em caráter exploratório realizando, inicialmente, um levantamento bibliográfico sobre as informações e apontamentos teóricos já publicados acerca da pandemia, buscando aproximar o leitor do assunto e sustentar as reflexões realizadas. Subsequente, o trabalho dividiu-se em dois tópicos, num primeiro momento coube refletir sobre a educação, sociedade, luta de classes e as desigualdades sociais na conjuntura atual. Na sequência, discute-se a função da escola e o papel do professor dentro das novas adaptações educacionais brasileiras. Adotando como método a interpretação desses dados, que, conforme Gil (2002)⁶¹, consiste em relacionar o que se obteve a outros estudos realizados e teorias que sejam congruentes ao objeto de estudo.

Sobre a educação e a sociedade: a luta de classes e as desigualdades sociais durante a pandemia

⁶⁰ GIANNINI, Stefania; JENKINS, Robert; SAAVEDRA, Jaime. **Reabrir as escolas: quando, onde e como?**. Site da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) –jun. 2020. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-reabrir-as-escolas-quando-onde-e-como/>> Acesso em 24 jul. 2020.

⁶¹ GIL, Antonio Carlos. **Análise e interpretação dos dados**. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 100.

Enquanto o vírus causador da COVID-19 apresenta-se recente ao campo das ciências naturais e talvez como um dos maiores causadores de mortes em escala global, há outro vírus também nocivo a passar despercebido, que está se fortalecendo ainda mais durante essa pandemia, todavia, ele não é novo e perpetua-se ao longo da história humana; pode ser identificado no discurso de alguns governantes e empresários ao incentivarem o retorno da classe trabalhadora à produção, sob a justificativa do lucro. Conseqüentemente, a grande parte da população, ao não ver garantia de subsistência, vê-se coagida a trabalhar mesmo em exposição ao contágio: no transporte público ou pelas péssimas condições de saneamento básico, como aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁶², ou ainda pela lotação dos leitos e esgotamento dos recursos no Sistema Único de Saúde (SUS).

As desigualdades se alastram também pela educação. A partir do momento em que as aulas presenciais foram suspensas, foram providenciadas metodologias tecnológicas para o Ensino a

⁶² **Mais de 35 milhões de brasileiros não possuem abastecimento de água tratada e quase 100 milhões não têm acesso à coleta de esgoto.** Inbec Pós Graduação. Disponível em: < <https://www.inbec.com.br/blog/mais-35-milhoes-brasileiros-nao-possuem-abastecimento-agua-tratada-quase-100-milhoes-nao-tem-acesso-coleta-esgoto> > Acesso em 22 set. 2020.

Distância, porém, evidencia-se a problemática de acesso as tecnologias. Dados divulgados pelo IBGE indicam que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. Em áreas rurais, o índice de pessoas sem acesso é ainda maior, chegando a 53,5%⁶³. Além da falta de acesso à internet, há outras questões como a realização das atividades apenas em aparelhos celulares, o compartilhamento do aparelho com vários membros da casa, entre outras circunstâncias que dificultam a aprendizagem.

Segundo Saviani⁶⁴: “a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade” (SAVIANI, 1999, p.75) portanto, os acontecimentos sociais, econômicos e políticos influenciam diretamente a educação, e por isso, não podem ser pensados de maneira descontextualizada e dissociada da sociedade.

⁶³ TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, abr. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,n%C3%A3o%20tem%20acesso%20C3%A0%20internet>> Acesso em 20 jul. 2020.

⁶⁴ SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. Edição Comemorativa. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999, p. 75.

Desse modo, percebe-se que o desempenho escolar dos alunos se relaciona a realidade social em que estão inseridos, e devido as mudanças de vida durante a pandemia, aprender tornou-se uma tribulação.

Com a dispensa das aulas presenciais, a educação passou a ser em parte de responsabilidade da família, que prossegue trabalhando e em alguns casos, não encontra tempo hábil para orientar as crianças, comprometendo assim, o desenvolvimento de seus filhos e filhas.

Sobre a importância do papel do professor e da escola durante a pandemia

Com a suspensão das aulas presenciais e o fechamento das escolas públicas e privadas, a fim de conter o vírus, houve a necessidade de se pensar outras possibilidades metodológicas para o ensino, entre elas, a utilização das Tecnologias da Informação e de Comunicação (TICs). Contudo, ao observar o alcance de tal estratégia em relação ao número de alunos prejudicados, percebe-se que há muitos fatores determinantes que devem ser analisados, que vão desde as más condições sociais e econômicas a que está sujeito o/a aluno/a, acentuadas durante a pandemia, como visto no tópico anterior, até as limitações da aprendizagem evocadas quer seja pela ausência de uma mediação

do conhecimento, ou ainda pelo despreparo técnico do corpo docente, no caso das aulas pelas plataformas digitais, e da família responsável pela assistência na aprendizagem de seus filhos/as.

No que diz respeito à preparação técnica dos professores, percebeu-se que muitos encontraram-se limitados na interação e avaliação dos estudantes pelos ambientes virtuais. Segundo levantamento da UFMG e CNTE, 89% dos/as professores/as entrevistados/as não tinham experiência anterior à pandemia para dar aulas remotas e 42% dos/as entrevistados/as afirmam que seguem sem treinamento, aprendendo tudo por conta própria. Para 21%, é difícil ou muito difícil lidar com tecnologias digitais⁶⁵. Entretanto, não há como se pensar essa preparação técnica do corpo docente focada no uso da plataforma, sem que se pense em como estruturar outras formas de avaliação à essas condições, uma vez que os/as alunos/as se encontram mais expostos as informações e distrações, mas também às inseguranças quanto a privacidade de suas identidades.

⁶⁵ OLIVEIRA, Elida. **Quase 90% dos professores não tinham experiência com aulas remotas antes da pandemia; 42% seguem sem treinamento, aponta pesquisa.** G1, jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/08/quase-90percent-dos-professores-nao-tinham-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia-42percent-seguem-sem-treinamento-aponta-pesquisa.ghtml>> Acesso em 22 jul. 2020.

O nível de formação da família pode influenciar também no desempenho dos/as filhos/as, pois há pais que ainda não dominam as tecnologias ou possuem baixa escolaridade e não conseguem dar o apoio educacional necessário, haja vista que a família se tornou em parte responsável pela educação domiciliar via ensino remoto⁶⁶. Em outros casos, a ausência desse apoio resulta do fato dos responsáveis terem que continuar a trabalhar para manter a subsistência da família. Apresentam-se também nesse cenário, muitos estudantes, que se vêem coagidos a deixar os estudos para trabalhar e ajudar na renda familiar; tem seus afazeres redobrados em casa, assumem os cuidados com os irmãos/as ou não conseguem acompanhar o ensino pelas difíceis condições de acessibilidade às tecnologias. Isso demonstra a fragilidade do sistema econômico em detrimento da classe trabalhadora, que vende sua força de trabalho, mesmo em situação de risco e exploração, para garantir condições mínimas de subsistência.

⁶⁶ TIRABOSCHI, Juliana. **Homeschooling na quarentena: relatos de quem tem educado os filhos em casa.** Uol, abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/13/homeschooling-como-esta-sendo-ensino-a-distancia-durante-a-quarentena.htm>> Acesso em 25 jul. 2020.

Nesse contexto, o papel do/a professor/a revela-se indispensável no aprendizado do discente, pois a este profissional, incumbe-se a obrigação de pensar os conteúdos e a prática pedagógica considerando a realidade social de cada estudante e suas especificidades. A educação não deve ser tratada na centralidade e direção total do/a professor/a ou exposição de conteúdos e passividade do/a aluno/a, como se vê na utilização de algumas plataformas digitais, mas sim, na troca de saberes e por consequente, produção de conhecimentos. Como pontua Pimenta⁶⁷:

O ensino é uma prática social complexa. Realizado por seres humanos entre seres humanos, o ensino é transformado pela ação e relação entre os sujeitos (professores e estudantes) situados em contextos diversos: institucionais, culturais, espaciais, temporais, sociais. Por sua vez, dialeticamente transforma os sujeitos envolvidos nesse processo (PIMENTA, 2012, p.17).

Assim sendo, a escola mantém-se como um espaço em que se dialogam com os conhecimentos científicos e sistemáticos as experiências sociais desses sujeitos.

⁶⁷FRANCO, Maria Amélia S. PIMENTA, Selma G. (org). **Didática: embates contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Considerações finais

A partir das reflexões, denota-se que o cenário da pandemia trouxe complicações no sistema educacional brasileiro e acentuou ainda mais as desigualdades sociais, comprometendo a educação da classe trabalhadora, devido às inúmeras implicações recorrentes das mudanças de vida e da implantação emergencial do sistema de ensino remoto, que não atende as demandas da universalização da educação. Sistema esse que também apresenta muitas dificuldades e falhas, comprovando a importância da mediação e interação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. O papel do professor é indispensável para que o conhecimento ocorra, e o vínculo da comunidade escolar em diálogo com os estudantes e a família, é crucial para a transformação da sociedade.

saúde mental: uma experiência emocional durante a pandemia do Covid-19

Amanda Lohanna da Mota Costa⁶⁸
Terezinha Valim Oliver Gonçalves⁶⁹

Resumo

Neste trabalho, buscamos narrar uma experiência emocional vivida por uma graduanda em meio ao cenário de uma pandemia causada pelo novo Coronavírus (SarsCov-2), analisando em que termos essa situação influenciou no seu comportamento, refletindo sobre que emoções sentiu, como e por que a experiência ocorreu, o que fez com essas informações e que aprendizagens lhe proporcionou. Utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa narrativa, com base nos estudos de Clandinin e Connelly, na perspectiva (autobiográfica) da estudante, como uma reconstrução particular da narrativa. Concluímos que a atitude reflexiva e a busca pelo autoconhecimento, voltando-se para si, foram essenciais para a superação de sentimentos e emoções negativas, contribuindo para a reelaboração de emoções, sentimentos e sensações positivas, contribuindo para a superação das dificuldades e enfrentamento dos problemas em contexto pandêmico.

Palavras-Chave: *Pesquisa narrativa, Experiência, Saúde mental, Isolamento social, Pandemia de COVID 19.*

O ÍNICIO – A formação das nuvens carregadas

Sermos donos da nossa história pode ser duro, mas nunca tão difícil quanto passarmos a nossa vida a fugir dela. Abraçar as nossas

⁶⁸ Graduanda do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e linguagens pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Bolsista PIBIC/CNPQ.

⁶⁹ Professora Doutora, da Universidade Federal do Pará - Instituto de Educação Matemática e Científica IEMCI/UFPA. Orientadora.

vulnerabilidades é arriscado, mas não tão perigoso quanto desistir [...] Só quando somos suficientemente corajosos para explorar a nossa escuridão descobrimos o poder infinito da nossa luz (BROWN,2020)⁷⁰.

Neste artigo, expressamos vulnerabilidades vividas frente ao perigo da pandemia em curso da COVID 19. A coragem para reagir ao medo do desconhecido nos impelia a considerar o isolamento social como realmente o porto seguro. Considerando nossa assunção pela pesquisa narrativa, abordagem proposta por Connelly e Clandinin (1995)⁷¹ e Clandinin e Connelly (2011)⁷², organizamos o texto por meio de metáforas, como sugerem os autores.

A experiência faz parte da vivência do ser humano. Como seres racionais e relacionais, estamos destinados a ter experiências, tanto pessoais como sociais durante toda vida. Neste trabalho, narramos uma experiência emocional vivida por

⁷⁰ BROWN, B. A arte da imperfeição. Tradução de Lúcia Ribeiro da Silva. GMT Editora Ltda. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

⁷¹ CONNELLY, F.M; CLANDININ, D.J. RELATOS DE EXPERIÊNCIA E INVESTIGAÇÃO NARRATIVA. IN: LARROSA, J. DÉJAME QUE TE CUENTE – Ensayos sobre Narrativa y Educación. Barcelona. Laertes, S.A. de Ediciones, 1995. COSTA, J. F. Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

⁷² CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. Pesquisa Narrativa: experiência e história em Pesquisa Qualitativa. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores. Uberlândia: EDUFU. 2011.

pela graduanda (uma das autoras deste artigo) em meio ao cenário da pandemia de Covid-19. A graduanda do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará (UFPA) é bolsista de iniciação científica, representante dos alunos no conselho da faculdade, envolvida em organizações e grupos de pesquisa; devido a uma rotina agitada na universidade, o isolamento social acabou por trazer-lhe diversas consequências. Desafiada a escrever sobre o vivido no primeiro semestre da pandemia, ela percebe alguma dificuldade, dizendo:

Eu, muitas vezes, subestimei a ação de narrar uma experiência, sempre pensava “é apenas falar como foi”, mas não, a pesquisa narrativa apresenta termos muito mais complexos do que eu afirmava.

Clandinin e Connelly (2011)⁷³ afirmam que a experiência narrada deve estar sempre sendo refletida e buscando novas reflexões. A graduanda diz:

Desde então, passei a fazer este exercício constantemente, refletir sobre o que vivi e que emoções eu senti, como e por que a experiência ocorreu, o que fiz com essas informações e que aprendizagens me proporcionou.

⁷³ *Op. Cit.* CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M (2011).

Portanto, utilizamos neste artigo, como abordagem metodológica, a pesquisa narrativa, usando registros autobiográficos da graduanda, como uma reconstrução particular da narrativa, tendo em vista compreender a relação entre a narrativa apresentada e seu contexto, a qual, conforme o conceito de Clandinin e Connelly (2011)⁷⁴:

Pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. [...] Um pesquisador entra nessa matriz e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas (p.51).

Os autores afirmam que “o contexto faz toda diferença no estudo da experiência” (p. 59). Nesta perspectiva, aqui buscamos analisar em que termos essa situação pandêmica influenciou no comportamento da graduanda, pois, como os autores afirmam, “comportamentos são expressões narrativas, é importante considerar [...] o momento em que cada história é vivida” (pg. 58).

Se olhamos para o céu e enxergamos que as nuvens estão escuras, se aproximam mais umas das outras, se percebemos uma ventania, que muitas vezes é gelada e nos gera calafrios,

⁷⁴ *Op. Cit.* CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M (2011).

certamente concluímos que uma chuva se aproxima. Dependendo destes sinais, podemos levantar nossas próprias hipóteses se será apenas uma garoa⁷⁵ ou uma tempestade. Mesmo assim, sem saber ao certo a chuva que virá, ficamos atentos e nos preparamos para ela, como uma grande tormenta. A graduanda diz:

Foi assim que me senti diante da pandemia, como se olhasse para todo o cenário que estava se formando e esperasse o caos, pois era uma tempestade para a qual eu não sabia como me preparar. Não sabia se, de repente, a ventania, ou seja, as notícias ruins e informativos das situações assustadoras em outros países, iria destruir tudo pela frente e causar um pânico geral ou se levaria embora essas nuvens carregadas para realizar a precipitação em outro lugar, poupando o nosso país de sofrer tanto quanto se via por exemplo, na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos. Eu não sabia nada ao certo, se ao enfrentarmos a pandemia teríamos o mesmo cenário dos outros países ou se poderíamos buscar mais prevenções. Entretanto, o que era certo é que essa ventania já me provocava calafrios.

Uma pandemia ocorre quando a epidemia de alguma doença de origem infecciosa sai do controle e afeta grandes quantidades populacionais como um continente ou o planeta

⁷⁵ Chuva miúda; chuveiro.

inteiro (ALVES, 2020)⁷⁶. Temos como exemplo, a Gripe Espanhola, que surgiu em 1918, considerada a pior pandemia da história do planeta, levando a óbito 40 milhões de pessoas. E no dia onze (11) de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia, causada pelo novo Coronavírus (SarsCov-2) a qual foi intitulada Covid-19. Esta nova mutação genética do Coronavírus se agravou por conta do amplo contágio, pois o vírus é de fácil transmissão. Um número muito grande de infectados poderia gerar um colapso nos sistemas de saúde, com dificuldade e, mesmo, com insuficiências de condições de aparelhos e medicamentos para atendimento de todos. Por esta razão, as autoridades e especialistas da área da saúde, infectologistas, passaram a informar à população sobre as formas de prevenção, sendo o isolamento social essencial para controle do contágio.

Assim, de um dia para o outro, grande parte da população mundial teve que se adaptar a hábitos mais rigorosos de higiene, cada pessoa passou a precisar se manter em uma

⁷⁶ ALVES, L. Principais pandemias. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/doencas/principais-pandemias/>>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

DELUMEAU, J. História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

distância mínima de 1,5m uma das outras, evitando abraços, beijos e apertos de mãos. Manter esse isolamento, principalmente ficando em casa, foi de fundamental importância para evitar um contágio ainda maior do vírus.

A mídia informava sobre a situação da doença em cada país, atualizando diariamente os números de infectados e de mortos nos diferentes países, todos em isolamento voluntário ou não. O sentimento de medo e preocupação tomava conta de parte da população do país. A esse respeito, diz a graduanda:

Essa situação foi inesperada para muitos, inclusive para mim. Realmente, toda essa situação era nova na prática. Eu estava acostumada a ler relatos e estudos da área de história e biologia sobre epidemias e suas consequências, nacionalmente e até mesmo mundialmente. Entretanto, não me imaginava enfrentar este tipo de cenário. O temor era intenso.

O cenário inicial da pandemia, antes de a doença se instalar, de fato, no Brasil, suscitava medo e ansiedade na graduanda e em muitos brasileiros. Contudo, ela chegou ao país, virando, metaforicamente, uma tempestade. É o que tratamos na seção a seguir.

Aprender e produzir em meio à pandemia – A tempestade

É neste contexto da pandemia presente no Brasil e, fortemente, no Estado do Pará, que centramos, nesta seção, os relatos da graduanda e as discussões sobre o vivido, ou seja, sobre as suas experiências vividas. Sobre isto, a graduanda assim se expressa:

A tempestade que previa chegou e eu me encontrava assustada com os clarões dos raios e os sons fortes dos trovões, ou seja, as informações na mídia que não me permitiam olhar para mais nada e a cobrança de todos “fique em casa!”, “lave as mãos!”, “não abrace!” Diante de tudo isso, eu deveria e me cobrava “Aprenda e produza!”.

Inicialmente nos Estados do Sudeste, a pandemia passa a se alastrar pelo país. Paraenses retornavam do carnaval do Rio de Janeiro e de viagens de férias pelo país ou do exterior. Aeroportos ainda não faziam controle algum na chegada dos passageiros. A graduanda, acompanhando as notícias midiáticas, internaliza, tensa, os protocolos que se repetem na mídia, acompanhados de quantitativos de óbitos e de ocorrências da doença, no país e no exterior. Ela narra sua rotina no isolamento social:

A partir do dia dezoito (18) de março, comecei meu isolamento social em casa mudando completamente minha rotina,

alterando horários de sono e alimentação. Em meio a esse caos enfrentado pela população mundial eu me encontrei perdida. Sempre pensei muito e planejava todos os meus passos, principalmente na vida acadêmica, a quebra da rotina me deixou sem saber o que fazer e ao entender a gravidade da situação o medo me paralisou. A preocupação de alguém próximo ser contagiado, principalmente minha avó e meu pai por serem de grupo de risco, além de várias emoções e sentimentos nada agradáveis passaram a fazer parte da minha nova rotina, porém, com tempo livre, eu vi a oportunidade de me dedicar mais à academia e, principalmente, à disciplina de Pesquisa Narrativa⁷⁷, que estava ali com o objetivo de nos fazer refletir sobre a experiência e entender seus aspectos epistemológicos.

A graduanda declara-se atônita com tudo o que está presenciando, e como sente-se paralisada pelo medo de vir a perder alguém de sua família para a Covid-19. Como havia sido convidada por sua orientadora de PIBIC para acompanhar a disciplina de Pesquisa Narrativa, achou-se com tempo disponível

⁷⁷ Havia ocorrido um acordo entre alunos e professores, na única aula presencial realizada, sobre a continuidade da disciplina por meio do SIGAA, WhatsApp e email. Assim, as providências para a interação predominantemente assíncrona foram tomadas por meio desses recursos de comunicação.

para dedicar-se aos estudos e, assim, ocupar as longas horas do dia.

Contudo, não conseguia concentrar-se nos estudos. Foi tomada por um desânimo tal que não se sentia com coragem para nada. Estudar, manter a mente ocupada eram seus propósitos, mas em suas palavras:

O problema estava em como fazer isso na prática. Meus pensamentos me atordoavam ao ponto de não querer me levantar da cama de manhã, ler um texto acadêmico parecia uma missão impossível. Essas foram algumas consequências do turbilhão de emoções que eu já estava vivenciando devido à mudança tão inesperada de hábitos.

Solomon (1995, apud COSTA, 1998)⁷⁸ auxilia-nos a compreender o estado de coisas que a graduanda estava vivendo, ao dizer que “a emoção combina racionalidade, sentimento e sensação para produzir julgamentos reflexivos ou pré-reflexivos”. Sendo assim, a graduanda percebe que estava começando a transmitir em seu comportamento os seus entendimentos e sentimentos sobre a atual situação global.

⁷⁸ SOLOMON, R. C. A comparação transcultural da emoção. In: _____ Emoções no Pensamento Sian. Albany: State University of New York Press, 1995.

Ela narra que durante as primeiras semanas, estava sempre buscando muitas informações sobre a pandemia: contágio, número de infectados, mortos; eram tantos relatos e más notícias que a sua saúde emocional começou a se debilitar e o medo foi a emoção mais presente nesta nova rotina. Delumeau (1989, apud SANTOS, 2003)⁷⁹ conceitua o medo como uma emoção básica, como um componente básico da experiência humana. A graduanda faz a seguinte reflexão:

O problema estava em como eu lidava com essa emoção, como uma forma de defesa do corpo, eu conseguia sentir em vários momentos a aceleração dos meus batimentos cardíacos, devido ao fato de estar pensando demais na saúde do meu pai e da minha avó, antecipando um futuro incerto e junto com ele a preocupação, um sentimento de inquietação que, conseqüentemente, provocou minha falta de concentração nos estudos.

Por estar com mais tempo disponível, com a suspensão das atividades de seu curso, a graduanda relata que criou esperanças para produzir academicamente e adquirir novos conhecimentos que seriam de grande relevância para sua formação, mesmo uma disciplina para a qual fora convidada,

⁷⁹ SANTOS, L. O Medo Contemporâneo: Abordando suas Diferentes Dimensões. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2003, 23 (2), 48-55.

como membro de um grupo de pesquisa. Além disso, queria conseguir ler todos os livros que estavam pendentes, porém, segundo diz,

Tudo isto foi frustrado quando iria colocar na prática. Ao tentar ler atentamente um texto, meus pensamentos se perdiam, uns sentimentos de angústia e de incapacidade me tomavam por completo, junto com a vontade de chorar a todo momento e pronto, desistia. Durante muitas semanas nesse ciclo, apenas na minha própria cobrança de entregar atividades e leituras no prazo da disciplina que eu havia me proposto a acompanhar, mas em constante luta interna, eu buscava concentração e assimilação do conteúdo.

O esforço era intenso para a concentração necessária. Mas os fracassos das tentativas frustradas deixaram a graduanda tão frustrada que passou a se questionar sobre o que estava a acontecer consigo, conforme relata:

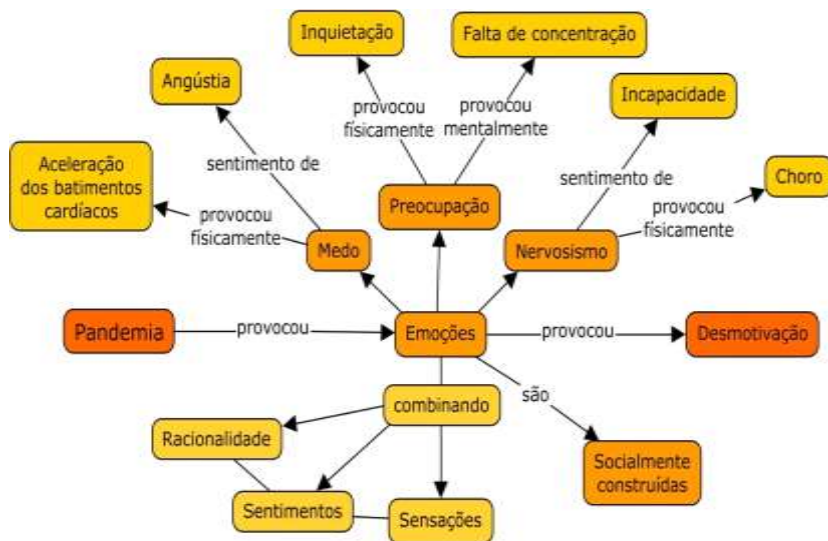
Foi a partir deste momento que percebi que precisava agir e buscar entender o que estava acontecendo comigo. Comecei a me questionar: “Por que essas circunstâncias me paralisam tanto? Como eu posso me ajudar a melhorar minha saúde mental para conseguir produzir? ”. Procurei, então, tentar mudar este conflito. Pesquisei soluções em estudos na área da psicologia, busquei entender em que termos de saúde mental a situação

pandêmica me influenciava e o que eu mesma poderia fazer para melhorar.

Conforme Santos (2003)⁸⁰, as emoções são socialmente construídas e isso se comprova no ambiente que estamos expostos e nos relacionando, ou seja, a emoção provoca um sentimento que é involuntário e perceptível, entretanto, nós também somos capazes de estimular a produção de novas emoções e sentimentos. Compreendendo isto, a graduanda estava motivada a sair desta situação mais ativa e produtiva, não só academicamente, mas em todas as outras da minha vida. Ela expressa suas emoções e sentimentos vividos nesta fase na figura 01, a seguir, por meio de um mapa conceitual,

Figura 01 - Emoções do primeiro momento de aprender e produzir na pandemia:

⁸⁰ *Op. Cit.* SANTOS (2003).



Fonte: Elaborado pela graduanda.

Nesta seção, apresentamos e discutimos a tempestade de sentimentos que afetou a graduanda e sua intencionalidade de estudar. Na próxima, trazemos à tona uma nova fase da graduanda na pandemia, a do arco-íris.

Reflexão e ação – O Arco-íris

A chuva, ou às vezes uma tempestade, é necessária para apreciarmos um lindo arco-íris no céu, pois ele é formado pela

reflexão⁸¹, refração⁸² e dispersão⁸³ da luz do sol no encontro com as gotículas de água que ainda ficaram suspensas no ar. Esta metáfora aproxima a nova fase de enfrentamento da situação de pandemia pela graduanda. Ela faz sua própria reflexão e ação sobre a tempestade que acabava de viver, embora ainda não houvesse atingido a calmaria, pois ainda encontrava no ar gotículas de emoções mal resolvidas. Vai, então, em busca do conhecimento para formar o seu arco-íris. Assim se manifesta:

Como futura professora, precisei entender que necessitava cuidar mais de mim antes de querer cuidar e ensinar os outros. Agora, encorajada a melhorar minha saúde mental e ciente de que eu era capaz de produzir novas emoções com o estímulo certo, passei a me aprofundar no assunto por meio da psicologia positiva, estudo do psicólogo americano Martin Seligman. Assisti vídeos, palestras de motivação e fiz vários testes online de autoconhecimento, procurando entender e pensar racionalmente sobre o que estava sentindo. Assim, elaborei meu próprio teste com alguns questionamentos que

⁸¹ **Reflexão** é o fenômeno que consiste no fato de a luz voltar a se propagar no meio de origem, após incidir sobre uma superfície de separação entre dois meios.

⁸² **Refração** é o fenômeno que consiste no fato de a luz passar de um meio para outro diferente.

⁸³ **Dispersão** é um fenômeno óptico em que a **luz** é separada em suas diferentes cores quando refratada através de algum meio transparente, a exemplo do arco-íris, do prisma e da lente fotográfica.

mais achei interessantes nas minhas pesquisas.

A graduanda reage e passa a fazer estudos e testes de autoconhecimento.

Para isso anotei em formato de lista os seguintes questionamentos: 1. O que eu estou sentindo? (Dividi em três áreas: intelectual, emocional e física). 2. O que eu já fiz que possa me orgulhar (Listei as metas que alcancei, trabalhos voluntários e ações de que considerei importante me orgulhar). 3. Quem eu sou? (Anotei todas as minhas qualidades e defeitos). 4. O que me faz feliz? (Escrevi desde ações de outras pessoas a hábitos meus que me fazem feliz). 5. Motivos para não desistir (Listei minhas metas, sonhos, prioridades, lugares e nomes de pessoas que me motivam).

Essas questões reflexivas foram um passo importante para a graduanda começar um processo de autoconhecimento e superação da situação de angústia, medo e ansiedade em que se encontrava, como narrado na seção anterior. Ela continua a relatar o processo:

Depois de listar, passei a refletir sobre tudo que havia anotado e o efeito foi quase imediato. Percebi que já havia passado por muitos desafios e eu era muito capaz de encarar mais este. Estar em isolamento é estressante e nos deixa muito vulneráveis,

com a incerteza do que pode acontecer no outro dia e se de repente podemos ter alguma notícia inesperada. Esses pensamentos vinham a minha mente o tempo todo, mas se pensarmos melhor, nós estamos sujeitos a isto todos os dias com ou sem pandemia, o futuro sempre é incerto e apenas depende de como vamos lidar com isto. Depois de me autodescobrir, apenas refletindo e anotando sobre aspectos da minha vida, eu estava certa de como eu deveria lidar com a situação.

A graduanda passa a refletir sobre as questões elaboradas, Organiza-se:

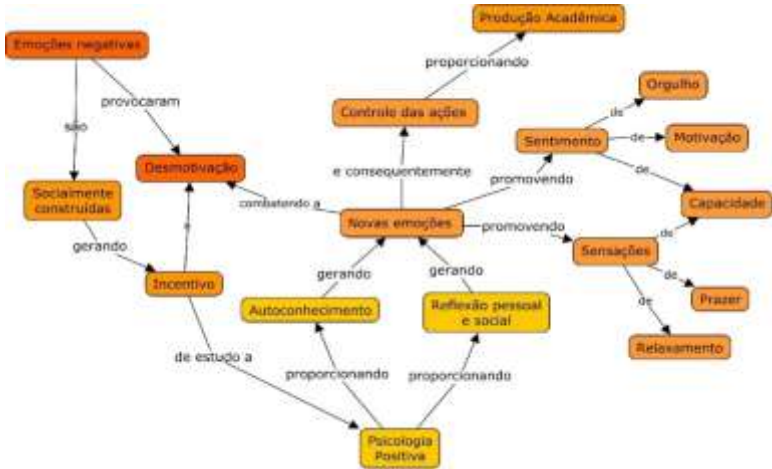
Em seguida voltei a organizar meus horários, agora o dia parecia bem longo e eu estava determinada a melhorar e não me render mais às circunstâncias. Primeiro, comecei a me informar menos sobre a pandemia – a informação é importante, sem dúvidas, mas o excesso de notícias ruins já estava me afetando emocionalmente; em seguida, passei a me programar para ter “leituras prazerosas”, uso este termo para leituras que me agradam sendo elas acadêmicas ou não.

Ao organizar o seu dia, a graduanda toma decisões, como a de não assistir tantos noticiários como vinha fazendo e a de fazer leituras que lhe parecessem “prazerosas”, e passa a cuidar mais de si, como diz:

Com o passar dos dias, passei a cuidar mais do meu físico, com momentos de autocuidado de pele, cabelo ou apenas ouvindo músicas que me fizessem não pensar tanto na situação mundial, causada pela pandemia. Um tempo depois, iniciei exercícios físicos em casa: seções de alongamento, esforço físico e exercícios de respiração. Alguns dias depois, neste ritmo, consegui uma melhora significativa, passos simples que me fizeram ver o bem na vida e ser produtiva.

A graduanda consegue superar o estado de desânimo e inatividade em que se encontrava. Na figura 02, ela apresenta um mapa conceitual em que representa processos, sentimentos, novas emoções e cuidados pessoais que lhe permitiram superar o sofrimento que vinha experimentando.

Figura 02 - Ações e novas emoções em um segundo momento de produção na pandemia:



Fonte: Elaborado pela graduanda.

O mapa conceitual apresentado na figura 02 sintetiza o que foi discutido nesta seção, mostrando a importância do autoconhecimento para a superação das dificuldades vividas no período inicial da pandemia de Covid-19.

Considerações finais – As aprendizagens construídas

O termo "experiência", tão defendido nesta narrativa, foi exemplificado por meio da metáfora de enfrentar uma tempestade para se ver o arco-íris, ou seja, esta experiência se refere a todas as emoções, os sentimentos e as sensações pessoais envolvidas durante um cenário pandêmico que não causassem paralização, mas sim produção. E isto nos leva a construir os verdadeiros significados desta vivência, marcada por um processo reflexivo

de autoconhecimento e fortalecimento pessoal para superar os obstáculos encontrados nas circunstâncias vividas.

Vivenciar um isolamento social em meio ao caos causado por uma pandemia nos faz refletir sobre o aprendizado que podemos ter, apesar de tudo. Certamente, não queríamos ter esse tipo de experiência neste cenário, devido à perda de familiares e amigos, crises econômicas e psicológicas, e todas as outras circunstâncias de infelicidade que ela proporcionou à população mundial, porém precisamos reconhecer esse contexto como um momento de reformulação.

Ao compreender a nossa capacidade de estimular novas emoções e conseguir enfrentar inseguranças e preocupações no cenário de pandemia, essa experiência nos leva a construir novos olhares e novas preocupações, porém desta vez positivas. Em relação aos cuidados com a saúde, as práticas redobradas de higiene e medidas sanitárias nos fizeram criar hábitos e dar importância muito maior a estes cuidados, principalmente em relação à contaminação dos produtos de supermercado. Além disto, reconhecemos e valorizamos o sentimento de gratidão por acordar todas as manhãs, de ter um local confortável para o isolamento social, por dispor do alimento necessário e,

especialmente, de estar em convívio com alguns familiares, também isolados.

E, para concluir, consideramos que o maior aprendizado nesta experiência foi a oportunidade de superação, de autoconhecimento, de reflexão e busca de melhoria em todas as áreas, não só pessoal como aqui já apresentado, mas também social. Devido estar em sociedade e estudando as relações sociais entre professor e aluno, essa experiência parece ter fortalecido a graduanda como pessoa e como futura professora. O autoconhecimento lhe permitiu a busca por compreender melhor os fatores sociais, o sentimento de competência para enfrentar as mais diversas situações e circunstâncias.

A Emergência das lojas Digitais no município de Igarapé-Açu/PA como Meio de Estabilidade Econômica Frente ao Período Pandêmico

Aline Fernanda Pereira da Silva⁸⁴

O mundo está passando por um momento ímpar, mas que infelizmente não se refere a algo positivo, pelo contrário, a pandemia provocada pelo Sars-Covid-2 afeta vários continentes, interferindo de forma voraz na vida dos indivíduos, causando mudanças nas organizações sociais, levando a necessidade de um isolamento social. As relações face a face se modificam e se adaptam a nova conjuntura que afeta não apenas a humanidade em relação a questão sanitária, mas toda a estrutura social.

Acontecimentos como este se enquadram nas pesquisas sociológicas, e é interessante relacionar tal questão com a sociologia da saúde, não se prendendo apenas nas questões médicas/biológicas, mas sim, nas questões sociais, analisando e evidenciando os efeitos sociais, bem como a maneira de falar

⁸⁴ Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Pará-e-mail: alinefps21@gmail.com

e tratar de saúde na sociedade. Carapinheiro (1989)⁸⁵ cita em seu texto a desordem social que a doença pode causar e com isso as pessoas tendem a procurar novas maneiras de se socializar frente a essa desordem e isolamento que estão passando, e um dos mecanismos utilizados hodiernamente são os meios digitais.

As tecnologias passaram a ter inúmeras inovações e com isso estabelecendo uma cultura da conectividade, originando novos tipos de relações por meio das redes digitais, as relações face a face abrem espaço para a socialização tecnológica, não que estas possam substituí-las, mas constituem a sociedade informacional, o que em meio a esta pandemia, está sendo crucial para manter a conexão entre as pessoas.

Estas conexões são mediadas por vários meios como as redes sociais, os jogos digitais, os trabalhos em home office e inclusive as lojas virtuais elucidada por este texto, surgindo corriqueiramente e sendo um meio de trabalho principalmente nesse período de isolamento social e tudo isso evidencia a necessidade de um olhar sociológico para essas novas formas de geração de renda

⁸⁵ CARAPINHEIRO, Graça. A saúde no contexto da sociologia. 1986.

Metodologia

Fragoso, Recuero e Amaral (2011)⁸⁶ apontam para a necessidade que a sociedade tem de abranger novos objetos de pesquisa, salientando que a internet possui um leque de interações sociais, o que demanda um novo meio de análise e pesquisa. O caminho da pesquisa não é um caminho fácil como as autoras afirmam, todavia, se torna importante investigar e entender as novas configurações sociais.

Goldemberg (2004)⁸⁷ aponta que na pesquisa científica se exige o uso da criatividade, apesar da existência da disciplina, sempre buscando estar no limiar entre o possível e o não possível, mas acima de tudo, estar sempre na busca da construção do conhecimento

Com isto, seguindo na busca de novos lócus de pesquisa e conhecimentos, o presente trabalho conta com os meios digitais, o mercado digital como objeto desta pesquisa, sendo um estudo de caso se atribuindo de uma abordagem qualitativa,

⁸⁶ FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel. AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para a internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

⁸⁷ GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed. Recorde: Rio de Janeiro, 2004.

contando com a aplicação de entrevistas focalizadas a 4 lojas virtuais do município de Igarapé-Açu/PA, tendo uma análise interpretativa e explicativa. As entrevistas foram realizadas por meio de redes sociais devido ao isolamento decorrente da pandemia.

Uma breve revisão teórica sobre o tema

Ao longo da história, algumas pandemias marcaram diversas sociedades, e esse conhecimento dos fatos que ocorreram em momentos como este, acabam por corroborar um medo coletivo. Carapinheiro (1986)⁸⁸ aborda a doença como algo que pode ser dominante da realidade de cada época, e a construção social da doença envolve vários fatores como o contexto histórico-social, e as mudanças que foram surgindo em decorrência da nova configuração social, envolvendo classes sociais, simbologias, poder e patologias.

A doença assim como outros acontecimentos, se torna um objeto de análise social, tendo em vista a realidade coletiva na qual se apresenta, e mesmo com a necessidade do isolamento social que o vírus na atual pandemia determina, o ser humano é um ser social que necessita dos meios de sociabilidade, e o meio digital se torna um grande aliado.

⁸⁸ CARAPINHEIRO, Graça. A saúde no contexto da sociologia. 1986

A função da sociologia digital ao fazer análises desse meio é que “como sociólogos/as, direcionamos nosso interesse às relações sociais, o que não nos leva a estudar computadores, softwares ou plataformas eletrônicas de comunicação, antes a pesquisar como os sujeitos usam a tecnologia em sua vida cotidiana” (MISKOLCI. 2016, p. 290)⁸⁹.

Levy (1999)⁹⁰ elucida que as tecnologias não são determinantes, mas tem a capacidade de condicionar o meio social. O estudo do meio digital na sociologia é um estudo emergente, a era informacional ainda é considerada jovem, tendo seu boom tecnológico com a criação da internet, resultado de mecanismos utilizados na Guerra Fria, como afirma Castells (1999)⁹¹.

Levy (2011)⁹² diz que a socialização ganhou uma nova configuração, tendo em si uma desterritorialização, adotando uma espécie de cultura nômade, relacionando com a possibilidade atual das interações ocorrerem com várias pessoas sem ter a necessidade de sair da própria casa, estando em uma

⁸⁹ MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275, 2016.

⁹⁰ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

⁹¹ CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

⁹² LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?**. Ed. 34. São Paulo, 2011

constante reinvenção das relações sociais.

Sodré (2011)⁹³ aponta para as novas economias digitais que estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, transformando o modo de viver de cada um e reinventando novas formas de trabalho e geração de renda e constituindo novos sujeitos sociais. As relações se inovam a todo momento

Albertin (1998)⁹⁴ salienta que o mercado eletrônico se tornou mais que necessário, diria até inevitável nos dias atuais, alterando todas as formas de economias e gerações de renda. A facilidade no acesso e onipresença são características que conseguem conquistar cada vez mais clientes e permitindo com que se tenha um vasto leque de inovações dos produtos no comércio eletrônico.

Levy (2011)⁹⁵ dá seu parecer sobre esse assunto, enfatizando que “o mercado online não conhece as distâncias geográficas. Todos os seus pontos estão em princípio, igualmente “próximos” uns dos outros para o comparador potencial (telecompra).” (LEVY, 2011, p. 62). Com a presença

⁹³ SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

⁹⁴ ALBERTIN, Alberto Luiz. **Comércio eletrônico: benefícios e aspectos de sua aplicação**. *Revista de Administração de Empresas*, 1998, 38.1: 52-63.

⁹⁵ LÉVY, Pierre. **O que é Virtual?**. Ed. 34. São Paulo, 2011

do ciberespaço, o mercado passa a se expandir ainda mais, sendo utilizado de diversas maneiras, como os mercados dos jogos digitais, bem como outras profissões que surgiram como os streamers, os digitais influencer, as pequenas lojas digitais criadas como uma forma de auxiliar na renda das pessoas procurando meios que contribuam para a subsistência.

É importante enfatizar que a realidade das lojas online já era presente na vida dos indivíduos mesmo antes da pandemia com grandes empresas que se apropriam do meio tecnológico para expandir seus negócios e também os pequenos produtores que utilizam esse espaço virtual como meio de vendas, entretanto, saliento o aumento da utilização desse espaço virtual como meio de geração de renda para várias pessoas que estão lidando com esse caos social, político, sanitário e econômico que o vírus proporcionou.

O olhar das empreendedoras para o mercado digital

A partir das entrevistas realizadas com quatro microempreendedoras de lojas online, consegui entender a percepção delas sobre este meio. Todas as lojas digitais que participaram da pesquisa são lideradas por mulheres.

A primeira entrevistada foi a microempreendedora Estrela de produtos artesanais. Perguntei o que achava sobre os

meios digitais e ela respondeu que os meios digitais trouxeram uma nova forma de comunicação, sendo um meio que abarca vários benefícios como a facilidade no acesso e informação, falou também a respeito do mercado digital, afirmando que possui grande relevância social, principalmente nesse período da pandemia.

Mais uma loja que participou da pesquisa foi a loja Lulu. A loja Lulu é uma loja voltada para doces e salgados, e surgiu a partir de uma dada situação, a proprietária da loja é caloura 2020 e precisava de uma renda para se manter em uma outra cidade onde se encontra a Universidade.

De acordo com Lulu, os meios digitais foram essenciais para o sucesso da loja que se utilizou das redes sociais para fazer as divulgações e as vendas e afirmou que: “o período de pandemia trouxe um isolamento social mas uma "aproximação" social, então as visualizações e engajamento cresceram muito” (LULU, 17 anos). Essa aproximação social que ela fala se direciona para o ciberespaço e os processos de socialização que ele permite, inclusive a existência de geração de renda.

A loja Morgana também contribuiu para a presente pesquisa e disse que as “ vendas digitais estão salvando negócios que poderiam ter fechado por consequência desse momento terrível de pandemia” (MORGANA, 22 anos).

A busca pelo crescimento e independência econômica dessas mulheres pode ser relacionado com os estudos de Amorim e Batista (2012)⁹⁶ onde destacam o empreendedorismo feminino e como ele vem crescendo cada vez mais, e isso é uma realidade que ganha força desde o período da Primeira Revolução Industrial, com a presença das mulheres nas indústrias, mesmo com todo preconceito e desigualdade social existente. Segundo Amorim e Batista (2012)⁹⁷, as mulheres empreendedoras acabam encorajando outras mulheres com seu trabalho.

Uma pesquisa do SEBRAE (2019)⁹⁸ aponta alguns dados sobre o crescimento das mulheres que são donas do seu próprio negócio, onde destacam a escolaridade e a idade, assim como as mulheres que contribuíram com esta pesquisa. Os gráficos a seguir irão demonstrar esses dados

⁹⁶ AMORIM, Rosane. O. BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. Núcleo de Pesquisa da FINAN, 2012, 3.3: 1-13

⁹⁷ *Op.Cit.* AMORIM, Rosane. O. BATISTA, Luiz Eduardo.

⁹⁸ SEBRAE. Relatório Especial: **Empreendedorismo feminino no Brasil**. 2019. Disponível em:

https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf. Acesso em: 26 jul.2020



No próximo gráfico se pode observar como as mulheres tem iniciado mais jovens no mercado,

Figura 2 Idade das mulheres. Fonte: SEBRAE 2019

Figura 3 Escolaridade feminina. Fonte: SEBRAE 2019

Conclusão



O meio digital cresce cada dia mais se tornando parte intrínseca da vida dos indivíduos, o período pandêmico reforçou ainda mais a importância de tais meios. As relações sociais passaram a ser mediadas e possibilitam uma maior conexão, um estar “próximo” mesmo que distante.

O mercado digital não é algo novo, muito pelo contrário, ao longo do tempo várias pessoas o utilizam, inclusive as grandes empresas que se beneficiam com o ciberespaço, mas o que se busca evidenciar neste estudo é a importância da utilização do mercado digital pelas classes mais baixas e como isso tem contribuído no processo de enfrentamento a pandemia e seus impactos econômicos.

Com a análise dos dados foi possível perceber diversas características em comum entre as participantes do estudo. Ambas as proprietárias são solteiras, graduandas de universidades públicas, mulheres que buscam independência financeira, e que mesmo diante das adversidades e do cenário atual que a pandemia instaurou, estão tentando construir uma renda, uma autonomia econômica com a ajuda dos meios digitais.

O mercado digital para essas mulheres se tornou algo essencial em suas vidas demonstrando que é possível uma interação social e econômica que não seja apenas face a face,

ainda mais durante este período de enfretamento do vírus, onde as relações físicas estão sendo impossibilitadas.

Perceber a liderança feminina na movimentação econômica e se utilizando dos meios digitais se torna extremamente satisfatório para mim, graduanda de Ciências Sociais, pesquisadora dos meios digitais e mulher como as que tive a honra de entrevistar, mulheres jovens, estudantes de Universidade Pública, e que buscam sua autonomia e independência financeira mesmo diante do cenário atual com a pandemia.

Desafios em Tempos de Isolamento Social: Problemas Sanitários Decorrentes da Falta de Políticas Públicas no Bairro de Águas Lindas

Elizângela Suely Bastos Cearense⁹⁹
Sheila Silva Pontes¹⁰⁰

Resumo

O processo desigual e excludente existente nas periferias se intensificou com o surgimento do Novo Coronavírus (*Sars-Cov-2*) no Brasil, principalmente no que tange aos serviços públicos. Portanto, este artigo objetiva refletir acerca dos problemas sanitários decorrentes da não efetivação da Política Pública de Saneamento Básico no bairro de Águas Lindas/PA, que impede as famílias de manterem um Isolamento Social adequado durante o período da pandemia, principalmente devido às dificuldades de acesso a água potável. Trata-se de um artigo na perspectiva crítica, com uma metodologia de análise qualitativa, que envolveu revisão de literatura e observação participante. A investigação nos permitiu refletir que as políticas públicas de saneamento básico são imprescindíveis e devem ser urgentemente efetivadas não só no bairro de Águas Lindas, mas em todas as áreas periféricas, sobretudo no contexto de pandemia, pois estas são essenciais para a prevenção e sobrevivência da população mais vulnerável, e por ser um direito social garantido na Constituição Federal de 1988.

Palavras-Chave: Isolamento Social; Políticas Públicas; Saneamento Básico; Água Potável; Bairro de Águas Lindas.

⁹⁹ Graduanda de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: elizangelasuely8806@gmail.com

¹⁰⁰ Graduanda de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: sheila.silva.p1994@gmail.com

INTRODUÇÃO

O contexto pandêmico ocasionado pelo Novo Coronavírus (*Sars-Cov-2*), expôs que no Brasil, os principais afetados são as populações vulneráveis e carentes de acesso a Políticas Públicas. Tal afirmação é confirmada por Rocha¹⁰¹ (2020) que diz,

A expansão da pandemia de Covid-19 pelas favelas, periferias e interiores do Brasil escancarou a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais, naturalizada e aceita por grande parte da sociedade e das instituições do Estado, o que representa uma barreira às recomendações de higiene básica, distanciamento físico e permanência em casa [...]. O Conselho Nacional de Saúde (CNS) alerta sobre a necessidade de especial proteção a grupos em situação de vulnerabilidade ou em risco como as pessoas em situação de rua, com sofrimento ou transtorno mental, com deficiência, vivendo com HIV/AIDS, LGBTI+, população indígena, negra e ribeirinha e trabalhadores do mercado informal, como catadores de lixo, artesãos, camelôs e prostitutas (ROCHA, 2020, p.3)¹⁰².

¹⁰¹ ROCHA, Rogério Lannes. Editorial: Ficar em Casa?. **Revista RADIS**. Edição n. 212, mai. 2020. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/todas-as-edicoes/212>.

¹⁰² *Op. Cit.* ROCHA (2020).

Ainda segundo o autor, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) se preocupa também com as condições desiguais de saneamento e moradia diante a pandemia. Essa preocupação é compreensível, diante da precariedade da política de saneamento, como aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao afirmar que em 2019 no Brasil, um em cada dez domicílios (9 milhões de lares) tem despejo inadequado de esgoto sanitário, o que segundo a mesmas fonte, essa situação é mais agravante na Região Norte, com 29,6% dos domicílios (1,6 milhão de lares) sem rede de esgoto e com despejo de resíduos na rua ou na natureza (AGÊNCIA BRASIL, 2020)¹⁰³. Esse cenário contribui para a propagação do Novo Coronavírus nas periferias, principalmente pela falta de esgotamento sanitário e acesso a água tratada e potável, que favorece graves riscos sanitários, impedindo essa população de adotar as medidas de prevenção, e manter um distanciamento social adequado.

Destarte, este estudo objetiva refletir acerca dos problemas sanitários decorrentes da não efetivação da Política Pública de Saneamento Básico no bairro de Águas Lindas/PA. Situado entre dois municípios do estado do Pará, Belém e Ananindeua, esse

¹⁰³ AGÊNCIA BRASIL. **Um em cada dez domicílios no Brasil joga esgoto na natureza.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-05/um-em-cada-dez-domicilios-no-brasil-joga-esgoto-na-natureza>. Acesso em: 16 Set. 2020.

bairro periférico vivencia todas as condições desiguais apresentadas anteriormente, dentre elas o Saneamento Básico, principalmente referente à água potável, sendo agravadas com a pandemia do Novo Coronavírus.

Utilizou-se como abordagem metodológica a etnografia. Por sermos moradoras do bairro, esse método nos permitiu vivenciar, descrever e explicar o objeto estudado, utilizando-se como técnica de registro de informações a observação participante, que para Silva consiste em “Participar, do ponto de vista da pesquisa etnográfica e da técnica de observação participante, é entrar em movimento humano e, a partir dele captar os sentidos e direções desse mesmo movimento humano” (SILVA, 2018, p. 199-200)¹⁰⁴.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em *sites* de notícias e de Organizações do Governo, e na biblioteca virtual *Google Acadêmico*, pois como afirma Abrantes “[...] a pesquisa bibliográfica, como o próprio nome indica, é de eventos e da internet. Toda pesquisa tem sua fase bibliográfica, pois todas têm de ter a fundamentação teórica e revisão de literatura” (2008, p.14

¹⁰⁴ SILVA, Antonio Luiz da. O método etnográfico: uma reflexão a partir de Catingueira – PB. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. Macapá, v. 11, n. 2, p. 191-209, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs> ISSN 1984-4352.

Apud Pizzolato; Oliveira; Machado, 2013, p. 15)¹⁰⁵. Essa somatória de métodos nos permite através das observações diárias, uma verdadeira reflexão das relações sociais, históricas e econômicas da realidade estudada.

Desenvolvimento

Como em várias partes do mundo, no Brasil a pandemia do Novo Coronavírus ocasionou o caos no atendimento em postos de saúde e hospitais públicos e privados, sendo preciso investir na construção de hospitais de campanhas para auxiliar os atendimentos no aumento diário nos números de pessoas infectadas.

Entre os sintomas da doença estão a falta de ar, dores no corpo, garganta, cabeça e nas costas, febre, tosse, perda de olfato e paladar, etc., além do fato de algumas pessoas serem assintomáticas. A doença se espalha através do contato com superfícies contaminadas ou em contato direto com pessoas infectadas, nesse sentido foi necessário tomar medidas preventivas, dentre elas o isolamento social, que distancia a pessoa infectada das não infectadas, e que no princípio o

¹⁰⁵ PIZZOLATO, Anandra dos Santos; OLIVEIRA, Elyézer Rosu de; MACHADO, Lucas Cavalcante. Lixo e Saúde: Qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis. In: IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão. De 20, 21 a 22 de junho de 2013.

Ministério da Saúde (MS), seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), adotou tais medidas juntamente com o uso de máscaras e álcool em gel em locais públicos, além de água e sabão para garantir a lavagem das mãos constantemente (BRASIL, 2020)¹⁰⁶.

No entanto, tais medidas em algumas situações não são consideradas simples de realizar. Quando se tem pessoas que moram em casas de apenas um compartimento, ou que não possuem dinheiro para comprar máscaras e álcool em gel, e muito menos água acessível, através da conhecida “água encanada”. Sendo assim, como tais pessoas podem realizar um isolamento social e/ou um distanciamento social adequado? Tais condições são vivenciadas por muitos, principalmente a população periférica, que dentre elas destacamos a condição de alguns moradores do bairro de Águas Lindas.

Águas Lindas é um bairro periférico demograficamente localizado entre os municípios de Belém e Ananindeua no estado do Pará, que abrange cerca de nove ocupações espontâneas, formadas pelo crescimento populacional, onde devido não haver políticas habitacionais, os trabalhadores adentraram os espaços arborizados e construíram residências de forma desordenada, sem

¹⁰⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus (Covid-19)**. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 Jul. 2020.

estrutura e principalmente sem a garantia das Políticas Públicas essenciais. Enfatiza-se que esse bairro possui parte de seu território em Ananindeua, que tinha somente 2% da população com acesso ao Saneamento Básico em 2018 (NATUREZA VIVA, 2018)¹⁰⁷, e outra parte em Belém, que detinha o quarto pior Saneamento Básico do Brasil em 2019 (VILARINS, 2019)¹⁰⁸.

Entende-se então, que frequentemente esses moradores são impedidos de realizar o básico, como lavar constantemente as mãos, medida importante na prevenção da doença. Como moradoras desse bairro, presenciamos a inexistência de água de fácil acesso e tratada em grande parte de Águas Lindas. A maioria das casas são abastecidas por poços artesianos ou de “boca aberta”, e algumas pessoas não possuem acesso a nenhum dos dois, tendo que depender da caridade de vizinhos para poder adquirir água. Através das observações constatou-se que a falta de água dentro de casa pode se tornar um incômodo a um doente que vai precisar se deslocar até um poço para suprir suas

¹⁰⁷ NATUREZA VIVA. **Em Ananindeua, somente 2% da população tem acesso a saneamento básico.** 2018. Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/natureza-viva/2018/01/em-ananindeua-pa-somente-2-da-populacao-tem-acesso-saneamento-basico>. Acesso em: 27 de Jul. 2020.

¹⁰⁸ VILARINS, Thiago. **Belém tem o quarto pior saneamento básico do País.** Disponível em: <https://www.oliberal.com/para/belem-tem-o-quarto-pior-saneamento-basico-do-pais-1.164750>. Acesso em: 27 de Jul. 2020.

necessidades. E se o doente for idoso ou portador de deficiência, suas dificuldades serão duplicadas.

Outro problema é a contaminação da água pelo solo por impurezas advindas dos lençóis freáticos poluídos pelo antigo aterro sanitário do Santana do Aurá, que por muitos anos recebeu os resíduos sólidos advindos da maior parte da Região Metropolitana de Belém, e que de acordo com moradores que residiam próximo a área:

[...] quando ocorrem grandes chuvas a água dos poços fica com um odor fétido e coloração escura, tornando-se imprópria para o consumo, porém como os moradores não têm outra alternativa de abastecimento de água eles continuam usando esta água contaminada, o que traz inúmeras doenças na população [...] (SANTO, 2014, p. 73)¹⁰⁹.

Outra problemática observada é a referente ao esgotamento sanitário, serviço também inexistente nas ocupações. Muitos moradores fazem fossas sem as estruturas adequadas, algumas descobertas, que durante as fortes chuvas enchem e transbordam, contaminando o solo, contribuindo para

¹⁰⁹ SANTO, Vanusa Carla Pereira. Aurá de Gentes, Lixo e Água: Ação Pública e Racionalidades em confronto em Belém (Pa). **Revista de Direito da Cidade**, vol.06, nº01. 2014, p.65-89.

locais insalubres, e na propagação de vírus, bactérias e protozoários. Mesmo que o vírus presente nas fezes e urina de doentes de Covid-19, não seja fonte direta de contaminação (pois não há relatos de contaminação por essas vias), a exposição de dejetos humanos pode causar outras doenças, que piorem o estado de uma pessoa que esteja infectadas por *Sars-Cov-2*.

Todas as questões citadas, somam-se as outras observadas, como: os frequentes alagamentos; a convivência com animais peçonhentos e insetos; e o distanciamento da Política de Saúde, como por exemplo, no acesso as ambulâncias, que muitas vezes são impedidas de chegarem aos doentes, por não poderem adentrar os locais alagados.

Então, percebe-se que esses moradores vivem em péssimas condições habitacionais e sanitárias, o que prejudica o isolamento social e o tratamento de doentes, principalmente devido a não efetivação da Política de Saneamento, que tem a “água encanada” como um dos serviços mais importantes e essenciais na prevenção da Covid-19. Destarte, os cuidados com a Saúde Pública dependem também da Política de Saneamento Básico, pois se a população tiver acesso a uma política Sanitária de qualidade, haveria uma diminuição na disseminação de doenças, dentre elas a Covid-19. No entanto, a sua inexistência,

principalmente em garantir a água, é o que impede os moradores de exercerem seus direitos essenciais de proteção e sobrevivência.

Conclusão

A reflexão apresentada acerca da vivência dos moradores do bairro de Águas Lindas, demonstra que apesar da Política de Saneamento ser essencial na garantia da Saúde Pública, a falta dessa impede aos moradores infectados com o *Sars-Cov-2* de realizar um isolamento social adequado, devido a inexistência dos serviços correspondente a esta política, mesmo considerando a água como um dos principais serviços, e sendo um direito humano, sua inexistência para a população mais vulnerável demonstra a desigualdade e a exclusão social.

Além disso, a ausência de esgotamento sanitário e a falta de acesso a água tratada e potável, torna-os vulneráveis a outras doenças, além de conviver em espaços insalubres, com problemas sanitários graves, promovendo assim o distanciamento das políticas e impedindo o isolamento social.

Portanto, as observações relatadas demonstram o comportamento desumano do Estado para com os moradores de Águas Lindas, que apesar de serem sujeitos de direitos, convivem de forma inadequada, sem a garantia de Políticas Públicas. Destarte, em tempos de pandemia é de extrema urgência que as

autoridades responsáveis tomem medidas que possam efetivar essas políticas, não só em Águas Lindas, mas em todos os bairros que necessitam, para que assim possibilite às famílias, cidadania, saúde e o direito humano de morar com dignidade.

Fake News na Pandemia: Um Desserviço à Saúde da População Brasileira em Tempos de Covid-19

Gabriel Duarte¹¹⁰

Resumo

As fakes news tornaram-se problemas no mundo contemporâneo. A propagação de informações mentirosas afeta a vida da população em diversos níveis, em especial quando refere-se à saúde. No contexto da pandemia de Covid-19, as fake news ameaçam a vida do povo brasileiro, fazendo com que muitas pessoas acreditem em mentiras e exponham suas vidas e de toda sua comunidade ao risco de contágio pela doença. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar o impacto negativo das fake news na saúde da população, a partir de notícias falsas selecionadas no site do Ministério da Saúde.

Palavras-Chave: *Pandemia; Fake News; Saúde.*

INTRODUÇÃO

O mundo sempre ansiou pela informação. A criação da imprensa permitiu à humanidade o acesso a diversos conteúdos e, com o avanço do tempo e das tecnologias, avançaram a quantidade, velocidade e modo de acesso aos conteúdos. Assim, constatou-se um fato: informação é poder (SOUSA JUNIOR et

¹¹⁰ Graduando em Farmácia pela Universidade Federal do Pará. Email: duartesilvagabriel8@gmail.com

al., 2020)¹¹¹. Assim, viu-se que possuir informação é influenciar comportamentos, orientar ações e moldar pensamentos e pontos de vista. No mundo contemporâneo, mídia, políticos e grupos sociais compreenderam bem essa ideia.

Com a modernização do mundo, as mais diversas tecnologias estão disponíveis à população. Isso implica no fato de que toda pessoa, em qualquer parte do mundo, não somente consome, mas também produz informação e divulga-a para que outras pessoas acessem. Tal fato é benéfico quando a informação é produzida com responsabilidade. No entanto, vê-se que muitos grupos, por questões políticas (e muitas vezes por maldade) fazem o oposto, utilizando a desinformação para criar medo, gerar pânico e colocar a vida de milhões em ameaça. Nesse cenário, fala-se em fake news, definidas por Allcott e Gentzkow (2017)¹¹² como “artigos ou notícias intencionais e verificavelmente falsos, que podem enganar os leitores”.

⁶⁸ SOUSA JÚNIOR, João Henrique de; RAASCH, Michele; SOARES, João Coelho; RIBEIRO, Letícia Virgínia Henriques Alves de Sousa. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 13, n. 2, Edição Especial, p. 331-346, abril, 2020.

¹¹² ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

Em contextos normais, as fake news já são vilãs, pois disseminam mentiras e ferem reputações. Atualmente, com a pandemia do novo Coronavírus, causador da Covid-19, as fake news tornam-se ainda mais cruéis, divulgando informações que colocam a vida milhões em risco e, aliadas ao medo da população em relação à doença, encontram terreno para serem propagadas e passadas adiante nas diversas mídias sociais.

O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar a propagação de notícias falsas no Brasil durante a pandemia de Covid-19, mostrando como esse fenômeno torna-se um desserviço à população, pois a criação e divulgação de mentiras acerca da situação atual geram risco e colocam a vida de brasileiros em perigo, afetando a saúde e sendo mais um empecilho no combate ao Coronavírus.

Metodologia

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se neste artigo uma análise qualitativa acerca das fake news divulgadas no Brasil, até o momento, nas mídias sociais durante a pandemia de Covid-19. Esse tipo de análise permite uma compreensão proveitosa a partir da realidade estudada, pois é a pesquisa que

“tem o ambiente natural como fonte direta de dados” (OLIVEIRA, 2011)¹¹³.

O Ministério da Saúde criou em seu site um espaço exclusivo para desmascarar as fake news relacionadas ao novo Coronavírus, a fim de auxiliar a população a não acreditar nessas notícias. Desse site, retirou-se aleatoriamente 5 títulos de notícias que serviram de base para exemplificar o quão perigosas são as fake news na pandemia. Essas notícias foram aqui colocadas, uma vez que é salutar analisá-las dentro do contexto atual em que são veiculadas (TRIVIÑOS, 2009)¹¹⁴ para uma compreensão eficaz.

Por fim, fez-se uma discussão relacionando a problemática das fake news com o atual cenário de pandemia de Covid-19 no Brasil e uma breve abordagem dos impactos negativos que esse tipo de notícia pode gerar, principalmente na saúde e no bem-estar da população.

Fake News

¹¹³ OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração** / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011.

¹¹⁴ TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

Notícias falsas sempre fizeram parte da História. O Nazismo, por exemplo, utilizou-se de mentiras para disseminar o ódio às minorias, justificar suas atrocidades e assumir o poder. Esse tipo de (des)informação tem o intuito de prejudicar algo ou alguém. Na era contemporânea, o termo começou a ter relevância após as eleições presidenciais dos EUA, em 2016. O então candidato Donald Trump utilizou sobretudo sua conta no Twitter para promover massivas fake news. Como resultado, venceu a eleição.

No entanto, Trump não parou por aí. Após eleito, utilizou notícias falsas para alienar seus eleitores. O presidente “ataca rotineiramente a imprensa, o sistema de justiça, as agências de inteligência, o sistema eleitoral e os funcionários públicos responsáveis pelo bom funcionamento do governo norte-americano” (KAKUTANI, 2018)¹¹⁵ e, com esse comportamento, incentiva outros líderes a fazerem o mesmo.

No Brasil, o Presidente da República sempre divulgou fake news em suas redes sociais. Na pandemia, ele continuou. Propagando informações falsas acerca de tratamentos, uso de hidroxicloroquina e descumprimento das medidas de isolamento

¹¹⁵ KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade** / Michiko Kakutani ; Tradução André Czarnobai , Marcela Duarte. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia social (LISBOA et al., 2020)¹¹⁶, o presidente motivou seus aliados e pessoas mal-intencionadas a fomentarem a criação de fake news.

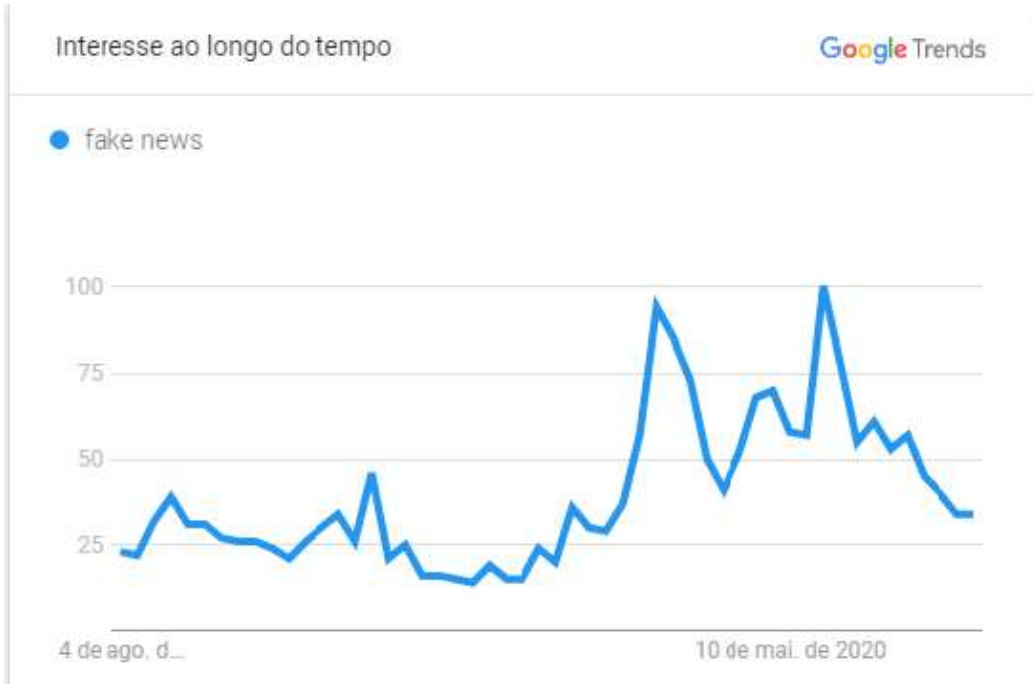
Durante a pandemia, momento em que a população se vê com “dúvidas, medo, insegurança e incertezas etc” (MARQUES, 2020, p. 32)¹¹⁷, dado o cenário de horror vivido, as fake news acabaram ganhando espaço e notoriedade na vida da população.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Google Trends, o termo fake news esteve em constante busca pela população brasileira.

¹¹⁶ LISBOA, Lucas A.; FERRO, João Victor R.; BRITO, José Rubens S.; LOPES, Roberta Vilhena V. **A Disseminação da Desinformação Promovida por Líderes Estatais na Pandemia da COVID-19**. Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Maceió – AL – Brasil, 2020.

¹¹⁷ MARQUES, R. A ressignificação da educação e o processo de ensino e aprendizagem no contexto de pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7,. Boa Vista, RR: [s. n.], 2020.

Figura 1 – Buscas por “fake News”



Fonte: Google Trends

O termo, em voga no Brasil desde as eleições de 2018, obteve bastante crescimento em buscas durante a pandemia de Covid-19, principalmente no período entre abril e maio de 2020. Esse dado reflete que a população brasileira buscou pesquisar acerca das fake news e reforça a ideia de que as notícias falsas se incorporaram ao cotidiano das pessoas.

No âmbito da saúde, portanto, verifica-se que as fake news são nocivas e colocam a saúde coletiva em risco. O compartilhamento dessas notícias é prejudicial, primeiramente, por elas se propagarem rápido em um meio acessível, que é o digital. Além disso, as informações falsas são propagadas porque sensibilizam, haja vista que elas tocam as pessoas, por estarem relacionadas ao cotidiano e a situação da população (MONARI e BERTOLLI FILHO, 2019)¹¹⁸. Logo, são perigosas, atribuem riscos e afetam a saúde de indivíduos, causando um problema maior no enfrentamento à pandemia.

Discussão

Várias notícias falsas foram veiculadas até o momento no Brasil acerca do novo Coronavírus e a pandemia. O Ministério da

¹¹⁸ MONARI, Ana Carolina Pontalti; BERTOLLI FILHO, Claudio. **Saúde sem fake news:** estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no canal de informação e checagem de fake news do ministério da saúde. Volume 13, Número 1, abr. 2019.

Saúde, a fim de orientar e informar a população sobre as fake news, por meio do site, colocou informações falsas que já foram veiculadas nesse período. A ideia é auxiliar e informar as pessoas sobre o que é mentira a respeito da pandemia.

Abaixo, listou-se 5 títulos de notícias classificadas pelo Ministério como fake news:

Tabela 1: Título das fake news

Chá de limão com bicarbonato quente cura Coronavírus
Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previne Coronavírus
Óleo consagrado pode curar o Coronavírus
Álcool em gel é a mesma coisa que nada
Máscaras sem qualidade distribuídas pelo Ministério da Saúde

Fonte: Ministério da Saúde

Essas 5 notícias são uma pequena amostra de um universo maior de fake news criadas e propagadas com o objetivo de gerar pânico, instigar o medo, afetar a vida da população e colocar a saúde coletiva em risco.

São diferentes, mas tem algo em comum: levam ao povo à descrença na situação atual. Cada uma dessas notícias cumpre a função de motivar a população a crer em mentiras e, a partir delas,

tomar atitudes que acrescentam uma dificuldade maior no combate à pandemia.

As fake news, como dito, são nocivas. Mas elas encontram lugar na realidade em que se vive. O “contexto é propício para a difusão das fake news” (DELMAZO, 2018)¹¹⁹, pois o medo do contágio, as incertezas sobre a doença, o número de óbitos e a ineficiência de atitudes do governo federal fazem com que a população acabe encontrando nas fake news uma realidade que julga ser verdade, a fim de se orientar e sobreviver à pandemia.

Considerações Finais

Fake news sempre foram prejudiciais à humanidade. A veiculação de mentiras ameaça a sociedade, pois a desinformação que as fake news produzem servem somente para criar instabilidade, promover o medo e, assim, afetar a vida. Desse modo, entende-se que as fake news são tão perigosas quanto uma doença.

Em tempos de pandemia, a propagação de notícias falsas fomenta o pânico, abala a saúde e torna a vida ainda mais difícil. Enquanto não forem efetivamente combatidas, as fake news irão

¹¹⁹ DELMAZO, Caroline. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media e Jornalismo**. n. 32, vol. 18, n. 1, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

contaminar ainda mais a população e gerar vastos prejuízos. Se o problema não for resolvido, drásticas consequências irão surgir.

Coletividade e Afeto Durante a Pandemia: Experiência do Centro Acadêmico de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados

Bárbara Battistotti Vieira¹²⁰

Michelli Palmeira de Souza¹²¹

Somos vozes de muitas vozes. Fazemos parte do coletivo CAPsi/UFGD (Centro Acadêmico de Psicologia Virgínia Bicudo da Universidade Federal da Grande Dourados) A partir do método cartográfico, pretendemos discorrer sobre o papel do afeto nas ações coletivas realizadas pelo CAPsi/UFGD no período de março a junho de 2020, em meio a pandemia de Sars-Cov-2 (Coronavírus). A cartografia é uma proposta metodológica advinda da filosofia da diferença, que produz rupturas com o método racionalista e abre linhas de fuga para produzir multiplicidades de saberes que problematizam a estratificação do

¹²⁰Graduanda em Psicologia. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia, Educação e Trabalho: inclusão em diferentes contextos (UFGD/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3389-9863>. E-mail: barbarabattistotti2@gmail.com

¹²¹ Graduada em Psicologia. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9809655628683799>. Pesquisadora de Saúde Coletiva: "HumanizaSUS e os desafios da saúde como direito de cidadania" (UFGD/CNPq). E-mail: michellipalmeira.com@gmail.com

conhecimento¹²². O exercício cartográfico foi a estratégia utilizada no presente texto, onde mapeamos o diagrama de forças do coletivo. Nosso objetivo não é proferir “verdades” das vozes, mas sim tatear as linhas extensivas e intensivas que se compõem no plano comum do coletivo e, na superfície de composição, analisamos as relações, rupturas, trajetórias, linhas de fuga, afetos e resistências. Nesse sentido, problematizamos o cenário político-social atual com suas interfaces, radicalizando suas influências na micropolítica da vida e, desse modo, tecemos as narrativas e atravessamentos sofridos enquanto coletivo.

O que é certo? Algo já foi certo que não pode ser incerto? São questões inquietas que saltam a voz desde meados de março de 2020. Rompemos com o contato social físico pela necessidade do autocuidado e do cuidado com o outro, trazidos pela pandemia de Coronavírus. Em um mundo tão estruturado hierarquicamente com formas de ser e viver determinantes e certezas empurradas goela a baixo, algo estremeceu a solidez social e um grande mar de incertezas nos afogou. No entanto, essas incertezas já não existiam? A incerteza da vida, de viver, ou de sobreviver. Entendemos que, para quem já tinha sua sobrevivência ameaçada

¹²² REGIS, Vitor Martins; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. *Fractal, Rev. Psicol.* Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 271-286, agosto de 2012.

– mulheres, preto, indígenas –, essas incertezas só se intensificaram. A impressão é: gritamos muito pela forma de viver que estava posta, pelo desesperador desmonte da vida intensificado pelo governo. Quando pensávamos já estar em nosso limite, a pandemia surgiu e a voz sumiu de vez: o nosso desgoverno logrou agravar ainda mais a relação estreita com a vida que o sistema engendra. O discurso neoliberal proclama a máxima “a economia em primeiro lugar” há décadas, mas agora se escancara. Isolamo-nos em nossas casas e quanto mais diminuímos a chance de contrair e disseminar o vírus, mais parecia que a insatisfação do corpo e da mente aumentava, produzindo um ainda maior sentimento de impotência. O medo e a incerteza causaram grandes rupturas: enquanto coletivo, muitos não conseguiram continuar, mas nos reinventamos enquanto grupo – formado no CAPsi/UFGD – e muito apoio floresceu. No grupo encontramos solidariedade, colaboração e acolhimento para compartilhar dúvidas, medos, tristezas e incertezas que nos atravessavam. Ali, tivemos um ponto de apoio em meio a tanto desamparo.

No início, a crise da mudança repentina nos fez desacelerar, a adaptação veio vagarosamente. Pela inevitabilidade de adequação à nova realidade, as reuniões ordinárias do

CAPsi/UFGD e as reuniões do Colegiado do curso, antes feitas presencialmente, passaram a ser realizadas pelo Google Meet. E assim, iniciamos a familiarização e apropriação de ferramentas que antes não nos eram tão caras e que agora são indispensáveis.

As plataformas on-line foram essenciais para darmos continuidade às atividades que fazíamos presencialmente e, ainda que tenhamos feito eventos gratuitos que tiveram grande alcance – já que a modalidade on-line permite que o evento chegue à diversas outras localidades que não apenas o local físico da UFGD –, reconhecemos que essas atividades não puderam chegar a todas(os), posto que o acesso à internet no Brasil não é democratizado, e sim marcado pela desigualdade social¹²³

À título de exemplo de ações realizadas pelo coletivo, destaca-se a Semana da Luta Antimanicomial (SLA) do CAPsi/UFGD, uma tradição anual do Centro Acadêmico e uma das principais táticas de luta utilizadas pelos estudantes antimanicomiais da Psicologia da UFGD que buscam promover a efetivação dos direitos dos usuários dos serviços de saúde mental.

¹²³ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf . Acessado em 15 de julho de 2020.

A SLA se constitui como um espaço de suma importância para o coletivo do curso, tendo sido o primeiro espaço de formação acadêmica organizado pelo grupo em meio a pandemia, onde discutimos as potencialidades da arte na saúde mental, a história e resistência da luta antimanicomial e saúde pública e luta antimanicomial no contexto da pandemia.

Além da SLA e ainda com a temática antimanicomial, organizamos uma palestra denominada “A Luta Antimanicomial dia a dia, corpo a corpo: potências e desafios no cotidiano do cuidado” e a nossa primeira Semana do Orgulho LGBTQ+ “Raça e Gênero como resistência”, fruto da inquietação que nos cercava, enquanto coletivo formado majoritariamente por indivíduos da comunidade LGBTQ+.

Nesse espaço, discutimos a saúde sexual da mulher cisgênero lésbica e bissexual, a saúde da mulher transsexual, a militância das mulheres transsexual e suas conquistas, corpos negros e o movimento LGBTQ+ e debatemos sobre a produção cinematográfica brasileira “Sócrates” que aborda questões de raça, sexualidade e saúde mental.

Nossos eventos acadêmicos-científicos são pensados a partir de discussões éticas estéticas-políticas internas, que têm espaço não apenas em nossas reuniões ordinárias, mas também

nos nossos encontros semanais de estudo realizados durante o período de pandemia com o intuito de nos aprofundarmos no estudo teórico afim de qualificar nossa prática. Assim, encontrávamos nossa práxis dentro do movimento estudantil na Psicologia ao estudarmos textos como *A casa dos loucos*¹²⁴, *Hacia una Psicología de la Libertación*¹²⁵, *Formação do Psicólogo: experiências de militantes estudantis*¹²⁶, *Sobre o suicídio*¹²⁷ e *Necropolítica*¹²⁸.

Além disso, outro acontecimento que marcou nossa atuação nesse período foi a campanha contra o ensino remoto “Nenhum Estudante Fica Pra Trás”, realizada em conjunto com o Diretório Central dos e das Estudantes da Universidade Federal da Grande Dourados (DCE/UFGD) e outros Centros Acadêmicos da UFGD. Nos posicionamos contrários à implantação do ensino remoto em quaisquer circunstâncias, por entendermos que além

¹²⁴ FOUCAULT, Michel. *A casa dos loucos*. _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1979.

¹²⁵ MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Hacia una psicología de la liberación*. *Psicología sin fronteras: revista electrónica de intervención psicosocial y psicología comunitaria*, v. 1, n. 2, p. 1, 2006

¹²⁶ MORTADA, Samir Pérez. *Formação do psicólogo: experiências de militantes estudantis*. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 25, n. 3, p. 414-433, 2005.

¹²⁷ MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. Boitempo Editorial, 2015

¹²⁸ MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Melusina, 2020.

de ser uma forma excludente de ensino, é também um passo para a privatização das universidades públicas.

Realizamos, também em conjunto com o DCE/UFGD, a campanha de saúde mental “A gente que se cuide”, que teve como intuito divulgar pequenas dicas de como passar pelo período de isolamento social, bem como redes de apoio psicológico disponíveis digitalmente. Entendemos que nossa saúde mental é prejudicada com o cenário da pandemia e consideramos necessário cuidarmos um dos outros, mesmo com o distanciamento físico.

Em parceria com o corpo docente do curso de Psicologia da UFGD, construímos o espaço “Papo Psi”, com a proposta de realizar conversas informais semanalmente entre os professores e estudantes do curso, a fim de estreitar o laço professor-aluno durante a pandemia, período em que o afeto se faz essencial. À título de exemplo, conversamos sobre qualidade de vida, crise e vulnerabilidade, noção de self, aceitação e compromisso, entre outros assuntos.

Foram nessas atividades do cotidiano que nos constituímos cada vez mais enquanto um coletivo. As reuniões semanais se transformaram em um espaço de acolhimento: não eram apenas encontros onde traçávamos nossos planos e

estratégias para dar continuidade às nossas ações. Ali, nos reconstituímos e nos reconhecíamos cada vez mais como “nós”.

Em concordância com Martins (2007), consideramos que o grupo não se baseia apenas na reunião de indivíduos que compartilham normas e objetivos comuns. Entendemos o grupo enquanto “relações e vínculos entre pessoas com necessidades individuais e/ou interesses coletivos, que se expressam no cotidiano da prática social”¹²⁹ e como uma estrutura social que expressa uma relação de interdependência e que não pode ser reduzida à soma de seus membros. Assim, encontramos no CAPsi/UFGD, à semelhança de qualquer vivência humana, relações de poder e de práticas compartilhadas que ao se realizarem desenvolvem a identidade do coletivo.

Na construção de lutas pela transformação política da nossa realidade enquanto estudantes, levamos reivindicações que entravam em conflito com a ordem social, característica própria do Movimento Estudantil, como apontado nos estudos de Hur e Aragusuku¹³⁰. O enfrentamento às estruturas sociais de opressão

¹²⁹ MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Psicologia social e processo grupal: a coerência entre fazer, pensar sentir em Sívía Lane. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. SPE2, p. 76-80, 2007.

¹³⁰ HUR, Domenico Uhng; ARAGUSUKU, Henrique Araujo. Políticas do movimento estudantil de psicologia no Brasil. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 35, p. 184-204, 2018

e a defesa dos direitos de grupos marginalizados passaram a ser cada vez mais exaustivas à medida que a pandemia se agravava. Era no afeto compartilhado no grupo que encontrávamos a energia para continuar nossa luta.

Nesse sentido, no período de março a junho de 2020, o vínculo afetivo entre os membros foi protagonista nas ações coletivas do CAPsi/UFGD. A organização interna do grupo - que se desestruturou no início do período de isolamento social – se reergueu pautada no afeto que nutríamos entre os membros. Não só tínhamos nossos projetos políticos e acadêmicos no horizonte, mas também o cuidado e apreço pelo o outro envolvido no processo de transformação político-social da realidade que o CAPsi/UFGD se insere.

Implicações da Pandemia na Elaboração do Luto: Covid-19 e a Impossibilidade de Velar seus Mortos

Marcus Antonio Medeiros de Souza¹³¹

Maria Kércya Nunes Moura¹³²

Desde os escritos de Aristóteles compreendemos que o ser humano é, antes de tudo, um ser social e, por isso mesmo, é relacional, constituindo-se e desenvolvendo-se mediante a sucessivas linhas de interações entre o mundo e os outros seres. Da mesma forma, é finito e autônomo, o que significa que a todo momento estamos decidindo trajetórias, alterando nossas necessidades, desejos e nos distanciando de determinados ambientes e pessoas que outrora foram importantes em algum momento das nossas vidas; com tantas oscilações no percurso, é essencial formarmos uma continuidade, criarmos pontes entre nós e os eventos sociais, ou seja, ritualiza-los e criar marcadores para nos situar na nossa própria existência, a exemplos de batizados, festas de aniversários, casamentos e velórios.

¹³¹ Estudante de graduação em psicologia. Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: marcus.medeiros9753@gmail.com

¹³² Estudante de graduação em psicologia. Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: mariakercya@gmail.com

O fenômeno do luto possui profundas implicações sociais e psicológicas. Freitas¹³³ escreve que se trata de uma vivência que aparece com uma forte exigência de ressignificação do existir, como uma reação natural e necessária frente a perdas significativas. Nesse sentido, todas as relações significativas estão sujeitas ao luto, e nisso, o luto não é aqui entendido como um processo de cunho negativo, pois com novas trajetórias e escolhas vem novas formas de viver e pensar, mas também vem, intrinsecamente, a perda. Estamos sempre perdendo algo, um parente, um objeto de valor emocional, uma memória afetiva de algum lugar no mundo, um relacionamento, dentre diversos outros exemplos possíveis de serem citados.

A forma como cada um vivencia e elabora suas perdas é absolutamente individual - ainda que estejamos em um meio social. Essa vivência é atravessada a todo momento pelos marcadores históricos, culturais e econômicos nos quais a sociedade está inserida e, em detrimento disso, tanto a forma de compreender a perda quanto a de encará-la modifica-se diante desses fatores. Mediante o atual contexto pandêmico, podemos vislumbrar um momento de inúmeras perdas e diversos lutos,

¹³³ FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013.

inclusive a modificação emergencial da forma de velar nossos entes. Tendo isso em vista, buscaremos neste artigo refletir brevemente como está sendo compreendido o luto em relação a morte, dada às bruscas mudanças dos rituais fúnebres em detrimento das medidas de contingência.

A morte e suas trajetórias

A morte é uma condição humana, irrevogável e inevitável, é vivida de diferentes maneiras, não só na esfera pessoal como também na coletiva. É um produto histórico, esperado e idealizado de múltiplas formas, assim como a sua manifestação e elaboração. O mal estar advindo do contato com ela não é um fenômeno apriorístico e sim, produto de gradativas mudanças na sociedade ocidental, mudanças essas, tanto na concepção do conceito de comunidade e de contato humano quanto devido ao progresso das tecnologias hospitalares¹³⁴. Ademais, desde os primórdios da humanidade, os sujeitos buscam meios para entender e lidar com ela e, por esse motivo, é comum haver a celebração de alguns eventos e rituais fúnebres, a depender da organização e religiosidade do grupo social.

¹³⁴ GOMES, Daniele Moreira; SOUSA, Airle Miranda. A morte sob o olhar fenomenológico: uma revisão integrativa. **Revista do NUFEN**, Belém, v. 9, n. 3, p. 164-176, 2017.

Na Antiguidade, os rituais fúnebres para os gregos e romanos, tratavam-se de momentos privilegiados aonde a família e a própria cidade ostentavam sua glória, com a presença de musicalidades, cânticos, alimentos, vinhos e flores¹³⁵. Na *Ilíada* de Homero onde é narrado a batalha épica entre gregos e troianos, nota-se a preocupação dos soldados com seus companheiros caídos, interrompendo inclusive as lutas, em um certo momento, para homenageá-los de maneira adequada e honrosa¹³⁶. Na Idade Média, os rituais eram simples, com cerimônias públicas e organizadas; as pessoas tinham consciência que iriam morrer, tanto por convicções pessoais quanto pela limitação dos recursos médicos da época. Assim sendo, o moribundo organizava sua

¹³⁵ MOTA, Thiago Eustáquio Araujo. Ritos de morte e celebração heróica na Roma de Virgílio: os funerais de Palante e a memória de Anquises. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300548999_ARQUIVO_TextoANPUHNACIONAL-ThiagoEustaquioAraujo.pdf.

Acesso em: 18 jun. 2020.

¹³⁶ QUEIROZ, Jacquelyne Taís Farias. Ritos fúnebres e cadáveres ultrajados: Homero e os direitos dos mortos. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANPUH-SP, 2011, Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300865879_ARQUIVO_Para_a_ANPUH_2011\[1\]BBBB.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300865879_ARQUIVO_Para_a_ANPUH_2011[1]BBBB.pdf). Acesso em: 18 jun. 2020.

própria cerimônia, passando seus desejos de forma verbal ou escrevendo-os em um testamento¹³⁷.

Posteriormente, enquanto no século XVIII ao início do XIX a morte ganha um tom dramático e romântico, sendo em certa instância vista como bela, passando a possuir rituais marcados por uma forte emoção, com súplicas, gestos e choros, a partir da metade do século XIX ela acaba se tornando um tabu, os avanços médicos e a idealização do prolongamento da vida mudaram a representação social da morte fazendo-a ser evitada a todo custo. O choro e as lamentações agora devem acontecer de forma sutil, o luto saudável “tem prazo de validade” e o local de falecimento, não é mais a residência de outrora, e sim o hospital, um lugar especializado no qual deve-se manter o silêncio e a burocracia¹³⁸.

Na contemporaneidade, esse fato se espalha de forma macro pela sociedade, podendo ser visto no cenário brasileiro através da resistência ao ato de expressar emoções e da excessiva

¹³⁷ TAVARES, Thiago Rodrigues. Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, n. 4, p. 1-17, 2009.

¹³⁸ FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013.

medicalização do luto, fazendo com que o lidar com a perda entre em caminhos bastante espinhosos. Contudo, ainda que seja doloroso e angustiante, é de suma importância entrar em contato com esse sentimento, falar sobre ele, questioná-lo, agir, pois, tudo aquilo que não é elaborado, “curado”, assume o lugar de situação inacabada e retorna a nós em forma de sintomas que podem surgir desde uma inexplicável e duradoura oscilação de humor a um diagnóstico de depressão. Voltamos, portanto, a afirmar a relevância dos rituais em torno da morte, posto que atendem necessidades psicológicas e sociais, fazendo com que os indivíduos tenham a sensação de pertencer a uma cultura e que sejam confortados em sua perda concreta com as respostas e verdades oferecidas por ela¹³⁹.

Pandemia e rituais alternativos

Não é segredo afirmar que a pandemia advinda do novo coronavírus trouxe drásticas alterações no âmbito social como a sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS), o isolamento social e o advento do enorme número de óbitos. Nessa perspectiva, o Covid-19 se trata não somente de uma crise epidemiológica, mas

¹³⁹ SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 1-7, 2019.

também psicológica, entendendo que os efeitos gerados nesta segunda esfera podem ser mais duradouros do que o próprio surto da doença em si¹⁴⁰.

Frente a essa situação, uma das medidas de combate à proliferação, postas em prática contra o avanço da doença, é a recomendação feita pelo Ministério da Saúde¹⁴¹ de que os enterros aconteçam de maneira apressada, privada, sem velório e com o caixão lacrado, a fim de evitar aglomeração e contágio. Aqui evidenciamos um ponto delicado da subjetividade humana, a perda nos coloca de frente a finitude, algo que não estamos acostumados a olhar e aceitar, mas que somos obrigados a buscar formas de ressignificá-la e elaborá-la. Uma das formas tradicionais de fazer isso é por meio das celebrações fúnebres, das quais concebemos como velórios.

Contudo, como o atual contexto não nos permite tal celebração, podemos observar no imaginário social um conjunto de agravos e revoltas na subjetividade dos enlutados, visto que o

¹⁴⁰ CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 1-12, 2020.

¹⁴¹ BRASIL. Ministério da Saúde. Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5.pdf>. Acessado em: 17 de jun. de 2020.

sentimento de impotência, abandono e desamparo se intensificaram, aumentando assim a angústia humana e dificultando a “cura” dessa perda, visto que durante uma pandemia influências relacionadas aos fatores de perigo podem alargar fenômenos como o medo, tristeza, ansiedade, estresse e insônia, afetando o comportamento tanto de pessoas com transtornos mentais pré-existentes quanto das consideradas saudáveis¹⁴².

Mediante essa problemática é necessário que medidas sejam pensadas e tomadas para combater tal questão, a fim de amenizar esse período de sofrimento e evitar complicações futuras. É preciso em um primeiro momento que haja a formação de uma equipe capacitada para dar a notícia de falecimento de maneira cuidadosa e empática, ao mesmo tempo que estando preparada para esclarecer todas as dúvidas dos familiares.

Já em um segundo momento, abre-se a possibilidade de serem realizados rituais fúnebres alternativos como modo de facilitar a elaboração do processo de luto de maneira concreta.

¹⁴² PEREIRA, M. et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

CrepalDI et al¹⁴³ escreve que rituais como esses vêm sendo feitos em países como Espanha, Itália, Holanda, Estados Unidos da América e Singapura de maneira diversificadas, levando em conta as especificidades dos seus processos culturais, as práticas variam desde um momento diário decretado pelo estado reservado ao silêncio e acompanhado com o hastear de bandeiras a meio mastro em homenagem às vítimas, até o uso da tecnologia para transmissão de enterros ao vivo ou a sua gravação para a posteridade, a fim de dividir esse momento para com aqueles que não puderam estar presentes.

Nessa mesma perspectiva, podem ser pensadas, também, estratégias remotas de despedida, tanto com ritos individuais relativos a religiosidade do sujeito, como, por exemplo, o ato de acender uma vela, ou até mesmo ritos coletivos, envolvendo uma rede socioafetiva, usando a tecnologias para formar novos caminhos em que familiares e amigos possam manifestar suas condolências sobre o falecido, expressando sentimentos e lembranças reconfortantes por meio de telefonemas, cartas,

¹⁴³ CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 1-12, 2020.

mensagens de texto, áudio, ou fazendo uso de memoriais online¹⁴⁴.

Em linhas gerais, esse assunto se demonstra ser importante e delicado, precisando ser abordado de maneira tangencial, dado a complexidade que o envolve e os percursos que leva. Desse modo, pensar sobre ele é válido, ao passo que buscar entendê-lo é também buscar melhorias para uma grande parcela da população que está em um estado de vulnerabilidade.

Considerações finais

Compreendemos que, neste período pandêmico, surgiu o desafio de lidar com mudanças brusca, ríspidas e repentinas que tem o potencial trágico de agravar esse momento de vulnerabilidade emocional, mas que, concomitante a isso, nos mostrou ao mesmo tempo potencial criativo que temos para, aos poucos, ressignificar e criar meios alternativos para lidar com todo esse emaranhado de sentimentos e medos.

Por ser um fenômeno recente muitas coisas se encontram ainda no desconhecido, sendo necessário, problematizar e buscar o amparo de políticas públicas voltadas à saúde mental, mas já

¹⁴⁴ Ibid.

estamos caminhando para um futuro menos obscuro e principalmente, estamos repensando nossos vínculos e, de certa forma, estreitando laços, pois agora, mesmo com incontáveis mortes, a vida ganhou novos valores e significados podendo também conseguir novos contornos coloridos.

Impactos na Saúde Mental das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica no Período da Pandemia da Covid-19

Joyce Kawane Sousa Lima¹⁴⁵

Nyara Cristina Nascimento Ferreira¹⁴⁶

Resumo

objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento acerca dos impactos causados na saúde mental das mulheres vítimas de violência doméstica no período da Pandemia da Covid-19. Este trabalho trata-se de um estudo exploratório e descritivo, A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line. O acúmulo de obrigações, sentimento de tristeza e ansiedade foram relatadas como as principais consequências dos impactos psicológicos. Constatou-se, que as entrevistadas da pesquisa tiveram oscilações nas respostas no que se refere o ato das agressões vivenciadas de formas distintas, mas que tiveram impactos psicológicos imensuráveis durante o isolamento social.

Palavras-Chave: Violência doméstica. Pandemia. Impactos psicológicos.

Introdução

¹⁴⁵ Graduando em pedagogia pela Universidade Federal do Pará. *E-mail:* joycekawane98@gmail.com

¹⁴⁶ Graduando em pedagogia pela Universidade Federal do Pará. *E-mail:* nyferreira1003@gmail.com

O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento acerca dos impactos causados na saúde mental das mulheres vítimas de violência doméstica no período da Pandemia da Covid-19.

A violência contra mulheres tem ocasionado várias discussões, questionamentos, acerca das dimensões históricas, sociais, culturais que as mulheres enfrentam em uma sociedade patriarcal, onde, "A violência aparece como último recurso para conservar intacta a estrutura de poder" (ARENDDT, 2001, p. 38)¹⁴⁷.

Segundo Chauí (2003, p. 52)¹⁴⁸, "A sociedade não percebe que as próprias explicações oferecidas são violentas porque está cega ao lugar efetivo da produção da violência, isto é, a estrutura da sociedade brasileira"⁴. Ao longo da história, as mulheres foram doutrinadas a seguir o papel de submissão, mostrando o quanto a sociedade mantém enraizado a cultura

¹⁴⁷ ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 3.ed, 2001.

¹⁴⁸ CHAUI, M. (2003). Ética, política e violência. In T. Camacho(Ed.), Ensaio sobre violência (p. 39-59). Vitória: Edufes.

machista.

No contexto da Pandemia da Covid-19, o isolamento social fez-se necessário para a proteção das pessoas. Por um lado reconhecemos a importância do isolamento. No entanto, o índice de violência contra mulher aumentou consideravelmente. Segundo Vieira, Garcia e Maciel (2020)¹⁴⁹ Ressaltam que a "coexistência forçada entre casais no contexto do isolamento [...] e o medo de adoecer por covid-19 são gatilhos para a violência"⁵. Nesse sentido, as mulheres passam a conviver constantemente com o cônjuge, deixando as vítimas vulneráveis aos agressores.

Vale ressaltar que a pandemia tornou-se de "gênero", sendo associada ao aumento das tarefas domésticas, cuidado com os filhos, pais, Home Office, que triplicou a jornada dessas funções. Dessa forma, a saúde mental das mulheres tem sido impactada abruptamente, Causando danos emocionais que podem influenciar na auto-estima e no sentimento de

¹⁴⁹ VIEIRA, P. R., GARCIA, L. P. & MACIEL, E. L. N. (2020). Isolamento social e aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? Revista Brasileira de Epidemiologia, 23, e200033. Epub April 22, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v23/1980-5497-rbepid-23-e200033.pdf>>

inferioridade gerado pelo companheiro.

A abordagem acerca dessa temática é de grande importância para o cenário de fragilidade da Pandemia do novo coronavírus, já que é notório o aumento no índice de violência doméstica, evidenciando um problema social, afetando a integridade física e psicológica das mulheres, com isso faz-se necessário a intervenção das autoridades por intermédio das políticas públicas para o combate da violência, visto que, o poder executivo da conjuntura política atual mantém um posicionamento que não condiz com as leis estabelecidas, em proporcionar assistência para as vítimas.

Metodologia

Este trabalho trata-se de um estudo exploratório e descritivo. Segundo Trivinões (1987,p.109)¹⁵⁰, “Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário on-line, esse método pode ser definido segundo

¹⁵⁰ TRIVINÔS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

Mattar (2008)¹⁵¹, como "questionário auto-preenchido, em que o pesquisador lê o instrumento e o responde diretamente sem a intervenção do entrevistador"⁷, permitindo uma análise subjetiva das respostas. Conforme Gil (1999)¹⁵², "As pesquisas descritivas tem como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno".

O questionário foi elaborado com base no levantamento acerca dos impactos na saúde mental das mulheres vítimas de violência doméstica no período da pandemia da Covid- 19.

As questões utilizadas foram estruturadas, seguindo o roteiro do questionário composto pelas seguintes questões: se, já sofreram algum tipo de violência seja física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial; se, já sentiram-se isoladas ou acuadas em um relacionamento; e como se encontrava a saúde mental das mulheres em meio a pandemia.

Análise e Resultado

¹⁵¹ MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento. São Paulo, 6ª Ed.: Atlas, 2008

¹⁵² GIL, A. C. Métodos e teorias de pesquisas social. 5º. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

De acordo com as perguntas realizadas por intermédio do questionário, analisamos as informações que foram relevantes para a compreensão no que se refere a saúde mental das mulheres.

A primeira pergunta se referiu ao índice de feminicídio que aumentou significativamente durante a Pandemia da Covid-19, se as mulheres já sofreram algum tipo de violência. Desse forma, os dados foram de 7,7% das mulheres disseram ter sofrido violência sexual, 10,3% disseram que sofreram violência física, 12,8% violência moral. Tendo em vista que 17,9% demonstraram nas respostas ter sofrido violência psicológica. O dado que instigou na pesquisa foi que 51,3% disseram não ter sofrido nenhum tipo de violência. Segundo Sanffioti:

Não se pode generalizar, para todas as mulheres, a mesma forma de opressão a que estão submetidas. É inegável que todas as mulheres sofrem discriminação e opressão de gênero. Essas opressões, no entanto, são vivenciadas de forma diferenciada de acordo com as condições materiais de cada sujeito. (SANFFIOTI, 1992, p.191)¹⁵³

¹⁵³ SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1992

Desse modo, as mulheres não tem uma percepção sobre a violência doméstica e suas variações, pelo fato da naturalização das agressões sofridas no contexto familiar. Segundo Minayo (2005, p. 23)¹⁵⁴, "o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência". No que tange a segunda pergunta que estava relacionada ao sentimento de isolamento ou acuação em um relacionamento, o índice da pesquisa mostrou que 43,6% disseram que já sentiram-se acuadas em um relacionamento e 46,2% disseram não ter se sentido isoladas. Para Silva (1992)¹⁵⁵, "as relações estabelecidas entre homens e mulheres são quase sempre de poder, pois a ideologia dominante reafirma a supremacia masculina a inferioridade feminina". A última pergunta objetivou abordar sobre a saúde mental das mulheres em meio a pandemia. Em alguns respostas as mulheres relataram as principais consequências dos impactos psicológicos recorrentes nesse período pelo acúmulo de obrigações, sentimento de tristeza e ansiedade, que

¹⁵⁴ MINAYO, Maria Cecília de Souza (2005). Laços perigosos entre machismo e violência: *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1): 23-26. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03cv10n1>>. Acesso em: 20 Jul. 2020.

¹⁵⁵ SILVA, Marlene Vinagre. *Violência contra mulher: quem mete a colher?* São Paulo: Cortez, 1992, p.52- 104.

dificultam as atividades diárias.

O relato a seguir exemplifica o sentimento das mulheres entrevistadas em relação a saúde mental em meio a pandemia. Conforme Miller (1999)¹⁵⁶, "Para suportar a realidade, a mulher abdica dos seus sentimentos e da sua vontade, passando a desenvolver uma auto- percepção de incapacidade, inutilidade e baixa auto-estima pela perda da valorização de si mesma [...]"¹².

"Minha saúde mental nesse período não está bem. São muitos sentimentos ruins e ao mesmo tempo o pânico de voltar a depressão [...], Como mulher me sinto muitas vezes perdida por me sentir inútil" (42 anos, casada).

"Minha saúde mental está mais ou menos, as vezes o sentimento de tristeza, isolamento, solidão bate" (29 anos, solteira).

"Me sinto um pouco aprisionada e as vezes assustada" (24 anos, solteira).

Nesse período de pandemia as mulheres permanecem em isolamento social, aumentando o convívio com o cônjuge

¹⁵⁶ MILLER, Mary Susan. Feridas invisíveis: abuso não - físico contra mulheres. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999

gerando conflitos, atitudes e agressões no âmbito familiar. Segundo Curia e outros (2020)¹⁵⁷, “O fenômeno da violência contra a mulher não escolhe a cultura, grupo étnico, religioso, classe e escolaridade, mas as experiências das mulheres mudam conforme a desigualdade no acesso à justiça e aos serviços de saúde”, como mostra um das respostas dos entrevistados a seguir.

"As vezes me sinto estressada, impotente em relação a certos comportamentos machistas dentro de casa por parte do meu filho e marido" (35 anos, casada).

De acordo com Azevedo (1985, p. 45-75)¹⁵⁸, "O sistema familiar patriarcal é, portanto uma versão institucionalizada da ideologia machista enquanto ideologia de sexo". Nesse sentido, a cultura estrutural machista é repassado para os filhos naturalizando a violência sofrida pelas mulheres no âmbito familiar.

¹⁵⁷ Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A. L., Isadora, S., & Habigzang, L. (2020). Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e189184. Epub May 18, 2020. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003189184>>. Acesso em: 24 Set. 2020.

¹⁵⁸ AZEVEDO, Maria Amélia. Violência física contra mulher: dimensão possível da condição feminina, braço forte do machismo, face oculta da família patriarcal ou efeito perverso da educação diferenciada? In: . Mulheres espancadas: A violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985, p. 45-75.

Considerações Finais

A sociedade continua reproduzindo os padrões culturais machistas, mostrando que a desigualdade de gênero permeia-se ao longo da história. Diante disso, a violência contra mulher tornou-se um problema social que necessita de reconhecimento por parte dos órgãos públicos para a prevenção e combate.

Constatou-se portanto, que as entrevistadas da pesquisa tiveram oscilações nas respostas no que se refere o ato das agressões vivenciadas de formas distintas, mas que tiveram impactos psicológicos imensuráveis durante o isolamento social.

As mulheres sentiram-se mais sobrecarregadas, isoladas no próprio ambiente familiar. Paradoxalmente, as mulheres naturalizam as agressões sofridas, por não saberem diferenciar os tipos de violência, ou seja, acabam escondendo o próprio sofrimento que vivenciam, impactando drasticamente na saúde mental das vítimas como a depressão, solidão, medo e insônia. Portanto, para que esse problema seja amenizado cabe a união de todos em prol do combate a violência contra mulheres, quebrando esse

paradigma da sociedade machista enraizada na educação de cada sujeito de forma intrínseca que impacta diretamente na desigualdade de gênero. Faz-se necessário que as pesquisas sobre a violência contra mulher continuem a dar visibilidade e o aprofundamento sobre a temática, para que seja visto de forma acessível a todos.

A Dor da Quarentena: Reflexões Antropológicas Sobre o Isolamento Social de Pesquisadoras Mulheres Durante a Pandemia

Marcus Vinícius Martins da Silva¹⁵⁹

A dor da quarentena

O cenário de pandemia, para além da doença causada pelo Coronavírus (SARS-CoV-2), vem afetando a vida emocional e psicológica de todos/as nós, causando doenças graves, tais como depressão, ansiedade e transtorno bipolar, além de outras questões psicológicas vinculadas à saúde mental individual e coletiva das pessoas (FARO *et al.*, 2020)¹⁶⁰. Quando nos deparamos com uma pandemia, sendo pegos/as de surpresa por ela, subjetivamente nossa postura e forma de ser e de relacionarmos-nos com o mundo a nossa volta são afetadas. A necessidade urgente de isolar-se acarreta drasticamente na

¹⁵⁹ Graduando em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista PIBIC/CNPq no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS).

¹⁶⁰ FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; REIS, Catiele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, e200074, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Acesso em: 1 out. 2020.

afetação das relações interpessoais rotineiras, calcadas no contato físico, no afeto e no sentir o/a outro/a próximo/a de nós (LIMA *et al.*, 2020)¹⁶¹.

A “dor da quarentena” – termo referente às dificuldades em lidar com a angústia provocada pelo isolamento social – é resultado de uma pandemia que nos pegou de surpresa e que, ainda em curso no Brasil, tem revelado muitas questões de análise relevante. Essa angústia é acompanhada pela repentina mudança de rotina e no que isso implica, pois muitas das atividades comuns antes da pandemia, agora parecem estranhas, e o próprio fato de ficarmos confinados em nossas residências por obrigação, é algo bastante dolorido, visto que tudo aquilo que possamos fazer dentro de nossos lares, antes atividades tidas como naturais, passam a ser atividades fora da normalidade e intensas. Todavia, esse modo de sentir tal intensidade certamente é produto da condição imposta pelo

¹⁶¹ LIMA, Carlos Kennedy Tavares; CARVALHO, Poliana Moreira de Medeiros; LIMA, Igor de Araújo Araruna Silva; NUNES, José Victor Alexandre de Oliveira; SARAIVA, Jeferson Steves; SOUZA, Ricardo Inácio de; SILVA, Cláudio Gleidiston Limada; ROLIM NETO, Modesto Leite. The emotional impact of coronavirus 2019-Ncov (new Coronavirus Disease). *Psychiatry Research*, v. 287, maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112915>. Acesso em: 1 out. 2020.

isolamento social. Este artigo¹⁶² traz algumas reflexões a partir de uma perspectiva antropológica sobre as experiências de angústia¹⁶³ – causada pelo estágio de isolamento social – na realidade de mulheres nordestinas residentes em diferentes regiões do país e que compartilham, por meio das peculiaridades de suas narrativas individuais, importantes aspectos sobre a experiência de quarentena.

Diante disso, o trabalho que segue é fruto de reflexões contínuas expressas de maneira escrita em diários de campo, a partir de observações realizadas por este autor desde o início do período de quarentena no Brasil (fins de março de 2020). A produção dos diários integrou uma das atividades do plano de trabalho da pesquisa intitulada *Outros Olhares sobre a História da Antropologia* (PIBIC/CNPq), em que estive vinculado enquanto bolsista de iniciação científica, entre janeiro e

¹⁶² Artigo desenvolvido no quadro da pesquisa *Outros Olhares sobre a História da Antropologia* (PIBIC/CNPq), sob a orientação da Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi. Agradeço à professora Miriam Grossi pela orientação neste trabalho e às minhas interlocutoras de pesquisa.

¹⁶³ O termo “angústia” será utilizado no decorrer deste artigo como representação, extraído a partir das falas de minhas interlocutoras, e diz respeito ao sentimento mais recorrente entre elas para sinalizar as dificuldades em lidar com o isolamento social.

setembro de 2020, sob orientação da professora Miriam Grossi.

A pesquisa começou a tomar forma quando iniciei espontaneamente conversas semanais de maneira virtual com duas estudantes e pesquisadoras de pós-graduação de áreas distintas no período de produção de suas teses, residindo em regiões distintas do país. Comecei, a partir de então, a acentuar o meu olhar reflexivo para a realidade delas, buscando compreender como elas estavam vivendo o momento de pandemia, sobretudo o isolamento social. O objetivo foi não somente compreender como elas estavam experienciando o momento, mas também investigar os atravessamentos causados pelo cenário de isolamento social em suas vidas, relações sociais, trabalho e rotina.

Como estudante de Antropologia, sendo constantemente provocado por meus professores a exercitar o ato da escrita e a reflexão antropológica, iniciei um processo desafiador de empreender uma experimentação etnográfica dentro do próprio contexto de pandemia e por meio de contato virtual, dados os impedimentos, por razões sanitárias, de ser realizado um trabalho de campo presencial e próximo de minhas interlocutoras.

Realizei, entre abril e julho de 2020, conversas virtuais por meio de mensagens de texto e chamadas de voz e/ou vídeo com minhas interlocutoras, tendo sido possível observar mecanismos importantes para compreender o que estaria por trás das dificuldades em lidar com a situação de isolamento e, sobretudo, como tais dificuldades estavam afetando a relação delas com o processo de pesquisa e rendimento no trabalho científico.

Com a atual realidade de isolamento social gerada pela pandemia de Covid-19, muitas pesquisas científicas estão sendo direcionadas para o ambiente virtual, o que impossibilita o contato físico com o campo e com os interlocutores. Nesse sentido, o antropólogo Daniel Miller (2020)¹⁶⁴, especialista em etnografia digital da *University College London*, explica-nos, de maneira cuidadosa, as subjetividades incumbidas no fazer etnográfico, seja *on-line* ou *off-line*.

Em sua fala, ele exprime a importância da realização da

¹⁶⁴ MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Labemus – Blog do laboratório de estudos de teoria e mudança social. 23 maio 2020. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller>. Acesso em: 1 out. 2020.

pesquisa antropológica neste momento de pandemia, atravessada também por questões éticas. Certamente, muitas dessas etnografias, projetadas para serem realizadas *off-line*, terão outra versão quando *on-line*, sendo produto do atual momento, capaz, portanto, de revelar outras potências no trabalho como um todo (MILLER, 2020)¹⁶⁵.

Segundo o autor, a ética na antropologia, muitas vezes subsidiada por uma noção de vínculo com o campo e com interlocutores, faz com que na versão *on-line* seja possível levantar resultados orgânicos, mais intimistas e particulares, que seriam impossíveis na versão *off-line*. Isso se dá, segundo Miller (2020)¹⁶⁶, porque a situação de perceber o outro como uma imagem na tela de um computador, tendo consigo apenas uma *webcam* ligada, é algo que promove uma segurança confortável, própria do efeito virtual, em que muitas vezes as posturas, noções reflexivas e formas de se expressar mudam por conta da experiência virtual.

Seguindo os procedimentos éticos conferidos a partir do Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia¹⁶⁷,

¹⁶⁵ *Op. Cit.* MILLER, Daniel (2020).

¹⁶⁶ *Op. Cit.* MILLER, Daniel (2020).

¹⁶⁷ Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>.

as minhas interlocutoras não serão identificadas neste artigo. Para me referir a elas utilizarei as seguintes nomenclaturas: *interlocutora 1* e *interlocutora 2*.

As duas interlocutoras são jovens mulheres nordestinas na faixa etária entre 25 e 30 anos, atualmente matriculadas em cursos de pós-graduação de áreas distintas em duas universidades públicas do país.

É importante também registrar que não houve critério específico para escolha das interlocutoras. As duas mulheres, sendo doutorandas, nordestinas e integrando o meu círculo de relacionamento profissional, é algo que já revela como a interlocução com elas se efetivou a partir da convivência virtual e do afinamento da pesquisa.

Gênero e ciência no isolamento social

Marcia Rangel Candido e Luiz Augusto Campos (2020)¹⁶⁸, em um recente artigo publicado na *Dados - Revista*

¹⁶⁸ CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. *DADOS – Revista de Ciência de Dados*. 14 maio 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 1 out. 2020.

de Ciências Sociais, mostram-nos um breve recorte das consequências do atual cenário impactando a vida de mulheres cientistas. O artigo é intitulado *Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres* e apresenta dados concretos sobre como tem caído a atuação de pesquisadoras em diversas produções científicas.

É possível concluir de tais levantamentos padrões diferenciados entre as revistas: algumas detectaram quedas gerais de submissões de mulheres, outras não. Existem, por sua vez, as que demonstram tendências variadas, como a *American Journal of Political Science* (AJPS). (CANDIDO; CAMPOS, 2020)¹⁶⁹.

Na mesma linha de raciocínio, as cientistas sociais Bárbara Castro e Mariana Chaguri (2020)¹⁷⁰ analisam, sob um olhar de gênero, o recente cenário de mulheres cientistas do Brasil e do mundo que enfrentam as desigualdades de gênero enquanto profissionais. Elas argumentam que, no atual cenário de pandemia e isolamento social, a tendência é atenuar tais desigualdades, todavia, sabe-se que essa realidade já é vivida

¹⁶⁹ *Op. Cit.* CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto (2020).

¹⁷⁰ CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista. **DADOS – Revista de Ciência de Dados**. 22 maio 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/>. Acesso em: 1 out. 2020.

por muitas profissionais da ciência há muito tempo, seja em seus ambientes profissionais, tais como os departamentos de pesquisa, empresas corporativas e instituições estatais, ou ainda em seus lares, intensificando mais a situação, quando apontamos para o fator da maternidade.

Entendendo a importância da discussão e reflexão sobre tais questões, a contribuição que Castro e Chaguri (2020)¹⁷¹ nos traz é essencial para deslocarmos o olhar para uma percepção atemporal, visualizando o histórico difícil que muitas mulheres enfrentam no tocante às relações de trabalho nos mais variados segmentos do mercado. Para o campo científico, as autoras propõem

[...] a necessidade de uma política científica feminista, baseada na promoção de um ambiente acadêmico e profissional de respeito à diferença que marca a atuação de mulheres cientistas, no estímulo às suas ideias e inovações, bem como na necessária e urgente dissociação entre trabalho feminino e trabalho de cuidado. [...]. (CASTRO; CHAGURI, 2020).¹⁷²

Utilizando como ponto de partida as reflexões

¹⁷¹ *Op. Cit.* CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana (2020).

¹⁷² *Op. Cit.* CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana (2020).

supracitadas, apresento a seguir um compilado de minha reflexão etnográfica a partir do diálogo com minhas interlocutoras.

A *interlocutora 1* é uma pesquisadora da área de Ciências Exatas, branca e natural da periferia de Fortaleza/CE. Quando a contatei, por meio da plataforma *WhatsApp*, buscando uma interlocutora da área de Ciências Exatas, ela não hesitou em conversar comigo sobre como estava se sentindo durante o atual período da pandemia. Trocamos algumas mensagens e ela logo se disponibilizou a escrever-me um relato breve sobre os impactos do atual momento em sua vida pessoal e em seus projetos, enquanto pesquisadora em formação de doutorado, em um campo científico considerado “masculino”.

Ela inicia o relato falando sobre a dificuldade inicial enfrentada durante sua trajetória na universidade em um curso onde a presença de mulheres era mínima:

Na época, o curso era conhecido **pelo baixo percentual de mulheres na turma** e pelo alto índice de evasão devido à complexidade das disciplinas que fomentavam a ementa. Informações que **me desafiaram** a tentar fazer algo, aparentemente, tão difícil. [sic] (relato interlocutora 1).

Da graduação ao doutorado, muitas foram as dificuldades enfrentadas, todavia, recém- chegada em um campo ainda das Ciências Exatas, porém não na mesma área da graduação e mestrado, ela relata o desafio que foi o início do doutorado:

Em 2018 ingressei no curso de Doutorado [...]. O primeiro ano foi reservado inteiramente as disciplinas da ementa. **Um ano bem difícil e repleto de desafio.** Comecei o doutorado sem receber e sem qualquer previsão de bolsa, **sofrendo a pressão** pelo curso ter padrão internacional Capes 7 [...] **que tornaram o início do doutorado o maior desafio da minha vida!** [sic] (relato interlocutora 1).

Pode-se perceber que os impactos dessas pressões advindas dos padrões do programa têm sido experienciada por ela de maneira divergente daquela de seus colegas, a maioria homens. Refiro-me aqui ao fato de que existe uma relação subjetiva intrínseca entre ela – enquanto aluna mulher – e seu orientador e coordenador de programa – enquanto homens – que condicionam uma relação baseada em uma perspectiva de dominação operacionalizada de forma subjetiva, onde, embora não percebam, seus pares homens praticam ali uma dominação masculina. Esse fator é resultado de sua condição enquanto mulher e, sobretudo, em razão de sua presença em um campo

popularmente entendido e compreendido como uma “área de homens” (CABRAL, 2020)¹⁷³.

Atualmente ela tem trabalhado avaliando como as mudanças climáticas podem impactar os campos de precipitação e temperatura, durante todo o século XXI, sobre o setor de recursos hídricos no estado do Ceará. É uma pesquisa de alta complexidade e impacto social, tendo em vista sua relevância social e científica. Sua tese de doutorado tem sido produzida a partir dos resultados dessas avaliações e da elaboração de artigos científicos, o que também é uma exigência primária de produção científica do grupo de pesquisa que ela integra, cuja produção, mesmo diante do atual cenário em que vivemos, não pode parar.

Para este ano, antes de se iniciar o período de quarentena, a nossa nova remessa de atividades já estava em ação bem como já haviam disciplinas sendo realizadas. Dessa forma, **estamos tentando cumprir a agenda em casa e assistindo remotamente às aulas.** No entanto, **inúmeros são os fatores que atrapalham o desenvolvimento dessas**

¹⁷³ CABRAL, Carla Giovana. ‘Sobre nomes e (re)nomes: gênero, história e ensino da engenharia no Brasil’. In: GROSSI, Miriam; REA, Alessandra (org.). Teoria feminista e produção de conhecimento situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020. p. 185-199.

atividades em domicílio. A citar: a ausência de aparato material e um meio físico tranquilo, ergonômico e climatizado para o desenvolvimento das atividades (considerando que nem todos os estudantes possuem um lar confortável para tanto e por este motivo exerciam suas atividades em laboratório – eu, por exemplo); **ter que lidar com as atividades domésticas e questões familiares e pessoais** com mais frequência; e sofrendo com a incerteza de quando tudo será resolvido acerca da pandemia do novo coronavírus e tendo que lidar com os danos que isso está a causar em todo o mundo. [sic] (relato interlocutora 1).

O relato supracitado apresenta uma reflexão da *interlocutora 1* sobre como ela tem enfrentado as dificuldades nesse período, tratando-se especificamente do fato de que as atividades laborais terem que ser realizadas nas residências dos estudantes/pesquisadores, um ambiente de vulnerabilidade e ausência de estrutura, no caso dela. Em sua próxima fala, está presente a percepção da *interlocutora 1* quanto à sua insatisfação sobre a baixa produtividade nos trabalhos realizados remotamente no período de quarentena.

Eu, particularmente, **tenho sofrido com tudo isso**. De fato, **meu rendimento e produção acadêmica baixou significativamente**. Até consigo entregar minhas atividades no prazo, mas com **muito custo e sacrifício**. Difícil

trabalhar em casa sem um ambiente climatizado e ergonômico, repleto de distrações e com diversos problemas familiares e atividades domésticas para serem solucionados/realizadas. **Enquanto mulher, a responsabilidade doméstica continua sobrecarregando** (mais do que nunca) nesse período. É preciso, além de uma cumplicidade familiar muito forte, muita determinação para lidar com essa má distribuição de tempo e conseguir cumprir a agenda necessária. [sic] (relato da interlocutora 1).

A segunda pesquisadora que entrevistei para esta pesquisa, a quem vou referir-me aqui como *interlocutora 2*, é uma jovem negra, natural da região metropolitana de Feira de Santana/BH e da área de Ciências Humanas, residindo atualmente no Sul do Brasil para cursar o doutorado. Em uma de nossas conversas, percebi uma angústia em seu relato, relacionada ao contexto de quarentena, onde nitidamente é possível perceber um sentimento de medo e incerteza em relação ao futuro.

[...] já não consigo mais me concentrar, vem uma ansiedade, uma incerteza e as produções acadêmicas, você tenta focar nas produções acadêmicas porque poderiam ser um refúgio, mas aí você pensa em uma pandemia que tá matando tanta gente no mundo [...]. [sic] (relato da interlocutora 2).

Além de uma fala carregada de incertezas e angústias causadas pelo cenário de pandemia, a experiência de quarentena da *interlocutora 2* também é atravessada pela preocupação com seus familiares que estão no Nordeste do Brasil:

[...] tento estudar o tempo todo mas **não consigo me concentrar** porque eu tenho pensado muito na minha família que vive lá no nordeste, na Bahia. E a questão do isolamento social lá as pessoas não tem cumprido de uma forma correta e isso me preocupa muito. [sic] (relato da interlocutora 2).

Essa realidade tensa, encarada por muitas mulheres durante esse período de quarentena, certamente é uma questão que perpassa as subjetividades (SCHWADE; GROSSI, 2018)¹⁷⁴ delas, afetando drasticamente suas rotinas e produtividade, como é o caso da *interlocutora 1* e também da *interlocutora 2*, que se veem sem condições de manterem-se produtivas academicamente por conta dos atravessamentos angustiantes

¹⁷⁴ SCHWADE, Elisete; GROSSI, Miriam Pillar. Trabalho de Campo e Subjetividade: recuperando itinerários de diálogos. In: GROSSI, Miriam Pillar; SCHWADE, Elisete; MELLO, Anahi Guedes; SALA, Arianna (org.). Trabalho de campo, ética e subjetividade. Tubarão (SC): Copiart; Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2018.

que a quarentena, e sobretudo a pandemia, está causando.

Tento focar nos meus trabalhos, em relação a minha tese de doutorado eu ainda não iniciei porque é meu primeiro ano de doutorado. Eu estava iniciando as disciplinas, eu peguei duas disciplinas, no entanto **eu não consegui ainda ler um texto**, e assim não é falta de interesse, **eu tento, mas assim a mente ela tá a mil**. [sic] (relato da interlocutora 2).

Quando analisamos as falas dessas duas interlocutoras, observamos o quanto elas estão vivendo de forma angustiante a experiência de quarentena. Os dois exemplos mostram que as mulheres vivem estas angústias de forma mais intensa, devido à interseccionalidade de gênero, raça, migração – como é o caso da *interlocutora 2*, que é nordestina e reside no Sul do Brasil – e por serem de camadas vulneráveis socioeconomicamente.

Pra quem é migrante é muito mais difícil ainda, porque você não sabe quando esse vírus vai passar por conta do desenvolvimento de uma vacina, mas aí a gente **pensa nesse governo, nesse descaso** e percebe que **a situação não tem um fim** ainda definido [...]. [sic] (relato da interlocutora 2).

Diante disso, a insatisfação com a realidade política atual é um fator que reverbera na intensidade das angústias

atribuídas à quarentena. A *interlocutora 2*, uma mulher negra, sente também que a questão de raça no contexto da pandemia de Covid-19 é uma realidade preocupante e massacrante, escancarando a desigualdade e o racismo presente no Brasil, como bem explicitado em seu relato a seguir:

A gente fala que o país é **um país racista e desigual**, muitas vezes as pessoas questionam que não mas com **a pandemia foi algo que se evidenciou** e que **é sofredor quando você começa a analisar todas essas questões**, principalmente **voltada para o meu povo que é a população negra. Não tem como você não se tocar, não mexer na tua vida, no teu íntimo, na tua mente, os casos de racismo, de morte do povo preto.** [sic] (relato interlocutora 2).

Nos atravessamentos interseccionais incidem as múltiplas formas de discriminação e opressão em que, segundo Kimberlé Crenshaw (2002)¹⁷⁵, os indivíduos são assujeitados socialmente, intensificando e diferenciando o processo de discriminação entre os sujeitos. Nesse sentido, os atravessamentos interseccionais que afetam tais mulheres são

¹⁷⁵ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p 175, 2002.

evidenciados nesse momento de pandemia, sobretudo o marcador de raça, que, como diz a *interlocutora 2*, é algo difícil de lidar emocionalmente, vendo o racismo ser escancarado no país e acompanhando o maior número de mortes de pessoas negras durante a pandemia (FREITAS, 2020)¹⁷⁶.

Considerações finais

Em *A dor da tese* (2004), Miriam Pillar Grossi¹⁷⁷ nos apresenta uma reflexão pertinente sobre o lugar das dores e angústias nas produções científicas, em específico no processo de escrita. Tal reflexão perpassa a lógica subjetiva que atravessa o processo de desenvolvimento da prática científica, em especial na antropologia, onde, segundo ela, “Não há, portanto, antropologia sem escrita” (GROSSI, 2004, p. 219)¹⁷⁸.

A dor da quarentena, sobre a qual discorro aqui, utilizando como pano de fundo as vivências de minhas

¹⁷⁶ FREITAS, Viviane Gonçalves. As mulheres negras e a pandemia do coronavírus. Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus. ISSN 2675-4339. ANPOCS - Portal das Ciências Sociais Brasileiras, Boletim Especial n. 44. 20 maio 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2362-boletim-n-44-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>. Acesso em: 1 out. 2020.

¹⁷⁷ GROSSI, Miriam Pillar. A dor da tese. **Revista ILHA**, Florianópolis, SC, v. 6, n. 1-2, p. 217- 228, jul. 2004

¹⁷⁸ *Op. Cit.* GROSSI, Miriam Pillar (2004).

interlocutoras, mulheres jovens, pesquisadoras e estudantes de doutorado em áreas distintas, também é agravada por essa experiência de dor da tese (GROSSI, 2004), que nos incita a compreender que as angústias vividas na quarentena e oriundas dela são angústias que afetam suas carreiras enquanto pesquisadoras e estudantes, afetando, por consequência, também os processos de suas pesquisas e a produtividade incumbida nessa tarefa. A dor da quarentena vivenciada por essas mulheres é uma dor que se revela em suas falas como sentimentos de ansiedade, angústia e incerteza. São sentimentos e sensações que tomam a forma de dores que as afetam emocionalmente, intensificando de maneira negativa a experiência de isolamento, algo com o que já é difícil de lidar por si só.

O cenário de pandemia, sobretudo o de isolamento social, escancarou questões muito caras e pertinentes ao olhar das ciências sociais e humanas. Tais questões necessitam de reflexões e análises cada vez mais cuidadosas para compreendermos de fato como se dão os processos subjetivos que estão por trás do que vemos em contextos como o de pandemia. O objetivo desta pesquisa foi especialmente compreender as nuances incumbidas a diferentes realidades das

peçoas, especialmente jovens mulheres pesquisadoras, e que incidem sobre sua relação em lidar com os desafios do cenário de isolamento, desde as relações sociais com familiares até a relação profissional que recai sobre a sua atuação enquanto pesquisadoras e como tais questões afetam indiretamente a produtividade e a maneira de manobrar situações para resistir às dificuldades.



CONTOS

Ausências memoráveis

Mychelle Maria Santos de Oliveira¹⁷⁹

Portas fechadas. Silêncio no asfalto. Caos interno. Ao trilhar arbitrariamente o labirinto da solidão, a jovem encontra-se diante de uma mobília nunca antes analisada. Era um desses armários graúdos, intergeracionais, cuja natureza amadeirada exibia na superfície os anos de trabalhos já prestados. Faltava-lhe três puxadores e em sua extensão expunha numerosos adesivos desbotados de leitura incompreensível. Entre as nulas alternativas que lhe restara, a diligente proprietária optou por iniciar um empreendimento rumo a organização daquele móvel.

A abertura daquelas portas fez aquele primaveril corpo ser preenchido por pinceladas de arrependimento diante da decisão tomada. O armário trazia um amontoado de tecidos, cores, acessórios e outros objetos desconhecidos e desorganizados. Todo aquele conteúdo foi retirado e despejado sobre a cama, mas ao cogitar o gasto de energia que aquela atividade exigiria, a

¹⁷⁹ Graduanda em Psicologia (UniFacema). E-mail: mychelles@outlook.com

tarefa foi abandonada e o material foi posto em seu local de origem. Contudo, a falta do que fazer deu continuidade ao ritual antes iniciado: todas as peças foram removidas e colocadas novamente no espaço acolchoado.

De modo desprezioso, as vestes foram separadas em duas pilhas, uma que ia de volta para o guarda-roupa, outra, que seria encaminhada para a doação. Nesse movimento aleatório, uma peça despertou interesse e fez a jovem tecer uma mistura de contemplação e soturnidade. Tratava-se de um vestido confeccionado manualmente na arte do crochê. O vestido havia sido comprado exclusivamente para uma viagem programada aos lençóis maranhenses; apesar do planejamento ter sido desenhado a meses, o passeio foi cancelado um dia antes e o motivo não foi recordado. Delicadamente, a jovem dobrou a peça que nunca havia sido exibida.

O avançar da ocupação fez com que algumas blusas, shorts, casacos e calças fossem organizadas no estilo avulso, não despertando nenhum sentimento, apenas a vontade daquela atividade cessar logo. Na velocidade que a iniciativa assumia, uma peça enlaçou na pulseira que adornava o punho esquerdo. De início, nada chamou atenção, mas ao observar minuciosamente o estrago que a pulseira havia feito no tecido, aquele rosto até então

indiferente havia sido maquiado por inúmeras recordações. Observar leva a refletir e a reflexão torna-se uma porta sem trancas para a emersão de memórias e sentimentos, que muitas vezes não são bem-vindos em algumas ocasiões. A tal blusa, vítima da omissão e agora danificada, era tingida por uma espécie de verde, a coloração mais se aproximava do tom verde folha e sua face continha símbolos e estampas étnicas. Subitamente, veio a lembrança de que aquela peça havia sido fabricada para uma gincana dos tempos de escola, na qual não havia participado, ou porque não quis, ou porque não foi selecionada para compor a equipe representante. Preferiu acreditar nesta última, pois confirmava a hipótese da sua pequenez e irrelevância.

Logo mais, ao tocar uma jardineira jeans, a proprietária revestiu-se de uma postura decadente, era um misto de afirmação, distanciamento e desilusão. Isso porque a fez recordar tristemente de uma noite típica, na qual seu companheiro a chamou para conversar. Cerca de uns vinte e quatro minutos após o combinado, sua bolsa vibra com a mensagem do tal rapaz, porém as palavras enviadas não emitiram simpatia e respeito. No discurso o sujeito declarava que não poderia ir lhe fazer companhia, uma vez que iria sair com os amigos, e como um balde de água fria, a mensagem seguinte punha fim a relação que nunca havia

começado. Nessa narrativa, ela era Dom Quixote e ele, sua Dulcinéia. Ao recordar aquele dia, a jovem colocou mais um tijolo no império da solidão; pensou seriamente em colocar a peça na pilha que seria doada, mas gostava tanto daquela roupa, não pelo sentimento que despertava, mas pelo fato do modelo ser elegante e ter-lhe custado três meses de serviço árduo para que pudesse adquiri-la.

Recordar estava-lhe deixando exausta, então a jovem sentou na cama e desamassou uma saia de viscose, azul-marinho, com duas fendas laterais. Apesar de resistir, lembrou. A peça havia sido usada na comemoração do seu aniversário de vinte e três anos, no qual um total de zero pessoas havia comparecido, na verdade, nem sequer haviam lembrado da tal data, apesar do convite ter sido feito. Vinte e dois minutos após essa aventura pretérita, a jovem que a cada recordação não parecia mais tão jovial assim, pôs no colo uma regata de flamingo, que estava usando quando viu sua gata, sua única companheira diária, ser atropelada por um carro. Em suas mãos, estava um casaco cinza do curso acadêmico que havia trancado. O trabalho manual que havia sido iniciado para servir como fonte de distração do vazio, a fazia recordar de que ela era subtração, de que ela era ausências e pendências. Já vivia o isolamento antes mesmo da pandemia,

durante toda a sua existência, ou pelo menos, até quando conseguia lembrar. Erudita da insolência, se apieda no santuário dos desejos e carece de ruir relações. Só lembra do que não conseguiu estar. Apenas imparidades.

No progresso daquele ofício, experimentou um jeans surrado que usava na tarde ensolarada de carnaval, quando recebeu a notícia do falecimento da sua mãe. Na batalha de sentimentos diante da notícia recebida, ela desmaiou e recobrou a consciência, sozinha, pois ninguém havia lhe dado assistência. Se um estetoscópio houvesse deitado sobre seu peito, sentiria as angústias do seu coração, e quem sabe, até aquele instrumento inanimado se compadecesse daquela indelicada situação. Já ansiosa para o empreendimento findar, a jovem se assustou com um vestido que não lhe cabia mais, pois era de um período remoto, da época da infância, quando tinha uns nove anos de idade. Era um vestido junino, de quadrilha, trazia em seu bojo o azul cintilante, os babados vermelhos e amarelos, um corpete preto e sete laços coloridos, desalinhados e salientes. No busto tinham dois broches que haviam sido postos minuciosamente para dar brisas de agradabilidade ao vestido. Usava aquele figurino quando recebeu o comunicado de que seria substituída por uma outra dançarina que fazia jus aos adjetivos: beleza, simpatia e

influência. Todos eram mais, somente ela, menos... e nesse desarranjo de memórias, a jovem continuou a dobrar suas roupas e a colocar as peças já recordadas de volta ao armário.

A Minha História com Nietzsche sob o Divã: Um Ensaio Sobre a Solidão e o Isolamento Social na Pandemia do Covid-19

Maycon Douglas Silva Ribeiro¹⁸⁰

Todos nós em alguma medida da vida somos sozinhos. E tudo bem. Mas o que temos de novo na pandemia? A pandemia, a quarentena, o isolamento social, são conjunções que expressam revelações. É um novo momento para repensar a economia, a política, os laços sociais, mas, sobretudo a própria vida. Parece que agora se pode saber algo sobre a vida, se é que se pode mesmo saber, em última hipótese. Nesse momento algo pode ser dito: a vida é frágil. O inaudito COVID-19 provoca o pior e o melhor de nós, é fato! E observando essa fragilidade, pode-se dizer que o sistema e toda a estrutura de mundo que fantasiávamos também o é, pois precisa do humano para funcionar (pelo menos do ponto de vista coletivo e sistêmico), ao contrário disso nada funciona e tudo desaba.

¹⁸⁰Graduando em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO).
E-mail: douglasribeiro018@gmail.com.

Parece que agora temos que encarar de frente o nosso espelho e ver estampado nele o nosso próprio “Eu” tão frágil.

Com um pouco mais de tempo pode ser possível se perceber, talvez. Não pude escolher quando nem onde ou como. Apenas me ocorreu que eu me apercebesse, assim, num repentino fenômeno natural, aquele cujo a minha avó evita dizer o nome, teme como se fosse pessoa e amaldiçoa até a sua última geração.

O vírus é um só, porém, há que ser dito que nem de perto e nem de longe provoca em nós as mesmas sensações. Sim, não há igualdade social no país do caloroso carnaval... E se posso dizer algo mais sobre desigualdade social: para o rico, nestas conjunções, talvez, é mais um dia entediante regado a um bom vinho, um Chandon, provavelmente. Para o pobre, quem sabe, mais um dia que a fome aperta, afinal de contas, acaso, não há tempo para o tédio do rico. “É uma pandemia que exterioriza tédios diferentes, de lugares e condições opostas” ...

No entanto, há um ponto de consenso, todos aspiram sair dessa. Contudo, nessa ocasião em que naturalmente o tempo nos coloca em isolamento, os momentos de solidão podem servir de aprendizados sobre nós e para nós mesmos.

De repente, diante disso, agora se pode aprender, igualmente, o conceito de *resiliência* na Psicologia: adaptar-se às mudanças adversas e superá-las.

Custou-me muito caro a solidão, até que eu acho que aprendi a empreende-la. Eu achei que sabia algo sobre a solidão, percebi que não. Eu queria me livrar da solidão a qualquer custo. Foi impossível! Exclamou a solidão como quem fosse uma pessoa dizendo: ou você me ouve ou eu te devoro!

...Mais uma vez a esfinge se apresenta. Eu, quase sempre resistente, me vejo cedendo temerosamente à solidão...

Carl Rogers¹⁸¹, dirá que “quanto mais aberto estamos às realidades em nós, [...] menos nos veremos procurando, a todo custo, remediar as coisas”. É sobre não remediar que a filosofia de Nietzsche nos ensina.

Na filosofia, a solidão é uma de suas discussões centrais há muitos anos. Todavia, ao longo dos anos temos visto esse fenômeno da condição humana ser denegrida. Sua imagem até hoje não é a melhor. Ficar sozinho é quase um crime contra si próprio, parece.

¹⁸¹ ROGERS, C.R. Tornar-se pessoa. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 25.

É a filosofia de Friedrich Nietzsche¹⁸², que nos põe algumas reflexões para uma conduta possível. Para este filósofo: “estando só é possível desenvolver monólogos existenciais consigo mesmo”, ou seja, é possível desenvolver uma conversa consigo mesmo que gerará aquisição de muito aprendizado sobre si, até mesmo para também lidarmos melhor com o outro. Assim, Nietzsche indica que aprender a ser sozinho e/ou aceitar a solidão também pode garantir uma boa convivência com alguém. Daí a gente não se sufoca sendo e/ou estando só em algum momento da vida, e nem sufocamos quem nos faz companhia, exatamente porque aprendemos a ser e estar só.

Ainda para Nietzsche¹⁸³, estar só é uma arte, e é em função de poder estar só, que se pode aprender e reconquistar a si mesmo, é exatamente neste encontro com a solidão que se reconquista a própria vida. A solidão, portanto, pode vir a ser um lugar pedagógico para nós em todas as situações.

“Quem está só? - O homem receoso não sabe o que é estar só; há sempre um inimigo atrás de sua cadeira. — Ah! quem, portanto, poderia nos contar a história desse sentimento sutil que

¹⁸² NIETZSCHE, F.W. Humano, demasiado humano. São Paulo: Escala, 2013a. p.425.

¹⁸³ NIETZSCHE, F.W. O nascimento da tragédia. São Paulo: Escala, 2013b. p. 92.

se chama solidão!”¹⁸⁴. Talvez, Nietzsche dominou a arte de estar só.

Nós consideramos sempre que estar só é um tormento, e quanto mais nos livrarmos desse sentimento, desse lugar horrível, vai ser melhor. *Ligar a TV, pôr na Netflix, um filme, uma série, depressa, ligue o som e deixe tocar o rádio! Qual lugar vamos hoje, barzinho, sambinha, ou um show?! São muitas as opções para estancar o medo que temos de estar só, isso porque também temos medo dos nossos próprios fantasmas, e do silêncio, logo, estamos ansiosamente à procura de dissolvê-los no amontoado barulho da sociedade. Tudo porque queremos não estar só e pensar o mínimo em quem nós somos, “de repente, seja por isso que fazer terapia/análise é um pavor para alguns, foi o meu!”.*

Nessa lógica, seguimos para algumas conversas reflexivas em Nietzsche sobre a solidão, em aforismos ele diz:

“Estando entre muitos, vivo como muitos e não penso como eu; após algum tempo, é como se me quisessem banir de mim mesmo e roubar-me a alma — e aborreço-me com todos e receio a todos. Então o deserto me é necessário, para ficar novamente bom” (Aforismo 491).¹⁸⁵

¹⁸⁴ NIETZSCHE, F.W. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. Companhia das Letras: 2004. p. 215.

¹⁸⁵ NIETZSCHE, F.W. Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. Companhia das Letras: 2004. p. 304.

“A: Mas por que essa solidão? — B: Não estou aborrecido com ninguém. Mas sozinho pareço ver os amigos de modo mais nítido e belo do que quando estou com eles; e quando ameí e senti mais a música, vivia longe dela. Parece que necessito de perspectivas distantes para pensar bem das coisas” (Aforismo 485).¹⁸⁶

“Portanto devemos conceder a certos indivíduos a sua solidão e não ser tolos a ponto de lastimá-los, como frequentemente sucede” (Aforismo 625).¹⁸⁷

A solidão é, antes de tudo, recuperadora. É um descanso da vida coletiva (não que seja ruim), dos deveres na sociedade, das tantas máscaras que colocamos para o convívio em público. A solidão é necessária para restauração daquilo que conquistamos penosamente só: nós mesmos, é um repouso sobre aquilo que somos nós mesmos, algo impossível de ser feito coletivamente.

Pelo menos, especialmente, nas leituras em *Aurora*, *O nascimento da tragédia*, e *Humano, demasiado humano*, Nietzsche expressa uma aversão ao igual, ao que não é distinto, aos que compram a ideia de aglomeração em certo sentido. Seja

¹⁸⁶ NIETZSCHE, F.W. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Companhia das Letras: 2004. p. 302.

¹⁸⁷ NIETZSCHE, F.W. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala, 2013. p. 425.

por isso e ao contrário disso que a filosofia de Nietzsche nos ensina a aprender a cultivar a solidão, primeiro porque nos distingue, e segundo, porque é na solidão a chance de criação a partir de si mesmo, e para pensar bem das coisas. A solidão é a nossa condição criadora no mundo, é o lugar onde se pode expandir, é o afeto que sacode as evidências sobre nós e nos move. Quem deve fugir da solidão? Absolutamente ninguém!

A solidão é o afeto que tem voz, ela não mente sobre quem é você quando se encontra só. A solidão é o único lugar onde você pode ser você mesmo, com todos os seus defeitos, virtudes, agruras, e possibilidades de vir-a-ser no mundo.

Os meus agradecimentos à minha psicóloga e psicanalista Kathia Nemeth Perez, por “segurar a minha mão e caminhar comigo” nos meus momentos profundamente difíceis em que me faltaram as palavras e sobraram angústias, desencanto e incerteza, mas foi aí onde sobrou que me foi feito perceber que eu sou resiliente...

A rua

Leidiane da Silva Medeiros¹⁸⁸

Na rua quase vazia passava sempre um rosto sofrido. Mais um entre tantos rostos sem nomes e nem sempre enxergados, mas cobertos de lágrimas e suor. Na rua asfaltada, o sol refletia e reinava imponente, o rei do universo. Por ela, em uma segunda-feira, ao meio-dia, avistou-se um homem, desses que a gente olha e sente uma dor. Ele cambaleava tentando empurrar seu velho e pesado carro de mão, era como se afastasse para longe o peso da vida. Do pão que não tem, da paz que não chega. Tinha cabelos brancos, quase escassos, olhos profundos, a expressão de quem carregava o mundo nas costas, ou melhor, o puxava com as mãos. Os pés calçados com um velho chinelo, roupas velhinhas, mas bem limpinhas.

Empurrava para frente a dor, a fome, a miséria. Seu carro de madeira talhado pelo suor dos seus braços era sua vida, e sua fome era a mesma que os filhos sentiam. Falando nos filhos, eles o esperavam ansiosos. Esperavam o açaí, a farinha, talvez, o

¹⁸⁸ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Educação Especial com ênfase em Atendimento Educacional Especializado-AEE- Faculdade de Educação Paulistana- FAEP. E-mail: leidianemedeiros@ymail.com

peixe. Corriam pela pequena casa de tábuas velhas que o homem havia construído com suas próprias mãos. Não tinham muito: um fogão à lenha, quatro redes, dois pares de roupas que dividiam entre si, e agora nem podiam brincar lá fora. Era perigoso ser criança.

Todas essas coisas surgiram em um flash na mente do pobre homem que seguia quase tão invisível quanto um vírus; ele continuava andando, de novo e de novo. O homem invisível sempre ouvia dizer que por ali não podia seguir, que o ceifador, chamado Morte, pairava no ar. Ah, estava acostumado a enfrentar a morte e a própria sorte. Era um homem invisível, do Norte, da ilha, das águas que tudo levam.

Após caminhar exaustivamente pela rua, de longe, ainda era possível vê-lo. De repente, algo inesperado e embaraçoso aconteceu. Ocorre que aquela rua de asfalto era meio desgastada; na verdade, os moradores costumavam dizer que o asfalto era de Sonrisal, derretia facilmente, tudo culpa da chuva e dos carros grandes que passavam por ali, e acabavam por cavar buracos consideravelmente grandes. O carro havia emperrado em uma poça d'água e toda a mercadoria que transportava havia rolado rua abaixo.

Que infortúnio! Um alegre sol de meio-dia contrastava com aquela triste cena: o homem sozinho tentava puxar o carro enquanto enxugava o suor que insistia em escorrer pelo rosto. “Logo agora que estava tão perto de chegar ao destino, pensara ele, isso não podia ter acontecido!” Na rua quase vazia, poucos passavam, afinal, as pessoas estavam trancadas em casa, isoladas em seus próprios mundos, com suas mesas fartas e suas camas macias.

Lá estava ele. Após enxugar o rosto novamente, avistou um vira-lata que insistia em levar para longe um pedaço de carne que o indivíduo com muito esforço, havia comprado para seus filhos. Ninguém passava, ninguém o via. E o homem sentou-se na calçada com a camisa no ombro, as mãos sobre o rosto, como quem reflete sobre a vida. Seu estômago o avisava de que era preciso comer algo. Mas, o quê? Aquele velho e sofrido homem lembrou-se de quando tinha comida à mesa e desejou voltar no tempo.

Mas a realidade o chamara para o momento presente. Eram tempos difíceis e, certamente, ninguém passaria para ajudá-lo. Então, o homem pôs-se novamente a puxar seu carro que insistia em permanecer imóvel naquela poça d’água! Respirou fundo e olhou para o céu, rogou a Deus uma ajuda, um auxílio. Quando

voltou seus olhos para o chão viu um objeto, sorriu alegre, como quem achara um tesouro; viu seu pequeno terço que do seu bolso furado caíra. Quanta sorte, pensou ele!

A memória encarregou-se de lembrá-lo de certa ocasião em que seu amado filho, com um sorriso banguela no rosto, disse: “Papai, a mamãe disse que esse terço faz milagre e toda vez que eu estiver precisando de ajuda, devo pedir a ele.” Essa lembrança encheu seu coração de esperança. Agora, o homem sabia que não estava sozinho e que ser invisível não era um atributo tão somente seu. Havia um Deus invisível, em algum lugar, que viu sua dor e o socorreu.

E não era sorte. Eram suas preces sendo ouvidas. Nesse instante, de dentro de uma casa fechada, perto do infortúnio acidente, abriu-se uma porta, e dela saiu um outro homem, com ar de juventude. O oposto daquele de rosto invisível. Era alto, forte, bem vestido, certamente já havia comido o pão dos justos. O velho homem não se atreveria a pedir ajuda. Continuou imóvel. Mas, para sua surpresa, aquele desconhecido ofereceu-lhe a mão, e em tempos em que as mãos se fecham, os abraços cessam e a distância parece justificável. Era um feliz encontro.

A rua não estava mais tão vazia. O jovem homem que ofereceu ajuda também precisava ser ajudado. Que alegria poder ser recompensado! Acontece que ao sair de casa, em pleno isolamento, o jovem buscava um alento para sua alma aflita. Enquanto ajudava, contou-lhe que sua pobre mãe estava internada há dias e ele não podia vê-la. Era angustiante, dissera. Sentia medo de perder aquela que o havia gerado e amado. Os dois ficaram ali, distantes fisicamente, porém com uma proximidade de alma.

O velho costume dos homens do Norte, do abraço forte, foi deixado de lado. Mas, na guerra, o bom soldado sempre arranja um jeito de ser grato pela ajuda recebida. O velho homem levantou seu pequeno terço e de longe disse: “Rezarei por ti!” É certo que esse gesto simples alcançou o novo amigo que, de longe, sorriu e inclinou a cabeça em respeito ao velho amigo. E os dois se envolveram em um forte abraço invisível.

O homem com seu terço na mão sorria, ensaiava uma esperança de que logo ao dobrar a esquina, veria um mundo novo. Então um choro alegre o consumiu. O asfalto e o sol do meio-dia não o assustavam mais, pois, no fundo, sabia que tudo era uma questão de tempo. Por um instante, ele não era mais invisível, era

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia
de sol, de esperança atrevida. E o peso da vida? Descansou
sentado no seu carro de mão.

Amizade Incomum

Tatiane Moraes Chagas¹⁸⁹

Na entrada, precisamente na lateral direita de um sítio no interior do Pará, encontra-se uma árvore frondosa com folhagem em formato piramidal, imponente estrutura e aparente posição de sentinela. Jambreiro de frutos avermelhados e carne macia, exerce postura de dominância no território.

O misterioso emaranhado de seus galhos, não evidentes externamente, abriga uma quantidade variada de insetos e serve, esporadicamente, ao lazer de sabiás, arañas, bem-te-vis, rolas entre outros pássaros nativos. Este ser tão funcional embeleza ainda mais a rica paisagem de um lugar naturalmente provido de graciosidade e exuberância.

Um olhar desatento não alcança estas funções, tampouco a superioridade de seu cume. Infeliz desconsideração, pois a composição de seu conjunto revela um paraíso vegetal em forma de árvore. É um verdadeiro representante dos quintais e matas paraenses.

¹⁸⁹ Estudante de Psicologia da Universidade Federal do Pará.
E-mail: tatiane.moraes.chagas@gmail.com

Neste cenário particular, outrora frequentado assiduamente, pairava um silêncio natural das coisas abandonas pela civilização. Contudo, seria preciso receber novamente um grupo de humanos advindos dos mais longínquos abrigos citadinos, uma vez que os infortúnios de uma inconveniente pandemia os obrigara a isto.

Não foi difícil imaginar que um êxodo repentino destinasse famílias inteiras a esses recônditos florestais. O distanciamento dos centros urbanos se fazia necessário, pois os focos maiores de contaminação estavam lá. E oportunamente via-se que melhores locais seriam aqueles sítios tão bem arborizados e reservados nas regiões interioranas.

Um lugar paisagístico. Uma garota esperta. Um tempo oportuno. Uma amizade incerta. Estes elementos compuseram uma singular história nada convencional. Ela, garota do interior, cresceu em meio à flora paraense e vivenciou os prazeres e estímulos de um mundo repleto de cores e sabores vivamente explorados. Foi muito feliz contemplando e desfrutando a oferta generosa da natureza. Valorizava ardentemente as dádivas que recebia e sempre agradecia por ser tão agraciada.

Apesar de amar tanto o lugar onde morava, o tempo passou, seus objetivos profissionais lhe inspiraram novos voos distantes dali, visto que seu querido lugar não disponibilizava os recursos para sua evolução na carreira. Ela não era simplista, acomodada nem fatalista. Buscava condições mais favoráveis às suas aspirações. Assim, enveredou-se por caminhos opostos à calmaria de sua terra. Foi para a cidade grande, formou-se, destacou-se em seu ramo de trabalho e vivia o ritmo característico das grandes metrópoles, acelerado, frenético e por vezes monótono.

Precisou, contudo, interromper tudo isso para voltar rapidamente a sua terra natal. O cenário pandêmico foi o causador dessa repentina viagem. Avassalador, intrigante, transformador e cruel. Um vírus com poder letal e altamente contagioso, sucumbiu uma vasta parcela da humanidade, adoeceu outra parte, obrigando também as pessoas a enclausurarem-se voluntariamente para salvaguardarem-se.

Diante disso, o que a garota forjada na aresta do sol ardente viu de diferente? Não foi o medo, muito menos a angústia, já que há tempos fora acometida por uma ansiedade crônica que lhe causara adoecimentos. Convivia constantemente com essas sensações, sem, contudo, ostentar segurança em conduzi-las.

Sentiu, na verdade, algo inesperado, uma extraordinária atração, um fascínio incompreensível por aquele jambeiro anfitrião.

Não supunha que naquela idade algo assim lhe causasse efeitos surpreendentes. Talvez, no seu entendimento, fossem situações atrativas para uma infância saudável, cheia de histórias e imaginação fértil. Ocorreu, todavia, um entrosamento espontâneo e agradável. Ela, irresistivelmente, tornou-se amiga fiel da planta. Não refletiu imediatamente a que encanto estava entregue, entretanto, sabia que algo superior despertava uma enigmática conexão em seu espírito.

Já habitando o bucólico sítio, deleitava-se ora lendo seus inspiradores romances, ora cultivando sua nova amizade. Nos dias que ali passava, sua maior satisfação consistia na junção desses prazeres, não raras vezes empreendida. Em seus primeiros contatos com a árvore viu apenas defeitos chocantes: a excessiva queda de folhagem que cobria parte do terreno e a irregularidade de suas atrevidas raízes. No entanto, com o tempo, notou que sua presença lhe agradava e que aquele arbusto problemático tornava-se um adorável companheiro. Vivia, assim, dias incríveis, repletos de aventuras, conversas, risos, toques e afetos.

Certo dia, após contemplar por semanas a luminosidade atraente de suas belas e aromáticas flores, percebeu que o tão almejado fruto não despontava. Passaram-se mais alguns dias e nada. Impaciente, quis acabar energicamente com a parceria que espontaneamente nutria pelo amigo incomum. Não o admiraria mais nem lhe daria o prazer de sua presença. Fortemente inclinada a desprezá-lo e romper sua fraternidade, insinuou pisadelas e empurrões que eram indiferentes ao adversário. O acusou de ingratidão, de frieza e insensibilidade. Após minutos de severas repreensões, virou-se, olhou para o céu, deu um profundo suspiro, desenrugou a fronte e refletiu por um instante que poderia estar sendo injusta ou até mesmo imatura. Sem falar que não havia motivos para ter pressa, afinal para onde iria em meio ao isolamento social? Praias? Clubes? Aniversários? Festas? Não, não podia. Não convinha. Então pediu desculpas ao amigo que com sua solidez de caráter suportou os insultos e perdoou a ofensa.

Apaziguados, tornaram a envolver-se ternamente. A garota, disposta a preservar essa paz, sentou-se debaixo do abrigo sereno dos galhos de seu cúmplice e facilmente adormeceu embalada pela doce melodia produzida pelo contato do ar com suas folhas. Foi despertada com a dureza de algo caído em sua

cabeça. Notou em seguida que havia sido presenteada com um suculento fruto, novinho, farto e perfeitamente distribuído. Saboreou sua recompensa avidamente, emitindo um olhar de agradecimento e satisfação.

Embebida por um êxtase gustativo, concluiu que apesar de demorada, inquietante e às vezes aflitiva, a espera é necessária e importante. Há coisas que só o tempo pode produzir. O mundo, naquele momento tão delicado em que um vírus novo era disseminado com grande velocidade sem que houvesse vacina ou tratamento eficaz para combatê-lo, precisava irremediavelmente esperar. Esperar um desfecho científico favorável à eliminação do mesmo ou pelo menos um controle maior da situação. Esperar um amadurecimento governamental para a condução correta das nações, já que muitos povos sofriam pela incapacidade de seus representantes ou pelo descaso com a saúde coletiva. Esperar que, assim como aquele jambeiro, chegasse o momento de uma frutificação verdadeiramente satisfatória, aliviando a agonia e o sofrimento de uma humanidade vulnerável.

(EN)cont(r)o: do desgarnecer à libertação no isolamento

Antônio Soares Junior¹⁹⁰

Na cidade de Belém do Pará, em mais uma tarde chuvosa no findar do mês março, do inusitado ano de 2020, o jovem universitário de 22 anos, Patrick, assiste impactado aos noticiários sobre o novo coronavírus, seus grupos de Whatsapp não falam de outra coisa e a confirmação da gravidade de tudo aquilo que a ele parecia estranho veio com o cancelamento de suas aulas e a ligação de sua mãe o chamando de volta para casa.

Em menos de uma semana, Patrick arrumou suas coisas, despediu-se do namorado e pegou o barco de volta a sua terra natal. Em seus ombros, além de sua mochila, carregava suas ansiedades, seus medos e suas inseguranças do que estava por vir, era a primeira vez que encararia sua família, após publicar em suas redes sociais seu relacionamento com outro homem.

Ao desembarcar na pequena cidade que o vira nascer, Patrick já pôde perceber vários olhares o perseguindo,

¹⁹⁰ Arte Educador e Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: junior8830@hotmail.com

acompanhados de risadas e cochichos, sentiu-se congelar, mas após uma respiração profunda conseguiu caminhar até seu destino.

Chegando em casa, seu nervosismo não cabia em si, mas sua mãe, sem pestanejar, o abraçou tão forte que tudo aquilo se transformou em conforto, mas só por um breve momento. Dona Maria, mãe de Patrick, começou a chorar e orava em alto e bom som que naquele momento clamava a cura de seu filho e que as tentações da cidade grande transformaram seu filhinho em uma aberração. Dessa vez, Patrick não conseguiu descongelar e meio sem rumo disse que estava cansado e precisava dormir, talvez dormir para sempre, ele não conseguia lidar com a sensação de ser mais um peso na vida de sua mãe.

Dona Maria, 53 anos, criou seus três filhos sozinha lavando as roupas da família de um fazendeiro da região. Evangélica, encontrava em Deus forças para lidar com tudo sozinha. Em tom de brincadeira, era acusada por seus filhos mais velhos de preferir o caçula Patrick, pois o rapaz era muito apegado à mãe e sonhava em estudar para dar uma vida mais digna a ela.

Aos 20 anos, Patrick passou no curso de licenciatura em geografia em uma concorrida universidade de Belém, o orgulho não cabia no peito de sua mãe que pendurou uma faixa em comemoração na entrada da cidade, ele era o primeiro da família a conquistar algo assim, em suas conversas sempre falava de seu caçula e foi assim até que um dia sua amiga da igreja mostrou uma postagem no Facebook de Patrick assumindo um namorado em Belém.

Desde então, a relação de Patrick com sua mãe foi tornando-se mais distante, somente ligações rápidas e curtas mensagens pelo celular eram trocadas, parece que propositalmente para que o assunto em questão não viesse à tona, apesar de Patrick já saber de tudo pelos seus irmãos, ele evitava a todo custo encarar sua mãe.

Para Patrick, ficar em isolamento com a família era expor-se para os seus entes de uma forma que ele nunca permitiu ser visto e, para sua mãe, era encarar aquela realidade longínqua bem à frente dos seus olhos. De um lado, um jovem rapaz sentindo-se culpado por causar dor e tristeza a sua mãe e, de outro lado, uma mãe sentindo-se culpada de não ter dado um pai para o menino, pois dentre as suas desconfianças acreditava que havia faltado

uma figura paterna para que aquele pequeno menino se tornasse um “homem de verdade”.

Passavam-se os dias, mas o constrangimento do que aconteceu na chegada de Patrick ainda pairava no ar, nada era dito sobre o episódio e nem sobre o que o filho caçula fazia em Belém, os assuntos constantemente giravam em torno da infância e das coisas que aconteceram antes da partida do caçula, sempre acabando em gargalhadas por alguma história de travessura ou traquinagem que era levemente interrompida com as trocas de olhares dos familiares que se davam conta de que o pequeno Patrick ainda era o mesmo.

Dona Maria passou a questionar-se onde estava aquele Patrick monstruoso que atormentava os seus pesadelos, que as pessoas em sua volta diziam orar para ele se recuperar e que estava condenado ao inferno. Do outro lado, Patrick começava a se incomodar por estar sentindo vergonha de ser quem é por completo, ele estava morrendo de vontade de contar para sua mãe sobre a faculdade e principalmente como conheceu seu namorado, sobre estar apaixonado, coisas que seriam extremamente comuns se seu relacionamento fosse hétero/cis e mal sabia ele que, pelo menos sobre a faculdade, dona Maria estava morrendo de curiosidade de saber, porém morria de medo

do que poderia ouvir. A verdade é que os dois precisavam conversar, restabelecer os laços, resgatar a cumplicidade e ambos sabiam disso, alguém precisava dar o primeiro passo.

O fatídico dia chegou, era uma manhã ensolarada de maio e logo após o café da manhã, mãe e filho se procuraram e quase que em um ensaiado dueto falaram unissonamente que precisavam conversar. Em tom mais amistoso, dona Maria começou perguntando sobre a faculdade, todo empolgado Patrick disse que ia bem e falou de suas disciplinas favoritas, das suas experiências de estágio e de seus perrengues universitários, ambos riram e Patrick perguntou como estava a vida da mãe, trabalho, amigos, essas coisas. Passados esses assuntos, um silêncio começou a tomar conta da sala e Patrick se intimidou em falar sobre o que estava disposto. Como em uma volta ao passado, dona Maria vê nos olhos de seu filho caçula aqueles olhinhos de quando ele era criança, justamente de quando precisava contar algo que lhe causava medo, tipo revelar que quebrou um vaso, levou uma bronca da vizinha por apanhar fruta no quintal alheio, mas ela sabia o que estava por vir.

Em um sopro de coragem, dona Maria indagou: “Eu soube que você está namorando, filho. Como ele (o namorado) está?”, Patrick corou-se, não sabia o que responder, mas estava feliz com

o questionamento e soltou: “Ah, ele está bem!”. Então, dona Maria retrucou: “Ah, que bom, meu filho! Só quero que você seja feliz”.

Hoje completam 60 dias que estou em casa com meus familiares e, nossa, eu estava sentindo tanta falta que nem me dava conta, os pesos que eu trouxe nos meus ombros já estão mais leves, minha mãe ainda não chamou o Aldo, meu namorado, para vir visitá-la e conhecê-la, porém minha irmã já me contou que ela pediu para ver a foto dele e o achou bonito, acho que é um bom começo. Ainda é bem incerto quando tudo isso de quarentena vai acabar e quando vai voltar tudo ao normal, mas sinto que já reconstruí um novo “normal” aqui em casa. Dedico esse (en)cont(r)o a todos os Patricks que estão passando ou passaram por momentos difíceis nesse isolamento, nem sempre nossos familiares serão como a dona Maria, mas saibam que somos potência e nossa existência já mudou gerações e mudará muito mais, sintam-se abraçados.

Zeitgeist

Caroline do Socorro Lucena da Rocha¹

Sempre admirei grandemente essa expressão: *Zeitgeist*. “O Espírito da Época”. Lindo! Dava-me a representação de inúmeros sentimentos, sentidos e histórias de determinado período cultural. Capítulos revolucionários, ilustres navegações... o romantismo algo distante, de uma era que já inexistente. Eis que a ironia se apresenta; como apreciar tanto uma ideia e agora vivenciá-la tal a única maneira de traduzir o que se passa em nossas mentes e corações?

“Quando tudo vai acabar?” – Questionamo-nos a cada amanhecer. O cenário, tão semelhante ao que muitas vezes analisei em filmes, com doses inverossímeis, é hoje nossa realidade. Mesmo sem tanques, sem ameaças aéreas ou destroços, a dor de uma incerteza quanto ao futuro é apavorante. Nosso inimigo não tem face, não existe uma imagem para quem lançarmos nossa ira. Apenas um nome, um termo e uma advertência.

No primeiro mês, o balbuciar do conflito, as dúvidas quanto ao real e o imaginário: “Isso é coisa de gringo”. “Isso é doença de rico”. “É algo passageiro, algumas semanas no

máximo”. “Não pode ser tão grave”. “Não chegará até aqui”. “Não nos atingirá”. “Não merecemos”. “Não existe”. Não, não, não!... Parecia exagero, parecia uma quimera. Prosseguimos nossas rotinas, “ora, as coisas nem iriam mudar tanto assim!”. Festejamos a vida, celebramos a morte. Tocamo-nos, beijamo-nos. Fizemos nossas preces. Rimos e choramos, com a naturalidade do tempo. Enfastiamo-nos do usual, reclamamos de nossos empregos, da demora no *self-service*, da fila no cinema, da música de elevador, das roupas fora de moda, da falta de novidades, da monotonia, do marasmo, do trânsito, dos afazeres; dos vizinhos, dos mestres, dos colegas de faculdade, dos filhos, dos irmãos, dos genitores, dos amores; da chuva, do sol, do calor, do frio... alvorecer ou ocaso, reproduzíamos o roteiro sem prelúdios, sem entreatos, apenas singulares e respectivos monólogos. Enquanto isso, víamos os noticiários de maneira esporádica, aguardando a recepcionista avisar que o Dr. Sicrano, em breve, daria o prognóstico de que nossa saúde estaria excelente, se maneirássemos certos modos. Descrentes da veracidade, comentávamos com o sujeito ao lado o quanto aquilo parecia estranho e, no fundo, parecia mesmo.

Dia após dia, entretanto, unidades tornaram-se dezenas, dezenas centenas e, sem percebermos, já estávamos esvaziando

nossos escritórios, fechando nossas lojas, abandonando nossos gozos. Na pracinha, alguma gangorra fora deixada em movimento. Uma lancheira esquecida na cantina, um ingresso devolvido, uma passagem trocada para qualquer data que, provavelmente a essa altura, modificou-se outra vez. Voos cancelados, estradas bloqueadas. Planos interrompidos. E ainda sem perceber, pouco a pouco, estávamos lotando farmácias, mercados, conveniências e hospitais.

Portas se fecharam, janelas se abriram. Trancamo-nos. Encerramo-nos. Tornamo-nos animais no inverno. Alguns, demasiadamente assustados, estocaram provisões. Outros, semelhantes à cigarra da fábula, cantaram o exagero em melodias agudas e desditosas. Porém, estamos aqui agora, todos aqui, recolhidos em nossas tocas, observando a vida nos atravessar, pois diferindo das criaturas silvestres, o sono não é nosso consolo, tal hibernação não nos permite repousar, e sequer temos ideia de quando a primavera trará consigo a liberdade. Um a um, os minutos se arrastam no relógio, porquanto deixamos de calculá-los. Fomos obrigados a esperar, sem saber exatamente pelo o que estamos esperando. Os jornais trazem números, datas, mas não trazem certezas. E assim, inscientes de tudo, uma semana após outra se esvai...

Em meados de abril, ainda não conseguia acreditar que ao exato segundo, no qual as letras surgiam à minha frente, a civilização praticamente silenciara-se. Não havia parques funcionando, repletos de crianças lambuzadas de sorvete. Não havia Cafés abertos (seja aqui ou nos *boulevares* de Montmartre), com luzes brancas e atendentes perfumadas. Não havia *premières* ou cartazes expostos, com faces estonteantes e cenários em perspectiva. Não havia *fast-foods* exalando capricho aos ociosos fregueses nos balcões do “Mac”. Todas as apostas canceladas em Vegas, nada de folias em Milão ou mesmo nossos apetecíveis *happy hours* de sexta.

No segundo mês, tanto letárgicos, começamos a perceber que determinado tom de azul não combina com as paredes do banheiro, que uma aranhinha marota deixara um grande rastro de sua armadilha no corredor, e que algumas dobradiças do armário precisavam de óleo. Finalmente passamos a dar importância às notícias, tornando-se estas a atração matinal, a companhia vespertina e o horário nobre das madrugadas. A dúvida solidão experimentada: saber que o planeta inteiro acompanha tal panorama e, contudo, nos sentirmos desamparados em próprias aflições. Seria este o momento de confrontarmo-nos? Um cristal ou qualquer superfície reflexiva nos fora posta adiante. Nas

sinestésias, uma voz sussurrou em nossos ouvidos, ricocheteou em nossas meditações, almejando ser escutada. Quiçá ainda esteja falando, escoltada pelas sirenes que eventualmente passam nas ruas (embora muito mais do que antes). Notório o singular aroma etílico e a textura desconfortável do poliéster; nossos semblantes tiveram de se contentar com apenas uma parcela visível, até porque sorrisos estão ficando mais escassos.

Não quero ser pessimista, afinal, ainda que por um motivo tão mórbido, também fomos “obrigados” à convivência. Por séculos aprendendo a vida em sociedade, para então retornarmos origens: à mesa posta, aos talheres lavados, enquanto conversas amenas discorrem na cozinha; às velhas receitas hereditárias, as histórias que emendavam serões, presentemente contadas ao pé do sofá. Às faxinas, às lembranças ocultadas pela memória recente, às habilidades que um dia nos envaidecemos de possuir, *etcetera*. Impossível negar, porém, que todas as vezes em que abro o guarda-roupa lastime as peças abandonadas sem explicação (*hélas!*), desejando usá-las novamente e contemplar minha vaidade no espelho. Não irei negar ainda que, olhando para o entardecer, busque respostas ou questione o destino.

Logo percebemos que grande parte do outrora considerado “essencial” pode nos ser retirada com a idêntica

rapidez que uma onda se abate sobre a tripulação. Nossos trajés não carecem mais de adereços, nossas madeixas estão contidas, nossas faces límpidas. Presunções e futilidades diárias rasgadas ao meio. Água e Sabão: Itens sumários, vitais. E aqui, irrelevantes são as marcas, os valores ou a procedência, contanto que a assepsia seja eficaz. Percebemos que existem medos, fracassos e lamentos que não estão em nossa veleidade impedir. Que anjos, heróis, monstros e guerreiros são frutos de construções e conjunturas; habitantes de qualquer local e emissores de nobrezas ou perfídias, a depender da ocasião. Percebemos, igualmente, que existem alternativas, reinvenções, novas óticas de contemplação. Reaprendemos o significado das palavras *saudade* e *distância*. Aprendemos a distinguir desejos de necessidades e o quanto olhares são preciosos, o calor das mãos acolhedor e o abraço nostálgico. Aprendemos que a Fé não se resume a um templo, que existem grandes semelhanças entre a sala de aula e a de estar, que uma camiseta e um par de sapatos podem ser o suficiente. Todavia, agora que até mesmo os suspiros precisam ser dosados, será que enfim aprendemos a Respirar? Será que enfim aprendemos a contemplar alguém com sinceridade, reconhecendo-lhe o direito de compartilhar o mesmo anelo?

No terceiro mês, apesar de tardios, começamos a entender que as coisas já ultrapassaram o nosso controle. A culpa, de pronto, atirada aos quatro ventos: o governo, a mídia, a discussão ideológica, a poluição ambiental, as placas tectônicas, o apocalipse... O paradoxo igualitário plenamente concebido: Fique em casa (se tiver uma). Fique em casa (se ela for um lar). Alimente-se (até quando puder). Durma (se conseguir). Isole-se. Distancie-se. Um metro, de primazia... no metrô, nos bancos e na emergência. “Estamos no mesmo barco”, decerto – as cabines da primeira, segunda e terceira classe já foram devidamente ocupadas. Nesse meio termo, interrogamos ocorrências em cada ângulo, em cada direção. Direita & Esquerda. Acima, abaixo. Não obstante, talvez seja a hora de focarmos em determinados vértices: dependíamos e ainda dependemos uns dos outros. Ciência, medicina, política. Ah, tão proporcionais quanto o bom senso, compreensão e respeito nosso e dos nossos!

Ao quarto mês, cá estamos... adaptados? Quem sabe? Com pesar, avalio que parecemos haver nos acostumado com certas coisas. Os temores antigos foram usurpados pela ousadia, pela indiferença ou mesmo pela negação. Deram-nos permissões outra vez, voltamos a ocupar espaço, tornamos às reuniões, às ruas e aos costumes; hábitos envelhecidos, aquele “dar de

ombros” costumeiro. Ontem fui à janela. O luar despontava, lançando seu brilho sobre os mortais e, tal o costume, desejei apreciá-lo. Vento abafado, minúsculos carros sobrevinham, por inexplicável razão, meu olhar não se dirigiu de imediato ao firmamento; na avenida, doze andares abaixo, o silêncio se fazia imperar. Meus pés não a tocam desde março, e mal pensara nisso até o momento, tampouco de como sentia falta da lúgubre claridade nos postes ou dos sons eminentemente urbanos. De forma curiosa, a vizinha do prédio seguinte reproduzia a minha atitude, debruçando-se na sacada, a contemplar o asfalto. As mesmas grades nos separavam do horizonte. Limitei-me a observá-la, cobiçando adivinhar seus devaneios, partilhar com ela alguns dos meus. O que restou de nossos zelos? Reminiscências, memórias perdidas, arquejos e lágrimas. *Gloomy Sunday*, em plena quinta-feira. Não acabou, a despeito das concessões, não estamos aliviados.

Eis então que me questiono: Tudo isso é ocasional? Será que apenas uma terrível eventualidade se estendeu por sobre o mundo, generalizando horror, amargura e contestação? A fúria do tempo. Crime e Castigo humanos, divinos. A delirante ode a Pã O prantear de Gaia que, cansada de tantas iniquidades, mais uma vez revelou sua outra face: a face da Mãe que também pode

castigar, da Mãe que, na justa medida de seu acalento, possui também o direito da correção. Consideremos o que acharmos apropriado, objetiva ou metaforicamente, no entanto, não fechemos os olhos ante tais decorrências. *Desafia a dor*, continuo a repetir ante meus próprios lamentos. Talvez seja a hora de compreendermos alguma outra lição, redigirmos acerca de nossa avidez luxuriante, de nossa impermeabilidade aos sentidos, de nossos excessos, faltas e injunções. Ou, simplesmente, dadas as circunstâncias, talvez seja a hora de perguntarmos como anda a nossa imu(huma)nidade.

Belém, 23 de julho de 2020.

Reencontros no Improvável

Cláudia Pires Maués¹⁹¹

No dia a dia da vida nunca daria para imaginar tal situação: que um vírus viesse nos causar tantas tristezas e sofrimentos. Pensamos em um fim do mundo bem catastrófico, mas não desse jeito! Chegamos a acreditar em um novo dilúvio, no mundo pegando fogo, na terra explodindo, mas dessa maneira, não mesmo!

Um vírus maléfico, sem fronteiras. Sem uma cura. Bom, parece que estamos morrendo aos poucos. Não me refiro à quantidade da dor, mas à proporção. E, que mesmo com os mil que já se foram, é pouco diante do fim da humanidade.

Um vírus: COVID-19 “Corona Virus Disease” (Doença do Coronavírus de 2019), “Novo Corona”. Nossa! Ainda foi nomeado com nome de “coroa” por parecer com esse objeto que ornamenta pessoas imperiais, que dizem ser escolhidas por Deus. Que absurdo! Só se Deus quer, realmente, nos castigar. Não creio nisso!

¹⁹¹ Cláudia Pires Maués – Graduanda em Licenciatura em Teatro – Universidade Federal do Pará – UFPA. Email: claudiamaués@yahoo.com.br

O fato é, que embora a divulgada existência desse “senhor Covid19”, não tenha sido muito boa para o mundo, diante de seus efeitos: febre, dores, morte, confinamento social, colapso da saúde, paralisação da economia entre outros. Apesar de tanta crueldade, ainda assim, podemos ver o lado bom desse momento. Não me condenem, por favor, por pensar assim!

Vejamos: muitos de nós atribuíamos ao tempo, o fato de não ligarmos, visitarmos, mandarmos sequer um “oi” virtual para amigos, às vezes, até para avós, pais, tios enfim. Hoje, não podemos dizer isso. Não podemos colocar a culpa

no coitado do tempo, não, ao contrário! Alguns de nós têm tempo suficiente para enviar trezentos milhões de “ois” para as famílias e amigos.

As desculpas, de querer implementar um projeto particular e não fazê-lo, não cabem mais! Itens da “natureza doméstica” e da “escravidão feminina”, já não existem, pois o “COVID19” impulsionou mulheres a desenvolverem atividades diversas e aos homens a fazerem incumbências, antes, só realizadas por mulheres, como, cozinhar. Vontades que estavam

adormecidas. Habilidades que lhes foram tolhidas por muito tempo e agora, as estão exercitando.

Hoje, homens fazem questão de mostrar suas produções de bolos, receitas da vovó, da titia, o “bolo de limão”, o peixe de forno. Sem acreditarem que isso os diminuem como indivíduos. Fazem questão de tirar fotos e colocarem em suas redes sociais e ficam envaidecidos de tal realização. Que fenômeno! Alguns vão dizer que essa observação é tolice, pois eles já cozinhavam, já expressavam suas disposições em cozinhar.

Pois é, mas apenas cozinhar sem pretensões isso que é o diferente. Esta que é a singularidade do momento: rever em suas memórias os paladares de um tempo que passou. Retirar do baú, de suas memórias, aquela receita que a mãe fazia e que todos reuniam em uma tarde de domingo e se deliciavam e, ao mesmo tempo, era o momento de ouvir e contar histórias. De rir e se lambuzar de lembranças do “cheiro” de um alimento que poeticamente nos atravessa no tempo.

Nossa, quando isso tudo terminar vou cobrar todos os convites de chás, de cafés, de almoços! Porque todos os homens e mulheres têm reafirmado seus convites a cada receita que deu

certo. Isso é lindo! Podemos dizer que é uma boa consequência desse “COD.19”.

As leituras e as músicas são fatores que viraram “as queridinhas das pessoas”, mas vejam bem: não foram essas músicas que tanto as mídias nos últimos tempos nos impuseram, ao contrário, há um saudosismo dos “velhos” tempos, das “músicas de velho”.

As apresentações ao vivo, as belas canções estão sendo rememoradas, revisitadas. Como é bom ouvir artistas já consagrados, amigos talentosos, amigos que cantam “para seus males espantar”: “Rua ramallete”; “Construção”, “Oração ao tempo”, “A linha e o linho”, “Travessia”, entre outras músicas, que fazem um grande bem para nossos ouvidos e alma e que são cantadas por mulheres e homens com suas vozes maravilhosas!

Além disso, aproveitar o momento para conversar, isso mesmo! conversar com os mais jovens, com os mais velhos e contar a história de um tempo. Do porquê da importância daquela música, daquele artista para a história do mundo. Conversar, olhar nos olhos, rir com os mais novos e com quem já tem a experiência

da vida. “trocas” de informações, aprendizados múltiplos que em uma simples conversa são capazes de acontecer e, que nos últimos tempos pela “correria da vida” deixamos de fazer, de aproveitar.

E, o mais importante: reunidos em um mesmo contexto porque não há a festa, não há o encontro com outros, mas há o “encontro” de pessoas que, mesmo perto, estavam distantes umas das outras e, se reencontraram e se redescobriram pais, irmãos, irmãs em um tempo mesmo que conturbado. Mesmo que pelas telas de um celular, em uma chamada de vídeo, aproximou pessoas amadas, mas esquecidas por muito tempo.

Outra maravilha foi a oportunidade de rever ou ler ou ouvir, também, grandes obras de literatura. Interpretadas, declamadas por várias pessoas. Independentes de serem ou não artistas. Narrativas, poesias, crônicas, contos. Nossa que deleite! Hilda, Clarice, Florbela, Drummond, Mário Quintana, Eneida de Moraes, Ruy Barata. Textos maravilhosos!! Recitados, lidos, dramatizados e apresentados em mídias sociais ou lidos em casa.

Eita, que o confinamento tirou das estantes empoeiradas as obras e seus criadores! Ouvi, de uma amiga, que disse ter

cansado de ver televisão e, de repente olhou para sua estante, “Viu a Florbela Espanca e resolveu reler”. Isso é incrível!! Outra necessidade estimulada pela “pandemia do covid”. Como não agradecer!!

Bom, apesar do horror, do medo e de todas as incertezas e possibilidades de curas, no combate ao “corona 19”, que estamos vivenciando nesses tempos. E, as consequências dolorosas para muitos dessa doença e para nós que assistimos ou perdemos pais, irmãos, tios e amigos. Podemos dizer que esse “senhor”, camuflado por uma coroa, mas travestido de morte, fez-nos ver as pequenas coisas que são de fato importantes: família e amigos. Que a vida é um sopro e que precisa ser cuidada sempre. Que não podemos nos distanciar de quem amamos.

Que brincar, rir, cantar, ler, interpretar sem ambições são necessidades e devemos sempre cultivá-las. Viver ao lado de alguém, mesmo que seja “complicado”, porque temos manias e algumas são bem “chatas”, mas que mesmo assim, devemos agradecer a Deus, santos, santas aos deuses, deusas, orixás, aos espíritos de luz por essas pessoas existirem em nossas vidas.

Esse “Covid19”, mostrou que nada é mais importante do que as coisas mais simples do dia a dia. Que a possibilidade de perder a liberdade, a vida e

 pessoas que amamos nos tira o sono e, nos faz querer viver cada minuto de nossa existência junto com elas e por elas. Permite ter uma ótica diferente (holística) de nossos familiares, amigos, animais de estimação, de uma planta, de uma flor que está desabrochando, do sol em nossos rostos, do vento e de cada estrela que possamos olhar e desejar que aquele momento de contemplação não acabe.

 Que a realização de um novo prato, a descoberta de um tempero, o bolo que não “solou” são carinhos que ficarão guardados em nossa memória afetiva por tempos infindáveis. Que apesar de toda a crise, “amanhã há de ser um novo dia...”, como canta poeticamente, Chico Buarque. E, apesar do mal que nós causamos à natureza e à humanidade com egoísmos capitais, ainda, nos resta a esperança de um novo começo e de reescrever uma nova história!



CARTAS

A Paralisia Temporal e seu Efeito em Nossas Vidas

Luciano Tadeu Corrêa Medeiros¹⁹²

Aos humanos que, em meio aos acontecimentos pandêmicos presentes, como nunca houvera no passado, encontram-se com uma forte esperança no futuro.

Temo causar alarde, mas estou convicto de que nenhum fato narrado seria mais tão novo, sinto-me à vontade para seguir com as palavras. Confesso ser completamente compreensível o descaso de alguns por meus relatos, pois sabemos o quanto já não nos agrada aos ouvidos determinados assuntos por termos sido diariamente bombardeados com histórias que se assemelham, elencando acontecimentos que, juntos, compõem um caos único, mas é importante saber que esse conjunto de narrativas se cruzam através de um único elemento. Esse, por sua vez, retrata a triste forma com que essas histórias têm sido escritas, o que nos faz perceber que as mesmas estão, na verdade, tendo seu enredo

¹⁹² Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará. E-mail: lucianimedeiros2602@gmail.com

modificado e, em muitas vezes, interrompido, indefinido ou mesmo riscados do pensamento antes mesmos de serem escritos. Para quem não viveu esse momento, o desabafo parece complexo, mas, para os que permanecem existindo após todo o flagelo deixado por uma pandemia que assolou o mundo, isso faz muito sentido, principalmente para aqueles que as sequelas foram deixadas e permanecem latentes de forma profunda.

Sigo falando do todo, do conjunto da obra, do que tão de repente envolveu a todos em um surto crescente e avassalador, que, em pouco tempo, ficou conhecido como Covid-19, aquela doença da pandemia causada pelo coronavírus, que se propagou no mundo reescrevendo as histórias das quais eu falava, onde também a minha história encontra-se envolvida, pois não houve qualquer sujeito no contexto humano que pudesse ficar de fora. Como seria possível estar de fora? O mundo ainda não é capaz de deixar tudo para trás e seguir em frente construindo uma nova história em qualquer outro lugar, pois aonde alguém iria sem que permanecesse fazendo parte desse fato que será narrado no futuro pela história de todos os humanos, em todos os países e em todos os continentes?

Se mundialmente retratou-se o ambiente catastrófico que se tornou o planeta, como seria esse retratar, em pontos específicos, dentro do planeta? Vamos trazer para efeito de

exemplo o país em que vivemos. Ah, o Brasil! Meu querido Brasil! Que triste foi ver e ouvir o que se fez e o que se disse em seu solo, principalmente por autoridades políticas e seus errôneos apoiadores, que estavam e sempre vão estar no lugar onde nunca deveriam estar, nem ter chegado, estão no lugar errado e na hora errada, pois só vão estar certos e serem úteis quando não estiverem em lugar nenhum, quando não manifestarem seu ódio e a desimportância que dão às vidas humanas que foram vitimadas pelo vírus que eles chamavam de chinês, mas que sabemos ser de responsabilidade de todas as nações, sendo parte existente do mundo. Essa desimportância mostrou-se tão cruel e não deixou chances de defesa para as vítimas, pois não se mata um povo assim, os teus filhos que não fogem à luta, deixando-os à míngua para que morram sozinhos. Àqueles pobres, a maioria miseráveis, vidas negras periféricas, que já não contavam com nada, pois tudo já lhes é sonogado diariamente diante dos aplausos daqueles que nada sentem, que nunca se importam e nada fazem.

Junto a esses nos encontrávamos quando percebemos a paralisia temporal que estávamos vivendo e quando trazemos a lupa para observar as realidades individuais, então, percebemos o quanto tudo é tão mais desigual, bem mais que aquilo que percebemos a olho nu. Nisso eu tenho lugar de fala, posso lhe fazer entender o que se diz quando se ouve qualquer outro relato.

Não era uma gripezinha qualquer, não era qualquer resfriadinho, não era pra ter brincado com isso, nem com as pessoas que perderam suas vidas, com as pessoas que perderam pessoas, com as pessoas que perderam o que já era tão raro de se ter. Definitivamente não dá pra detalhar todas as perdas, mas posso lhe fazer saber o que perdi.

Perdi o quê, afinal de contas? Do que as pessoas tanto reclamam que perderam? Perdi, primeiramente, o sorriso que era comum no meu rosto, perdi a alegria por ver que, para muitos, as vidas não importam, perdi a paciência ao ouvir aquele sujeito falar e, a cada uma de suas falas, eu quase entro em desespero por saber que aquilo se estenderia por algum tempo, pois ele e sua comissão de genocidas, além de ordenarem aos pobres o caminhar pra morte, ainda foram capazes da forma mais desumana de transferir a culpa diariamente da desgraça que eles causavam para o humilde trabalhador que, em uma guerra psicológica, não conseguia resistir por muito tempo em acreditar que o Estado não tinha qualquer responsabilidade pela sua saúde, sua alimentação, seu bem-estar e a obrigação de gerir uma crise sanitária, econômica e política como essa. Mas, como os pobres e leigos miseráveis entenderiam tudo isso? Como eles refletiriam se a eles a Educação também foi sonegada? Perdi a calma pelo tempo que imaginava estar se perdendo e quase surtei, mas, em meio a tudo

isso, tive muitos ganhos que vieram com as perdas, é claro, que para mim são satisfatórios, mas, para você que não tem nenhum sentimento que possa fazer compreender o quão doloroso é perder amigos, parentes e a paz que encontramos nos sorrisos. Posso lhe alegrar falando das minhas perdas, mas não garanto que elas lhe farão vibrar, pois, mesmo que para mim tenham sido perdas que agravaram ainda mais meu mal-estar diante do processo da pandemia de coronavírus, foram a causa das minhas reflexões nas noites de insônia que ganhei preocupado com os meus e com os outros que, como eu, se encontravam, preocupado com os que são próximos a mim e que só eu sei o quão bom é amá-los e por eles ser amado. Foram noites que me trouxeram grandes questionamentos, mas, os que desconhecem o sentimento de amar não entendem daquilo que falo, porém, os outros que tiveram sentimentos semelhantes ao que senti, que sabem bem aquilo que estou dizendo como eu sei o que querem transmitir quando dizem coisas semelhantes a essas, conseguem sentir o que o outro sente e isso faz com se compadeçam uns com os outros, demonstrando respeito às dores e tristezas que sentem e se tornam comuns.

Também ganhei um medo além do necessário, desproporcional em relação ao que desconhecia, mas lembrei do que um grande amigo, há muito, havia me ensinado. Quando eu ainda tinha por volta de 18 anos, ele me disse: “O medo é

importante. Ele faz com que você não se torne destemido em suas ações, ele é o seu freio para que você não despreze a fragilidade da sua vida. Tenha cuidado, nós somos frágeis. Aqueles que perdem o medo, perdem a noção de que são vulneráveis”. Que bom é ter amigos que nos ensinam coisas boas, coisas que são úteis e permanecem vivas em nós. Essas palavras foram tão importantes nesse momento, elas explicavam perfeitamente o cuidado que eu reconhecia ter pela fragilidade de minha família, das pessoas que amo, das pessoas por quem sou amado e de todos os outros que carregam em si a vida e a vontade de viver.

Também temos as perdas coletivas que ganhamos, a falta de empatia e solidariedade das autoridades políticas, o desprezo a nossos sentimentos e ente queridos que se foram e a grande incerteza que passou a nos rondar em relação ao nosso futuro, sem falar que muitos de nós ganhamos uma depressão e uma ansiedade que, por eu ser cristão, acredito que muitos como eu tenham sido poupados pelos céus, pois já era grande demais o sofrimento e as perdas, principalmente da saúde mental e emocional.

Como disse no início, todo o conjunto da obra nos causou um mal que buscamos agora reverter, tudo causado em virtude da reclusão que tão carinhosamente passamos a chamar de Isolamento Social, juntamente com o fato das interrupções de

uma de nossas maiores expressões culturais como brasileiros que é a demonstração de afeto, nossos abraços, beijos e carinhos públicos tão invejados por outros povos, nossa transmissão de calor humano interrompida com o distanciamento social, por hora tão necessário, mas que também ajudou a nos tornarmos pessoas adoecidas e visivelmente abaladas psicológica e emocionalmente.

Nada nos impede de revertermos esse estado difícil onde nos encontramos e é bem certo que o faremos, pois, lembram-se do medo que citei como algo importante em um momento? Pois é... em outro momento, é necessário darmos lugar à coragem e essa deve estar acima do medo. Ela não nos faz sermos destemidos a ponto de colocarmos nossas vidas em risco, mas nos traz a defesa da vida, o potencial de continuarmos no momento certo e avançarmos a medida que possível, assim também será possível restaurar o humano saudável que buscamos ser em todos os momentos, refletindo sobre tudo o que foi vivido, mesmo que não tenha sido algo bom. Penso que assim se possibilita darmos continuidade à construção de nossa história de uma forma mais justa, democrática e humana.

No mais, deixo a todos quanto for possível chegar esta carta meu desejo incomensurável, mesmo não o conhecendo, de vê-lo em paz e com saúde em todos os aspectos. Que isso possa ser possível em sua vida hoje e sempre.

Belém (PA), Amazônia, Brasil, 30 de julho de 2020.

Luciano Tadeu Corrêa Medeiros.

Ansiedade, Bolhas, Covid: Indiferença Compartilhada

Eduardo Pantoja Paula¹⁹³

Quando Luciano percebeu que, de fato, a gripe da China tinha chegado na sua longínqua cidadezinha na periferia do mundo, foi arrebatador. E já era tarde: não tinha mais nada a ser feito, a não ser isolar-se. Todos os seus planos, cronogramas, programações foram por água abaixo. Absolutamente tudo. A UFPA parou (e nem teria como ser feito uma espécie de EAD improvisado, muitos alunos alegavam não ter os equipamentos necessários); o trabalho ele quase perdeu, mas por sorte seus chefes deram um jeito para que tudo fosse feito a distância. Já o resto das coisas iria ter que esperar. A habilitação que ele queria tirar ainda este ano, a academia que começaria... enfim, tudo parado, e ele ainda não sabia a quem culpar.

No último dia de trabalho presencial, as ruas ainda estavam lotadas. Ele chegou cedo, inusitadamente — o medo de ser dispensado era grande. Foi quando o diretor de pesquisa chamou a todos e explicou como procederiam: “Por hora, vamos continuar com todos. Ficaremos afastados, mas mantendo o contato pelo WhatsApp. Todos os dias vocês terão que lançar o afastamento pelo sistema, e estar à nossa

¹⁹³Graduando em direito na Universidade Federal do Pará. E-mail: pantoja6109@gmail.com.

disposição para progredirmos com a pesquisa. Tudo será feito pelo computador, nos sistemas oficiais do Instituto. Ok?” “Ok”, quase uníssonos.

Dona Maria, entretanto, olhava para o chefe com uma expressão vazia, imóvel. Quando todos se dispersaram, ela foi procurar Luciano (sempre recorria a ele nessas horas, talvez por conta da sua pouca idade). “Me explica de novo que eu não peguei direito, ele fala rápido, ‘né’?” Ela pronunciava, cautelosamente, cada palavra, bem baixinho de modo que a conversa não saísse dali. Era lenta, tudo tinha que lhe ser explicado mais de uma vez. Quando se tratava de informática então... tinham que ter muita paciência — Luciano especialmente, já que ela o escolheu para desempenhar aquela função.

Depois de esclarecido todo o procedimento, ela o olhou, por um momento, com desgosto, mas logo depois sua expressão era de resignação. “É melhor do que não ter nada. Tem gente que nem tem mais como trabalhar. Vou pedir ‘pras menina’ lá de casa me ‘ajudar’. Tu me ‘coloca’ lá no grupo do ‘zapzap’? Qualquer coisa, eu peço pra elas ‘vê’.”

Nessa hora, ele se deu conta, subitamente, que ela não estava no grupo desde o início do ano. Luciano, às vezes, sentia pena de Dona Maria, e esse sentimento era frequentemente seguido por uma raiva de si mesmo. Apesar de gostar de ajudá-la com os afazeres cotidianos do trabalho, ele sabia, no fundo, que o fazia mais para acariciar o próprio

ego do que para auxiliá-la de fato. Quando se dava conta disso, sentia-se horrível e tentava esquecer a aflição o quanto antes.

No fim do expediente, eles saíram com um sentimento já nostálgico, ninguém sabia ao certo quando voltariam. Os amigos de Luciano fizeram uma despedida engraçada e propositalmente exagerada antes do uber chegar. Ficaram de marcar de sair — o que não aconteceria porque, mais tarde, nenhum estabelecimento sequer funcionaria por conta do lockdown.

Michel, um amigo do trabalho, até chegou a falar por áudio que “era idiotice do governo essa besteira de lockdown, além de não adiantar em nada, mataria a economia”. Michel era um pouco tolo e demasiadamente exaltado. Estudava o mesmo curso de Luciano, mas em uma universidade particular, paga pelos pais. Quando a UFPA anunciou que as aulas seriam canceladas, ele confessou achar isso uma maluquice, que o EAD da universidade dele dava certo e que a UFPA era sucateada por conta da falta de iniciativa. Luciano o achava petulante, mas sempre concordava com suas opiniões, possivelmente porque, na maioria das vezes, não tinha nenhum ponto de vista formado.

O início da quarentena foi o mais difícil para Luciano. Houve um período ocioso em que não lhe foi atribuída nenhuma atividade nem do trabalho, nem da faculdade. Tinha a impressão que o tempo estava passando e ele ficava para trás. Não produzia nada, não aprendia nada.

Era como se ele estivesse perdendo uma chance única de adquirir conhecimento, habilidades, o que fosse.

Foi um período estranho, que não podia ser chamado de “férias”, porque não era. No entanto, não fazia coisa alguma, estava estagnado numa espécie de espera... estava esperando algo que não sabia o que era. Não conseguia sentir compaixão pelas mortes, as matérias eram muito secas, muito rápidas. Sentia somente uma agonia constante pelo tempo perdido; medo pela hipótese de contrair o vírus; tristeza pela desilusão de uma convicção primordial que ele carregava, a qual seu pai lhe ensinou: a de que somos os senhores do nosso destino, somos os únicos responsáveis pelo nosso sucesso e mais ninguém. Luciano se via paralisado, atônito. pensava no seu passado, no seu futuro, e, quando pensava no presente, era tomado por uma onda sufocante de pavor.

Passado um mês, o diretor de pesquisa entrou em contato com todos daquele setor para anunciar que a pesquisa continuaria e que eles teriam novas funções: entrevistadores, uma vez que o enfoque mudaria (agora seria a COVID-19), e o número de informantes multiplicaria.

Nos dias seguintes, foram designados aparelhos celulares para cada um, além de um curso online e algumas cartilhas com orientações. A nova incumbência se mostrava desafiadora, mas Luciano a via como uma ferramenta, uma forma de sair de um ciclo vicioso que o atormentava dentro do seu pequeno apartamento alugado, no bairro do

Marco. As entrevistas seriam feitas por ligações, com cada um na sua casa, e o diretor auxiliaria a todos pela internet.

Nada ocorreu como ele esperava. Em verdade, só piorou seu estado, já abalado. Antes de cada ligação, cada conversa com um desconhecido do Acará ou Marituba, era como se o próprio demônio apertasse seu peito e fosse subindo para a garganta. Sussurrava em seu ouvido o futuro de tudo. Mostrava-lhe todos seus fracassos ainda não consumados, todos os passos em falso, até mesmo o motivo da sua morte. Tudo aquele demônio era capaz de mostrar. Era uma boa entidade apesar disso, pois lhe revelava também todas as soluções, todas! Ao mesmo tempo. Ele ia dizendo, e Luciano tentava acompanhar, gravar para usar depois. E as horas passavam. Quando se dava conta do fluir do tempo, era invadido pelo pânico e pela sensação da falta de controle, falta de ar, de razão! Não sabia mais como agir, como refletir. Era um escravo das profecias do demônio.

Seu trabalho era finalmente feito quando, no limite, o prazo de entrega das entrevistas se fazia gritante. O medo do desemprego era maior que os outros, porque este era muito mais real. Luciano fazia tudo às pressas, cheio de cólera. Tentando segurar a emoção, ele falava com cada informante sempre cumprindo o decoro. Ao final, gritava, se machucava, chorava. Tinha uma vontade animalesca de morder o telefone com o qual realizava o trabalho. Era um sentimento atroz, vigoroso, que se atenuava quando ele assistia, pela TV, feirantes

discutindo com repórteres, que cobravam o isolamento. Eles alegavam, naturalmente, precisar trabalhar para alimentar a família e coisas do tipo. “Que privilégio tu tens, babacão”, assim Luciano se torturava.

Depois de todos aqueles meses, ele se lembraria de algumas entrevistas, no mínimo, curiosas, cuja finalidade, para o governo, era apenas a obtenção de base de dados, mas que para ele seriam inesquecíveis. Uma delas aconteceu em meados de maio, foi com uma mulher de uns trinta e poucos anos. Ele ligou e esperou, como sempre, com o estômago se contraindo de apreensão. A mulher atendeu, chamava-se Sônia. De primeira, encontrava-se tranquila, mas após a sua apresentação como um entrevistador do Instituto Nacional de Pesquisas, ela simplesmente surtou e passou a despejar sobre o garoto todas as suas divergências com o governo, representado, naquela situação, por ele.

Depois de insultá-lo freneticamente, Sônia desabou em choro. Alegou não querer participar da pesquisa “porque nada mudaria mesmo”. Luciano, a essa altura, estava pasmado; não sabia como replicar às injúrias. Fez-se um silêncio de uns cinco segundos. Sônia hesitava, mas, inusitadamente, com visível esforço, ela disse: “Não me liguem mais. Essa é a terceira ligação que recebo de vocês. Respeitem o meu luto! Eu não quero saber disso! Isso ‘tá’ matando todo mundo e ninguém faz nada! Porque é velho ninguém faz nada! ‘Tão’ deixando ‘pra’ morrer... Eu não quero mais saber.” E desligou.

Uma outra ocorreu ainda em junho. Felizarda da Silva morava em Santo Antônio do Tauá. Ela atendeu ao telefone e, sem demora, demonstrou curiosidade pela pesquisa. Luciano fez, de praxe, as primeiras perguntas, e ela logo respondeu. Disse morar na sua casinha, que era própria, na beira de tal estrada. Tinha dois filhos já crescidos.

— Os dois já terminaram os “estudo” — falou ela.

— Ah, sim. São formados em quê?

— Ahn? No 2º grau.

— Ah, entendi! E quem trabalha no seu domicílio, Dona Felizarda?

— Ah, mano. Eu vendo umas “bala”, uns “bombom” aqui na porta de casa, “né”, que os “moleque” vem “tudo” comprar às “vez”. Quando tem bastante movimento assim, eu consigo tirar uns R\$90, R\$100 reais, é assim...

— Por semana?

— Não, “mano”. É de mês em mês, “né”. Aí eu compro uns “skilho”, “boto” aí que eles “compra”.

— E os seus filhos, Dona Felizarda?

— “Mano”, os “menino arruma os bico às vez”. “Tão” por aí, “né”. O Willames agora tá fazendo ali o ponto do Seu Jorge, que o Seu Jorge vai aumentar o mercadinho dele. Aí ele “tá” lá, ainda “tá” subindo as “parede,” ele almoça por lá “mermo”. O Yan eu não sei, menino, onde que se mete. Ele “tá” pra Belém desde sábado agora, vem uma vez ou outra — concluiu ela.

Luciano ainda perguntou sobre auxílios, e também sobre sintomas da COVID. Era visível que a família de Dona Felizarda não cumpria as exigências de isolamento, no entanto eles não apresentavam sentimentos de receio. Estavam, em parte, conformados com a sua situação.

— Não, menino, ninguém daqui ficou com corona não. A minha vizinha que ficou meio assim, “né”, gripada, mas passou logo... Sim, eu consegui o auxílio, veio junto com o bolsa família, eu comprei uma geladeira, que deu pra comprar, “né”, porque a gente usava só um isopor velho aqui, “né”. Toda semana tinha que comprar gelo ali no “seu menino”. Aí comprei logo, “vixe!” Me livreí daquilo.

Ao final da entrevista, Luciano possuía um nó na garganta. Felizarda foi gentil, a entrevista saiu perfeita, mas quando se despediu e desligou o telefone, ele tinha o pressentimento de trabalho mal feito, inconclusivo. De chofre, a frase de Sônia surgiu na mente: “nada vai mudar mesmo”...

A terceira entrevista, que marcaria o mês de julho, foi de Carlos Luiz do Nascimento, de Ananindeua. Foi difícil de atender. Depois da quinta ligação na semana, Luiz resolveu responder ao número desconhecido. Foi, entretanto, enfático. Logo no “sou entrevistador do INP e nós estamos realizando uma pesqu...” ele respondeu:

— Me desculpe, querido! Não “tô” em casa no momento. Estou impossibilitado de responder. Beleza?

— Ah, sem problema! Podemos remarcar para outra hora. — Luciano tentava negociar.

— Não, não, meu querido. Não vai dar mesmo. Não estou em casa, estou em Salinas no momento, não estou interessado nessa pesquisa. Beleza, querido?

— Mas senhor, isso é muito importante para o país, precisamos conhecer o problema para solucioná-lo. O senhor como cidadão deve participar. O senhor representaria mais de mil pessoas com o seu depoimento.

Carlos Luiz riu.

— Meu querido, me desculpe... Deixa eu te falar, eu sou engenheiro, engenheiro civil, formado, entende? “Tô” aproveitando

minhas férias, não tenho por que falar com você agora. Vou desligar e vou bloquear esse número, beleza? Passar bem.

Luciano engoliu em seco quando escutou o “biiip”. Nesse momento, seu rancor se transformou em vergonha. Um constrangimento expressivo o invadia, como se uma multidão pudesse ter escutado a ligação. Ou pior: como se aquilo fosse, para sempre, ficar marcado no âmagô da sua dignidade. Ele só pensava nisso... e por um momento, por um vertiginoso momento, ele também pensou: “Como estaria se saindo Dona Maria agora?”

A Transitoriedade da Vida em Tempos de Isolamento Social: Reflexões Psicanalíticas

Dorivaldo Pantoja Borges Junior¹⁹⁴

Breves, Arquipélago do Marajó, 15 de julho de 2020.

Querida Suzana Farias Rabelo,

Os dias têm sido difíceis, minha amiga. Tenho passado mais tempo em casa, tentado levar a vida nesse estilo remoto de orientações por vídeo chamada e entre outras mudanças que os tempos atuais estão impondo a mim. Mesmo assim, lhe escrevo pois acredito que podes me ajudar com algumas reflexões e inquietações que têm me sido bastante recorrentes nesses dias. Vamos lá.

Recentemente, entre uns textos da iniciação científica e atividades do grupo de pesquisa, me vi na necessidade de revisar um texto que, em primeiro momento, não me chamou atenção e

¹⁹⁴Graduando em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Bolsista PIBIC/CNPq do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC/UNAMA); Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE/UNAMA). E-mail: dorivaldopsi@outlook.com

tampouco me fez sentido. *A transitoriedade* (1915)¹⁹⁵, escrito pelo nosso querido Sigmund Freud, me pareceu diferente na última leitura, durante os dias de isolamento.

Logo de imediato, recordei-me do vídeo da Elisa Lucinda recitando o meu poema favorito: *ex-voto*, escrito por Adélia Prado. O vídeo, aliás, está disponível no YouTube¹⁹⁶, acredito que vais gostar do poema. Lucinda conta, antes de recitar o poema, que só conseguiu memorizá-lo após um episódio de profunda tristeza que passara, semelhante ao que Adélia constrói no poema.

Digo isso pois acredito que o isolamento me fez sentir e questionar movimentos meus. Meses após o início do período de isolamento, mais especificamente no final do semestre letivo, me vi paralisado: “até quando isso vai durar?” Eis que me encontrei envolto ao medo de não ter tempo para realizar meus planejamentos. Confesso que passei dias com isso em mente e, também, uma vontade de “gritar até me secarem os ossos”, tal como escreve Adélia.

¹⁹⁵ FREUD, S. *Transitoriedade*. In: FREUD, S. *Arte, Literatura e os Artistas*. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: **Editora Autêntica**, 2015.

¹⁹⁶SARAIVA. “Ex-Voto”, de Adélia Prado. Por Elisa Lucinda. (3:50 min).Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z_1v7SE5-AY&t=10s. Acesso: 15 jul. 2020.

Mas antes de lhe falar mais sobre esses pensamentos que me ocorreram, vou lhe resumir um pouco sobre esse texto lindo, que ainda estou “digerindo” entre alguns outros textos e poemas que tenho feito. Embora tente lhe fazer uma síntese aqui, por favor, leia o texto na íntegra. Acredito que vais gostar, ele é de uma escrita belíssima, como os textos que você me indica sempre. Ele está naquela edição verde dos livros que estávamos comentando outro dia.

O texto é fruto de um passeio em que Freud junto a dois amigos, em 1913, caminharam entre uma linda paisagem de verão. De acordo com uma das notas de rodapé do livro, trata-se de Rainer Maria Rilke, um poeta, e Lou Andreas-Salomé, que se tornou psicanalista posteriormente. É justamente essa paisagem o ponto central do texto, cuja a transitoriedade dividiu opiniões entre amigos.

Para o poeta, que embora admirasse a beleza natural, não havia motivo a se alegrar com isso. Pelo contrário, lhe causava certo incômodo a ideia de que tal beleza, bem como toda a criação humana, o que ama e admira, um dia, fossem padecer. Ou seja, a transitoriedade seria desvalorizada.

Freud, no entanto, se posiciona contrário ao poeta. Para ele, o caráter transitório de algo lhe atribui maior valor sob a

justificativa de que “a limitação das possibilidades de fruição eleva sua preciosidade”¹⁹⁷. Entretanto, afirma que essa valorização é, cada vez mais rara entre os sujeitos de sua época.

Para Freud, é inconcebível a ideia de que a transitoriedade seja desvalorizada. Embora aquela paisagem de verão padeça no inverno, na próxima estação, ela irá recompor-se em sua beleza e magnitude. Nesse sentido, conclui que a conversa não se tratava da paisagem em si, mas de uma dificuldade do seu amigo poeta em elaborar lutos. Rainer Maria Rilke demonstrava dificuldade em lidar com a finitude das coisas.

Não à toa, em contribuição, Freud nos diz no *O mal-estar na cultura* (1930)¹⁹⁸, um texto muito querido seu, que essa finitude é uma das três fontes do sofrimento humano, sofrimento que tentamos apaziguar ao máximo. Quero saber o que pensas a respeito.

De qualquer maneira, algo interessante em se levar em conta é um aspecto inerente à transitoriedade e ao próprio mal-

¹⁹⁷ FREUD, 1916, p. 221.

¹⁹⁸ FREUD, S. O Mal-estar na cultura. In: FREUD, S. *Cultura, Sociedade Religião: o Mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: **Editora Autêntica**, 2020.

estar: o desamparo psíquico que acomete todo e qualquer sujeito desejante. E pensar desamparo é, sem dúvida, levar em conta a falta estruturante da condição humana, aspecto abordado no texto freudiano de 1930.

O que quero dizer com isso é que, embora a transitoriedade aponte para o que há de trágico na existência humana, a falta encontrada aí não denota fraqueza e dependência, mas potência e capacidade criativa frente à angústia decorrente da existência. Diante do mal-estar, o sujeito precisa arranjar-se e rearranjar-se de acordo com sua inexorável impotência frente à finitude. Embora consigamos retardar, não podemos evita-la.

Diante da transitoriedade da vida, alguns sujeitos se portam, tal como o poeta do texto, a partir de um movimento fastio, sem contemplação e apreciação, ou seja, um movimento de desvalorização. Ao ler isso, lembrei dos movimentos negacionistas, cada vez mais presentes nos veículos de comunicação digitais e entre as pessoas que nos cercam.

O que pensas sobre isso? Não quero parecer reducionista. O que está acontecendo é muito novo para afirmarmos algo tão fechado, todavia acredito que podemos refletir sobre o nosso viver e sentir durante esses dias de incertezas.

Freud, concluindo o texto da Transitoriedade, faz referência a uma compreensão que é melhor abordada em textos posteriores¹⁹⁹. A temática do luto, segundo o arqueólogo do inconsciente, é um verdadeiro enigma, seus processos são complexos pois envolvem o investimento psíquico que um sujeito faz a um objeto. E quando esse objeto não se encontra mais no mundo externo, chamamos de luto o processo doloroso de desinvestimento libidinal em do que fora perdido e reinvestimento em outros objetos.

Mesmo que de forma embrionária, Freud já nos deixa apontamentos interessantíssimos para refletir sobre os lutos diários que vivemos. E é justamente essa contribuição, Suzana, que me fez indagar sobre os lutos decorrentes do isolamento social, iniciando pela perda da possibilidade de ir e vir pelos lugares, já que estar em casa é estar seguro.

Isso sem falar no número crescente de óbitos de entes queridos que, muitas vezes, não puderam ter seus corpos velados, ritualizados. Bom, sabemos que os rituais nos ajudam a passar por certos momentos difíceis e, minimamente, a tentar dar nome a algo inominável quanto o real da morte. Temo que isso nos mostre

¹⁹⁹ FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S. Neurose, Psicose e Perversão. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2016.

prejuízos subjetivos à longo prazo. Mais uma vez, como se trata de subjetividade, as saídas são múltiplas e singulares a partir da dinâmica pulsional de cada um. Quanto a isso, vou pedir ajuda à Gabrielle, ela vai adorar.

Algo que também me chamou atenção fora a abordagem do fenômeno da transitoriedade à nível social. Freud utiliza a guerra e toda a devastação que essa causou no que diz respeito à exposição de características humanas que, de acordo com Freud, o trabalho de cultura deveria “domar”.

Frente a isso, Suzana, não pude deixar de pensar no contexto de pandemia, quanto à tantas notícias sobre violência, descasos governamentais e entre outros movimentos de violação de direitos básicos.

Penso que o encontro com a transitoriedade, nos estremeça ou, como Freud afirma, desnude a vida pulsional dos sujeitos, no sentido de fazer cair por terra qualquer ilusão. Eis aí um desafio: criar estratégias para não parar de estabelecer ligações de Eros e utilizar dos recursos psíquicos para não deixar de ver sentido na vida.

O estabelecimento de ligações é importante porque nos ajudaria a passar por esse momento. Embora estejamos vivendo

um luto ao nos defrontarmos com a transitoriedade, podemos trazer à mente que esse momento que estamos vivendo de muitas incertezas também é uma transitoriedade. Quero dizer com isso que, tal como Freud encerra o texto, é possível que, posterior a esse momento de crise, nos reconstruirmos sob fundamentos mais sólidos e duráveis do que antes.

Concluindo, retomo Ex-voto, poema mencionado anteriormente. Adélia Prado apresenta nesses escritos que quando se escolhe as palavras com que narrar a angústia, se respira melhor. Acredito que, nesses dias de profunda angústia, perdas e medos, é preciso falar do que dói, do que se teme. É necessário pôr em discurso a transitoriedade que a uns causa estranheza e desvalorização e, a outros, maior beleza e valor à vida e às construções humanas.

Por isso lhe escrevi essa carta. Espero que seja uma forma de melhor abarcar as coisas que tenho pensado. A escrita de si tem me ajudado muito a escolher palavras com que narrar minhas angústias, com o intuito de respirar melhor. É a minha tentativa de estabelecer ligações, de ver sentido na vida.

Essas são algumas das ideias que me atravessaram. Espero que possas me ajudar na expansão destas. Torço para que essa proposta seja frutífera às produções, não só acadêmicas, mas

produções subjetivas em geral. No mais, agradeço pela sua disponibilidade em dialogar comigo. A saudade de você é imensa! Cuide-se.

Com um enorme abraço apertado,

Dorivaldo P. Borges Junior.

Carta para alguém do futuro: cara a cara com uma pandemia

Rayane Monyelle Barbosa Felix²⁰⁰

Palmeira dos Índios, 20 de julho de 2020.

Para um sobrevivente,

Se estiverdes lendo esta carta, o mundo sobreviveu a Covid-19. Não sei em que tempo estas palavras estão sendo lidas, contudo se chegaste até elas, tens interesse nos fatos a respeito desse acontecimento, então, a seguir, encontrará um relato de uma jovem, que viu o mundo imerso na praga causada pelo coronavírus, primeira e tenho esperanças, que última, pandemia do século XXI. Aos poucos, a COVID-19 foi tomando proporções irremediáveis e mesmo estando na chamada Revolução Técnico Científica, a sociedade não tinha conhecimento da vacina para cura, tampouco controle para o caos que se instalou por todos os lugares. Tal como o prisioneiro da Alegoria da Caverna de Platão, a cada dia o homem

²⁰⁰ Graduanda do 6º período de Psicologia, na Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca (Unidade Educacional de Palmeira dos Índios) | E-mail: raybfelix@gmail.com

caminha a passos largos a mais profunda escuridão, formada pela arrogância de considerar ter tudo sob seu controle.

No transcorrer dos últimos dias de 2019 até início de 2020, ouvíamos apenas nos noticiários, que a China havia se deparado com a presença de um vírus, que adentrava nas vias respiratórias, podendo gerar sintomas leves como resfriado, ou sintomas severos, que quando somados a outras enfermidades ou sistema imunológico deprimido, levavam o paciente à morte. E ao passo que essas relatos iam chegando, o sentimento de aflição começava a se instaurar por todos os lugares e ficava a me questionar sobre o quanto estávamos vulneráveis e essa sensação de que a morte estava chegando, assim tão de repente, com uma proporção fora do normal, fazia o coração acelerar e os pensamentos ansiosos irem longe, na angústia de imaginar o que estaria prestes a acontecer. Um vírus sorrateiro e "invisível" que surpreendia a todos com sua taxa de mortalidade. Dessa maneira, com uma celeridade desumana, essa doença acometia inúmeros habitantes. E no espaço de tempo de poucos dias, os

primeiros casos da COVID-19 iam surgindo por toda a Europa.

Decerto, o mais assustador era a rapidez com que as pessoas contraíam a doença e o número de mortes que seguia no encalço ao de pacientes que lotavam os leitos dos hospitais. Sendo esse contágio tão mortal, a única forma de lutar contra ele era isolando uns dos outros. Assim, esse vírus nos tirou o que mais nos faz humanos, nos privou da presença real do outro e isso, nos levou ao estágio de isolamento social. Na internet, acompanhava o sofrimento dos cidadãos que não podiam trabalhar, ir à escola, ou até mesmo sair de casa, caso não fossem profissionais de saúde ou qualquer outra ocupação ligada as necessidades essenciais da população. As máscaras e luvas viraram acessórios obrigatórios e bem, os contatos físicos, estritamente restringidos e mesmo assim o número de mortes era incontável, todos dos dias milhares de pessoas morriam e a tristeza de ver tudo isso acontecendo não tem explicação e mais uma vez os questionamentos chegavam: será que isso vai acabar? será esse o fim do mundo?

Enquanto tudo isso acontecia tão distante de nós, de mim, o medo não era tão latente, vivencial, afinal, nunca imaginaríamos que algo assim iria chegar às cidadezinhas mais distantes, os lugares mais isolados, quem dirá aqui, no interior de Alagoas. Reafirmando as palavras do grande cientista Isaac Newton: O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano. Imaginar que não seríamos atingidos trata-se certamente de uma ingenuidade cega que talvez mascarasse o medo de vivenciar todo aquele absurdo, que os países já contagiados estavam lidando. Mas sabemos que mundo está conectado e seria apenas uma questão de tempo, até o vírus chegar ao Brasil e assim aconteceu, de forma avassaladora. Tanto que deixou-nos em segundo lugar, no número de mortes por dia, no mundo. E dentro desse número, estava meu estado, minha cidade e todas as outras por aqui e na primeira morte, pensei... está acontecendo. Estamos dentro da pandemia, mas não equiparados aos países que já estavam superando-a. Estamos nela e vamos vivenciá-la de acordo com as circunstâncias do nosso lugar, onde as coisas são de uma carência enorme em inúmeros setores, tanto econômicos quanto sociais. E rodeados dos dizeres já tão compartilhados no mundo, nós

também estávamos vivendo essa luta que trazia os dizeres:
FIQUE EM CASA!

‘Ficar em casa’ tornou-se a maior declaração de amor ao próximo, desse nosso tempo, ou melhor, não só de amor ao próximo, mas para consigo mesmo. Entretanto, esse isolamento era volúvel como uma faca de dois gumes, que levava esperança e proteção, mas também causava uma confusão de sentimentos perversos, afinal a situação em que vivíamos era angustiante, o isolamento nos deixava em um labirinto, pois a nossa única forma concreta de nos resguardar, deixara as cidades desertas e sendo privados de encontrar ou receber pessoas, de viajar ou sair de casa estávamos sozinhos nesse labirinto. Em um dia estávamos todos juntos, nos cumprimentando com abraços calorosos, noutro estávamos apáticos por termos perdido o direito de fazer as coisas mais rotineiras, que mesmo sendo tão simples faziam nossas vidas mais felizes, mais humanas, mas as pessoas geralmente esperam vir à crise, para descobrirem as coisas importantes da vida, como nos escreveu Platão.

Assim, a ansiedade, o medo, a tristeza adentravam nas nossas vidas, em alguns de forma brutal, em outros

mais sorrateira, mas de alguma maneira todos estavam mergulhados na dor e enfrentamentos singulares desdobrados por essa pandemia, que veio mostrar ao homem que ele não detém o controle sobre as coisas e que todos somos sujeitos a uma probabilidade inimaginável de situações que nos inquietam à medida de nossas realidades e afetos. Então, já se passaram quase três meses desde o início da pandemia. Rotinas começam a voltar a seus cursos. E pensando como vivenciaremos os dias vindouros, apego-me a espera de que sejam melhores, com os olhos fitados naquela frase de Confúcio, que diz: "A pedra preciosa não pode ser polida sem fricção, nem o homem aperfeiçoado sem provação." Escrevo no ápice da pandemia, na esperança que com este infortúnio vivenciando nela, saíamos dessa caverna da arrogância, para que possamos viver a luz das coisas simples, nas circunstâncias de nossas realidades. E que em seu tempo, caro leitor, o homem reconheça que seremos eternamente uma pequena gota, imersa no oceano de conhecimento e possibilidades, que nunca seremos capazes de controlar, mas que podemos aprender qual nosso lugar dentro desse mar, desse mundo. Afinal, como nos diz Frankl "Quando

não podemos mais mudar a situação, mudamos a nós mesmos.”

Espero que estejas bem! Atenciosamente, Rayane.

CARTA AO FUTURO: o desabafo de um Presente em crise

Adriana Vanessa Ribeiro Mafra²⁰¹

Luan Moraes Ferreira²⁰²

Caro Futuro,

Primeiro, estimo que na ocasião da leitura dessas linhas sua liberdade esteja assegurada, pois ler sobre a experiência de um isolamento estando aprisionado, por qualquer razão, pode tornar esse momento extremamente indigesto.

Segundo, sou o Presente em Tempos de Isolamento Social. Vivo uma das maiores epidemias globais, durante o século XXI, causada por um novo vírus desencadeador de uma síndrome respiratória. Vivemos em um contexto de alta valorização da internet, todas as suas nuances e todos os seus paradoxos, além de uma expressiva ascensão de casos relacionados a distúrbios psicológicos. Atualmente, os sorrisos estão escondidos atrás de máscaras, a água é ainda mais preciosa e necessária à manutenção da vida e o contato físico é sinônimo de alto risco.

²⁰¹Graduanda em Medicina, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus XII/ e-mail: mafra.dry@gmail.com

²⁰²Graduando em Medicina, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus XII/ e-mail: moraesferreiraluan@gmail.com

Por que eu escrevo para você, Futuro? Respondo – lhe. Aproprie – se desta experiência relatada para escolher calorosamente uma mudança em você. Estou em isolamento social há mais de 60 dias e observo inúmeras facetas ao meu redor, tudo é confuso, incerto e angustiante. Além disso, até mesmo o que é arduamente investigado e mostra-se certo, é questionado. A Ciência, por exemplo! Sim! A Ciência! Você deve estar questionando como é possível pôr à prova o conhecimento científico. Digo – lhe que esse vírus devastador provocou tão grave preocupação em todos os setores e em todas as classes da sociedade que ocasionou uma desesperada busca por soluções. Então, líderes políticos e fake News tornaram – se os médicos, prescrevendo o tratamento mais adequado para uma doença que se expande diariamente de forma assustadora, e sobre a qual ainda não se conhece o suficiente para que seja proporcionado o controle, de fato, eficaz e definitivo.

“Um inimigo invisível”, dizem nos noticiários. Invisível e democrático, é possível dizer, pois se torna concreto somente quando se manifesta no corpo e insiste em incluir qualquer pessoa nesse caos, do abastado ao paupérrimo, isto é, um vírus com alto poder de contágio que não distingue os alvos. E a solução para frear a expansão dessa doença que já ocasionou o enterro – ora repleto de humanidade ora sem qualquer dignidade, porém,

ambos solitários – de milhares de amores, de anseios e de sorrisos encontra – se na abreviação dos passos de cada cidadão. Um desfecho que parece simples e fácil de praticar, no entanto, que se tornou uma enorme problematização.

As mortes tornam – se cada vez mais próximas a nós. Um dia é a avó de um amigo, no outro é a mãe desse amigo e, quando menos esperamos, choramos pela partida do próprio amigo. O questionamento “Será que eu serei mais uma vítima?”, repetido involuntariamente, transforma – se em “Quando eu serei a vítima?”. Parecem palavras exageradas e melodramáticas, mas são pensamentos recorrentes para uma grande porção do mundo. E estamos falando de pessoas sem qualquer distúrbio psicológico. Agora, imaginemos aqueles que são atormentados pelas diversas síndromes de cunho psicológico. Isolados, por vezes incomunicáveis, pois, ainda que a expansão da internet seja uma marca da globalização, muitos ainda não têm o privilégio de acesso às novas tecnologias e, conseqüentemente, não podem interagir, nem mesmo virtualmente, com familiares, amigos, namorados, com o mundo.

Além disso, terapias presenciais foram suspensas. Aliás, tudo que se refere à assecuridade da saúde está mais burocrático e muitos setores estão congestionados. Os hospitais já não possuem quantidade adequada de profissionais para atender a

demanda. Médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e tantos outros combatentes da linha de frente contra o vírus estão adoecendo, inúmeros não voltam mais para o aconchego familiar. Na maioria dos países, os leitos disponíveis aos poucos se esgotam e, a partir desse ponto, escolhas difíceis começam a ser tomadas: “Quem apresenta quadro clínico mais crítico?”. Todas as vidas importam igualmente, todavia, em meio ao colapso da saúde, tanto pública quanto privada, o que dita essa importância é a evolução da doença em cada infectado.

Tudo por aqui é angustiante. Abastecer a dispensa nunca foi tão desafiador, por vários motivos. Um deles é o medo. Cada passo exige muita cautela. E, embora pareça o melhor refúgio, chegar a casa é o gatilho para pensamentos perturbadores. A incerteza de ter feito tudo certo e seguro traz à tona a ansiedade. Mas você deve pensar que é apenas uma doença respiratória e as pessoas estão consumindo – se em preocupação de forma exagerada, porque elas podem procurar o serviço de saúde e tudo ficar bem. Entretanto, caro Futuro, nenhum sistema de saúde estava preparado para esse caos. Nem mesmo os institutos de medicina legal e os cemitérios estavam. A crise sanitária tornou – se ainda mais evidente, não há a quem recorrer! Nem mais os túmulos podem dignamente acolher.

De fato, não há a quem clamar! Até mesmo os templos se fecharam. Agora, o povo tem sua fé fortalecida através de uma tela. Também na religião vivemos a teoria do contrário, pois o discurso “desconecte-se do seu smartphone e entre em sintonia com o seu deus”, propagado e reforçado antes da pandemia, transfigurou – se em “conecte-se com o seu deus pelo seu smartphone”. Há muito esforço para que as manifestações religiosas perdurem dentro dos lares.

Aliás, os esforços estão partindo de muitos. Diversos grupos se juntam para promover a caridade. A arte tem proporcionado a garantia de mantimentos, de insumos hospitalares e solucionado outras demandas. Aqueles que possuem influência e notoriedade na mídia usam desses atributos para angariar recursos e amenizar as necessidades dos anônimos. A música tornou – se o alento para inúmeras pessoas, seja pelos acordes tocados e cantados seja pelo que ela permitiu arrecadar em tantas *lives* solidárias. Esses gestos comovem, é como o nascimento de novas esperanças, de novos horizontes. No entanto, embora certa diferença socioeconômica esteja sendo abrandada por meio dessas ações, a disparidade entre classes, rotineiramente, é escancarada. Enquanto uns deixam seu lar por extrema necessidade, outros saem por capricho, contrariando orientações e colaborando para a propagação mais ágil da

infecção. Esse é um dos vários rostos do egoísmo e da falta de empatia em meio a uma pandemia.

Já são muitos dias em isolamento, muitas pessoas parecem ter cansado da quarentena, parecem perder o medo do inimigo invisível, parecem até mesmo ter naturalizado tantas perdas. O número de óbitos é cada vez maior e a quantidade de infectados não cessa. Os profissionais que ainda persistem estão esgotados, marcados de forma física e psicológica. As autoridades tentam mostrar que tudo está voltando à normalidade e parte da população tenta convencer – se de que é um fato. Todavia, o medo é insistente, a insegurança é companheira. Não há como pesar a dor e a angústia de todos na mesma balança, cada um sente de forma diferente, processa de um jeito próprio, recebe com um impacto peculiar.

E, agora, todos o temem, Futuro! Sentimos medo de como você virá. Alguns temem não lhe conhecer, outros temem não ter quem amam ao lado para experimentarem juntos o que você tem reservado. A incerteza é a nossa maior inimiga, depois do vírus. Entretanto, paradoxalmente, há quem o espere ansiosamente. Há quem clame aos céus todos os dias para que você chegue em breve. Há quem deposite todas as esperanças em você, Futuro!

Esse é o desabafo de um Presente em crise, que olhou tantas vezes para o passado e assumiu não ter dado o valor

adequado aos momentos, dos mais simples aos mais bem elaborados. Um Presente que experimentou perdas traduzidas em lágrimas, porém, que reconhece que você, Futuro, pode ser diferente, no qual os maiores anseios são: ser livre, valorizar cada gesto, cada sorriso, cada centímetro de proximidade e ser um propagador de humanidade, para que toda gente se sinta verdadeiramente viva, todos se sintam partes cruciais para a construção de uma sociedade, de fato, humanizada e integrada.

Atenciosamente,

O Presente,

A disseminação de um vírus e o isolamento dos seres humanos

Sibele Santos Lima ²⁰³

Salvador, 30 de julho de 2020

Caro 60 dias de isolamento social,

Os seres humanos são educados para conviverem em sociedade. Na antiguidade os agrupamentos aconteciam primordialmente entre as famílias que era onde se iniciava a socialização primária e o laço sanguíneo era entrelaçado pela proteção e acesso a alimentação. Com o decorrer do tempo a convivência social ultrapassa a união familiar e se inicia as tribos. O desenvolvimento social se insere nas comunidades e a organização social primitiva se torna mais complexa, colaborando para o movimento de civilização. A gradativa

²⁰³ Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal da Bahia ¹

E-mail:sibellelymma@gmail.com

organização de formação das sociedades e a necessidade de noção de ordem tornam-se necessárias a criação de leis civis e constituições²⁰⁴.

E para preservar a saúde da população durante a pandemia, leis e constituições tiverem que ser desorganizadas. O art. 5º, XV da constituição discorre: “é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”, ou seja, de acordo com a constituição o isolamento social retira o direito de locomoção da população em virtude do direito à saúde²⁰⁵.

No Art.196, a Constituição Federal de 1988 dita a saúde como um direito de todos e dever do estado inserindo através de políticas sociais e econômicas a redução do risco de doenças e de outros agravos. Nesse contexto, o direito de ir e vir se tornou um perigo, pois o *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* - SARS-COV-2 pode estar em circulação e os seres humanos,

²⁰⁴ FALCÃO, C.S.; BARROS, A.P.B.; LEÃO, G.V. A formação de clusters criativos e a coexistência nas cidades contemporâneas. Tríade, Sorocaba, SP, v. 7, n. 14, p. 163-178, maio 2019.

²⁰⁵ CARDOSO, M. A fragilidade da liberdade de locomoção em tempos de pandemia. Jus, 2020. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/80687/a-fragilidade-da-liberdade-de-locomocao-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 21 de julho.de 2020.

com seus organismos complexos e DNA, necessitam se retirar dos meios sociais por causa de um vírus com RNA.

O isolamento social sofreu mutação de significado em detrimento da pandemia, pois, em uma sociedade padronizada, o ser não sociável, na maioria das vezes, não é valorizado e por muitas vezes pode ter sua imagem negativada pela necessidade de comunicação dos seres humanos. Sendo necessário, para alguns, tratamento psicológico ou psiquiátrico, para atenuar os problemas inerentes deste tipo de comportamento.

O isolamento social se tornou a solução para uma das piores crises de saúde pública do mundo. E se isolar socialmente passou a ser algo muito valorizado. A transformação de crenças e valores diante de algo tão incomum na maior parcela da sociedade é inevitável. A necessidade de relações políticas, econômicas e capitalistas foram se tornando fracas diante da necessidade da preservação da vida humana. Na minha percepção em 15 dias de isolamento social acreditava que só necessitava de mais 15 dias para que a rotina fosse retomada. Em 30 dias de isolamento já não acreditava que em mais 30 dias as pessoas tivessem sua sociabilidade devolvida, pelo contrário já me perguntava se mais 60, 90 ou 120 dias ainda eram suficientes.

As pessoas tiveram a oportunidade de se afastar de outras pessoas e se aproximar delas mesmas, do convívio familiar, do diálogo e também do ócio criativo. A ansiedade, por algumas vezes inerente de uma vida agitada torna-se protagonista no tédio, contudo ela também pode se tornar um gatilho para novas possibilidades, para reinvenção e para a motivação. O confinamento adiciona faces às moedas e os confinados dão valores a elas. Essa valorização pode ser permanente ou transitória e o ambiente, personalidade e construção dos valores podem se transformar em um modulador de alegrias ou tristezas, certezas ou dúvidas.

O alimento também é uma forma de relacionar-se consigo mesmo, pois a interpretação do alimento pode influenciar na sua escolha. Quanto ao significado, é algo muito particular, pois depende de história cultural, valores sociais, econômicos, hábitos individuais, estilo de vida e crenças. O alimento pode ser utilizado para retirar nutrientes e manter o organismo em bom funcionamento, ou para saciar uma fome inexistente, somente pelo prazer de ingerir o alimento.

O simbolismo alimentar pode ser modificado no isolamento social, podendo ser utilizado para reprimir sofrimento ou controlar a ansiedade, além disso, o sistema comercial, produção

e tecnologia influenciam nos hábitos alimentares e consequentemente no consumo³.

Nessa vertente, o consumo de produtos industrializados foi intensificado pela necessidade de adquirir mais praticidade no preparo.

As questões sociais podem ser manifestadas através dos alimentos, pois a necessidade de adquirir mercadorias em supermercados e a necessidade de ganhar cestas básicas tornaram evidentes as disparidades econômicas também no isolar social. Nessas questões são ultrapassados os enfoques biológicos, fisiológicos e culturais, pois o que entra em conflito é a divisão social ou a luta contra a fome.

A diferenciação de um animal para o ser humano é racionalidade, sendo os animais regidos pelo instinto e leis da natureza. Uma parte da raça humana domesticou os animais, interferindo na liberdade e na interação com o meio ambiente. Durante o confinamento muitos animais não domesticados tiveram sua liberdade devolvida, pois foram vistos em maior número e com frequência em locais que eram movimentados pelo sistema social, enquanto os *homo Sapiens* estavam refugiados dentro de suas casas, por causa de um vírus. O uso das máscaras antes mais habitual em restaurantes e hospitais se tornou um dos

ítems mais essenciais para proteção da saúde e usá-la se tornou símbolo de respeito.

Os 60, 90, 120 dias de isolamento social significam mais que um risco a saúde pública, é um momento de um mundo tecnológico e pensante refletir sobre a vida humana. Sobre os valores de uma sociedade, as desigualdades sociais, o espaço dos animais, o psicológico das pessoas, a relação entre saúde e alimento e sobre a individualidade de cada um, do papel como cidadão. O afastamento físico aproximou as pessoas de sentimentos mais intimistas, mas também pode contribuir com união de ideias, projetos e objetivos em comum, a exemplo de arrecadações e doações para entidades e pessoas carentes.

A pandemia exibiu a dificuldade do ser humano em se adaptar ao inesperado e pode demonstrar através do uso de uma máscara uma autoproteção e preocupação consigo mesmo, além do respeito pela saúde do coletivo. A disseminação do *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 - SARS-COV-2* em algum momento chegará ao fim ou ao controle parcial ou absoluto, todavia as histórias que foram construídas e destruídas durante a pandemia provavelmente não. Roteiro este, escrito por todos que fizeram parte deste momento, através de capítulos diários com emoções negativas e positivas, tristes e alegres.

O isolamento social possivelmente está se aproximando do fim e novos capítulos podem ser escritos com histórias de superação e ao invés de finalizar com The End, poderemos escrever Nós Vencemos!

Atenciosamente,

Sibele Santos Lima

Costa, 10 de junho de 2020

David Silva da Costa

Querida alma, podemos conversar?

No momento me sinto fora de mim e a ansiedade se deleita sobre meu corpo e as lágrimas caem. Sinto-me inseguro e mais vulnerável sobretudo, e a grande causa de todos esses sentimentos incógnitos à Pandemia (Covid-19). Mas alma o porquê de não conseguirmos levantar e produzir? o quanto eu coloquei no intangível? Lágrimas caem novamente e o soluçar tornou-se único som audível de mim. Sento-me e percebo que o quarto tem em uma coloração um tanto opaca e menos ávida Alma, sei que tristonha encontra-se, quero ajudá-la, mas não consigo sair daqui (inércia).

Alma, me encontro no paradoxo entre querer que tudo se melhore para volta à normalidade da minha rotina, entretanto outro lado de mim que prefere continuar em meu lar. O paradoxo está entre duas aspirações, sair porque sinto saudade das pessoas que amo e da rotina que me faz produtivo, e o outro anseio, de permanecer em casa porque me sinto " protegido" de ações totalmente incoerente como a falta de empatia, racismo, xenofobia, misógino, machismo e genocídio ao próximo.

Me pego nesse paradoxo porque existe muitos iguais a mim (negros, gays e pobres) que estão partindo sem dizer “adeus”, sem ao menos ter a chance de explicar que está vindo do trabalho e assim a morte lhe encontra. Medo em pensar que de alguma forma não houve reflexão nessa ocasião de pandemia, e o ser humano não sensibilizou ao outro. E aqui chego diante do papel e da caneta, que se tornaram meus melhores amigos nesse período de pandemia. Eu e ele (papel) passamos horas conversando, ambos no silêncio, respeito de um a outro. Eu escrevo, ele sente minha escrita e a reflexão surge em .mim. As vezes no escrito vem um sorriso ou uma lágrima.

Sobre o paradoxo entre sair ou não de casa, vejo que mesmo com medo, uma hora precisamos encarar esse mundo cheio de dúvidas e atitudes incoerentes, devo me posicionar além do meu bem estar, pensando no próximo. Estamos em momento em que o abraço é proibido e as lágrimas são gratuitas, em que o colo nos traz o sentimento de saudade e o travesseiro se tornou o meu melhor amigo a segurar o pranto. Em 60 dias de quarentena venho descobrindo muito mais de mim, e percebo o quanto devemos e precisamos do convívio com o próximo, que sozinhos não somos nada. O que adianta todo conhecimento se não puder passar a outro? O que adianta ser solidário a você mesmo e não

praticar com próximo? Como vamos praticar atitude de sermos humanos empáticos se não temos o convívio com os outros? A solidude é de grande ganho, sim, na solidude invenções foram feitas, histórias realizadas e belos poemas escritos. Mas do que adianta tudo isso se não posso partilhar ao meu próximo?

O convívio nos ensina o respeito, a sair da nossa zona de conforto, atingir mais sobre o que é ser um ser humano na ação de altruísmo. Olhar outros horizontes sem nos distanciar do que acreditamos, firmar nossos ideais e o respeito ao próximo, pois descobrimos que o ser humano em sua diversidade de cultura e personalidade, torna a vida mais fluida e interessante e quanto mais heterogêneos, melhor. Atitudes de preconceito estão sobre não se deixar conhecer o porquê meu próximo está ali, e se sente bem com aquilo. A evolução está muito mais ligada em saber que as diferenças fazem a heterogeneidade do mundo, e que isso é incrível.

Há muitas indagações sobre quem somos, o que será do amanhã e o porquê de tudo isso? Abri a janela e vejo um belo céu em minha vista (2 horas após começar esse escrito), e o sorriso em meio rosto vem. Vem com lágrimas por saber que tive o privilégio de acordar e estar vivo, mesmo que ainda tenha uma incógnita aqui sobre tudo que se passa, feliz em poder correr atrás

das indagações que me norteiam no momento atual. Muitos choram de tristeza por não ter mais quem se ama ao seu lado, preciso respeitar o momento de solidão e agradecer por tal privilégio, para que em um período próximo eu esteja no convívio em sociedade.

A solidude por agora é um ato de resistência e amor comigo e o meu semelhante. E, quando tudo isso passar, abraçarei todos ao meu redor. A liberdade estar em nós ainda, só que não vinculada ao sair para o convívio, porém, a liberdade de lutas em prol de causas benéficas as minorias em sociedade, conhecimento sobre mim mesmo, a liberdade não se foi por inteiro com a quarentena. Ela apenas modificou-se, e precisamos por enquanto, nos adaptar a ela. A Liberdade se refletiu um pouco mais no ócio, e proporcionar a aqueles que não tem tal privilégio (ócio) o respeito do seu ir e vim em segurança. Aprender que em um momento cheio de incertezas podemos ser libertos de achismo, egocentrismo e continuar a vida em meio a quarentena, continuar um dia de cada vez.

forte abraço, Alma.

Carta Para Beatriz

Milena Prevedello Rubin

28 de Agosto, 2026.

Querida Beatriz,

Quanto tempo faz que eu não te escrevo?

Já faz 6 anos dos desdobramentos decorrentes da pandemia que começou em 2020. Agora me questiono sobre quando paramos de dispor da capacidade inventiva de produzir utopias e passamos a pensar o futuro como essa grande distopia totalitária, na qual o humanismo parece algo insustentável frente ao modelo econômico. Te escrevo porque, aqui no interior do interior do Rio Grande do Sul, minha cabeça tem fervilhado de informações. Sinto que meus avós não são capazes de assimilar toda a situação que se desenrola, mesmo que eu insista em falar sobre isso diariamente na hora do café. Independentemente disso, os amo intensamente e regressei para cá justamente por compreender o cuidado e o afeto envolto no parentesco — que nego —, mas pertença.

Desde que me mudei pra cá, já colhi e replantei um pé de batata doce e um de abacaxi, o que me faz pensar que para algo

serve minha graduação em Biologia, mesmo que eu facilmente pudesse ter aprendido isso com meus avós. Todos os dias caminho até a paróquia e o cemitério da Linha — aquele que só existe porque meu tio-avô dispôs um pedaço de terra dele. A questão é que os idosos aqui da Linha têm morrido por causa do vírus, e tem restado a mim limpar o cemitério, o que até me gera uma renda extra... Mas, por outro lado, me assola diariamente, porque eu vejo de perto o quanto foi necessário pedir mais área para cobrir todos os túmulos.

Lembro de 2020, quando as coisas começaram a ficar estranhas e eu ainda fazia teatro online. Tu te lembra? Nessa época, li aquela peça da “Marcha para Zenturo da Grace Passô”, que se passa em 2044. Lembro que o pessoal do teatro falava sobre como as pessoas estavam desconexas frente à sua comunicação, vivendo apenas em momentos futuros, pautadas em suas expectativas ansiosas. Para eles, a marcha seria algo que soasse como se lá estivessem as pessoas lúcidas que reivindicavam suas presenças no presente. Apesar disso, eu não conseguia ver a Marcha para Zenturo como algo totalmente positivo. Isso porque, sim, tenho dificuldade de estar no agora. Quando é o meu tempo? Só imaginei uma marcha, que seria por um tempo cíclico messiânico. Hoje ainda soa como se essa

marcha, que eu imageticamente criei pra mim, ainda estivesse acontecendo — com corpos jogados ao chão, com pessoas soterradas. Isso, além do mais, enquanto aqueles que acreditam em Zenturo buscam esse messias que nunca vai vir, esse progresso que tanto não resguarda a superioridade moral dos rumos sociais à ciência quanto não compreende nada da *mea culpa* ideológica dela.

Ontem fiz brigadeiro e achei muito engraçado essa compulsividade frenética circular entre a panela e o meu braço que já doía. Lembrei de ti pré-pandemia, quando te disse que tinha feito brigadeiro com café no dia anterior, e tu riste, depois disseste que também tinha feito. Achei engraçado porque, se toda ação é um constante relembrar e corporificar, o movimento do braço com a colher de pau na panela parecia ser em um panelão de risoto em uma festa do interior. De todo o modo, com certeza não seria assim, um panelão me exigiria muito mais força muscular.

A minha necessidade de regresso para essa cidade inicialmente me souou como uma vontade de volta e um saudosismo pra esse bucolismo já vivido e experienciado em outras épocas históricas, as quais só nos atestam o quanto as grandes cidades são conglomerados infectados de concreto. Penso esse tempo quase cíclico como um regresso a um momento

específico de minha linha temporal infantil, no qual as únicas preocupações eram quantas bergamotas eram necessárias para que eu produzisse um número considerável de vitaminas no organismo, em pleno inverno sul rio grandense na casa da vó. Porém, não mexo um panelão de risoto do interior. Nunca mexi. Nem vou mexer. Não existem mais clubes na cidade. Não existe mais festa na paróquia. Minha vó, sim. Ela já mexeu alguns panelões. Minha tia também. Eu, entretanto, não. Nunca precisei.

O que será que minha tataravó estava fazendo quando estourou a gripe espanhola no começo do século passado? Será que ela ficou sabendo de tudo, ou, pelo menos, de parte, do que acontecia? Me assusta um pouco essa percepção de que as mulheres daqui parecem ter parado no tempo desde a época da minha tataravó. Agora sou eu quem pareço estar estática também. O que mudou na rotina da minha avó nos últimos 6 anos? Inicialmente achei que pouca coisa havia mudado. Ela continuaria ali tirando leite e limpando os arredores da casa, mas a verdade é que ela sente muita falta do grupo de reza e também já não enfeita a casa para o Natal e a Páscoa.

Apesar de eu estar te narrando esses meus pensamentos com um grau de tristeza, algumas situações nunca seriam experienciadas se não fossem deslocadas para esse espaço-tempo.

Por isso, talvez agora eu esteja percebendo cada vez mais as mudanças que acometem neste lugar, que são diferentes de uma temporalidade urbana, mas talvez operem frente às mesmas lógicas. Semana passada, por exemplo, caminhei pelo meio do mato e encontrei a antiga casinha onde meu pai entrava para esperar as pombas passarem, enquanto enfiava o cano da espingarda por entre o buraco da madeira e aguardava algum movimento para disparar o gatilho. Aquela casinha hoje me parece mais ter o *design* de uma patente, sem telhado, caída e engolida pelo barranco do açude. Abandonada já há 6 anos, nela cresceram vários Imbés e algumas cachopas de marimbondo. Me pareceu um pouco desolador o estado daquilo que algum dia tinha sido *utilizável*, mas percebi algo de bonito em ver uma construção humana, com a finalidade de matar e deglutir corpos, sendo completamente *absolvida* — e agora penso no emprego semântico dessa palavra. Como se fosse a humanidade pedindo absolvição pelos seus pecados? — ela, completamente restituída, devolvida à natureza. Com isso, penso sobre o quanto tem me acometido de angústia pensar tão incessantemente sobre o ciclo da vida.

Escrevi tudo isso até agora sem perguntar como tu estás.
Que desatenção.

Como tens passado os dias? Tens programando computadores e ficado em casa? Vi que estão fazendo reintegração de posse dos hotéis ocupados, tanto do Villas de Trancoso, quanto do Copacabana Palace. Por favor, me escreva. Também soube que a SpaceX realizou a primeira viagem espacial para Vênus, mas caiu meu sinal bem na hora da decolagem. Me lembro que em 2020 li um texto do Zizek falando sobre as possíveis ilhas inabitadas em que os bilionários iriam se isolar do vírus. Será que estão indo pra Vênus? Às vezes me questiono sobre eu ter saído daí para vir para o interior fugir de um contato tão direto com as consequências do vírus, principalmente pelo fato de que aqui me ocupo limpando e varrendo folhas que caem em cima de túmulos. De qualquer forma, quando vejo essas notícias, tenho algumas certezas do porquê disso tudo me revirar subjetivamente.

No cemitério, chego sempre às 16h da tarde, quando geralmente não acontecem mais os enterros. Aqui somos 3 pessoas divididas em diferentes turnos. O cemitério está tão lotado que a prefeitura finalmente se interessou — talvez como forma de caridade — em fazer certa revitalização do espaço. Construiu um cercado de concreto, ao invés de arames farpados e telinhas, ao redor de todo o terreno — o que me soa o cenário

mais mórbido que já vivi enquanto experiência. Como sair destes incessantes momentos de angústia? A única coisa que me alegra em trabalhar aqui é dirigir com a Gabriela até à floricultura mais perto e recolocar, com o dinheiro contado da Paróquia, as flores bonitas que morreram. A Gabriela é ótima! Esses dias ela me contou, numa dessas viagens, sobre como a Botânica era, e ainda é, em certa medida, uma ciência majoritariamente feminina no Brasil. Isso porque, no século XVIII, as mulheres tinham o costume de colecionar e prensar samambaias e flores silvestres, mas também talvez pelo fato de ser algo que relembra essa “feminilidade” e “delicadeza” resguardada às mulheres brancas. Ou até pelo fato da Botânica ser uma área um pouco desvalorizada dentro da Biologia? Ficamos pensando sobre isso... O quanto será que existe dos saberes indígenas nisso? Não sei muitas coisas, mas adoraria que tu pudesses conversar com a gente sobre isso algum dia. Com certeza é uma de minhas fantasias.

Tenho grandes saudades de ti.

Com muito carinho,

Clarice.

Carta aos curiosos buscando aforismas ou estudiosos em busca de relatos sobre a pandemia de 2020

Joaquina Ianca dos Santos Miranda

31 de julho de 2020, Belém- PA.

O mundo todo foi afetado e será transformado por completo. O século XXI, enfim, começou. Todo período da história inicia com um grande marco, cada século é marcado por um grande acontecimento que o diferencia do anterior. Estamos vivendo isto, pois agora estamos imersos no que será o divisor de águas deste século em relação ao seu antecessor.

Início com o pensamento convicto de que poucos dos que vivenciam o agora sabem da real importância que este momento terá para a história, menos ainda se reconhecem como personagens da própria história, que se passa não somente aqui, em terras tupiniquins, mas no mundo inteiro. No caso do Brasil, estamos em meio a acontecimentos que ajudam a desvelar uma triste realidade vivida, fazendo com que a situação social, política e sanitária evidencie, como nunca, a corrente latente que nos encadeia ao nosso passado colonial, com seu viés escravizador, segregador e, por assim dizer,

opressor. Contudo, enfatizo não buscar que estas linhas tenham rigor científico ou investigativo, mas apenas que relatem um pouco da experiência daquilo que foi vivido por uma cidadã brasileira, como tantas outras, frente ao isolamento social.

É difícil definir quando a pandemia chegou ao Brasil. As informações apontam para fevereiro, mas acredito que iniciou em tempos diferentes para cada um de nós. Para alguns, talvez, tenha começado quando as reportagens em noticiários sobre o novo vírus começaram a se intensificar na tela de TV dos lares do mundo todo e a bombardear o nosso mundo cotidiano com informações espantosas sobre a rápida propagação desse vírus. Para outros, quem sabe, quando as aulas presenciais das escolas do país inteiro precisaram ser interrompidas, ou ainda quando alguns precisaram deixar de trabalhar temporariamente, ou mesmo quando perderam os seus empregos em meio à crise econômica, que tão rápido se mostrou presente.

No início, era um vírus chinês, com o qual não devíamos nos preocupar, afinal, estamos a um hemisfério de distância. Depois o coronavírus se apresentou como um boato, uma "gripezinha", até fazer com que nós brasileiros, que raramente utilizamos nomes científicos, começássemos a falar

em Covid-19. O que posso afirmar é que muitos demoraram a perceber a gravidade e a dimensão daquilo que estava por vir, mas passaram a perceber quando os números de contágio e mortes começaram a aumentar, e poucos podiam dizer que não tiveram um parente ou conhecido morto pelo vírus, sem haver chance de muitos irmãos brasileiros lutarem por suas vidas. Muitos nem ao menos puderam dizer adeus aos seus amados que partiam.

Ao passo que os números de contágio e mortes crescem, as disparidades sociais ficam cada vez mais evidentes: como isolar as palafitas grudadas umas às outras na parte baixa da cidade, naquelas margens, sem portas ou janelas, durante a fase mais branda da contaminação? Durante a fase mais rigorosa do isolamento, enquanto uns passavam fome, sem poder sair para os seus trabalhos, na sua maior parte informais, outros eram acometidos pelo tédio de terem os seus afazeres adiados. Enquanto poucos lastimaram as suas viagens canceladas e as academias fechadas, muitos lamentavam por seus empregos perdidos, a falta de equipamentos e segurança para continuar trabalhando, a ausência de recursos para estudos remotos, sem terem direito de ter sua dignidade preservada, de serem minimamente assistidos pelo poder público, que os

tratou com tamanho descaso.

O isolamento social fez a desigualdade mostrar suas facetas. Os impactos profundos que essa desigualdade pode causar na sociedade e no ser humano individualmente tornaram tudo tão evidente e intensificaram o pior de nós – se não me precipito ao usar o verbo no pretérito e me equivoco com isto, pois não sabemos ao certo se tudo está realmente se normalizando ou se nós é que estamos forçando um recomeço em meio ao caos instalado, para seguirmos acreditando na tão esperada normalidade. Isso, porque os fragmentos das notícias me perseguem e me confundem, mas os que mais me impactam são os que mostram um pouco do tudo deixado pela pandemia.

Quando ouço que os índices de violência doméstica e feminicídio têm aumentado não só no Brasil, mas no mundo todo, penso como as mulheres estão expostas, vulneráveis, ao lado de seus agressores, isoladas com seus opressores. Também não foram poucas as manchetes que alarmaram sobre a maior ocorrência de atitudes racistas nesse momento de pandemia, com o aumento do número de mortes decorrentes de intervenção policial nas favelas, em sua maioria, morte de pretos e pobres da periferia. A falta de estrutura mínima e de projeção de uma política social nas periferias foi aquilo que

tornou essa parte da população, há muito marginalizada pela ausência de políticas públicas, alvos fáceis da contaminação e da morte.

Desta forma, a pandemia escalou uma verdadeira luta política no Brasil, no interior do parlamento, no congresso e nas ruas. Não apenas pelas desigualdades que afloraram e causaram revolta na maior parte da população, manifestada em protestos e hashtags do Twitter – nelas engloba-se a luta constante pela educação pública. Mas também uma luta encerrada contra a mentira e os boatos que buscaram ensejar um bode expiatório para esse caos por meio das tão faladas fakes news, ou ainda o descaso da política nacional frente à pandemia, pois ainda hoje não há o menor vislumbre de um consenso político federal para o combate à pandemia, que se reflete nos mais de 80 dias sem titular no Ministério da Saúde.

Uma verdadeira guerra política, que nos multiplicou as angústias e subtraiu de nós as perspectivas de sucesso para o Brasil. Crises sociais mescladas a ataques contra o poder executivo e seus aliados, que transformaram as ruas e redes sociais em palcos para atender às demandas de discussões, que a todo momento produziam protestos pró e contra medidas de isolamento social. Assim, acirrou-se a luta para desbancar os

discursos que se desencontravam com a necessidade real do momento. Esses comportamentos modernos se manifestaram através de protestos nas redes sociais, ações que agora são parte do mundo contemporâneo. Estas, por vezes, tornam-se uma faca de dois gumes, que ora corta para o lado da luta social e da verdade e, em outro momento, tem o fio voltado para ações contra a mentira que se propaga ou contra os boatos que, se não combatidos a tempo, acabam por fazer brotar a destruição das reputações e das verdades históricas para justificar o estabelecimento do caos, através das conhecidas fakes news.

Relato tudo isso por viver em meio a um cenário marcado pelo medo, pela insegurança, pela incerteza e pelo desgaste físico, emocional e psicológico. A mente sempre em estado de alerta tornou-se meu estado de espírito comum, pois é frequente no meu dia a dia de mulher que precise suportar tudo isso e viver as minhas múltiplas identidades, dentre as quais estão presentes a de mãe, esposa, pesquisadora, filha, amiga, cidadã e, acima de tudo, humana. As mudanças na rotina, redução de mobilidade e a privação da liberdade desencadearam em mim – e em muitos dos que eu via ao meu redor – sintomas de um estresse que nitidamente borbulhava, psicológico abalado, momentos de explosividade,

agressividade e de raiva, ansiedade, tristeza e depressão, em cujo respirar, buscava-se uma terapia para relaxar e entender todas essas coisas.

Em meio a tudo isso, percebi que as crianças, embora fossem as que corriam menos risco de desenvolver sintomas mais graves e agressivos, arrisco dizer, foram as mais afetadas pelo isolamento social. Tendo a mim como baliza, mesmo que esteja em formação no curso de Pedagogia, por vezes não conseguia lidar com tudo que se acumulava e, ainda assim, ter de conseguir dar conta de dedicar toda atenção necessária a minha filha. Então, percebi que minha casa se fez um microcontexto caótico, onde eu precisava me dividir diariamente entre as funções de mãe em período integral, educadora nas manhãs cansativas de aulas remotas, esposa quando fosse possível e pesquisadora em todo o resquício de tempo que me restava. A educação não pode parar. A economia não pode parar. Mas a que custo ela continuou?

Em meio a tudo isso, tem-se falado abundantemente em resiliência, criatividade, otimismo e esperança, palavras comuns em nosso vocabulário, as quais nunca antes se precisou tanto conhecer a fundo. Isso só foi possível através das vivências e experimentações da realidade da pandemia. A

capacidade de lidar com adversidades, o desenvolvimento de ideias e ideais novos, a expectativa positiva de mudanças futuras e o amadurecimento de estratégias e persistência para alcançar os objetivos traçados mesmo em meio à crise constituem-se em um discurso que contribuiu sobremaneira para a sobrevivência de muitos na atualidade pandêmica.

Apesar dos muitos efeitos adversos causados pelo isolamento social, em alguns aspectos, esses efeitos foram positivos. Isso, porque é possível compreender que, em meio a uma sociedade que beira a loucura e nunca para sequer para respirar, marcada pelo egoísmo, pelo pensamento acelerado e tempo regrado para realização de tarefas da vida, há a possibilidade, mesmo que impositiva, de se ter um pouco mais de tempo para refletir sobre tudo e sobre si mesma, assim como um punhado de tempo a mais para articular o pensamento e projetar novas estratégias para realização de tudo aquilo que já não achávamos mais ser possível. Ou ainda que há a chance de desenvolvermos uma visão mais crítica, mais criativa da realidade, nos permitindo imaginar novos tempos, com perspectivas mais verdadeiras de um futuro mais real, mais justo, mais solidário, onde a pandemia possa fazer parte de um passado que nos ensinou a sermos mais humanos, que nos

direcionou a caminhos esperançosos que poderão ser trilhados não apenas na fronteira da mente de forma remota, mas também na realidade que se faz possível.

Me sinto à vontade para dizer que não seremos os mesmos quando tudo isso acabar, assim como não somos os mesmos que éramos no início de tudo. Encerro com as palavras dos republicanos paraenses ainda na Primeira República, mas que são desejos e saudações tão presentes hoje em dia, dos que agora compreendem suficientemente bem o que nos foi deixado como lição: cuide-se e cuide das pessoas que você ama, cuidem uns dos outros.

Saúde e Fraternidade!

De alguém com incertezas, mas muita esperança no amanhã.

Covid-19 E "Eu"

Vitor Igor Fernandes Ramos²⁰⁶

Ao estruturar as dimensões que uma crise sanitária mundial pode ocasionar, me ocorre o quanto o meu lugar físico me faz está em melhores posições e condições do que comparado a outras pessoas. É este mesmo lugar, com comidas à vontade (cardápios variados de carnes, frangos, peixes e legumes); roupas a escolher (é preciso ter mais de duas mãos para escolher minhas roupas); uma cama a dormir toda noite; uma televisão a assistir; uma internet a navegar e animais a criar.

E é neste embalo de uma vida momentânea e espontânea, que me choco ao ver o que a Covid-19 trouxe para a realidade. Mas, que "realidade" é essa? Uma palavra que ocasiona medo, frustrações, angústias e dúvidas, sobre o que realmente é esta "realidade". Uma "realidade" que é distante para as minorias que se negam a ver e sentida e vivida para as majorias que a desejam sair.

A verdadeira realidade não são as redes de fast-foods, os shoppings, os bares, as praias, os parques aquáticos, os hotéis, as

²⁰⁶ Vitor Igor Fernandes Ramos. Discente do curso de Bacharelado em Farmácia. e-mail: vitordejun@hotmail.com. Homem cis, negro e defensor dos direitos humanos.

fazendas, os automóveis de milhões de reais, as roupas caras, as publicações e atualizações no Lattes e outras utopias de mundo “ideal” para nós.

Essa realidade que eu me refiro, é aquela que é experimentada, imposta e observada pelas milhões de pessoas que estão (nesse exato momento), fugindo dos países que nasceram, para outros, em busca para sua verdadeira utopia. Pessoas que são consideradas sem nacionalidade (apátridas), migrantes, imigrantes, pessoas em transição. Pessoas em Situação de Rua, indígenas, pessoas em sofrimento mental. Pessoas LGBTQUI+, população negra, idosos (as), pessoas com deficiência ou “acima” do peso.

Esse conjunto formado por estes grupos de pessoas são as maiorias que em representante afirma que a Covid-19 é apenas uma “gripezinha” e que suas ações e estratégias são direcionadas a um (DES) governo, é compreensível que exista diferenças entre essas realidades.

O impacto que a Covid-19 me traz, é perceber o quanto a realidade vivenciada pelas pessoas que estão na linha de frente (e estas, muitas vezes, esquecidas), merecem ser valorizadas, respeitadas e protagonizadas. O quanto à falta de empatia no ser humano, é capaz de ocasionar desastres naturais, ambientais, físicos e mentais.

Perceber que a Covid-19 não é apenas uma gripezinha, me mostra o quanto caminho falta para eu estabelecer a minha condição humana. Essa condição, que me faz querer ser humano. Que ao invés de falar e apontar o dedo, é necessário escutar e sentar. Que é preciso amar em um mundo que não ama. Que é preciso sentir e persistir.

E nestes intervalos e incoerências da vida, eu fui percebendo que a Covid-19 não é tão ruim assim e não é “comunista”. A natureza, o universo, tinha que dá alguma resposta aos “seres inteligentes” que habitam o planeta Terra. Não poderia continuar acontecendo às intervenções que se via (queimadas em grandes florestas mundiais, poluição nos oceanos, desmatamento abusivo, prática ilegal, exploração e vendas de animais selvagens, poluição dos solos, aumento dos agrotóxicos) e entre tantos outros, sem uma resposta da nossa verdadeira terra.

E foi preciso que esse vírus mostrasse que tudo no mundo, tem limite. Que as intervenções dos “seres inteligentes” merecem ser repensadas e antes de qualquer ação, deve-se entrar em um contrato com a mãe natureza para ver se ela permite tal ação acontecer. Esse vírus mostrou à verdadeira e real desigualdade sentida pelos povos migrantes, imigrantes, de rua, indígenas, refugiados e apátridas. Mostrou que essas pessoas existem e merecem partilhar os mesmos direitos que EU e VOCÊ,

temos. Os mesmos deveres que temos como cidadãos, essas pessoas devem partilhar também.

Mas como falar de direitos e deveres, em um país que se nega a ver suas mazelas sociais e o que seu povo passa? Em um país, que prefere passar comerciais de televisão, roupas inacessíveis e carros grandes, para uma população em que isto fica somente na imaginação?

Essas pessoas merecem alimentação, água potável e roupas para o frio e calor. Porém, acima de tudo, elas merecem ser protagonistas de suas próprias histórias. Merecem planos singulares terapêuticos que a valorizem e busquem suas autonomias como pessoas, e não simplesmente pessoas que carecem de alimentos, água e roupas.

E afinal de contas, e a Covid-19? Ela está neste rolo todo! É com ela que devemos aprender a respeitar, ouvir, conviver e acima de tudo, amar. Amar pessoas que não conhecemos. Amar pessoas que estão nas ruas. Amar pessoas que te viram a cara. Amar pessoas que se negam a entender a atual situação. Amar pessoas que não te amam. Amar a si mesmo.

Neste meio tempo que faço as edições desta carta, vivemos o momento do Círio (fé para quem é cristão e fé para quem acredita em outros deuses). Nesse momento tão importante e crucial da nossa vida paraense, a “nazinha” (carinhosamente

como ela é conhecida, a Nossa Senhora de Nazaré) reinventou a forma de suas procissões. Ao invés das intensas caminhadas e percursos que ela fazia durante a semana do Círio, ela resolveu fazer esta ‘caminhada’ por helicóptero.

Através de um meio de transporte aéreo, ela sobrevoou Belém e seus diversos bairros, derramando energias positivas e abençoando seu povo que luta, resiste e vive todos os dias. Ela me faz acreditar, que os seres humanos podem se reinventar todos os dias. Porém, o saber e o compartilhar, só irá se fazer juntos e juntas, sem ter que ‘um ensinar ao outro’. O saber se constrói ali e aqui, nas mais peripécias situações da vida.

A você, que está lendo esta carta, não desanime. Estamos vivendo expiações todos os dias e, por isso, somos testados. Contudo, se tu tiveres que chorar, chora! Se tiver que gritar, grita! Mas logo depois disso, tu te recompõe e volta correndo. Volta correndo com as tuas vitórias. Faz isso por mim, por nós e acima de tudo, por ti! Vai fundo e corre atrás do teu sonho e, mesmo que tu digas: “Vitor, eu não consigo, não sou forte o bastante”, essa carta vai está aqui para sempre para te dizer: “Sim, tu és!”.

Será Que Já É Possível Respirar Sem Máscaras?

Uma carta ao mundo pós-pandemia

Edvaldo Ribeiro Brandão²⁰⁷
Karen Lauren Monteiro Silva²⁰⁸

Alagoas, 16 de junho de 2020.

Caro leitor ou cara leitora:

Escrevemos esta carta ao mundo que restará após a pandemia da COVID-19, pois o momento atual nos traz dúvidas e incertezas, e viver uma pandemia é algo que não esperávamos, ao fazermos nossos planos, no começo de 2020. Nós nos apresentaremos enquanto Lauren e Edvaldo, dois estudantes de Psicologia provenientes do Sertão Alagoano. Redigimos esta carta, porque achamos pertinente que nossas reflexões, durante a pandemia, sejam experienciadas por você, que já vive (ao menos a gente espera que viva) no mundo pós-pandemia.

²⁰⁷ Graduando em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Unidade Educacional de Palmeira dos Índios; E-mail: edvaldorbrandao@hotmail.com

²⁰⁸ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Unidade Educacional de Palmeira dos Índios; E-mail: karen.monteiro.a@outlook.com

Enquanto escrevemos esta carta, estamos a caminho do terceiro mês de uma quarentena que parece interminável, mas, para que você entenda melhor como isso começou, vamos voltar ao mês de fevereiro. É claro, você pode ter vivido durante a pandemia do Coronavírus e ter toda uma perspectiva sobre esses acontecimentos, ou pode ter nascido depois dela e estar lendo esta carta em algum momento ainda mais distante; de qualquer forma, nosso propósito, aqui, é mostrar como nós sentimos a pandemia, a partir das nossas vivências.

Por volta do fim de fevereiro, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado em solo brasileiro²⁰⁹; nesse mesmo momento, o país estava terminando as comemorações do Carnaval, uma das principais festas culturais do Brasil. No começo, não houve tanta preocupação, parecia algo distante da nossa realidade. O vírus permaneceu sendo algo distante da gente, por um certo tempo, de modo que o primeiro caso em Alagoas só veio a ser confirmado em 8 de março.²¹⁰ No dia 16 do mesmo mês, três dias antes de a

²⁰⁹ AQUINO, Vanessa; MONTEIRO, Natália. Brasil confirma primeiro caso da doença. **Ministério da Saúde**, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>. Acesso em: 12 jun. 2020.

²¹⁰ Homem que veio da Itália é o primeiro caso confirmado de coronavírus em Alagoas, diz Secretaria. **G1. Alagoas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/03/08/homem-que-veio-da-italia-e-o-primeiro-caso-confirmado-de-coronavirus-em-alagoas-diz-secretaria.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2020.

quarentena ser instaurada no estado, voltamos a Palmeira dos Índios para o retorno das aulas, pois tudo seguia no maior esforço para que continuássemos vivendo normalmente.

Nesse ponto, ainda não usávamos máscaras: lavar as mãos e usar álcool em gel eram medidas de segurança suficientes. Entretanto, no dia seguinte, as aulas foram suspensas e voltamos para o Sertão. Por mais que fosse difícil de imaginar, um vírus que mede menos de um micrômetro começava, ali, a impactar nossas vidas de uma forma de que não tínhamos ideia. Voltamos para casa em um transporte público e a sensação era de que, se não viajássemos ao lado de alguém aparentemente gripado, estaria tudo bem – mas que tolice! Por sorte, no interior de Alagoas, a doença ainda não tinha se alastrado com tanta força, ainda eram boatos distantes em torno das pessoas que viajaram para o exterior, porém, nada confirmado.

Em 19 de março²¹¹, o governador decretou o início da quarentena e as coisas começaram a mudar. No início, as pessoas, na medida do possível, respeitavam o isolamento, mas o vírus

²¹¹ Decreto nº 69530, de 18 de março de 2020. **Legisweb**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id/=390824>. Acesso em: 16 jun. 2020.

continuava sendo algo distante da gente. Embora Maceió já contasse com uma quantidade considerável de casos, no Sertão, a “ficha” demorava a cair. Iludidamente, acreditávamos que voltaríamos à normalidade o mais breve possível, contudo, não é o que está acontecendo. Acabaram os estoques de álcool em gel. Percebemos que as ruas estavam mais vazias, mas ainda não era o suficiente. Era um clima de constante tensão, que aumentava com o noticiário – mais pessoas contaminadas no Brasil.

O vírus “invisível” chegou e sabíamos que não estávamos preparadas/os para lidar com ele. Aos que ingenuamente ou maldosamente afirmavam que o vírus atingiria toda a população, de maneira igual, nós os lembramos de que o maior índice de letalidade está relacionado às desigualdades sociais, às pessoas que não têm acesso a infraestrutura básica, como água e saneamento (CONAQ).²¹² Essa é a realidade de muitos povoados e pequenas regiões do interior de Alagoas, a qual vem se agravando.

²¹² CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Mapa da desigualdade:** renda e mortalidade por Covid-19 nas capitais brasileiras. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/mapa-da-desigualdade-renda-e-mortalidade-por-covid-19-nas-capitais-brasileiras/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

O Estado é ausente também nas políticas públicas de saúde; moramos distante das redes de hospitais equipados para lidar com o vírus e, de forma micro, os prefeitos das nossas cidades apresentam uma preocupação que não se faz efetiva, quando propõem que fiquemos em casa (mas o comércio permanece aberto) e quando não dão assistência à população, disponibilizando o básico para higiene e prevenção contra o vírus, como as máscaras, álcool em gel e os testes da COVID-19.

As pessoas estão mais nas ruas e, conseqüentemente, a contaminação cresce desenfreada. No momento em que mais deveríamos nos preocupar, a certeza de que hora ou outra todos vamos acabar contaminados passa a se tornar um pensamento recorrente. Aos poucos, pudemos perceber que, mesmo sendo uma indicação para todos/as, o isolamento social alcançou a população de maneiras distintas; pessoas mais privilegiadas puderam desfrutar de um isolamento relativamente tranquilo, ao passo que as pessoas da classe trabalhadora nem sempre conseguiam se isolar, o que se mostra uma realidade recorrente, no contexto do semiárido alagoano.

Por sua vez, o Governo Federal, ao tentar conter a crise posta pelo Coronavírus, propôs o auxílio emergencial, que acabou sendo mal disponibilizado. A nossa região tem um acesso

precarizado às redes de informações, a exemplo da internet, e a adesão ao auxílio depende de uma boa conexão; além disso, os que conseguiram sair do *status* de “análise” enfrentaram aglomerações enormes, em frente aos bancos, expondo-se ainda mais ao vírus.

Para as pessoas que podiam permanecer nas suas casas, várias questões foram mudadas nas suas rotinas. Aprender a lidar com relações virtuais, para o trabalho/estudo, (re)aprender a conviver, constantemente, com seus maridos, pais, filhos/as. Embora isso aparente uma facilidade, exige compreender que todas as escolas estão fechadas, que quem antes trabalhava ou estudava fora agora é obrigado/a permanecer em casa, não é possível dar uma “fugidinha” no fim de semana, a fim de sair com os amigos/as. Compreende-se que o (con)viver desse momento de pandemia é agravado/prejudicado, por estarmos em constante tensão; não é possível respirar sem máscara fora de casa.

Somado a isso, vivemos em um período no qual a nossa democracia está constantemente ameaçada, pelas falas explícitas do Presidente da República. O que aparenta é que não temos segurança de nenhum lado: o vírus veio junto de um desgoverno e não sabemos qual dos dois é mais letal. Ao encararmos os impactos sanitários do vírus, a facilidade de contágio, a letalidade,

a falta de uma vacina, e juntarmos tudo isso à acentuação das desigualdades sociais já existentes, chegamos a uma catástrofe psicossocial.²¹³ Nesse contexto, até a pessoa que se diz menos preocupada também é afetada psicologicamente.

Atualmente, os casos começaram a crescer de forma exponencial, de sorte que, aos poucos, vemos pessoas conhecidas sendo diagnosticadas e até morrendo. Não sabemos se a pandemia vai durar mais um mês ou mais um ano, as incertezas ainda nos cercam. Ao passo que as mortes aumentam, o isolamento por parte do governo começa a ser afrouxado, o que nos leva a questionar sobre o que vem pela frente. Nesse instante, nós nos vemos obrigados a encarar a pandemia e todas as incertezas que ela nos traz.

Nessa perspectiva, uma reflexão necessária para a circunstância em que vivemos é proposta por Ailton Krenak,²¹⁴ quando assinala: “Há muito tempo não programo atividades para 'depois'. Temos de parar de ser tão convencidos. Não sabemos se

²¹³ SÁ, Marilene De Castilho; MIRANDA, Lilian; MAGALHÃES, Fernanda Canavêz De. **PANDEMIA COVID-19: CATÁSTROFE SANITÁRIA E PSICOSSOCIAL**. Caderno de Administração, v. 28, p. 27-36, 4 jun. 2020.

²¹⁴ KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã.”
(n.p.).

Você, caro/a leitor/a, deve saber até quando durou a pandemia do Coronavírus, mas o que restou depois dela? Quais os impactos da pandemia, em médio e longo prazo, na sociedade mundial? Será que as mudanças esperadas pelos mais otimistas, de que seria um novo começo para a humanidade, se concretizaram (temos nossas dúvidas)? Será que, no final das contas, não houve humanidade pós-Coronavírus e esta carta nem ao menos será lida?

Aguardamos suas respostas, reflexões e impressões do que foi ter acesso ao nosso pequeno espaço-tempo, na pandemia do Coronavírus, sejam elas por carta, *e-mail* ou através do universo.

Atenciosamente,

Edvaldo Brandão e Karen Lauren

Para o tão anômalo e conhecido COVID19

Adriana Dos Santos Melo²¹⁵

Dedico-me a escrever a ti, como forma de expor em poucas linhas os turbilhões de sentimentos que tendes causado a mim nos últimos meses... Sabe, tem sido uma mudança de comportamento que até então apenas o amor nos fazia ficar assim, estranhos desapegados mas ao mesmo tempo querendo estar perto. Ainda é difícil dizer quem é você de fato, ou o que você faz para nos deixar assim. Queria muito que você soubesse a partir dos meus poucos relatos, que tenhas um tanto de misericórdia das pessoas que ainda existem em seus corações sonhos e aspirações, o desejo de alcançar no amanhã, a glória de suas batalhas pelejadas por uma vida. Digo-te o que tu já sabes, tirastes a esperança de muitos, a faísca da alegria de milhares, deixando apenas a dor e solidão, sem o pouco de desejo de continuar a caminhada, mesmo que saibamos que no final o destino seja a morte...

²¹⁵ Graduanda em Letras Língua Inglesa pela Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, UFPA Campus de Altamira , turma 2017 e Bacharel em Administração Pela UNINTER, Campus de Altamira, turma 2016. E-mail: Adrianamelo16.am@gmail.com

É aqui que conquistamos, que lutamos, que resistimos, que amamos, na estranha terra, onde um dia comemora-se o “Dia do Abraço”, e no outro: “Para sua segurança, evite abraços e outros afagos!”. No momento que o desejo da humanidade mais seja um conforto de um abraço, de um contato humano, é impedido de tal afeto.

Por ser uma pessoa de extrema cautela ao observar cada alteração no comportamento das pessoas, pude perceber ao decorrer dos dias, como se estes, estivessem se tornados mais longos e duradouros. E que a corrida por respostas a tantas perguntas, fossem miseravelmente ignoradas.

Minha velha e tão prazerosa rotina, de chegar em uma sala de aula, encontrar dezenas de sorrisos, e termos um momento de importantes aprendizados, foram drasticamente trocados por uma determinação de: “Não saiam de suas casas!”. Mesmo assim, o espírito de caridade, e ajuda ao próximo, de tal forma continuou acendido em um tão simples coração, pois me dediquei em criações de utilidades de proteção individual contra ti, espero que não soe tão abrupto, mas que de certa forma, tem sido meios que precisou ser tomados, para que pessoas tão esperançosas, pudessem acreditar, que usar máscaras e higienizar as mãos, seria

o suficiente para terem a resistência necessária, e o prazer da saúde e vida.

É notável toda a mudança de rotina, de todos. Mas sabemos, que apesar dos pesares, o sangue de ser brasileiro cheio de sonhos e grandes esperanças, ainda reina sobre nossos corações. Agora, digo-te não como forma de consolo a ti, Covid, mas como a realidade, de que um ‘Agora’, jamais deve ser adiado por uma ocasião menos relevante, que um ‘Eu Te Amo’, deve ser demonstrado a cada oportunidade que aparecer, em palavras e ações, que os corpos devem ser afagados por um abraço, a cada momento oportuno, porque os planos podem até mudar e serem reinventados, mas a vida é única, e não há uma determinação de quando ela passará...

P.S Meus sinceros sentimentos e condolências a todas as famílias que de alguma forma, foram atingidas pelo tão anômalo Covid 19.

Placas-PA 28 de julho de 2020

Reflexões Introdutórias Sobre A Felicidade Em Tempos De Isolamento Social

Suzana Farias Rabelo ²¹⁶

Belém, Pará, 18 de julho de 2020.

Querido Dorivaldo Pantoja Borges Junior,

Sua carta me ocorreu ao ler sua carta diversos sentimentos e reflexões, ao qual me incentivou a responder trazendo outras contribuições. O texto *Transitoriedade*, de Sigmund Freud, que fundamenta as reflexões contidas na sua carta, carrega um olhar analógico à nossa realidade. Quando você me recomendou, confesso que passei alguns minutos refletindo a seguinte frase: “toda aquela beleza estava destinada a perecer, de que no inverno ela desaparecera dali, assim como toda beleza humana e tudo o que é belo e nobre que o homem criou e poderia criar.” O texto *transitoriedade* permitiu trazer a contemplação sobre as questões ligadas ao imediatismo e as consequências para o nosso

²¹⁶ ²¹⁶Graduanda em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE/UNAMA). E-mail: suzanarabelo11@gmail.com

psiquismo, admitindo pensar na possibilidade de enxergar a beleza através do que é efêmero.

O período de pandemia tem me presenteado com essas reflexões do nosso cotidiano, pois sem viagens, festas e mudanças de cenários, me trouxe a seguinte pergunta: como enxergar a beleza no nosso cotidiano? E, diante desses questionamentos, seu texto foi extremamente necessário. Fico muito grata. Nesse sentido, também lhe trago outros questionamentos.

Os dias realmente tem sido difíceis, meu amigo, tenho passado o período de quarentena no apartamento com as minhas irmãs, separada dos meus pais, o que me trouxe um pouco mais de insegurança. Acho que você me entende pois você mora só aqui em Belém. As diversidades do semestre me trouxeram diversas reflexões sobre a vida, dentre elas sobre a felicidade. A felicidade nos remete a um sentimento tão profundo, entretanto algo tão passageiro, e é sobre ela que irei lhe escrever, meu caro amigo. Vamos lá.

Atualmente, tenho feito diversas leituras que, de forma linear, abordam a temática da felicidade. Uma delas que chegamos a comentar foi do livro chamado *Uma breve história da humanidade*, de Yuval Noah Harari, um escritor fenomenal onde ele afirma que a felicidade depende da correlação entre

condições objetivas e expectativas subjetivas, ou seja, depende da forma como o indivíduo a vivência, ela é experimentada de diversas formas em diferentes contextos.

Diante disso, senti a necessidade de estudar um pouco mais a respeito e me aprofundar nos correlatos da psicanálise, e nessa busca encontrei o texto do *mal estar na civilização*, do nosso amado Sigmund Freud. E a partir dele, fui percebendo que as construções de seu pensamento correspondem a nossa realidade atual.

O texto *Mal estar na cultura*, escrito por Sigmund Freud em 1929 e publicado no ano seguinte, constrói temas que perpassam o indivíduo e a civilização; agressão; pulsões de vida e morte entre outros. Diante disso, o autor constrói VIII capítulos que transmitem diálogos entre a busca pela felicidade, religião e a origem de cada tema citado acima. De forma a complementar, acho de extrema relevância considerar o contexto ao qual Freud estava inserido. O período de guerras trouxe a ele diversas reflexões sobre o indivíduo, tornando-se assim de suma importância para a psicanálise.

É interessante analisar que Freud, em seu texto, afirma que viver em sociedade é renunciar a própria felicidade, e que por esse fenômeno nos vemos em uma constante busca pelo sentimento de

satisfação, que por sua vez diminui o sentimento de desamparo. Dentre essas reflexões, me vi questionando e fiz as seguintes indagações: dá pra ser feliz em período de isolamento social? e o que seria a felicidade?

De forma prioritária para dinamizar a escrita, busquei adentrar os enigmas da segunda pergunta, para Freud, a felicidade remete ao não sofrer, nesse contexto é feliz quem obtém o prazer intenso e a ausência de sofrimento. Diante disso, compreendemos que a felicidade não está apenas nas realizações de desejos, mas nos processos de diminuição do sofrimento, pois Dorivaldo, muitas pessoas necessitam desatar ‘nós’ emocionais, ou curar frustrações e desejos reprimidos, o que impede a sensação de prazer e a busca pela felicidade. O que me remete à nossa quarentena, onde percebi que muitas ilusões pessoais vieram à tona, de forma a interromper como você me escreveu, o imediatismo ou o sentimento de viver no automático.

Em meados de março, meu caro amigo, me ²¹⁷deleitei em uma das lives que modificaram a minha percepção de como ser feliz nos dias atuais; a live possuía a temática da ‘felicidade em

²¹⁷Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9OyIQ0R2_nQ
Acesso: 11 maio 2020.

tempos de pandemia”, oferecida pela UOL, e reuniu diversos especialistas dentre eles o nosso estimado Christian Dunker; todavia, escreverei sobre os ditos que mais me fizeram emergir no assunto.

Sendo assim, uma das convidadas da live, chamada Monja Coen, replicou a pergunta inicial sobre a busca pela felicidade e afirmou ‘ ‘ Todos nós atravessamos diversos estados mentais com o passar da existência, entretanto nada impede de tentar contemplar o agora’’, isso me remeteu ao isolamento, pois ele desperta diversos sentimentos, o que dificulta , na minha visão, a sensação de equilíbrio interno nas pessoas; obscurecendo as belezas da nossa própria contemplação.

Nesse segmento, com essas reflexões me endereça ao texto incrível ao qual você está imerso, transitoriedade escrito por Sigmund Freud, publicado em 1916, onde ele declara que o destino determinante da transitoriedade conforta toda a beleza da existência, ou seja, a beleza surge pois um dia ela tem seu fim, e vivenciar o momento é a melhor forma de contemplação.

Nesse sentido, o psicanalista Christian Dunker afirma também que a felicidade se dá através de uma contingência da vida e a aceitação do processo, ou seja, um encontro que a determina. Ele remete, de forma muito fatídico, que as pessoas

buscam um ideal de felicidade. Eu te confesso que fiquei um pouco intrigada com esta afirmação, pois tenho analisado isso durante esses meses nas redes sociais, acredito que na nossa sociedade incorpora-se a idealização das vivências, dentre elas o sentimento de felicidade, ao qual incorpora-se o ideal inalcançável, uma vez que felicidade é um processo e nem sempre se mantém constante nos indivíduos, e assim a busca torna-se ideativo no imaginário social.

Acredito que eu tenha trago variados pensamentos para acrescentar na linha delineada pelo nosso querido Sigmund Freud, contudo, não podemos esquecer de refletir sobre as uma das barreiras da felicidade no período em que estamos imersos. O luto, o qual possui a angústia originada pelo sentimento de perda, contempla também a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor (FREUD, 1915)²¹⁸.

Na atualidade, enfrentamos diariamente a dor e a angústia de diversas pessoas, que tiveram parentes, amigos e pessoas próximas perdidas pelo Covid-19, e isso me trouxe a lembrança da nossa querida amiga Gabrielle que irá expandir sobre a

²¹⁸ FREUD, S. Transitoriedade. In: FREUD, S. Arte, Literatura e os Artistas. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

temática dos rituais fúnebres, ao qual possui a função de elaborar a despedida, o desligamento, a reorientação da libido investida no ser amado, em hábitos de vida ou em objetos após a sua perda.

E essas meu caro, são algumas das reflexões que estive analisando nesse período de isolamento ao qual todos estamos enlaçados, espero que eu também possa ter contribuído da melhor forma com essa carta, que ela possa ser fértil a nossa produção. Ademais, agradeço a oportunidade de estar produzindo com você, espero mesmo que você esteja bem, e desejo que nos reencontremos logo, um grande abraço.

Atenciosamente,

Suzana Farias Rabelo.

Uma Análise sobre a Paralisia que atingiu a Sociedade no Século XXI

Carta – Alice Lisboa Maciel²¹⁹

Olá!

Quem lhe escreve é o seu eu do passado. Talvez fique surpresa ou emocionada com a leitura seguinte e, se assim for, algo terá mudado em ti. Escrevo-lhe, pois, com o tempo, relacionamo-nos com diversas pessoas, vislumbramos múltiplos horizontes e, aos poucos, somos moldados a fim de refazermos nossa verdade.

Aqui, as coisas não andam muito bem...

Nos últimos meses, começamos a passar por um adormecimento realístico. Não, não estranhe, pois foi isso mesmo. Dormimos no dia 17 de março de 2020 e, até agora, estamos encarando um mundo adormecido. Porém, o surpreendente tem sido o fato de esse sono ser tão barulhento quanto o eco da realidade...

²¹⁹ Discente do curso de Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. E-mail: alicelisboa888@gmail.com

Tudo começou quando os noticiários trouxeram à tona suposições da existência de um agente viral, pouco perigoso a princípio, mas que, gradativamente, foi mostrando suas garras e instaurando o caos no globo. Com o avanço dele, um “lockdown” foi decretado e, juntos, fomos experimentando o drama do reinvento .

Professores, de todos os níveis de formação, revolucionaram o modo de ensinar e, mesmo sem possuírem intimidade com os recursos tecnológicos, permaneceram, bravamente, na batalha em prol da educação.

Os alunos, também, restauraram seus métodos de estudos e, como as escolas não podiam abrir, travaram uma luta pelo adiamento do ENEM, levantando a “hashtag” ADIAENEM no Twitter após uma propaganda meritocrática em rede nacional.

Apesar disso, eles se mantiveram firmes e enfrentaram exaustivas aulas via internet, somente para garantirem a aprovação no final daquilo que continuava sendo duvidoso.

Paralelamente a esses acontecimentos, atentados contra vidas foram tomando conta do Brasil e dos Estados Unidos,

simplesmente pela aversão ao tom de pele de determinadas pessoas. Surgiu, então, uma série de reivindicações com a bandeira “BLACK LIVES MATTER” e, ao lado delas, o movimento “Antifascista” renasceu .

Assistimos, ainda, à fria forma com que a Ciência foi negada e não conseguimos conter as lágrimas quando muitos enfermeiros sofreram repressão, próximo ao Palácio do Planalto. Desse mesmo jeito, nossos corações foram dilacerados no momento em que aconteceu a ameaça de voltar à Ditadura, a perseguição aos jornalistas e à liberdade de expressão.

Fora das telas, as casas estavam trancadas e, dia após dia, os indivíduos se tornavam ociosos. Ao passo que os hospitais visualizavam lotações nunca imaginadas e funcionavam como acalento para os pais que perdiam seus filhos, e filhos que perdiam seus pais.

Da mesma maneira, os cemitérios, cruelmente, passavam a ver rostos cheios de vida. E, como se não fosse bastante, ainda existiram homens que se mostraram capazes de omitir tudo o que acontecia. Isso se manifestou pelo desrespeito, falta de empatia e egoísmo.

Somando-se a tudo, houve o fechamento das igrejas e a paralisação das celebrações cristãs. Por isso, datas importantes como a Páscoa e Pentecostes aderiram ao formato de “live” e tiveram que ser acompanhadas, em casa, pela televisão.

Foi observado, também, o sofrimento do Papa ao realizar, sozinho, uma celebração na Praça de São Pedro, no Vaticano, e pedir a Deus que tivesse misericórdia de todas as famílias durante aquela situação catastrófica...

Da maneira mais sórdida, fomos reconhecendo que precisávamos de um período ameaçador de vivências para lembrarmos de sobreviver. Todavia, aqueles medos e incertezas aumentaram...

A depressão e a ansiedade nos atingiram com bastante força, porque, junto delas, a paralisia no tempo e a falta de ter o que fazer nos consumiam...

Ao receber a potência dessa história, acredito que você deva ter ficado atônita, mas esteja certa de que todos ficaram e, como disse, foi um sonho tão real...

Não terei conhecimento do modo como você estará

vivendo no futuro nem se as suas ambições se realizaram ou se você se adaptou à máscara e ao álcool em gel. Não sei se conseguiu finalizar o curso de Letras e começou o de Direito. Nem se teve a oportunidade de ir ao show do Ed Sheeran e da Adele. Não, eu não sei.

Por isso, digo-lhe que se lembre de tudo o que a atipicidade desse momento simbolizou e dos aprendizados que, timidamente, você recebeu. Lembre-se, também, dos dias com vontade de ficar na cama, da revolta com aquelas pessoas que não queriam cumprir o isolamento e até dos diversos bloqueios criativos que lhe impediram de escrever.

Igualmente, nunca se esqueça da doçura que sempre foi característica sua; de respeitar os professores; de ansiar pelas aulas de Língua Portuguesa; de defender a multiplicidade nos setores sociais e de se comprometer com o ingresso de mais mulheres na Política.

Mantenha, do mesmo jeito, o pensamento claro e sensato. Permaneça fomentando o interesse pela leitura nas gerações e leve o dom de ensinar adiante. Alimente o estímulo e a perseverança dentro de você, e não desanime no primeiro tombo.

Certamente, você poderá estudar sobre esse vírus no futuro e é provável que domine as informações pelas quais, agora, a ciência espera. Mas, peço que tenha maturidade para olhar o passado e extrair superação dele.

Preserve o que há de mais genuíno na sua personalidade e, se preciso for, renuncie a convites, pelo simples motivo de permanecer estudando.

Todavia, deixe claro para sua mente que humanos não acertam todas as vezes e isso é absolutamente normal. Aprenda a fazer as coisas de acordo com o tempo certo, e não se frustre quando não saírem como você as planejou.

Controle as cobranças que, vez ou outra, fazem você perder a sanidade. Pense na vida e fique sozinha, se precisar. Mas não chore nem se culpe por não ter conseguido algo.

Diga às pessoas que você ama e não tenha vergonha de demonstrar seus sentimentos. Cultive a sua moral e não se deixe corromper por discursos vazios e pobres de sentido. Filtre situações e episódios obscuros.

Conserve o seu coração puro e não sinta medo das adversidades do dia a dia. No entanto, se o viver lhe pesar,

recorde-se do hoje e localize energia para lidar com o amanhã.

PARALELO: as duas retas de hoje

Josivam de Assis da Silva²²⁰

Altamira, 22 de junho de 2020

Mais uma primavera me contempla, mas desta vez, contrastando com um inesperado caos. E, neste ano – que começou de forma tão avassaladora – chegam também meus 26 anos regados a uma nociva Pandemia. Para minha “Distração na Tragédia”, me vi, entre todas as paredes da residência de aluguel, preso a um terço de um quarteirão de uma das mais antigas ruas da Capital da Transamazônica – Altamira – lendo “Chove nos Campos de Cachoeira”, Célebre obra de Dalcídio Jurandir, “Minhas Memórias de Lobato”, de Luciana Sandroni, “Caminho do Rio” e “Música Popular e Identidade Nacional”, de João Jesus Rosa, “Ana Z”, de Marina Colasanti, dentre outras.

Aqui, próximo ao centro da cidade tudo parece ser mais

²²⁰ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa- UFPA - Campus Altamira. Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Educacional Rosa Marques- Instituto Darwin- Campus Altamira.
E-mail: Josivamdea.silva@gmail.com.

solitário e carente de respostas para perguntas que eu nem sei se são possíveis de serem formuladas. No bairro, antes movimentado, onde tantas lojas marcavam o vai e vêm das vendas e compras, hoje quase ninguém vai...ninguém vêm. Há algum tempo eu acreditava ser impossível o corre-corre do dia a dia ser parado. Hora para vir, hora para chegar; relógio para entrar e sair do trabalho; hora serrada para entrar na sala da Faculdade sem hora para sair, mas, mesmo assim, tenho saudades dos diálogos com os professores e companheiros, dos seminários, dos debates; Universidade que por hora, ainda sou vizinho, já que moro próximo aos prédios da Universidade Federal do Pará, onde, há poucos meses, sentia-me transportado ao futuro.

Todos esses relógios marcando minhas infinitas obrigações, fizeram-me lembrar da música “Construção”, de Chico Buarque, na qual eu mesmo sinto ser aquele operário. É, o transtorno pandêmico está sendo enfadonho, e não só para mim. Cada um teve que subir sua própria construção e parar o próprio trânsito erguer novas paredes de patamares lógicos. Todos os cursos, todos os livros, todas as atividades da Faculdade à distância, na qual também sou acadêmico em outro curso de graduação, hoje servem-me de ânimo para não

desistir das minhas ambições. Foram experimentos, planos de aulas, inúmeras pesquisas e afins. Inclusive, minutos atrás eu filmava um vídeo para mais uma das avaliações entre muitas das disciplinas que peço que ainda venham.

Confesso que não sou muito de temer por aquilo que ainda não tive o prazer ou o desprazer em conhecer, mas a verdade é que sinto um pouco de medo, não o medo paralisante, mas o medo que nos orienta e nos torna mais atentos. Vou me transfigurar em palavras e fazer as mesmas existirem: “Será que vim pra morrer na praia”?... às vezes acho que sou a morte...que sou Eutanázio: aquele zinho de Cachoeira. Ou sou seu irmão Alfredo? Com tanta vontade de estudar e vendo meu futuro promissor... Ah deixa pra lá!

Minhas memórias, do no livro de Luciana Sandroni, do qual fiz mais uma das minhas leituras, fez-me crer que um dia haverá alguém que irá retratar minha existência nessa vida de lágrimas e doces sabores. Eu queria mesmo era estar na pequena Concórdia do Pará, minha cidade natal, como nos anos passados. Estar nas quadras pelas madrugadas cantando “Olha pro céu meu amor” como bom quadrilheiro que era. Foram dias felizes. Madrugadas em longas estradas pretas... Os asfaltos que ligavam Concórdia a outras cidadezinhas. Queria,

mais que tudo, estar ao lado do meu povo, varrendo, como quando nos tempos de criança, os quintais de areia branca. Suspiro pensando: Que saudades da minha mãe e do meu pai! Tudo passou, e em meus lábios e ouvidos vibram intensamente a saudade do lugar onde, por necessidade, tive que voar.

Nesse instante aprecio outro vislumbre, a televisão. Nas vísceras deste áspero transtorno, alguns dizem que ela ressalta ainda mais a obscuridade. Exposto na parede, esse receptor de imagens, por alguns momentos, parece não contemplar nossa realidade, no entanto,

por minutos também me distrai. Decerto que as notícias, que por ela são recortadas e transmitidas, causa-nos apraz, mas também, nos assusta porque, por vezes, vêm marcadas de alegria e desespero, vida e morte; mortes estas quase sempre demonstrando o desprezo com o sangue que jorra da “carne negra” que, como já denunciou Elza Soares “é sempre a mais barata do mercado”. Em outra perspectiva, as cenas também são marcadas pela prepotência e mediocridade do poder e dos seus autointitulados “donos das respostas”.

Realmente o “Discurso e o Contradiscorso nessa Ditadura Popular” são muito peculiares de um momento

catastrófico que parece nos colocar em ampla e profunda reflexão. Na contramão dessa situação, busco a cada amigo desejar palavras de ânimo, e como cristão, ouço ainda mais melodias celestiais. Por fim, pergunto-me: Meu Deus, o que estamos a viver? Espero que o meu “Caminho do Rio” seja diferente de tudo que hoje ainda se passa nas entranhas dessa sociedade. Só resta-me dormir ao lado de um poço e viajar pelo mundo de “Ana Z” (a propósito, que livro incrível). É, por ora dá para sobreviver. Ah! eu não sei. Eu vou sobreviver? Sim! Eu preciso sobreviver! Eu quero sobreviver!

A black and white photograph of a pair of sneakers. One sneaker is in the foreground, angled towards the left, showing its side profile. The other sneaker is in the background, slightly out of focus. The word "POESIAS" is overlaid in a teal, serif font across the center of the image. Two horizontal white lines are positioned above and below the text.

POESIAS

Calendário²²¹

Paulo Henrique Santos dos Santos

Da porta pra lá agora é um inferno, e no caderno tem vestígios
de saudade

Café não combina com o calor que faz, e a noite só vem quando
menos se espera

Em ruas antigas costumava bater perna
O ânimo hiberna, mas logo vai voltar
São tempos ruins, qualquer um se desespera
E andamos no breu porque ninguém tem lanterna

De um tempo pra cá, todo dia é domingo
E a falta que eu sinto é do que antes não notava
De olhos fechados, nós dois eu imagino
No final de semana que a gente planejava

Quebrando a quietude com o motor do peito, e de repente
andando pela casa

Em passos bagunçados, alheio a mim mesmo
Mas acredito que tudo vai passar

E no caderno tem vestígios de saudade
E no retrato tem vestígios de saudade
No calendário tem vestígios de saudade
Na minha cama tem vestígios de saudade

²²¹ Poesia musicada disponível em < Link: <https://youtu.be/j3IaHjR2zFQ>>.

Margem Ao Sol – Antologia Poética

Danillo Monteiro Porfírio²²²

Pelos tempos difíceis que passamos

Janeiros

Se eu penso em você

Desata a chover

As colinas frias se aquecem

Mas nada fica como havia de ser

Por mais longa e solitárias que as noites possam ser

E nada como antes pensávamos um dia ver

A neve, um dia, passa

E nada permanece em pleno desterro, sempre há um novo
janeiro

E às agonias, frias

Centelhas em piras

²²² Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: danillomp15@gmail.com

Vermelho rubro calor se sente
As mais belas paisagens, incandescente

Em momentos chorosos, rios deságuam e enchem
Os sinuosos percursos assim se perdem
As águas tomam conta
E as memórias de dor engrandecem

Mas há de haver um novo janeiro
Não há mais nada como palhaços chorosos
Somente folhas caindo às cegas
E as curvas dos rios invejando teus sorrisos

Leito

Iria até o fim
Dos meus dias
Das belas harmonias
Mas você sumiu, assim

Estava aqui, agora
No entanto, só chora
O céu e o mar
E o meu semblante a lhe deixar

Eu tentei te chamar
Segurar
Mas você decidiu partir
E assim, agora, fico aqui

Reprimo o que senti
E escolho, talvez, não mais florir
Aquilo, que um dia, aqui
Tentou resistir

Dogma

Só me resta escrever
Pensando no canto
No rio e no pranto
O que faço, além disso?
Será amor, coragem ou vício?

Só me resta escrever
Por mais que eu ame
O triste semblante
O velho e a sorte
A filha da morte

Só me resta escrever
Pensando na vida
A velha agonia
Do que me traz paz
Enquanto o tempo se esvai

Assim, só me resta escrever
Pois nada vai mudar
Os amores que tive
As tristezas e o que aflige
Nada vai mudar
E só me resta escrever

Margem ao sol

É a isto que me refiro, tranquilo e limpo
Pensar no tudo que o sol reluz e traduz
Eu deixo a essência do mundo me moldar
E a tudo penso que posso guardar

O que, senão, somente um momento
Parado e distante no tempo
De tudo que sentimos

E o que há para refletirmos

Tal como luz, que passa despercebida

E deixa, por frestas

O calor onde passa

E ilumina onde abraça

O momento da vida que segue é luz

Tristeza há de ser sombra

Mas sem trazer fraquezas

E tampouco besteiras

Eu sinto a luz tocar o girassol

Dos teus cabelos ondulados

Eu vejo a marcha do tempo pairando sobre homens

E penso que tal momento, há de passar

Será amanhã? Ou em dois dias?

Contente, a sagrada família

Um dia irá sorrir

Olhando e vendo a margem do sol

Nada é como foi

Nem somos quem éramos
Mas a margem do sol irá passar

Infância moderna

Abraça e abarca teu tempo
Quem és ou quem foi?
Ainda és ou serás?
Nada daquilo que um dia restou, fui

Sorri, não mais do que chorei
Chorei tudo aquilo que um dia sorri
Não lembras mais
O que foste para mim

Não quero esquecer de ti
Mas questão alguma farei de te ter perto
Desculpas, aceito
Perdão, não lhe devo
Não me ofereças falso acalento

Eu me recuso a dizer
Mesmo que fortemente sinta, ainda
O cheiro triste do perfume teu

14 de abril de 2020

Posso te abraçar quando tudo passar?

Ainda vais lembrar do meu perfume?

Vai lembrar de como me beijar?

Ou as coisas vão cair novamente no costume?

Não é normal nada disso

Tem dias que penso naquilo

A falta do teu sorriso

Nada mais me faz tranquilo

E assim passam os minutos

Olhando para o céu

Que viraram os tetos

E imaginando, que dia é esse meu?

Aqui, passamos bem

Fora mesmo alguém

Que de ti só quer tudo o que há mais além

Escuridão

Tenho medo do escuro

Já não posso dormir

Acordar me deixa leve
Ao anoitecer, me sinto sem mim

Dormir já não me apetece
Só me faz pensar no que adocece
Eu já vejo jornais amarelos
Junto de flores desbotadas

Eu já não gosto de ficar assim
Respiro errado e vejo um fim
Eu me adoeço enquanto ensandeço
E já nada mais me alegra a rir

Eu vejo o lado bom
Mas não posso deixar de ver o real
Igual
Entre a janela de dentro e a vida, surreal

Porto Longe e Tristemente Alegre

Eu acreditei naquilo que foi um dia
A mais pura forma de arte
E por vias de fato, nunca houve morte
Em lindas histórias que cativa o que lia

Eu te vi, a postos
Pronta para saltar
Olhando da janela da vida
Carros e motos passarem ao mar

Você assistindo o sol de Porto
E eu do Pará
Olhando aquilo que durou mais que um sopro
Vivendo a constante angústia de julho chegar

O mês chegou
Os olhos cativam
Lágrimas a rolar

Nordeste Nostalgia

De Maia a Belchior
Seja junto ou no tempo só
Usando vestido de filó
A moça ouvia Valença cantar
A soltar seus sonidos de amar
E eu pensando que bela coincidência
Um passeio assim a mostrar

Como a música sempre está
Nas prateleiras da vida
Basta saber em qual olhar
Escolher o momento certo
E ouvir sobre a viagem
Que o beija-flor estava
E sorrisos trocados
Ao gosto de cerveja
E nada mais foi como era
E nem quis que fosse
Pois agora melhor eu era
E ela, espero
Esteja ainda sorrindo
Eu fico com Tim
Gostava tanto dela
E ela com Alceu
Viajando e sendo a mais bela da praia

quinta-feira, 23 de abril de 2020

E eu lembro assim, de te amar
Ver você atravessar o que já foi o bar
Na avenida
Na esquina

Com tudo que eu podia sonhar
Você estava lá
Mesmo sendo de outro alguém
O meu amor por ti, não sei
Foi sempre mais que datas ou meses
Vias apenas como um lírio
Verde e sem uma flor para te alegrar

E eu via assim
Olhando para mim
A menina mais linda no jardim
Com seus cabelos a me enrolar
E eu não parava de a beijar
Tudo era uma alegria
Uma imensa fantasia
Dos dias de luz
A andar em Queluz

Mas tudo acabou, como um bom carnaval
Deixou marcas de beijo e nada de mau
Porém lembro sempre da avenida
Que teu beijo assim me deu tchau

Morte Querida

Amanda de Sousa Rocha²²³

Tratam-te assim, como cruel.

Choram seus entres, gritam e te culpam,

Mas não entendem, é teu papel.

Morte querida, tu és bem vinda!

Não trazes o fim, trazes a vida,

O recomeço, a libertação.

Choram, pois não compreendem,

Morte querida, tu és bem vinda!

Leva-me agora a voar contigo

O voo daqueles que já não podem chorar.

A voar contemplo como é belo não sentir.

²²³ Graduanda em Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus de Moju- Campus XIV. Email: r.amandarocha44@gmail.com

O êxtase de quem já se entregou a ti!

Oh morte querida, tu és bem vinda!

Por que me decepcionas, então?

Pensava tanto te conhecer.

A dialogar ficamos, experiências trocamos.

Surpreendo-me agora com teu poder devastador,

Morte querida será que já não és bem vinda?

Carregas em ti o desespero de uma humanidade

Eu a ti suplico: deixa-os em paz!

Morte querida, somos nós que não somos bem vindas.

Devolve-me os sonhos que roubaste

Ou melhor: fica com eles para ti!

Vamos juntas para lama que nos espera

Eu, tu, e a solidão, em nossa última quimera.

A saudade e os desesperos meus

Também agora são todos teus.

Morte querida divide comigo o mal que me causaste.

Sejamos nós a chorar desesperadas,

A viver este triste infinito.

Já que não me largas, vais ter que sofrer comigo.

Percamo-nos agora na obscuridade do ser.

Mergulhemos então, na podridão do existir.

Afoguemo-nos neste mar de horrores.

Choremos juntas as nossas dores.

Ah medo, por que me tomas agora?

Medo da morte com quem tanto convivi?

Não!

Medo de sentir.

Medo da verdade.

Medo da sinceridade.

Medo do julgamento.

Medo do abandono.

Medo da solidão.

Egoísta eu?

Que seja!

Egoísta vida,

Egoísta morte

Que não me deu saída.

Oh morte querida, vinde festejar!

Aqui jaz, camarada, a quem tanto desejas.

Nebulosas Mentais

Rafael Evangelista da Cruz²²⁴

No silêncio ensurdecedor das madrugadas
Os rangidos angustiados badalavam a cada suspirada
Um grito de socorro ecoava da parte mais profunda da alma.

A incerteza do futuro assombrava
A tenebrosa solidão me assolava
E no rosto desciam as lágrimas.

A imaginação flutuava a cada folheada
Das páginas amareladas com histórias encantadas
Que acalentavam e refugiavam as mais profundas angústias.

As convicções que me guiavam, agora questionadas
Derramaram sobre mim o desencanto pela alvorada
Que outrora inspirava e aliviava com sua luz abençoada.

²²⁴ Graduando em Medicina Veterinária – UFPA, Campus Castanhal, Pará, Brasil.

E-mail: Rafael_evancruz@hotmail.com; ID Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/5146019168418707>

Nem mesmo as estrelas mais brilhantes e massivas
Seriam capazes de iluminar minha mente sombria
Com o pranto no rosto carregado de agonia.

O medo e a dor me afogavam
E o suspiro da esperança se apagava
Com a dura estrada e histórias frustradas.

O aperto no peito corrompia
E os anseios pelo futuro se esvaziam
Na mais visceral alucinação, a mente perdia a razão.

Oh, querida esperança, como eu queria
Vê-la de novo na minha vida
No entardecer, no anoitecer e na manhãzinha.

O Tempo Lá Fora, O Tempo Aqui Dentro

Márcia Alves Gomes²²⁵
Áurea Souza Aguiar Santos²²⁶

Há tantos medos lá fora,
como há tantos medos aqui dentro.
O que era para durar 40 dias,
já não se sabe mais quantos dias durarão.

O que ficou para trás,
já não se pode mais juntar.
Foi a esperança que nos deu força,
para continuarmos a lutar.

Tanto sentir fez parte desse reinventar,
diante de tantos medos,
consequimos ainda sonhar.
Sonhar com dias melhores que pretendemos desfrutar.

²²⁵ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Uninassau - Parnaíba-PI - gomesmarcia976@gmail.com

²²⁶ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), professora do curso de Psicologia da Faculdade Uninassau - Parnaíba-PI - aureaaguiar@hotmail.com

Rotinas foram mudadas;
vidas também transformadas.
Tivemos alguns sofrimentos, lutos sem despedidas
e saudades muito doídas.

Escolas paradas e professores se reinventando,
fazendo sempre o melhor,
para quem continuava estudando.

Mesmo dentro de casa,
com todas as limitações,
alunos se desdobravam e lutavam sem restrições.
Todos se esforçavam para um dia realizar,
aquilo que era sonho e suaram para alcançar.

Um tempo de espera na busca pelo fim,
de toda a dor e sofrimento,
de todo o desamor e desalento.

Tempo de se reinventar,
olhar mais para si e tentar melhorar.
Tempo que é acelerado,
pela busca e pelo consumo,

pelo apego efêmero e pela correria sem parar para descansar.

No momento de mais dor,
aprendemos a ser forte, a suportar por amor.
Reconhecer no mais íntimo aquilo que sempre estive lá,
chamado de força que nos faz caminhar.

As vezes se busca a felicidade,
como promessa comum,
vendida como produtos,
consumida como estilos de vida pra um,
estampados nas revistas de moda.

Mesas repletas de amigos
e, ao mesmo tempo,
uma infinidade de desconhecidos.
Sorrisos grandiosos por fora,
e apertos monstruosos por dentro.

Pessoas tentando fugir de si mesmas,
no seu prazer disfarçado,
de que tudo está controlado.
A dor diante do silêncio a imperar

e o medo da solidão a nos visitar.

Tempo em que o luxo ficou para trás
e que a política e a briga dos partidos cresceram mais.

Tempo em que a violência aumentou
e a mulher que tanto queria gritar, apenas silenciou.
Calou por medo de morrer
e ninguém vir socorrer.

Tempo em que se pede solidariedade e mais amor,
pelos que sofrem,
seja pela violência ou desamor,
até mesmo por aquele que é visto como sofredor.

Tempo em que ansiedades e medos aumentam
e no mundo, milhares de voluntários se doam,
para escutarem suas dores,
daqueles que no mundo povoam.

O que antes se via presencial,
hoje se transformou em virtual.
A ciência em busca da luz,

focada na sua jornada,
em busca da paz tão sonhada.

Espiritualidades sendo a floradas
e um Papa chamado Francisco,
pedindo por toda a nação,
num grito de igualdade, sem discriminação,
por sexo, raça, classe ou religião.
Isso mostra que o amor é a cura,
frente a toda a desunião.

E no dia que tudo isso passar,
se o ser humano não mudar,
será difícil pensar,
o que precisa de fato ser feito para o homem melhorar.

Tempo de recordar aquilo que nos deixa mais forte
e que faz parte do caminhar.
Não deixem de crer,
que um dia tudo aquilo que é sofrimento,
nos fará orgulhar,
do quanto todos se uniram para tudo isso passar.

Aplaudam os heróis vestidos de branco,
que dia e noite estão a lutar,
abdicando da família e do seu doce lar,
pois estão se dedicando para muitas vidas salvar,
que tanto estão a precisar de saúde para melhorar.

Não deixem de acreditar,
que mais uma vez o sol nascerá
e alimentados de esperança vamos continuar a sonhar,
com dias melhores que em breve vamos desfrutar.

(Sobre)Viver

Alessandra Dias da Cruz²²⁷

O mundo parou em meio a uma pandemia global
O que tanto assusta aos homens é chamado de Sars-Cov-2.
Por conta dele a vida se transformou,
A humanidade se mostrou
A desumanidade se escancarou.

E o mundo passou a falar então a linguagem da (sobre)vivência
Dessa forma, reivindico a escrita através da percepção
relacionada à (sobre)vivência;
Que é capaz de nos angustiar e nos fazer desfrutar das mais
diversas formas de afeto.

(Sobre)vivência pela necessidade de amar
(Sobre)vivência pelos Direitos Humanos!
(Sobre)vivência na defesa da saúde pública e de qualidade
(Sobre)vivência na luta das mulheres em meio a violência
doméstica e ao aumento do feminicídio;

²²⁷ Acadêmica do Curso de Psicologia – Faculdade Católica Dom Orione (TO).
E-mail: alessandraasdias@gmail.com

(Sobre)vivência na luta de negros e negras visando superar o racismo que ainda escancara as raízes violentas da sociedade.

(Sobre)vivência aos LGBT's,

Que reivindicam o direito a viver na luta contra a LGBTfobia

(Sobre)vivência as desigualdades de classe,

Que colocaram os mais vulneráveis na linha de frente dos problemas histórico-sociais

(Sobre)vivência a saúde mental daqueles que buscam se adaptar as restrições sociais que encurralam pensamentos ansiosos.

(Sobre)vivemos ao ódio, a falta de políticas adequadas para a resolução dos problemas sociais, culturais e históricos da nossa sociedade.

(Sobre)vivemos a dor da perda

(Sobre)vivemos a distância de quem amamos

(Sobre)vivemos a saudade.

E assim, falamos sobre viver e sobreviver ao caos

Deixo aqui evidente: nos ciclos da vida precisamos entender a (sobre)vivência.

Resistimos e (sobre)vivemos!

Felizmente mais afetuosos e humanos!

Vitória-rosa vermelha

Andrea Jarenko dos Santos²²⁸

Um despertar encontro em cada rosa,
Esta Quimera envolta tenebrosa,
Em momento que se presa a igualdade,
Na vida sim gerou cumplicidade.

Envolvidos de temores se tornou
E sem deter o vírus espalhou,
O instante em que as batalhas travaram
Os espinhos em muitos cravaram.

Muitas rosas vívidas sim murcharam
Outras rosas firmes continuaram,

²²⁸ Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, UFPA Campus de Altamira, Turma 2016. E-mail: andreajarenko30@gmail.com

Mesmo os espinhos que cravou

Uma rosa nunca se murchou.

Belas rosas um perfume exalou

Pra salvar vidas se entregaram

Do vermelho milagres encontraram,

Pois dá Quimera a Rosa libertou.

Em cada olhar brotou uma linda Rosa,

A distância que antes era saudade,

Nos corações um aperto sem prosa,

E tudo volta em prol da humanidade.

Quintal

Daisy Feio

Se pudéssemos escrever à lápis
Se tivéssemos sempre à mão uma borracha
Se reaprendêssemos a compor, a ler o mundo
Reescrever nossa história

Se a Terra mudasse de lugar
Quem sabe mais perto do sol
Afinal, o que há em nós além de corpo e alma?
O que está entre calma e desassossego?
Entre medo e falta de noção?

O que nos trouxe aqui ?
O que nos levará ao mais fundo dos poços,
Onde demônios são amigos conhecidos?

A cada céu que contemplo do meu quintal
Que agora parece ser minha principal janela pro Universo
Me encho de perguntas quase retóricas.
O que nos trouxe à vivência de tal utopia?

Talvez séculos de histórias não contadas?

A ganância dos homens?

Entre o ser e o ter, nos transborda a indiferença

Essa crença de que somos sempre melhores que alguém

Nos grita o desdém

Nos falta indignação

Até onde vai nossa indignação ?

Às vezes penso ter certeza que tudo virou comum

Corpos pretos no chão

Centenas, pilhas e pilhas de caixões

Nem água para se tomar

Mas a lágrima que aqui cai sempre sobressai

Os olhos não miram nada além do próprio umbigo

Outro dia vi um poeta recitar “Século vinte e um, onde tudo é comum”

Comum como dormir e acordar

Comum como respirar

Nada pode nos reunir em comunidade?

Nem um vírus letal?!

Nem ameaça de general?!

Nem choro de criança?!

Aqui sucumbe a ideia de esperança

Mas sigo me perguntando:

O que nos falta além de corpo, alma e o outro?

Virada do mês/ da mesa/ dos meios

Luciana Quintão de Moraes²²⁹



"Apartamento", Gonzalo Siqueiros (1967-) _ diálogo efrástico

,)
Vermos Plêiades no atlas aberto
enquanto o besouro passa na cortina
e no quarto (,

dias asfixiados
informes

²²⁹ Graduanda em Letras pela Unirio E-mail: lulukaqm@yahoo.com.br
Blog: desdepeitovida.blogspot.com

destinados, sim
à experiência intrauterina das cores
como na rua deserta
noite iminente
apenas na presença
do
poste e árvore

mundo constelado
submundo dos segundos:
Maria acalentando seu bebê

Joana esperando
ver o lindo Sol
no rosto único /sede/
/assim/ da expressão /qualquer/
interna dança /coisa/
do infinitesimal /serena/
tempo do sopro

E colorir é a raiz da equação que
perdemos
entre a ação da britadeira e a
combustão
dela A floresta

E colorir é raro

morre

E colorir é rápido

sonho

E colorir é a razão

E

E colorir

E colo

E c o

E se

,)

Vermos Plêiades no atlas aberto

hoje (,

Ansiedade e Vida Em Tempos De Pandemia

Danielle Teles²³⁰
Fernando Teles²³¹

Em tempos de pandemia
Não podemos facilitar,
Que tenhamos o maior cuidado
Para o vírus não se espalhar

Vem muitos tipos de solidão
Quantos precisam conversar?
Para aqueles que se sentem bem
Consigno mesmo ter bem estar

Não ande à toa pela cidade
O estudo hoje é virtual,
Usando máscara para tudo
Porque é essencial

São novos tempos, novos gestos,
Novos rituais;
Não precisa expressar agora
Saudações por hora tão triviais

²³⁰ Estudante de Psicologia - daniellerteles@bol.com.br

²³¹ Estudante de Psicologia - fernandotcosta@bol.com.br

Nos tempos de incertezas,
Ansiedade faz muito mal;
Até sintomas o corpo traz
Pelo isolamento social

Vamos pensar no nosso próximo
Não saia sem preocupação,
Para que não aconteça em nossa casa
O que está na televisão

Todas as vidas importam
Não se deixe influenciar,
Informações são necessárias
Para não se alienar

Antes eram pessoas estranhas,
Ontem os nossos familiares,
E agora são apenas números
De quem deixou apenas saudades!

Saúde é essencial
Vamos nos resguardar,

Com hospitais superlotados
Como iremos melhorar?

A empatia é necessária,
Então tenhamos a capacidade
De não tratar a morte,
Com tanta banalidade

O que aprendemos com tudo isso?
Que a vida é o mais importante,
O Consumismo está em baixa
Ficou tão insignificante

E o tempo com nossa família
O quanto se fez necessário?
Percebemos que os gestos mais simples,
Valem mais do que o próprio salário

Então aprendamos a lição,
Digo com sinceridade;
Nas coisas mais simples da vida
É que está a felicidade.

Froidias

Cintia Cardoso da Silva²³²

Raimunda Tâmila Rodrigues Vieira²³³

O que mais mata no Brasil não é o corona, é a ignorância.
De uma população que não escuta as recomendações de
proteção,
Não importando se está morrendo uma pessoa ou milhão.
O ser humano tornou-se algo tão invisível.
Vidas divulgadas por meio de números,
E visualizadas de forma insensível,
Como fossem meros corpos.
A dor só é compartilhada quando é algum parente,
Ou um amigo de longa caminhada.
Somente assim para ter-se a dimensão do problema,
E causar conscientização para cuidar de si mesmo e das pessoas
de quem ama.

²³²Estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA); E-mail: Cyntiacardoso79@gmail.com

²³³Estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará; E-mail: tamilarodriguesvieira@gmail.com

Lidar com a verdade dos fatos
Ou optar pela ignorância?
Essas duas opções tem consequências imensas.
Vivemos uma constante guerra externa e interna,
Afetando a todos sem distinção,
Ricos e pobres de toda nação.
Sofrendo a mesma dor do luto,
Pela perda dos entes queridos,
Sejam eles parentes, amigos ou vizinhos,
Causada por um novo inimigo,
Chamado de Coronavírus.

O maior problema é que nem todos seguem as recomendações,
Solicitadas pelas organizações,
-responsáveis por buscar soluções-,
Que afetem menos a população,
Seja qual for seu modo de vida e localização.
A minoria tem consciência e a maioria tem pressa,
E acabam não se importando com suas ações,
Que afetam as vidas de milhões.
E deixam de lado as medidas,
Tudo para retomar as suas vidas.

E o vírus aproveita para fazer novas vítimas,
Tornando a situação ainda mais crítica.

O isolamento social tornou-se a nossa principal defesa.

Aglomerarção é praticamente um crime contra a vida.

E a proximidade entre as pessoas parece algo fatal.

Festas e baladas estão proibidas.

Quanto mais ficamos em casa, é melhor para preservamos as
nossas vidas.

É preciso usar álcool em gel, e lavar bastante as mãos com água
e sabão.

Parece simples, mas dá um trabalhão.

E uma outra excelente lição:

Se for sair de casa, só com máscara.

Ela dificulta a respiração, mas é a nossa maior proteção.

Nesses dias de pandemia, a agonia aos poucos toma conta.

A quarentena parece não ter fim.

Vivemos há mais de três meses em casa,

Acompanhados pela aflição e com grande ansiedade.

O ponteiro do relógio passa vagarosamente,

Parecendo acompanhar os dias do calendário.

Quase sempre calmo ou prolongado,
Sem demora para o próximo mês.
Ou de trazer, no dia seguinte, alguma notícia positiva,
-Talvez de alguma vacina-,
Que nos faça perder essa ira, para o nosso próprio bem.
Mas o tempo parece não querer colaborar,
E insiste em passar nessa calma, seja de noite ou de dia.

Sobreviver aos tempos de guerra com um inimigo invisível.
É algo que parece impossível.
Viver com a dor da decepção,
E pela tristeza das vidas que se vão.
Lidamos com as frustrações de não podemos sair.
De não nos divertir, de não poder ir em qualquer lugar.
E principalmente não encontrar a quem amamos.
De não nos deliciar com os apertos de mãos e abraços apertados.
De ter que conviver com nós mesmos,
E com os traumas psicológicos.
E conversar com quem está distante apenas pela tela do celular.
Aumentado mais a saudade e a vontade de encontrá-los.

A singela solidão deu-me a mão em pleno mês de março.
Que falta sinto dos beijos e abraços
dos meus conhecidos e dos mais amados.
Mais que bom que aqui dentro do meu peito está acumulando
todos esses sentimentos.
E estou aqui refletindo:
"Quem sou?"
"Como estou?"
"Quando será o final disso tudo?"
Às vezes as coisas tem que parar,
E assim ficamos surpresos com nós mesmos.

E quando tudo terminar,
No final nada voltará.
O tempo parece ter-se perdido,
Ou talvez ficado infinito, dependendo do seu olhar.
Só quero finalmente aproveitar
Um pouco de mim.
Do outro,
E de nós.
Olhe o outro.
Sinta-o.

Dê o melhor de si.

Mude para o seu melhor.

Quem sabe amanhã o isolamento acabará,

E de resto o que vai sobra-lhe

São motivos de orgulho:

De ser alguém que vale a pena estar neste mundo.

E quando isso tudo que

Estamos passando findar:

Quero a casa cheia,

Gente bonita,

E sorrisos sinceros.

É isso que mais desejo,

Em cada novo dia.

Além de uma máscara

Sheila Mirele de Oliveira Barbosa²³⁴
Sibele Santos Lima²³⁵

Além de uma máscara está o ser humano;

Além de uma máscara o mundo é mais que rural e urbano;

Além de uma máscara existe um sonho.

Coronavírus eu te proponho:

Não desdenhar dos seres humanos!!

Não somos um corpo para você habitar,

Não somos um organismo para você se multiplicar,

Não somos vidas para você levar.

Estamos além de uma máscara...

²³⁴ Graduanda em Letras pela Universidade Salvador. E-mail: sheuoliveira21@gmail.com

²³⁵ Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: sibellelymma@gmail.com

Somos a raça humana, uns iguais, uns tantos desiguais, mas ...

Somos mais, somos muito mais ...

Somos milhares de vidas cheias de sonhos,

Pessoas com uma história, com muitos ideais.

Somos muitos, somos múltiplos, somos plurais.

Além de uma máscara estão nações inteiras,

Que lutam diariamente pela vida,

Que batalham todos os dias.

Pessoas em busca do sustento,

Que correm risco a todo tempo.

Além da máscara estão famílias

Que fazem o certo pelos que amam

E por toda uma sociedade.

Além de uma máscara estão os que não se enganam,

Os que apenas não se deixam levar

Por falsas promessas de cura.

Além de uma máscara estão seres pensantes,

Estão guerreiros que se arriscam pelo bem comum,

Que trabalham para ajudar e nisso não vêem mal nenhum,

E que estão na batalha por todos nós,

Mesmo que isso custe sua saúde ou sua vida.

Além da máscara existem pessoas com suas dores, seus medos e vontades.

Que seguem as regras apesar das dificuldades.

Além da máscara estão seres com seus defeitos e virtudes,

Que não abrem mão da luta e são dotados de atitude.

Mesmo tendo aqueles que não se importam,

Que vão às ruas e não se protegem.

Além de uma máscara o mundo também é bonito;

Além de uma máscara pode existir um sorriso;

Além de uma máscara somos seres vivos.

Com uma máscara vamos vencer o coronavírus!!

Com uma máscara o mundo se tornou tão esquisito;

Sem uma máscara nos tornamos reféns de um vírus;

Com uma máscara superar é preciso.

Sem uma máscara nos tornamos refugiados dentro de casa;

Sem uma máscara não existe gente sensata;

Sem uma máscara a saúde fica humilhada;

Sem uma máscara a vida é feita de palhaça.

Às vezes de máscara ficamos até sem jeito.

O uso da máscara é um sinal de respeito!!

Um dia vamos tirar a máscara e lembrar de tudo isso,

Só não podemos esquecer o que foi o coronavírus.

Coisas que não deveriam nem ter existido...

Se protegeu quem teve juízo.

Amor próprio é preciso,

Mas, também, pensar no coletivo ...

Além de uma máscara, vencer é divino!

A Esperança

Renata Andréa Nunes Vidal²³⁶

Longe de mim, perto de mim

Como um balão que subia sem fim.

No distanciar encontrava-me presente

Mas distante de quem eu era realmente.

Era do século XXI, suas tecnologias e artefatos.

Eu e os estudantes

Sem entender o que se passava era periclitante.

Coronavírus, que seria isso?

Um tempo difícil

A fé não foi abalada e logo vi

²³⁶ Graduanda em Direito pelo Centro Universitário Unichristus, Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa de Mediação e Arbitragem. E-mail: renata.anv@hotmail.com

que o que nos move é a certeza de um novo dia feliz.

Gripes e mortes

Que tristeza tanta falta de sorte.

Mas sorte não era o remédio

E sim estarmos unidos

Com a esperança de um dia, na praça, restarmos reunidos.

O Con/Re(Finamento) da Vida e da Morte: O Legado da COVID-19

Francisco Cláudio Araújo de Castro da Paz²³⁷

Francisco Eduardo Araújo de Castro da Paz²³⁸

Gilles Deleuze dizia que não somos pessoas, somos

acontecimentos,

Isso se deve ao fato de que os acontecimentos,

Por mais diversos que sejam,

Têm uma profunda e íntima relação,

com quem quer que seja.

Como o medo e a saudade,

Saudade de quem se foi,

De quem poderia chegar,

²³⁷ Graduando do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA, e do Curso de Direito pela Faculdade Estácio de Castanhal – ESTÁCIO, francisco_slp@hotmail.com.

²³⁸ Graduando do Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA, e do Curso de Direito da Faculdade Estácio de Castanhal – ESTÁCIO, franciscoeduardoaraujodecastro@gmail.com

Saudade da rotina e do ar.

Saudade sentida nesses tempos em que a “Terra parou”,
Parou para não mais voltar,
Mas para dizer que a liberdade possui um valor inestimável,
que a dor não consegue estimar.

Nas mais puras das sensações,
Em que a “Era da Razão” promete tudo oferecer,
Percebemos que diferentes percepções,
Da vida podem aparecer,
E viver e sentir durante a pandemia,
É, senão, a epopeia do nosso ser.

Com a chegada do vírus,
A arrogância escancara o “valor” da existência,
Exibindo a importância da Ciência,

Para a sociedade que agora lamenta.

A necessidade de lidar com as mortes todos os dias,

Que, apesar de natural,

Assusta quando acirra,

Quem “deve” ou não ficar,

e ser sujeito em vida.

Não como num jogo de glosadores,

Em que o argumento convence o julgamento,

Mas como num açoite,

Em que o inocente sente,

A dor de não ter culpa pelo que não fez,

E nem pelo que poderia ter feito,

Sobrepujando qualquer proteção,

Pela simples causa e efeito.

O vírus que,
Até então desconhecido,
Tornou conhecido,
O significado de um abraço e de um ombro amigo,
Que dinheiro nenhum pode comprar,
Tornando-nos reféns do afeto que,
Antes desprezado,
Apresenta-se, hoje, como um antídoto dos desesperados,
Temendo que a Covid possa os matar.

Con(findados) sob a nossa própria companhia,
Sem sabermos ao certo o que fazer,
Perguntamo-nos diariamente,
O que fez tudo isso acontecer?

Na espera da resposta de um “alguém”,
Cálidos e, ao mesmo tempo, mansos,

Ansiamos pela autorização,
De voltarmos para os lugares que dizíamos, até então, sermos
“donos”.

Isolados no hospital, na prisão ou na casa da família,
Sentimo-nos como um coletivo,
Que até então não era consentido,
Mas que agora ganha forma e sentido,
Pela magnitude da pandemia,
Que exibiu com maestria,
As desigualdades e diferenças existentes em nossas vidas.

Desigualdades que por sinal,
acabaram nos colocando em uma posição crucial,
De decidirmos o que queremos, afinal,
A ponto de nos alertar para o mal,
Que o capitalismo, o fascismo e o racismo,

Têm gerado nesse cenário de caos.

Racismo esse evidenciado com a morte de João Pedro Mattos,

Miguel Otávio da Silva e Jorge Floyd,

E de milhares de outros grupos e povos que,

Largados à própria sorte,

Tem gerado revolta em Paris, Brasil e até em Nova Iorque.

Sem contar com o desmatamento na Amazônia e no Pantanal,

Que diante do (des)interesse dos maus,

Se intensificou de modo banal,

Matando a floresta e o hábitat animal.

Há de se lamentar, também,

Nesses tempos de Covid,

A perda de muitos escritores,

Como Daniel Azulay, Sérgio Sant'Ann, Luis Sepúlveda e de
mártires e “artistes”,

Como Padre Bruno Sechi e Aldir Blanc,

Além das mais de 150 mil vítimas no Brasil e mais de um
milhão no mundo restante,

Que além da saudade,

Deixam o luto e o vazio na inconstância dos nossos instantes.

Misturando diferentes sensações e sentimentos,

Que ora se transformam em desabafo, ora em tormento,

Pensamos nas oportunidades que ganhamos e perdemos,

Com a chegada desse invisível veneno,

Que mata e purifica ao mesmo tempo,

As dores de nosso tempo,

Que de tempo em tempo,

Tem revelado para onde iremos,

Se continuarmos explorando a fauna, a flora,

E desprezando o conhecimento.

Assim sendo, na tentativa de deciframos nosso destino,

Acabamos enxergando,

Que a vida, no seu sentido mais íntimo,

Reserva, além da dor e da esperança, o decifrável gatilho,

De sermos melhores juntos do que separados inimigos,

Deixando de falar a língua do ultraliberalismo,

Que além de ultrarreacionário,

Mata negro, pobre, bixa, sapatão e índio.

Tal percepção coletiva que nos enche de esperança,

Ficou visível na atuação de profissionais de saúde e de outras

instâncias,

Que além de ajudarem as pessoas enfermas,

Alimentaram-se, também, do prazer que é salvar vidas

indefesas.

Certo de que pudemos contar com aliados,
Na resolução de problemas gerados pelo isolamento e pela falta
de contato,
Agradecemos, gentilmente,
A literatura, a música e a poesia,
Que nos aproximaram das pessoas mais do que qualquer
telazinha,
Pelo seu poder trans(formar)dor,
De transformar em mar a nossa dor,
De perder para o mar o nosso amor.

E na tentativa de nos curarmos desse mal chamado Covid,
Procuremos nos abraçar pelos olhares trocados,
Que, substituídos pelo contato,
Acalentam o coração, a dor e a saudade,

De quem está há mais de sete meses sem um abraço e beijo apertados.

Pois não é só a presença física,
Que nos conforta e ilumina,
Mas sim a energia,
De que todos e todas merecem a vida,
Que muito embora “vendida”,
Não pode nos (de)solidarizar com o: ainda há chance de vida.

E esse sentimento relutante,
Constante, enérgico e delirante,
Apesar de desconfortante,
Alerta para o tempo que é gasto,
Com mentiras, covardias e “churrascos”,
De egoístas, burgueses e extremistas,
Que ameaçam a dignidade e as vidas.

Antes que o texto se desgaste,
Pela abstração narrativa que interage,
Com leitores ávidos por mudanças,
No Pará, Oiapoquei, Chuí ou Bragança,
É preciso que se exalte,
A magia da arte,
Que nos transporta de Marte,
A um universo de linguagens.

Linguagens amazônicas, digitais,
Estrangeiras, locais,
Que possuem como canal,
O valor universal,
Que os signos, símbolos, códigos e sinais,
Comunicam ao mundo em geral.

Assim o compromisso com a leveza,

Que se espera da natureza,

Revela a sutileza,

De ser paz durante a pandemia,

Que nunca se imaginou um dia,

A magnitude que teria.

Mas antes de terminar essa prosa,

Que versa, rima e comprova,

É preciso falar do Governo,

Que diante do desprezo,

Tem causado desespero,

A muitos brasileiros,

Que diante do medo,

Não perdem a esperança,

Do amanhã que chega,

Cheio de incertezas.

E assim o confinamento,
Que mais parece um refinamento,
De todos os tormentos,
Mostra alguns legados da COVID-19,
Que de toda sorte,
Exige que sejamos fortes,
Para vida que segue,
Com ou sem COVID-19.

Poema Sem Fim

Gilvandria Monte Almeida²³⁹

No começo era miragem
Fatos irreais para nossa correria
Conto de tristes narrações
Personagens de uma ficção real.

Fiquem em casa, tranquem as portas
Apaguem as luzes da cidade, protejam-se
Amanhã será um novo dia, o sol nascerá
Porém, mais um desconhecido morrerá.

Cessem os beijos, os abraços
Interrompam as visitas, afastem-se
Amanhã podemos recomeçar
Contudo, um amigo nos deixará.

Lágrimas, gritos, mitos
Haverá salvação? Sim? Não?

²³⁹ 1Graduada em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pará – Campus Marajó/Breves. Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Faculdade de Educação Paulistana– FAEP. Graduada de Pedagogia, Universidade Federal do Pará – Campus Marajó/Breves. E-mail: driamonte18@hotmail.com

Olhem! Alguém abriu a porta
Já podemos sair? Sim? Não?

Lá fora, o sol aquece nossa esperança
Aqui dentro, o coração torna-se criança
Há tempos não sentia a imensidão do tempo
Nem mesmo sentia o vento, nem o pensamento.

Chora, ora, faz uma prece de coração
Que dia é hoje? O que está acontecendo comigo?
Lá fora é desabrigo, e ouço uma voz de tristeza
Alguém perdeu seu abraço preferido, e um coração.

Desconhecidos, desconhecidos, desconhecidos
Enterrem esses números! A calculadora está multiplicando
Alguém tem um plano? Parem! Vocês estão enlouquecendo
Vejo carros nas ruas, muitos, tudo está normal, desigual.

Hoje abri a janela, sim a vida é bela
Vejo um céu tão azul, e nuvens tão brancas
Mas vejo tempestades, chuvas de solidão
As portas foram abertas, mas a liberdade está sob trancas.

Esquecidos, esquecidos, esquecidos
Enterrem esses números! Alguém viu a calculadora?
Olhem! Há um relógio parado. E que horas são?
Na verdade, não há mais ponteiros.

Alguém está chamando você lá no portão
Volte outro dia, não achei minhas chaves, estou presa
Tudo bem, eu volto amanhã, mas vou ligar antes
Aquele número foi cancelado, não havia mais contratante.

Falecidos, falecidos, falecidos
Enterrem esses números na ficção real
Esta terra não suporta tanta dor, abraça cada um
Pela falta de despedida. Onde fica a saída?

Carros, caros, carros, caros
Pratos vazios e raros estão cheios.
Vida, sem vida, vida sem vida
Ó, morte, levastes tantos anseios.

Acendam as luzes, vejam as cruzes
Embarquem! Vamos fazer uma viagem
Mas há um naufrágio que nos espera

Foi planejado pelo tempo, no pensamento.

Solidão, solidão, solidão

Sala, quarto, cozinha, paredes e estantes

Instantes guardados sob o inanimado

Testemunha de insanos e desesperados.

Hoje olhei a rua, era de areia

Passos sobre ela, desconhecido que vagueia

Eram raros, mas agora são tantos, como os prantos

Lá fora já não parece tão inseguro, talvez seja hora de passear.

Números, números, números

Essa conta eu não sei fazer, e você?

Imaginou que seria assim?

Começo, meio, meio, meio... cadê o fim?!

Rostos, rostos, rostos

Postos em esquecimento

Construção de um tempo sofrido, comprido

Nele, o cumprimento virou olhar de lamento.

Lágrimas, lágrimas, lágrimas

Lenços encharcados de saudade
Amores mergulhados na distância
E muita gente ainda na irrelevância.

Que dia é hoje? Que horas são?
Desliga a tv, já é hora de dormir
Feche as janelas, vem tempestade por aí
Amanhã você vai sair, assim que o sol nascer.

Por hoje, basta esquecer
Ou, quem sabe, enlouquecer
Tudo bem se um dia não souberes o que fazer
Recomece, a vida nasce todos os dias.

Tempo, tempo, tempo
Marca desalentos, descontentamentos
De corações que choram esquecimentos
Triste meio de um começo desatento.

Não pode o tempo voltar e desfazer as lágrimas
Mas cada passo pode ser organizado nessa estrada
O sorriso pode ser o olhar de bondade, de caridade
O abraço, um gesto sincero de empatia, um simples bom-dia.

Mas...

E os números? Enterrem!

Abram as covas, preencham o vazio da terra

Novas trincheiras de uma certa guerra.

Discursos, discursos, discursos

Em curso, e sem correção

Escritos, descritos, em páginas manchadas

Em linhas chagadas pela incompreensão.

Ora vento, ora ventania

Ora, menino, teu coração pequenino

Faz de ti, afago no colo de tua mãe

Voa na claridade do dia, sonha na imensidão da noite.

Meio, meio, meio

Meio-dia. Quantos pratos vazios neste dia?

Quantas mentes sem alimentos?

Quantos meios de fazer um fim?

Pode o vento não mais soprar?

Pode a flor não mais florir?

Pode um coração não mais amar?

Pode um poema não ter fim?

Rabiscos, rabiscos, rabiscos

Versos de um isolamento

De um pensamento atrevido

Que esquece as horas, mas não esquece os números.

Enterrem! Cubram com o descaso

Cada caso é um coração desconhecido

Mas batimentos que amaram alguém

Não precisa ser o meu bem para querer bem.

E se

Amanhã nascesse um novo sol

Com cantos de rouxinol.

Qual seria o teu grito de liberdade?

Na cidade, na rua, na casa velha da esquina

Uma voz silenciou, um verso deixou de ser escrito

Um ser tão bonito, de um olhar sereno e encantador

Guardou seu canto, para outros, um desencanto.

Que horas são? Já é noite
Apaguem as luzes, o sono é um alento
Tem sido dias muito turbulentos
O sol do amanhã não é ilusão.

Talvez seja hora de buscar as chaves
A casa não é sempre segura com o portão trancado
E se precisares correr, ou tomar um banho de chuva lá fora
Aquieta teu coração acelerado pelo medo, deixa esse temor ir
embora.

O tempo não vai voltar
Talvez repetíssemos os mesmos erros
A vida segue em des/construção
Um refazer de ideias e sentidos.

Vidros, vidros, vidros
Cacos pelo chão da humanidade
Os pés descalços sempre vão sentir mais
Não deveria ser assim, sofro fora de mim.

O que está acontecendo?
Prantos, desencantos, desalentos

Mas não é só isso, podes ver?

Há um novo renascer, agora, e todo dia.

Vá até ao portão

Tire o cadeado, já está até enferrujado

Não precisas sair, correr pela cidade

Mas dê liberdade ao teu coração, onde quer que ele esteja.

E, então, leia teu Soneto de Recomeço:

Que a vida leve o desencanto

Traga para perto a primavera

Que o coração encontre paz na espera

E que o tempo leve todo o pranto.

Que o amor erga seu canto

Nele, toda vida se recupera

Como ferida que regenera

Mas que um dia já doeu tanto.

Que seja tempo de recomeçar

A vida segue uma nova viagem

Um novo caminho, e um novo olhar.

A vida acontece em nova paisagem
Os passos reaprendem a caminhar
E no coração germina uma flor de coragem.

Dentro de um poema sem fim.

Querido Futuro

Emily Cristina Lacerda Silva²⁴⁰

Aos jovens de futuras gerações,
Palavras com carinho aclamadas,
Buscam descrever inusitadas sensações,
Que por muitos podem ser compartilhadas.

Vivemos um tempo de provações,
Um tempo de saudades.
Pessoas buscam compreender suas limitações,
Sabendo que os parentes estão longe, cada um em sua cidade.

Estamos de ponta cabeça
Um mundo vivido ao contrário
O que para alguns não era tão relevante, agora tornou-se
necessário.

Cuidar do outro, agora, é a chave do segredo
É a peça que faltava do quebra-cabeça

²⁴⁰ Graduanda em psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione - FACDO.
E-mail: lemilycristina@gmail.com

E assim, vamos começando a construção de um novo enredo.

Abraçar, agora, mais do que nunca, faz falta

A vontade de estar perto é grande

A felicidade dos profissionais de ver um paciente receber alta,
Ajuda a aliviar um caos promovido por uma pandemia que ainda
se expande.

Agora, como em cenários de teatros,

Todos se tornam protagonistas

Protagonistas de uma vida cheia de novos fatos

Sendo atores os pais; os filhos; os professores; ou os motoristas.

Vivemos um tempo de contradições

Onde cuidar de si é cuidar do outro,

E para que isso ocorra, são necessárias muitas reinvenções.

Contradições ao adquirir novas funções,

Contradições, não mais apenas no jeito de ser ou na cultura.

Agora, também, contradições no jeito de exprimir as frustrações.

Adquirem-se novos papéis,
E com os papéis, novas habilidades.
Surgem agora novos fiéis,
E, assim, novas oportunidades.

Fiéis no próprio talento
Fiéis na própria vontade
Fiéis no que os ajuda a sair do relento
Fiéis na humanidade?!

Vivemos literalmente um novo tempo
Tempos difíceis... dirão muitos!
Difíceis de corrigirem falhas a tempo.

A tempo de que menos pessoas sofram,
A tempo de que menos pessoas se enganem,
A tempo de que nossas falhas, por entre os dedos, novamente se
escorram.

Agora, tudo é uma questão de tempo:

Tempo de esperar,

Tem de dar tempo ao tempo,

Tempo de tentar se acalmar.

Tempo de não temer o temor,

Tempo de ajudar e ser ajudado,

Tempo de esperar não compartilhar a dor,

Porém, de uma forma ou de outra, compartilhar o antes não
compartilhado.

Tempo de isolamento, mas não de viver isolado

Tempo de construir algo novo

E com as redes mundiais, tentar manter-se conectado.

Tentar não se desesperar

Tentar sobreviver

Tentar no meio do caos, encontrar conforto onde não se pode
encontrar.

Não se pode encontrar mais incerteza

Não se pode encontrar mais espera

Não se pode encontrar com certeza

Um tempo que jamais se tivera!

Agora, tudo é duvidoso

Não sabemos em que apostar

Apostar em um futuro temeroso,

Ou, ainda, em jovens a brilhar.

Será que devemos esperar mudança?

Na verdade, não precisamos esperar,

Porque se vive ela mesma, sem mesmo pestanejar!

Mudança no amar

Mudança positiva ou negativa

Mudança no jeito de com carinho cuidar...

Mudança no jeito de se expressar

Mudança até no jeitinho de ouvir

Mudança que considera o modo do outro falar

Mudança que aceita o modo do outro sentir.

Sentir sofrimento; revolta ou rancor

Sentir-se desafiado

Sentir-se cuidado; com carinho e amor

Sentir-se em um novo estado.

Um estado que não se sabe explicar

Um estado que não foi desejado

Um estado sobre o qual se quer falar, mas ao mesmo tempo,
esperamos não ter que contá-lo.

Por entre personalidades diferenciadas,

As sensações são as mais diversas.

Cada um vai explicitando-as ou mantendo-as a sete chaves
guardadas.

Temas, até então, pouco discutidos,

Agora, são assuntos do jornal.

Sejam eles impressos ou televisivos,

Agora, fazem parte do jornal nacional!

A violência é assunto corriqueiro,

Assim como as altas no hospital.

O número de infectados no mundo inteiro,

Resumindo, o assunto é mundial!

Os conflitos vêm à tona

Direitos, deveres, etnias

Todos sendo discutidos como em uma corrida de maratona.

Difícil compreender; difícil de se explicar

Difícil de conseguir se manter

Sequer em um saudável lugar.

Não sabemos o que é mais ser saudável:

Se é a falta da doença

Ou conseguir viver em um lugar habitável

Ou, ainda, que essa corrida se vença.

Sufrimento, se vê por todo lado

Agora, ele não tem classe e não tem tipo!

O invasor não pede licença e não escolhe o lugar em que será
habitado

Seja branco, negro, seja pobre ou seja rico, enfim, todo lugar é
invadido.

Os fortes tornam-se “fracos”, os “fracos” tornam-se fortes

De um modo, está tudo permeado de cacos

Cacos que despedaçam vidas e que conduzem a mortes.

É triste de se ver, é tudo incoerente.

Cientistas buscando um saber,

Que possa salvar muita gente.

Salvar vidas doentes

Salvar famílias por inteiro

Salvar toda a nossa gente

De um momento derradeiro...

Salvar de traumas futuros:

Sejam eles físicos ou psicológicos,

Para que então, possamos colher frutos,

Em um mundo menos patológico.

Não falamos agora, apenas, em problemas fisiológicos,

Falamos de um mundo intenso

Vivido dentro de um espaço cronológico.

É como uma prisão no tempo!

Da qual, todos tentamos fugir

Em resumo, todos passam por um contratempo.

É como um vento que é passageiro,

Como os ciclones no Sul,

Que trazem grande desespero,

E assim, seguimos esperando por um dia que seja azul.

Um dia com menos solidão

Um dia com menos tristeza

Um dia com menos depressão

Um dia com maior firmeza.

Um dia em que nos tornemos mais revigorados

Diante a resiliência

Que aparece após surgimento de tornados e de um treino de
paciência.

Pensemos, pensemos sobre quais atitudes tomar

Pensemos sobre o que está a nossa volta,

E sobre qual recado queremos deixar...

E por falar em recados,

Agora, eles estão por toda parte.

Seja no abraço ou nos embalos,

Seja em toda forma de arte.

Ou, ainda, seja nos cuidados das linhas de frente,

Nos profissionais que trabalham no hospital,

De todos que cuidam da gente,

Mesmo que seja usando bem imaterial!

É estranho pensar que agora surgem oportunidades,

Até então, não pensadas,

Mesmo que em meio a tantas calamidades.

Agora, podemos perceber que calamidade nem sempre é tão
ligeira,

Ela pode ser uma situação complicada,
Que se estende de sexta - feira em sexta - feira.

Bom, estamos chegando ao fim...

Não ao fim tão esperado!

Apenas ao fim desta poesia, que enfim,

Possa tê-lo ajudado.

Ajudado o leitor a compreender

Que situações difíceis nos fazem mais fortes

Mais fortes porque passamos a reacender

Uma chama apagada, apagada por entrecortes.

Ele Chegou, Eu Me Encontrei

Samara Lima²⁴¹

Suzana Farias Rabelo²⁴²

No isolar me encontrei
E a notícia chegou, a pandemia me afetou
E minha mente se cansou e o tédio chegou
E a estranheza me chegou, não tinha mais os abraços da sala de
aula
E não andava mais nas ruas
E a cidade não sabia mais de mim
E veio a insônia, a dúvida e a insegurança
E quando não pude sair, ali me encontrei
E quando não pude abraçar, ali me aconcheguei
E quando não tive olhares, eu me olhei
E quando precisei me adaptar, eu me achei
E quando orei, me ouvi
E quando sonhei, me fortaleci
E quando recebi notícias tristes, chorei

²⁴¹Graduanda em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE/UNAMA). E-mail: samaralya@yahoo.com.br

²⁴²Graduanda em Psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA); Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Psicanálise e Cinema (GEPPCINE/UNAMA). E-mail: suzanarabelo11@gmail.com

E estudar, se tornou uma rotina virtual
E fui melancolia, euforia e até mesmo alegria
Ouvi músicas, dancei, meditei
e nisso tudo me encontrei.

As Faces de uma Mente que Enfrenta Uma Pandemia

Rebeca Carvalho Melo²⁴³

É difícil querer escrever

E não saber por onde começar,

Pensar em várias palavras,

Mas não conseguir se expressar.

O dia vai e a noite vem...

E é como se a esperança de dias melhores,

Fosse jogada nos trilhos de um trem.

Momento, onde até a incerteza se torna incerta,

Onde a mente se engana de forma assídua,

Onde o caos se instala e aperta.

E a confusão abre os olhos e desperta.

Uma vez que a desordem encontra morada,

²⁴³ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione (FACDO) e Licenciatura em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: rebecamelolettras@gmail.com

As emoções se tornam aguçadas.

Os sentimentos se afloram com veemência,

A sensação de angústia mostra sua força com insistência.

Dias de festas e alegrias,

Foram trocados por dias entediantes e de exaustão.

Os carinhos e abraços,

Por carência e solidão.

Para aqueles que possuem uma boa estrutura,

Ficar em casa é questão de jogo de cintura.

Para os desprovidos de tal bênção,

Não é tão simples assim quanto pensam.

Para as pessoas fortes e saudáveis,

Peço que sejam responsáveis.

Para que vivamos em boa harmonia,

Sem prejudicar os que são vulneráveis.

Para os abalados emocionalmente,

Tenhamos empatia e sejamos boa gente!

Pois, a mente pode, entre a crise e o equilíbrio,
embaraçar.

E a ansiedade? Ah! Incapaz de mensurar!

Para as crianças: educação desde cedo.

Para os adolescentes: o ensino entre causa-efeito.

Para os adultos: ponham em prática a educação;

E os idosos? Ah! Esses nós guardamos no peito.

Àqueles que perderam seus entes queridos,

Ofereço minhas condolências!

Sei que palavras não desmancham sua dor,

Mas deixo aqui esse verso acolhedor.

Dentro de muitas categorias

Temos uma galera na linha de frente,

Combatendo o vírus com a ciência,

Expondo sua garra e sapiência.

Aos pesquisadores e cientistas,

Expresso meu agradecimento.

Os estudos realizados com embasamento,
Mostram que no Brasil as faculdades possuem
conhecimento.
Sei que são dias e noites estudando,
E aos poucos o desconhecido desvendando.
Tentando na pesquisa centrar,
Para assim uma cura e encontrar.
Aos médicos, também revelo minha gratidão,
Vocês têm trabalhado com exatidão!
Dando todas as orientações necessárias
E muitas vezes lidando com a ingratidão...
Aos meus queridos enfermeiros,
Deixo minha total admiração.
Vocês sempre provam eficiência,
Mas dessa vez ganharam meu coração!
Às pessoas que trabalham em locais considerados
primordiais,

Não poderia deixar de agradecê-los.

Enquanto metade do mundo parou por um instante,

Vocês continuaram desempenhando um papel importante.

Não poderia deixar de citar,

Os guerreiros, que por entre a vida e a morte conseguiram passar.

Foram dias de dor e sofrimento,

Mas que ao final conseguiram se salvar.

Àqueles que se foram,

Exprimo meu respeito,

Vocês lutaram o quanto puderam,

Mas os céus os chamaram e vocês não se opuseram.

A educação está sendo uma das áreas mais afetadas,

Com todas as formas de ensinar sendo repensadas.

Os mecanismos emoldurados

E os métodos sendo reestruturados.

As salas de aulas foram trocadas por computadores,

As carteiras, por cadeiras de casa.

Os abraços na professora, por mensagens de texto.

E as programações previstas, incluídas no contexto.

Mas, isso para os que possuem condições...

Aos alunos em situação precária,

A realidade não concorda,

Existindo questões que ultrapassam o limite da borda.

Por isso, aos nossos queridos professores,

Também deixo meu total reconhecimento,

Pois estão fazendo de tudo

Para passar o conteúdo com discernimento.

Em um momento como esse

A única coisa que conseguimos, é manter os olhos no presente.

Embora a cabeça insista em pensar

Num futuro não tão convincente.

Não posso chegar e dizer
Que tudo isso veio para aprendizado,
Até porque as vidas que se foram
Não podemos deixar de lado.
Porém, uma coisa precisamos enxergar
E algo que é importante sempre dialogar.
Fomos privados de muitas coisas,
Coisas que estávamos acostumados a vivenciar.
Dessa forma,
Torna-se importante refletir
Naquilo que desejamos
E que nos permitimos sentir.
São várias noites em claro,
Períodos de insônia,
Episódios de dubiez...
E a melancolia como antagonica.
A vida em sua arte

Abre espaço para a necessidade.

Todos cooperando em subjetividade,

Cada um fazendo sua parte.

Outro ponto a se questionar:

O que estamos colocando como prioridade?

Se estamos vivendo sabiamente

E agindo com reciprocidade.

Sentir-se sozinho e solitário

É como escrever cartas sem um destinatário.

Por isso o valor de praticar a empatia é

Para um bem comunitário!

O destino é preciso encarar com coragem.

A expectativa transfigura-se em verdade,

Firmando a fé e a esperança

Em algo maior: a ancoragem.

Breve, poderemos nos encontrar

E da liberdade voltar a desfrutar.

A gentileza continuar a praticar.

E o entardecer do sol nos encantar.

Por enquanto, vamos dançando conforme as ondas do
mar,

Poesias vamos recitar,

Dizer eu te amo para quem amamos

E a vivência de outrem aflorar.

Dos pressupostos de singularidades,

Encontramos indivíduos de todas as idades.

Todos acarando as adversidades,

Deixando um pouco de lado as particularidades.

Desse modo,

Observa-se que a paz só vem através de resiliência...

Como a primavera, mostrando sua magnificência

E o sensato o uso da consciência!

Recomeçar será uma ação indispensável,

Assim como, a força do amor é indubitável.

Como a metáfora na poesia é admirável,
E a gostosura do carinho de um ser amigável.
Saudades da ternura de um aconchego
E do contato físico entre corpos...
Da meiguice de um jantar entre amigos,
De combinar um encontro sem medir esforços.
Lembranças de um passado não tão distante...
Nos deixam numa situação conflitante.
Pois, evocam memórias de um instante,
Que hoje tornou-se limitante.
Sonhos foram adiados,
Planos reavaliados,
Pensamentos conturbados,
Sujeitos desconfiados.
Estamos andando por um caminho de decisão,
Visto que, essa está sempre em construção.
Pois, muitas vezes o que é decidido,

Amanhã pode ser confundido.

Seguindo no ritmo de contemplação,

Conhece-se a grandeza da compreensão.

Quando a experiência de vivenciar uma pandemia nos
cerca,

Evidencia-se a linha tênue entre a razão e a emoção.

Não desapareça nos rabiscos da neblina,

Não se perca nos desafios da vida,

Não se curve para os dilemas encontrados,

Há uma gama de possibilidades nos mistérios arbitrados.

Para essa poesia terminar,

Agradeço a você que até aqui quis ficar.

Lembre-se, que isso é apenas um momento.

Sinta-se embalado nos meus braços,

Em uma canção de acalento.

Sonho

Eduardo Ayron Gomes Soares

Meu maior sonho é ser livre e viver novamente

Antes da descoberta do “novo mundo” eu era livre

Um dia eu dormir podendo sonhar e no outro acordei dentro de um navio, navegando no mar de desespero a caminho do cativoiro

Eu sonho em ser pai e ter uma família, mas, o “novo mundo” me assusta, rouba meus sonhos e me mata.

Só por ter nascido preto, já recebo um karma que não é meu, me tiraram do meu trono e me deram um deus que apanhou como eu, que morreu na mão de quem me mata, porém, não me amam como ele

Dói saber que construíram impérios com meu sangue e tornaram meus reis e rainhas em obra do diabo

Sugaram meu sangue, meu orgulho, minha fé, minha cultura e minha vida

Sanguessugas de sobrenome Colombo me mandaram para

tronco e feriram meu lombo quando reneguei a vida dura que me foi imposta

As marcas que deixaram nos meus antepassados, estão na minha alma no presente

Por muito tempo tentaram fechar meus olhos para não ficar revoltado, mas, o limite foi esgotado.

Estou cansado de ser roubado.

Quero sonhar além de querer dar a volta por cima e curar feridas

Quero ser livre pra sonhar

E para sonhar é preciso estar vivo

Então...Parem de roubar nossas vidas

Quero viver!

Queremos viver!

E vamos viver!

Prisão Altruísta

Ellen Sabrinna dos Remédios Passos²⁴⁴
Francisco César Aquino de Moraes²⁴⁵

Ah! quem diria que existiria,
Momentos de comunidade unida,
Em prol da própria vida,
Ah! quem diria que existiria.

Ah! quem diria que eu voltaria,
Voltar paras as sombras que assombram,
Voltar paras as sombras que retornam,
Ah! Eu não sabia que voltaria.

Ah! quem diria que existiria,
Estar na caverna por muitos dias,
Sorrir para as sombras já esquecidas,
Ah! quem diria que existiria.

Ah! Quem diria!

²⁴⁴ Acadêmico da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Medicina, e-mail: sabrinarp09@hotmail.com

²⁴⁵ Acadêmico da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Medicina, e-mail: fmoraes004@gmail.com

Boca vedada diante das sombras,
Abraços de grandes distâncias,
Ah! Quem diria.

Ah! Quem diria!
Prisão do bem,
Para o bem,
Quem diria!

Oh! Tomara que exista,
Liberdade de viver,
Liberdade de aprender,
Oh! Tomara que exista.

Oh! Tomara que exista,
Dias de plena alegria,
Em meio a luz da sabedoria,
Oh! Tomara que exista o que nunca existira.

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia



ENSAIOS

ISOLAMENTO SOCIAL: angústia, sofrimento e adoecimento mental frente à finitude

Jaylson Javier Silva de Araújo²⁴⁶
Luiz Henrique Gomes dos Santos²⁴⁷

*[...] Acreditar que há
possibilidades após a angústia!
Lá do outro lado existirá paz!
Um mundo de realizações e viagens interiores...
A Filosofia pode ser um grande combustível
Para realizar o desejo de não desejar.
Medo? Muitos!
O que decidir?
Enfrentá-los. Sozinho? [...]*

(Luiz Henrique)

RESUMO:

Este ensaio analisa os efeitos do isolamento social como catalizadores dos distúrbios de pensamento, considerando interpretações sobre o viver o sentir durante a pandemia. Embora não se tenha formação na área da Psicologia, Psiquiatria ou ainda, Psicanálise o trabalho problematiza o adoecimento como consequência do sofrimento advindo

²⁴⁶ Graduando de Pedagogia-Universidade Federal do Pará-UFPA. E-mail:logos_maximus@hotmail.com

²⁴⁷ Graduando de Pedagogia-Universidade Federal do Pará-UFPA. E-mail:bioluizhenrique@gmail.com

do agravamento dos sintomas sociais, especialmente a angústia. Assim, percebe-se que, mais que nunca, o contato social como necessário, destacando a importância do abraço já que o ser humano atinge nele a sensação de completude, complemento.

Palavras-chave: Isolamento social. Adoecimento. Angústia

Introdução

Em dezembro de 2019 a China informou à Organização Mundial de Saúde sobre um surto de uma nova doença transmitida pelo novo corona vírus, denominada COVID-19. Em janeiro de 2020, novos casos foram notificados fora da China, então a OMS resolveu declarar emergência internacional em saúde pública. Na América Latina, o primeiro caso registrado foi em São Paulo, no Brasil, no dia 26 de fevereiro de 2020.

Então, ficou entendido que o isolamento social é uma das principais medidas não farmacológicas para o enfrentamento da pandemia da COVID-19.

A medida de isolamento pode agravar determinadas experiências ou condições, despertar nos seres humanos afetos que atravessam os extremos da existência. Isto é, como lidar com a aceleração da finitude, do medo de viver e de como lidar com os limites que este novo formato de viver exige.

Assim, pessoas que já tinham um pequeno histórico de sintomas, tais como ansiedade, chegam a altos níveis de evolução da doença. Talvez esteja sendo um ano de grande depressão, síndrome do pânico e ansiedade, um ano de grande adoecimento social.

1. Angústia como uma questão da humanidade

Quando pensamos qual o sentido da vida, muitas tentativas de definição são construídas, porém independente do ponto de vista haverá sempre um gene de angústia nas respostas. Numa perspectiva existencialista, temos a liberdade para indicar esse sentido, conforme afirmou o filósofo francês Paul Sartre (1905-1980) “o homem está condenado a ser livre”, isto é, “tudo o que acontece em nossa vida é proveniente do passado e das escolhas que fizemos nele” (PEREIRA & MELLO, 2013)²⁴⁸.

Cada pessoa pode atribuir um sentido para a vida. Contudo, todos os sentidos passam pela angústia. Essa conclusão acontece com a vista panorâmica da própria existência, nos momentos de auto reflexão disponíveis na vida que aguardam nossa degustação dos mesmos. E quando reconhecemos nossa

²⁴⁸ PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela; BERVIQUE, Janete de Aguirre O Homem e a Angústia Existencial em Jean-Paul Sartre. Revista Faef, São Paulo, 2013.

finitude e nossa inclinação para o morrer como fim inevitável acendemos a luz que alerta sobre o sentido da vida. E é aí que a sensação de vazio existencial nos acomete uma dor mais forte que as riquezas materiais, que os prazeres carnavais, que toda glória do mundo, pois simplesmente não há uma resposta clara e objetiva, um termo definitivo para isso, assim:

Sartre, também, afirma que a angústia é o resultado da sensação do alcance de nossas escolhas, o indivíduo ao reconhecer a verdade de suas escolhas é invadido pelo doloroso sentimento de angústia. (...) o próprio homem é o fundamento para as suas escolhas, mas a responsabilidade e a consciência de liberdade é um fardo pesado demais para qualquer indivíduo; ou seja, o indivíduo não pode culpar ou responsabilizar ninguém por suas escolhas e, com isso, a sua própria escolha volta para si mesmo, causando angústia (PEREIRA & MELLO, 2013)²⁴⁹.

O poder de escolha se torna o medo da escolha, onde se origina a angústia. Quando se tem consciência de que as coisas

²⁴⁹ *Op. Cit.* PEREIRA, Everli Fernanda; MELLO, Tamyris Villela.

que nos acontecem são oriundas das nossas próprias decisões, nos tornamos responsáveis pela nossa felicidade ou infelicidade e isso dá medo.

1.1- Angústia como um problema da modernidade

Segundo o site Gramatica.net.br a palavra angústia tem suas raízes no grego “ANGOR” que significa estreitamento, pequeno. Geralmente angústia é entendida como uma espécie de sofrimento acompanhado de alguma forma de ansiedade, e pode ser também algo como culpa. As definições dizem respeito a um aperto no peito, uma sensação de vazio inexplicável, incerteza que causa irritabilidade, que faz sofrer.

A angústia está presente na vida de muitas pessoas, de diversos grupos sociais, em diferentes períodos da História, e é indiferente a classe, etnia, gênero, idade, região. A sociedade como um todo está sujeito a desenvolver diversos pensamentos disfuncionais como ansiedade e depressão, por diversos fatores que se originam na angústia.

Em tempos de isolamento social o ser humano se vê voltado para a reflexão de si enquanto sujeito existente, isolado e afastado da liquidez que ameniza as próprias angústias, fica vulnerável ao sentimento de vazio ao refletir sobre a existência.

Tal atitude cria situações ligadas a sentimentos negativos que se constituem em dor, perda e sofrimento, provocando aflições que estão em voga atualmente e que os sujeitos que passam por esses processos precisam enfrentá-los na modernidade.

Seguindo o psicanalista francês Lacan, Vieira (2002)²⁵⁰ diz que ele:

[...] considera a angústia um tópico moderno. Com isso quer dizer que, apesar de algo próximo da angústia estar desde sempre presente na história da humanidade, ela apenas adquire sua forma atual com o advento da modernidade. (...) a experiência da angústia ganha também o estatuto de questão. (VIEIRA, 2002, p. 4)²⁵¹.

Leite (2009)²⁵², comentando sobre o trabalho de Sigmund Freud e de Lacan, afirma que o primeiro autor define angústia como “um afeto com um caráter acentuado de desprazer, que é liberado, seja *automaticamente*, na vivência traumática, seja

²⁵⁰ VIEIRA, M. A. **Como se ri da angústia?**. In: Besset, V. L. (org.) *Angústia*. São Paulo: Escuta, p. 71-89, 2002.

²⁵¹ Op. Cit. VIEIRA, M. A

²⁵² LEITE, Sonia. *Angústia, Recalque e Forclusão: Algumas notas para a clínica*. In: *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 209-218, jul.2009.

como um sinal que possibilita ao *eu* um preparo, que aciona o princípio de prazer-desprazer, cuja função é evitar o reviver da situação traumática” (p.212). Já o segundo, “procura delinear a função mediana da angústia entre o gozo e o desejo, afirmando que a angústia é sempre sinal do real, e para isso retoma o esquema óptico, com o intuito de enfatizar o momento de emergência da angústia” (p. 213).

Sendo assim, cabe apresentar a angústia como questão a se pensar por diferentes âmbitos de conhecimento pelo fato de ser um tema recorrente na atualidade, que está associado à vivência humana, ao desejo e ao prazer, mas a cima de tudo ao sentido da vida, ao sentido que damos, enquanto sujeitos conscientes da própria existência, ao ato de viver, de fazer escolhas na vida. O peso da responsabilidade de estar vivo se manifesta na angústia da vida.

1.2- A busca pelo não sofrer e Deus

O ser humano vive para a dor, para o sofrimento. Mas cada pessoa seria responsável pela própria dor, pela própria razão de sofrer, pela própria angústia?

O ser humano é responsável por si a partir do momento que toma consciência de si. Do mesmo modo, Adão e Eva, em

Gêneses, são expulsos do paraíso, condenados a viver do “suor do próprio rosto”, pois seus atos geraram consequências. E assim o peso da responsabilidade acarretará nas dificuldades da vida, no sofrer em viver.

Vida e sofrimento estão atrelados a ponto de dizer-se: a existência se prova pelas angústias da vida! A maior angústia, sendo assim, nasce do desejo de não padecer desse sentimento. Mas a cada indecisão, cada desafio proposto pela vida nos obriga a fazer uma escolha. Essa liberdade machuca.

Nossa angústia se faz pelo medo de não fazer “as escolhas corretas” nos instantes decisivos da vida. Por isso buscamos ajuda do sobrenatural, de Deus, ou deuses, para que nos auxilie nas escolhas, ou nas consequências dessas escolhas que podem nos causar danos. Pedimos perdão por nossas falhas porque acreditamos tal qual aconteceu a Adão e Eva, que seremos expulsos do Paraíso, ou qualquer coisa punitiva, por nossos erros. É como se a vida tivesse que ser vivida sem o erro, sem a falha, sem o equívoco, no sentido de estes serem a causa da infelicidade e da dor. Daí a angústia da vida.

2. O não produzir como alimento da Angústia

Nós da espécie humana, não somos somente o que aparentamos ser enquanto produto que somos hoje, somos o processo, isto é, carregamos tudo que nós constituímos até aqui. Dessa maneira, os seres humanos são atravessados por diversas e complexas questões que não foram reelaboradas, o que se configura na categoria de trauma. Eles estão seja no nosso consciente, seja no inconsciente, estão todos lá, empacotados de algum modo; quando estes são colocados em contato com questões similares desencadeiam uma série de sintomas que levam ao adoecimento.

Somos “obrigados” a viver do sistema que inventamos para viver, sistema capitalista. Nele estão as regras do “sucesso”, que nos lançam a obrigação de sermos empreendedores de nossas próprias vidas, o que nos leva ao vício pelo trabalho, a consumir cada vez mais. O grande capital diz que somos o que produzimos, além disso, existimos porque produzimos. Assim, é a estrutura socioeconômica que nos faz “alegres” e que produz o sentido da vida.

Não obstante, quando há uma quebra desse formato de viver, grande parcela da sociedade acredita não estar vivendo, simplesmente porque não trabalha, porque temos que estar trabalhando em nossos empregos para existirmos. Dado isso, os problemas que já existiam se intensificam demonstrando assim a

ponta do iceberg das questões que afetam a subjetividade dos seres humanos.

3. Considerações finais

Em tempos de pandemia a fé e a crença no sobrenatural são importantes porque acalentam o ser humano na ânsia por plenitude, ou seja, o complemento por aquilo que nos falta. Isto faz lembrar a ação humana da cultura universal que está em xeque neste momento: o abraço.

Abraçar não é apenas a ação resultante do encontro dos braços, pois a ideia abrange o corpo todo dos envolvidos. Tem uma relação direta com as sutilezas de outros gestos: inclinar-se levemente, encostar a cabeça no ombro, pôr os braços por cima do ombro, alojar a mão na cintura, apertar o outro contra o peito. Assim, um abraço resulta de um movimento do corpo inteiro.

Muitas coisas acontecem num abraço inclusive a transmissão de um vírus. Pode-se evitar o contágio ao não abraçar, porém é quase impossível evitar o abraço, pois, ainda que minimamente e por alguns instantes, o ser humano atinge nele a sensação de completude, complemento.

Entende-se, portanto, que ao questionarmos profundamente sobre qual o sentido desta existência, isso nos causa um grande desconforto. Ele é acentuado no momento atípico como nos tempos de Pandemia. Logo, nos deparamos com a angústia como questão constituinte da humanidade.

Além disso, com o advento da Modernidade, na qual há imposição de regras do “sucesso”, que nos lançam a “obrigação” de sermos empreendedores de nossas próprias vidas.

Como às vezes isso se torna impossível, buscamos ajuda do sobrenatural, de Deus, ou deuses, para nós auxiliarem nas escolhas. Por fim, a humanidade atravessada, por todas essas questões, imersa também nesse cenário deprimente de adoecimento social devido ao isolamento necessita de caminhos urgentes para ressignificações.

A paralização obrigatória

Patrícia Alves²⁵³

Na correria da vida monótona, nem percebi que o mundo estava entrando em colapso. O noticiário parecia distante e os problemas pessoais ocupavam o meu tempo. Até que chegou o dia em que tudo paralisou, o tempo congelou. Todos os planos de viagens, trabalho, estudo, festas, tudo foi obrigatoriamente postergado. Parece assustador, enredo de filme ou de um seriado de sucesso. Mas, naquela vez, foi real. A recomendação era ficar em casa, realizar uma higienização rigorosa, não ter contato físico com outras pessoas, evitar abraços até em parentes próximos. A vida mudou por completo. Uma pandemia surgiu. Tudo que estava planejado foi interrompido. A forma de convivência social sofreu uma mudança radical. Por força maior, o mundo precisou parar e refletir, de forma coletiva, e esquecer seus planos individuais por um momento.

Tudo parecia irreal, um mundo perto de seu fim, um globo abalado. A sociedade desesperada, sem saber como agir:

²⁵³Formada em Magistério pelo Colégio Santa Catarina e Graduada em Licenciatura em Letras na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: alves-pati@hotmail.com

reclamo ou agradeço por poder ficar em casa? Não sei. Só sei que o pior é não ter escolha ou chance de refletir. Indústrias paradas, transportes reduzidos, economia abatida e o resultado de décadas de erros começaram a aparecer de forma escancarada. Foi preciso que tudo parasse, que um vírus dominasse o mundo, para que os verdadeiros culpados da destruição globalizada fossem apontados.

Famílias sem ter o que comer. A natureza tendo a oportunidade de florescer. Máscaras sendo colocadas na população e governantes perdendo-as. Outros, mostrando a capacidade de liderar e cumprir com seu cargo. Não houve como esconder os “podres” da sociedade, pois todos, naquele momento, lutavam uma única batalha, a da sobrevivência.

Evoluímos em matéria tecnológica e científica, mas continuamos vivendo em uma caverna. Não aquela mesma apresentada por Platão, uma mais moderna que causou um número enorme de mortes em 2020. A sociedade sem fronteiras, marcada pelo individualismo, que fraciona os problemas do mundo, submeteu-se a necessária reforma de pensamento. Em meio ao caos, a criatividade dominou o comércio. Profissionais se reinventaram e a natureza agradeceu. Esse evento, sem dúvidas, marcou o início de uma nova sociedade, integrou a mente humana e mostrou que o coletivo vence, o egoísmo destrói.

Uma Crônica Da Minha Pandemia

Ruan Melo

Comprei alguns livros para estudar; dividiam-se entre assuntos acadêmicos específicos do meu curso e clássicos da literatura brasileira. Esperei ansiosamente chegarem, contei os dias e esperei no portão dia após dia o carteiro parar na minha casa e entregar a encomenda, um pacote de livros. E finalmente o dia chegou, fiquei admirado olhando a caixa de papelão com o logo da loja. Sem demora, abri rapidamente e lá estavam eles, meus preciosos livros completamente imaculados e embalados em um fino plástico. E coube a mim a tarefa de libertá-los e tão logo, estavam livres, folheei algumas páginas, passando os olhos por palavras desconexas ou figuras ilustrativas de um assunto qualquer. O cheiro de livro novo preenchia meus pulmões, um dos meus aromas favoritos.

Estava feliz, mas minha euforia logo foi furtada. Uma notificação no celular. Guardei os livros, prometendo para mim que iria começar a estudar no dia seguinte. Todos os exemplares ali presentes eram de meu interesse e eu realmente queria

aproveitar grande parte do meu tempo os descobrindo. Eu havia montado até um cronograma para estudar!

A sensação de que os dias começaram a passar rapidamente preencheu a vida, e logo se transformaram em semanas, e eu me distanciei dos livros. Confesso, tentei ler um, abri e passei os dedos por algumas páginas, mas não conseguia me concentrar. A verdade é que muita coisa estava acontecendo no mundo exterior e no meu próprio mundo – a minha mente.

No início, parecia uma ótima oportunidade para focar em alguns projetos pessoais e reativar antigos hábitos, afinal as aulas da faculdade estavam suspensas e eu ficaria um bom tempo em casa. Queria ser produtivo intelectualmente. Era a minha principal meta.

Mas a realidade chegou me dando um soco no estômago e mostrando que não é tão fácil assim. Desligar a televisão não significava desligar de mim, recebia tantas informações ao mesmo tempo que não conseguia me desligar. Ecos do contágio, da morte, de tudo sempre estavam lá, reverberando no fundo da minha mente.

Não era fácil, pessoas seriam atingidas e breve seriam relatadas no jornal local apenas como números e estatísticas,

perdiam sua humanidade; deixavam de serem pessoas e passaram a ser número, um raciocínio lógico e uma conta que não se encaixam, sempre faltava alguns centavos para fechar o caixa.

Uma vez, vi a antropóloga Izabela Jatene explicando que nós só sentimos necessidade de possuir uma identidade porque existe um outro indivíduo e precisamos nos diferenciar, pois somos reflexos. Mas quando olho as notícias e esses indivíduos são apenas números, fico pensando se eu mesmo não me transformarei em parte daquele montante enorme de números-pessoas. A principal questão na minha mente era: quando será a minha vez?

A ansiedade me consumia cada dia mais. Encontrar foco era uma árdua missão, impossível. E com os livros guardados, livres e eu preso em mim, fui tomado por um forte ímpeto consumista, pois sentia uma enorme necessidade de comprar livros. Apenas compra-los, eu sabia que não iria ler.

Tentei me entreter virtualmente. Digitalmente. O torpor das redes sociais me fazia sentir que meu dia passava mais rápido, preenchendo o vazio da ansiedade com postagens bobas, o que tornava meu dia mais tolerável.

Não era difícil eu acordar e pensar que tudo isso estava acabando, que faltava pouco para a vida voltar ao “normal”. Sentia saudades da minha rotina que eu tanto reclamava, do cansaço e de não aguentar mais aquela minha antiga realidade.

Passei a observar com atenção as fotografias que tinha feito com os meus amigos, ali estávamos todos reunidos e felizes. Estava experimentando uma intensa falta deles, de rir em grupo ou ficar sem fazer nada, mas juntos.

Quando paro para pensar, a vida antes da pandemia agora me parece estranha. Muito distante. Como era possível eu sair na rua e beijar estranhos? Fazer compras no supermercado despreocupado? Frequentar lugares extremamente cheios? Mas tudo mudou.

Inegável que me sentia mais carente, todo dia necessitando de afeto. O carinho virtual não preenchia o meu vazio, sentia vontade do contato físico. E dentro de mim o dilema, “a minha vida vale mais que um beijo, mas queria tanto que o risco valesse a pena, no final”. E não fiz nada e deixei essa carência ser uma parte de mim, aprendi a viver com esse sentimento.

Agora, penso e projeto quando será que a vida vai voltar ao normal, quando será que toda essa preocupação e ansiedade vai passar para que eu possa voltar para a minha rotina cansativa e angustiante. Certamente já ocorreu alguma epidemia antes, as pessoas do passado tiveram que tomar as mesmas atitudes que estamos tomando agora, mas quando você vive esse momento tão específico e estranho, tudo é diferente, os livros de história não nos ensinam a lidar com isso, com a vida, saber não é sentir.

Tentei não comparar minha experiência com a de amigos, conhecidos e desconhecidos, a ninguém, durante esse período, pois cada um sente de uma forma diferente. Mas as comparações com o tempo acabam sendo inevitáveis, nem que seja por um breve momento. Passamos a ser réu e juiz de nós mesmos, passamos a julgar nossas ações e a recriminar o ócio constante.

Um amigo compartilhou comigo que conseguira terminar de ler um clássico de linguagem, um livro denso e difícil e estava feliz. Vibrei com ele, mas comecei a me condenar “por que eu não estou fazendo o mesmo? Por que passo as madrugadas jogando algum jogo online com dezenas de desconhecidos e acordo tarde? ”.

Aliás, quando serei produtivo novamente?

O período de reclusão agora se estendia por meses, mais de 100 dias e a nova realidade não havia mudado e cada vez mais parecia ser esse o novo “normal”, a cada dia mais casos surgindo, a cada fim de tarde o número de mortes aumentando.

Antes minha casa significava liberdade, hoje é minha prisão. Posso permanecer em casa, sem a necessidade de ir ao trabalho, mas após uma centena de dias com a mesma rotina, sentia cada vez mais esgotado mentalmente.

E os livros, estes permanecem livres sem nunca terem me contado os segredos que guardam nas suas linhas e entrelinhas. Estão em quarentena, livres e ao mesmo tempo presos na estante do meu quarto.

Tempestade Emocional: quando o território é manchado e coberto por cinza

Danieli Gaspari Skowronski²⁵⁴

Na busca do controle sobre a vida, encontra-se alguém que brilha como Sol, alguém que parece iluminar a devastação e o sofrimento, faz brotar novos verdes numa área coberta de cinzas. Engana-se quem acredita e segue em direção ao Sol. Cai na armadilha da aparência, persegue, esforçando-se exaustivamente para alcançar o que trouxe o verde ao território, sem ver que o verde onde pisa, que surge com o Sol, são ervas-daninhas.

E quem pode condenar quem prefere a comodidade de olhar para o Sol e ter apenas o relance das cores e formas que ele parece iluminar? Lamentavelmente, olhar para o Sol por muito tempo cega! Cega porque impede a visualização do território onde está, seja da terra em que pisa ou da companhia que possui. Impede a percepção dos detalhes, do marrom entre o azul e do vermelho entre o verde, embaça a visão, distorce a percepção e facilita a aparência ilusória.

Todos, de alguma forma, já tiveram seu tempo de cegueira. Sair dessa condição dói, assim como ver o que está ao redor, e se ainda não dói, doerá: doerá porque ninguém é sozinho no mundo, e

²⁵⁴ Graduanda de Psicologia na Universidade Paranaense – UNIPAR
E-mail para contato: p.danigaspari@gmail.com

este já não é mais o mesmo que conheceu. A mudança foi brusca. E tudo bem se você ainda está atordoado e cego, mas a sua cegueira pode fazer com que seus pés pisem numa flor, que brotou e teve força para viver em meio às ervas-daninhas. Pisoteada, marca o verde com sua cor.

É difícil deixar de ser cego e perceber o enorme peso do seu corpo e movimentos sob o território, pois deixar a cegueira de lado traz a noção da responsabilidade que vem junto a cada passo dado em direção ao Sol, que não é, de fato, sol. A cegueira que viveu em mim me transporta para o conforto de uma vida, sem a preocupação com a morte. Mas a cegueira que viveu em mim me impediu de olhar para aqueles que sobrevivem ao mesmo território onde habito.

Desejo acreditar que todos que perseguem o Sol, andando sem se dar conta do território onde estão, comecem a enxergar e a transformar. Temo que alguns andantes manchem o verde com as cores das flores resistentes pelo simples querer. No território tudo é vida, mas para o andante descuidado, ou mesmo para o demolidor, a vida é só um detalhe.

Surge espanto no semblante do andante ao notar a devastação do “outro mundo”, comoção com a morte que se fez presente. E que outro mundo é esse, senão a extensão do território onde o andante pisa? A devastação, ainda mais intensa, que surge no território onde se está, não causa espanto nem comoção, nem o Sol parece se importar e continua a iluminar: iluminará até quando o ultimo andante deitar sob

os pés da morte, no chão cinza marcado pelas flores resistentes e pelas ervas-daninhas, que já não mais existem.

Ah! Quem diria que nem as ervas-daninhas resistiriam à ventania incontrolável, acompanhada de pontos vibrantes em tons de laranja ou vermelho, que com o vento ficaram cinzas. Formaram-se montanhas e montanhas de cinzas, e ilusoriamente, na base da marca da morte, os andantes continuam olhando para o Sol, tão cegos que sobem as cinzas enquanto acreditam que, assim, alcançarão o Sol. Quando eles perceberem que o monte cinza os engole, já estarão prestes a deitar. Deitar pra nunca mais levantar.

Essa ventania, que traz a brasa e a cinza, é diferente no território: ela já se fez presente em outras décadas, e agora, retorna, levando com força a vida, carregando sem dó, com dor e sem a intervenção do Sol salvador. Traz o cinza, anunciando a chegada do pó que já cobriu inúmeras vidas, destacando o verde manchado das flores pisoteadas, fazendo contraste com o tempo que passou, somando ao monte cinza a releitura de momentos já vividos.

É imensa a dor que surge ao olhar para o fogo ardente, alimentado pela ventania, que faz nevar cinza e transforma a vida em morte. O fogo se alastra sem obstáculos, enquanto o Sol permanece aquilo que sempre foi, e não clama à chuva por um hiato. Afinal, porque o Sol haveria de se importar com o verde, se do alto o verde e o cinza são indiferentes?

Relação Entre Saúde Mental e Isolamento Social em Tempos de Pandemia

Ana Gabriela de Sousa Costa²⁵⁵
Randerson José de Araujo Sousa²⁵⁶

Resumo

A pandemia por coronavírus tornou-se responsável por uma ampla mudança no modo de vida em âmbito mundial, devido a transformações nos meios políticos, econômicos e sociais, ressaltadas pela necessidade da implementação de quarentenas e lockdowns ao redor do mundo. O isolamento veio acompanhado pelo surgimento de um novo debate acerca da vivência em confinamento e suas particularidades que variam em função de vulnerabilidades sociais. Com isso, as reações dos afetados pela pandemia têm sido diversas, destacando-se as influências no caráter psicológico que essa nova ordem traz, permeada por consequências tanto à curto quanto à longo prazo que variam de quadros depressivos a estresse pós-traumático.

Palavras-Chave: Coronavírus. Confinamento. Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

Toda a situação caótica presenciada atualmente foi primeiramente manifestada através de casos de pneumonia com

²⁵⁵Graduanda em Medicina, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus XII / e-mail: gabicosta1433@gmail.com

²⁵⁶Graduando em Medicina, Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus XII / e-mail: rajoarso@gmail.com

causa desconhecida, escalonando, desde o final de 2019, para uma pandemia envolta pelo desconhecimento sobre suas causas, origens, tratamento e efeitos¹. Com isso, sem haver um consenso geral a respeito do que fazer nesse momento, muitos países tomam decisões próprias, diversas, sem precedentes científicos e sem garantia de efetividade, subjugando a saúde de muitos a joguetes políticos e tentativas de contenção do problema .

A medida mais implementada para controle de danos do coronavírus tem sido a adoção do isolamento social, com fechamento de escolas, universidades e implementação do home office. Porém, por mais que essas iniciativas tenham como objetivo a redução de danos pela pandemia, elas são acompanhadas pelos efeitos econômicos e psicológicos oriundos do isolamento que atingem de maneira heterogênea a população a depender das condições preexistentes de vida e do quão assertivas são as ações governamentais. Pode-se concluir que, em realidade, dificilmente alguém sai impune dos efeitos colaterais do COVID-19.

Em vista disso, é preciso avaliar de que forma a pandemia e essa nova ordem trazida por ela influem na integridade mental, em detrimento dos diversos perfis dos

afetados. É necessário ampliar as perspectivas e observar que nem todos são atingidos de maneira uniforme, principalmente em virtude do cenário de disparidades socioeconômicas, originado muito antes do SARS-CoV-2.

Desenvolvimento

Pandemias ao longo da história são reconhecidas por resultarem em mudanças drásticas no modo de vida até então vigente, em virtude dos efeitos físicos e psicológicos da patologia e a forma como os países lidam com suas consequências socioeconômicas . Portanto, doenças como Ebola, AIDS e Zika imprimiram marcas que perpassam seus efeitos biológicos pela influência à longo termo que permanece junto aos infectados e àqueles próximos a eles, podendo culminar em transtornos neuropsiquiátricos⁴. Exemplo disso é o sentimento de culpa, estresse e ansiedade enfrentado por mães com filhos afetados pelo Zika vírus e a incerteza e solidão pelo isolamento daqueles que vivenciaram o surto de Ebola em 2014 .

A pandemia atual por SARS-CoV-2 não tem se provado diferente de suas predecessoras, uma vez que as mudanças trazidas pela doença foram acompanhadas por uma instabilidade generalizada que tem impacto sobre a integridade mental. Tanto é que a partir de pesquisa de Bezerra et al. , sobre

os efeitos do isolamento sobre alguns brasileiros, foram identificadas alterações no padrão de sono, além de aumento nos níveis de estresse. Logo, o surgimento ou agravamento de transtornos psicológicos mostram-se comuns no contexto da adoção do confinamento, trazendo consigo a necessidade não apenas do tratamento da patologia principal, mas também de suas comorbidades .

Por outro viés, é necessário levar em consideração que os efeitos psicossociais da pandemia não são advindos apenas do medo pela doença e o isolamento em si, mas de todas as mudanças enfrentadas em âmbito global, como instabilidades políticas, mudanças no estilo de vida e novos desafios econômicos, sendo que o confinamento, propriamente dito, age como um ampliador das consequências desse fenômeno 9. Associa-se a esse cenário a disseminação de uma “infodemia”, ou seja, muitas informações a respeito do coronavírus são veiculadas, mas nem todas são verídicas, tornando a situação ainda mais incerta para o público, constantemente bombardeado por textos de Whatsapp e tweets, o que aumenta a ansiedade gerada pela situação.

Ademais, com a inevitabilidade da realização de quarentenas ao redor do globo, tornou-se imperativa a discussão

acerca da economia em tempos de fechamento do comércio, dando origem à necessidade de tomada de medidas para redução de impacto. Porém, o Brasil tem andado na contramão do resto do mundo, deixando muitos indivíduos desempregados e entregues aos efeitos da recessão. Com isso, certamente, a parcela afetada não sairá sem sequelas, já que o desemprego é intrinsecamente relacionado a piores condições sociais, o que resulta em “degradação” da saúde mental, principalmente entre os mais jovens.

A partir disso, pode-se constatar que por mais que a pandemia gere repercussões em todos os setores, ela é experienciada de formas diferentes a depender do perfil do indivíduo, provando a vulnerabilidade na qual se encontram algumas parcelas, por isso, não é possível afirmar que o isolamento social tem a mesma influência sobre todos. Tanto estudo de Bezerra et al. quanto levantamento do DATAFOLHA comprovam a discrepância entre realidades. Enquanto os com melhor renda e maior escolaridade sofrem principalmente devido à falta de convívio social, os mais pobres enfrentam problemas financeiros, além de possuírem menor representatividade em pesquisas a respeito do bem-estar em tempos de COVID-19.

Paralelamente às disparidades socioeconômicas, vivencia-se um aumento do feminicídio, algo comumente experienciado em períodos de emergência, tal como a situação atual . A intensificação do estresse entre os parceiros, que também é relacionado aos problemas econômicos, mostrou-se como um exacerbador de abusos físicos e psicológicos, sendo que a vulnerabilidade enfrentada pela mulher ainda é agravada por causa da impossibilidade de realizar denúncias, pela constante vigilância do agressor, ou de manter contato com amigos e familiares que poderiam dar suporte . Com isso, conclui-se que o vírus abriu precedentes para o reforço da misoginia, e desigualdades de modo geral, pela impunidade vinculada ao distanciamento social .

Com a situação de incertezas e a existência de diversos elementos estressores, não é apenas na violência que as consequências indiretas da pandemia têm se expressado. Entra em evidência a insipiência que muitos têm em lidar com o isolamento e a necessidade de adotar mecanismos compensatórios mediante a situação de agravamento de transtornos psicológicos, então vícios como pornografia, jogos e drogas têm sido acentuados. O consumo de álcool, por exemplo, foi amplamente intensificado em virtude da

impulsividade gerada pelo estresse, além de encontrar estímulo nas lives, recentemente popularizadas, com abundância de patrocínios e propagandas de marcas de cerveja. Em contrapartida, a prática de atividades saudáveis, como exercícios físicos, encontra-se reduzida.

Em meio a essa degradação da saúde mental e disseminação de hábitos destrutivos, o estudo de Brooks et al., prevê que se a visão negativista quanto à quarentena for mantida, as consequências a longo prazo, como estresse pós-traumático, também serão agravadas. Atualmente, os números de casos atendidos pelo SAMU referentes a tentativas de suicídio já se veem aumentados e, se medidas de controle aos danos psicossociais não forem logo efetivadas, tanto a população quanto os sistemas de saúde sentirão cada vez mais o impacto do caos que permeia o COVID-19.

Conclusão

Desde o seu princípio, as alterações geradas pela disseminação do coronavírus atuam como acentuadoras da vulnerabilidade psicológica dos indivíduos, principalmente pela necessidade do abandono do que é considerado normal no cotidiano. O medo e erros de gestão em série em tempos de

crise, como desvalorização da ciência e não implementação imediata e rigorosa de estratégias de controle da doença, corroboram para a implementação de uma realidade que ressalta as desigualdades, além de aumentar a instabilidade em diversos setores, resultando na exacerbação de transtornos psicológicos, que tendem a ser negligenciados em detrimento do “mal maior”.

Quarentena E Seus Efeitos Emocionais E Psicológicos Em Quem Vive A Pandemia Causada Pelo Covid-19

Ana Sabrina Gonçalves Rodrigues²⁵⁷
Brena Kariny Da Cruz Lobo²⁵⁸

RESUMO

É de conhecimento da maioria das pessoas que a quarentena e o isolamento social são medidas de alta eficácia contra o aumento de casos por COVID-19. No entanto, embora sejam extremamente necessários nesse momento, essas medidas preventivas podem trazer também impactos emocionais e psicológicos negativos. Sendo assim, este texto tem o intuito de discutir sobre as alterações emocionais causadas pela pandemia do coronavírus, os efeitos psicológicos causados pela quarentena e o fato de que algumas pessoas podem adquirir traumas após a pandemia.

Palavras-chave: COVID-19; Quarentena; Pandemia.

INTRODUÇÃO

Este ensaio versa sobre um tema muito abordado nesse ano de 2020 devido a pandemia causada pelo COVID-19, a quarentena. É nítida a importância dela nesse momento e sua eficiência no combate ao aumento dos casos de pessoas infectadas pelo vírus, entretanto, essa medida de prevenção pode causar alguns efeitos psíquicos e emocionais nas pessoas que vivem esse

²⁵⁷ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. ana.sabrinaa@hotmail.com

²⁵⁸ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. brenalobo20@gmail.com

período de reclusão, insegurança e instabilidade que estamos passando.

A partir dessas informações este texto será orientado pela seguinte problemática: Como a quarentena pode afetar negativamente o emocional e o psicológico do indivíduo? Com base nessa questão, pesquisas foram feitas e esse texto foi escrito, com o propósito de compartilhar o conhecimento sobre o tema tratado.

Nesse sentido, o levantamento das informações usadas para embasar os argumentos presentes nesse texto foram adquiridas inteiramente por meios bibliográficos, através de sites, artigos e livros que dissertam sobre esse assunto.

1. SIGNIFICADO E ORIGEM DA QUARENTENA

Primeiramente, é importante fazer a diferenciação dos termos “Isolamento Social” e “Quarentena”, termos esses que não são tão recentes, mas que ganharam bastante destaque nesse ano devido a pandemia causada pelo COVID-19.

De acordo com Adriana Guimarães, doutora em saúde e ambiente, o isolamento social é utilizado quando o paciente está comprovadamente com a doença, tendo que ficar em isolamento domiciliar ou hospitalar, dependendo do seu estado de saúde. Já

a quarentena, segundo a doutora em saúde e ambiente e responsável pela biossegurança da Universidade Tiradentes declara que é uma medida preventiva adotada para conter a doença, mas apesar desse termo remeter-se ao tempo de quarenta dias, esse prazo não se aplica necessariamente em todos os casos, pois pode variar de acordo com o tempo de manifestação da doença. Adriana Guimarães ainda faz uma observação sobre este período:

É um período importante para ficar em casa, para quem tem esta opção. A medida é uma prevenção para quem não tem a doença não pegar, e para quem tem, sem saber, não transmitir, portanto não é férias. Os cuidados no período de quarentena devem ser redobrados quando se fala em higienização das mãos, respeitar o distanciamento entre pessoas, a etiqueta de tosse com o antebraço e lenços descartáveis, bem como segregar roupas e utensílios domésticos como talheres e copos dos sintomáticos e/ou já diagnosticados.

A origem desse período de reclusão de quarenta dias se deu na China enquanto estudos sobre a vacinação para varíola estava em andamento, pois foi observado que por cerca de 40 dias o paciente ainda poderia infectar outras pessoas. Dessa maneira, esse tempo tornou-se uma maneira de evitar a propagação de outras doenças.

Na Idade Média, a quarentena foi adotada como medida de prevenção durante o início da peste negra, também conhecida como peste bubônica, uma doença que era propagada, principalmente por meio de ratos e pulgas infectados, a grande proliferação da doença era devida às condições precárias de habitação e higiene das cidades medievais.

2. IMPACTOS EMOCIONAIS SENTIDOS POR QUEM VIVE A QUARENTENA

É de conhecimento geral que nós, seres humanos, somos seres sociais que precisamos conviver em sociedade para suprir nossas necessidades, sejam elas: físicas; emocionais e/ou psicológicas. De acordo com Dalmo de Abreu Dallari em seu livro “Viver em Sociedade”:

Viver em sociedade é uma necessidade essencial de todos os seres humanos. Nenhum ser humano consegue viver sozinho, completamente isolado, pois todos precisam dos outros para satisfazer suas necessidades, sejam elas de natureza material, como a alimentação ou a necessidade de cuidados em caso de doença ou de acidente, ou então de natureza afetiva e espiritual.

Dessa forma, quando as autoridades precisaram adotar a quarentena para tentar conter os casos de contágio pelo

coronavírus várias rotinas foram totalmente alteradas, tornando o que era uma população acostumada com o convívio social, com abraços, apertos de mãos e passeios, em indivíduos que agora precisam ficar reclusos em suas casas, não podem abraçar um amigo ou um familiar que não more na mesma casa, podem apenas utilizar a internet como meio de comunicação, trabalho e estudo. Essas mudanças tão bruscas são capazes de acarretar muitos impactos negativos na saúde emocional de quem está vivendo esse momento que é a pandemia causada pelo COVID-19.

2.1. SOLIDÃO

Sentir-se solitário não é necessariamente estar sozinho, pois uma pessoa pode estar desacompanhada, mas não se sentir de tal maneira, no entanto, pode acontecer o contrário, assim como escreve a psicóloga Fabíola Luciano em seu site:

Solidão não é estar sozinho. É um vazio dentro de si e não apenas pelo fato de estar só. Há pessoas rodeadas de gente que sentem solidão. Assim como existem pessoas que estão a sós e gostam de sua própria companhia.

Esse sentimento de solidão pode atingir ainda com mais intensidade pessoas que, antes da quarentena, tinham o hábito de frequentemente estar entre amigos, de frequentar eventos e de sair

constantemente, mas é importante ressaltar também que a quarentena pode intensificar o que a pessoa já sentia antes mesmo desse momento conturbado em que vivemos.

Nesse momento em que a pessoa está reclusa, muitas vezes sem companhia em casa, é comum vir em mente muitos pensamentos os quais podem abalar ainda mais seu estado emocional e psíquico.

2.2. INCERTEZA

Muitos de nós estão acostumados com uma rotina, contam com a certeza do cotidiano, pois como foi escrito no site EL PAÍS “O ser humano se aferra de forma natural ao mundo conhecido, ao previsível”, mas claro, é preciso ter mente que imprevistos acontecem e que o futuro é incerto, no entanto, algumas atividades e horários podem ser programados.

Nesse sentido, com a pandemia e a quarentena tudo foi mudado radicalmente e até as poucas certezas que haviam, agora não existem mais, então surge a incerteza sobre o que irá acontecer futuramente, que aliás, pode ser ainda pior quando a pessoa se sente solitária e imersa em pensamentos, dado que “O sentimento de que o futuro é incerto pode causar angústia diária” assim afirma a psicóloga Fabíola Luciano em seu site.

3. IMPACTOS PSICOLÓGICOS QUE PODEM SER SENTIDOS POR QUEM VIVE A QUARENTENA

Como já foi dito anteriormente, somos seres sociais e a falta desse convívio em sociedade pode repercutir negativamente em nosso psicológico. Por isso o atual momento se torna tão delicado, pois a preocupação não é somente com o vírus, mas também com a saúde mental de quem vive a pandemia, portanto, já tendo falado sobre os efeitos emocionais sobre o indivíduo, é indispensável enfatizar a importância da saúde psíquica, uma vez que ambas são interligadas, como alega o professor Alessandro Baitello “A saúde mental e emocional estão interligadas e se influenciam diretamente, podendo uma levar ao declínio da outra”.

3.1. ANSIEDADE

O contexto que estamos vivendo atualmente é repleto de incertezas, inseguranças e a todo momento estamos sendo “bombardeados” de notícias cada vez mais trágicas, como economia caindo, aumento de casos, instabilidade das vagas em empregos e até a morte de familiares ou pessoas próximas.

Em vista de todos esses acontecimentos ficamos mais suscetíveis aos medos, a sensação de perda do controle,

preocupações e angústias. Sendo assim, ficamos mais vulneráveis a ansiedade, que segundo a Biblioteca Virtual de Saúde “O termo tem várias definições nos dicionários não técnicos: aflição, angústia, perturbação do espírito causada pela incerteza, relação com qualquer contexto de perigo etc.”, no entanto, destaca:

Levando-se em conta o aspecto técnico, devemos entender ansiedade como um fenômeno que ora nos beneficia ora nos prejudica, dependendo das circunstâncias ou intensidade, podendo tornar-se patológica, isto é, prejudicial ao nosso funcionamento psíquico (mental) e somático (corporal).

3.2. ESTRESSE PÓS TRAUMÁTICO

É fato que a pandemia do COVID-19 afetou tudo e a todos de forma que nem imaginávamos que pudesse acontecer, algumas formas de trabalhos que antes eram presenciais agora são home office, as aulas agora são a distância e o surgimento de novos costumes como álcool em gel e máscaras.

Além de tantas mudanças no cotidiano, vivemos sobrecarregados, repletos de medos e rodeados de informações fortes capazes de influenciar nossas mentes e nossos sentimentos, de forma tão profunda que poderá desencadear Estresse Pós Traumático (TEPT) em alguns

indivíduos, que segundo a psicóloga Fabíola Luciano explica, é um transtorno psicológico que afeta pessoas que passaram por situações que ofereciam riscos a própria vida ou de pessoas próximas.

Desse modo, é possível que algumas pessoas possam desenvolver esse transtorno após a pandemia, principalmente quem foi ou teve familiares e amigos contaminados e quem estava frequentemente correndo risco de contaminação, como os profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES

Conforme foi mencionado anteriormente, com a pandemia causada pelo COVID-19 houveram mudanças radicais no dia a dia das pessoas, principalmente por causa de uma das medidas que foram implementadas como principal ferramenta de combate ao aumento de casos de infectados pelo vírus, a quarentena, no entanto, apesar de sua grande eficácia, pode causar muitos impactos negativos.

Além dos efeitos emocionais e psicológicos já citados no texto, existem outros que também precisam da nossa atenção. Dessa forma, tendo em mente as influências benéficas e as não benéficas dessa medida é importante que todos nós tomemos nossos devidos cuidados, seguindo as normas de saúde dadas para passarmos por esse período e sempre

atentando também para qualquer alteração emocional ou psíquica.

Para Além De “Perdidas Na Noite” (1989): Um Ensaio Dialógico Entre O Local Das Travestis Na Sociedade Brasileira E A COVID-19

Vic Argôlo Da Silva²⁵⁹

Resumo

Neste ensaio é realizado um diálogo entre e as demarcações existentes nas corporeidades trans em perspectivas de espaços e pertencimentos sociais em meio ao cenário da pandemia COVID-19. Tal discussão é realizada em cima da fonte bibliográfica audiovisual intitulada Perdidas na Noite (1989) - a qual é uma das edições do programa Documento Especial (1989-1998) transmitido na época pela Rede Manchete. O trato da fonte consiste em identificar as especificidades de como os corpos das travestis noturnas no Rio de Janeiro se manifestavam, realizando uma análise dos discursos apresentados, tanto pela narração do programa quando pelos próprios relatos das pessoas registradas. Essa abordagem consiste em projetar uma reflexão sobre os aspectos enfrentados por corpos trans dentro da sociedade brasileira, quais as possíveis problemáticas identificadas no conteúdo analisado e refletindo como essas corporeidades estão sendo atravessadas pela vigente crise mundial sanitária.

Palavras-chave: Corporeidades Trans. Demarcações Sociais. Pandemia. Pertencimentos das Travestis.

INTRODUÇÃO

²⁵⁹ Discente do Curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE, Belém/Pará. E-mail: vicargolosilva@gmail.com

Este ensaio surge a partir do texto “Para Além de “Perdidas na Noite” (1989): Um Ensaio Dialógico entre o Gênero e o Local das Travestis na Sociedade Brasileira” aprovado na disciplina de História Econômica, Social e Política do Brasil, do curso de Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará. A proposta de avaliação era encontrar uma fonte histórica no contexto brasileiro em que fosse possível realizar uma análise comparativa sobre o assunto na época e a atualidade.

O ensaio é escrito a partir da perspectiva de uma discente travesti e o caminho metodológico se deu devido ao embate crítico que estava sendo feito ao trabalhar um diálogo sobre pessoas trans com referenciais cis, ou seja, a mudança consiste em trabalhar as temáticas de abordagem utilizando a produção científica de mulheres trans e travestis que estejam no ambiente acadêmico explorando sobre a temática. Deste modo, o ensaio busca trazer também uma reflexão acerca do que pessoas trans pensam sobre os assuntos. Tal proposta metodológica é uma forma de realizar uma exposição de que as pessoas trans também estão produzindo neste ambiente acadêmico e que certos assuntos estão sendo discutidos a partir de si mesmas.

O ensaio acaba sendo estruturado em duas partes principais. Para a primeira parte é construída uma contextualização acerca do programa Documento Especial, edição Perdidas na Noite (1989). Já na segunda parte são levantadas as questões que envolvem as demarcações de pertencimento e espaço sociais que esses corpos trans vão ter dentro da sociedade brasileira a partir da realidade carioca apresentada e como pode-se refletir sobre esse cenário no contexto atual da pandemia COVID-19.

DOCUMENTO ESPECIAL: PERDIDAS NA NOITE (1989)²⁶⁰

O programa Documento Especial foi um uma produção televisiva que ficou no ar de 1989 a 1998 em diferentes emissoras, como a Rede Manchete, a Rede SBT e a Rede Bandeirantes de Televisão, no caso da edição analisada de 1989 faz parte do período em que estava sendo transmitida pela Rede Manchete de Televisão. O programa era apresentado e narrado pelo jornalista Roberto Maia e, consistia em apresentar temáticas que o horário nobre não permitia, ou seja, a partir do horário da noite com

²⁶⁰ **Documento Especial - Perdidas na Noite (Parte 2/2)**. Disponível em: <https://bit.ly/2D9Cqyl>. Acesso em: 04, jul., 2020.

temáticas em que o cunho eram apelativos, impactantes ou polêmicas para época e que de certa forma o horário nobre não permitia ser trabalhado.

A edição em questão traz registros sobre como é o ambiente noturno da vida das travestis na cidade do Rio de Janeiro em 1989, repleto de marginalização e de prostituição. O conteúdo acaba evidenciando como a corporeidade das travestis era vista como corpos de "animais raros", que irão despertar, "curiosidade, preconceito e até mesmo atração turística". Nesta edição, as travestis destacam a questão de serem reprimidas pela própria polícia, "eles me marginalizaram, me induziram a fazer isso" quando se pensa na questão de que a própria polícia retira dinheiro da travestis que estão na ruas e, que no final do dia as referidas vão precisar se alimentar, pagar aluguel, dentre outras situações e para adquirir a própria sobrevivência as travestis vão ter que se submeter a aspectos ilegais que irão marginaliza-las.

O programa também aponta questões sobre o sentir. Neste momento são apresentadas as questões em torno dos processos corporais das travestis, suas subjetividades, além de exibir também como as travestis se relacionam afetivamente com os seus parceiros. Dentro dos segmentos que o programa passa a

exibir como ocorre a composição da corporeidade trans, passa a discutir como se dá as travestis no ambiente da noite. Por exemplo, é tido como algo naturalizado aos homens o poder sobre o corpo das travestis em cena, seguindo as imagens mostradas imagens a abordagem masculina diante das travestis para saber quanto é o programa se dá também pelo toque sem permissão, ou até mesmo homens se esfregando naquele ambiente da prostituição como se aquelas mulheres fossem somente mercadorias.

O programa traz uma outra realidade sobre esses corpos trans que nem sempre é geral, que é quando mostra a realidade de casais heterossexuais em que a parceira é uma travesti. São exibidas uniões estáveis, onde mostram relações de afeto, parceria, cumplicidade, romântica e afeto. De certa forma, acaba expondo uma outra realidade que não é a da rua, do corpo da prostituição, do corpo mercadoria, mas expondo a questão do corpo de afeto, onde a travesti é posta em cena como um corpo que também tem necessidades e que existem outros tipos de vivências. Neste sentido, em *Perdidas da Noite* acaba evidenciando como as travestis que estão nas ruas da capital carioca são enxergadas dentro da sociedade e como vivenciam à

margem de uma sociedade onde impera o desrespeito e o preconceito.

UM DIÁLOGO SOBRE LÓGICAS: O LOCAL DAS TRAVESTIS NA SOCIEDADE BRASILEIRA E A COVID-19

A discussão aqui traçada está voltada para um ensaio que dialoga entre as lógicas dos espaços demarcados das travestis na sociedade brasileira e como essas mulheres foram afetadas pela pandemia da COVID-19. Compreende-se que por aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos levaram os corpos travestis a serem lançados a vida noturna, transformando-as em seres que se encontram perdidas na noite.

A partir dessa discussão, quando se trata das questões que mulheres trans e travestis vão enfrentar está muito de acordo com as composições socioculturais de gênero que o referido corpo carrega. Sendo constantemente desvalorizadas, desvalidadas e desumanizadas, como Jacqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves (2012)²⁶¹ abordam as mulheres transgênero não recebem o mesmo

²⁶¹ JESUS, Jacqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 28 nov. 2012. p. 8-19.

tratamento dado às mulheres cisgênero, nem as mesmas oportunidades, de modo que as mulheres transexuais e as travestis, além de serem vitimadas pelo machismo, sofrem por uma forma de sexismo com base legal-biologizante, que lhes nega o estatuto de mulher.

Quando se pensa na rotina das travestis no período da noite, sendo associadas a criminalidade ou prostituição, essa imagem faz parte de uma localização direcionada do corpo trans na sociedade. Os corpos trans acabam sendo direcionados a lógica da vida noturna, por conta de um processo de estigmatização, conforme Beatriz Pagliarini Bagagli (2019)²⁶² diz que a marginalização e discriminação social que pessoas transgêneros estão expostas induz um estado sistemático de desemprego, contribuindo para que esta população se constitua como um exército de reserva de mão de obra e continuem expostas e indissociáveis da criminalização da prostituição.

O fato desses corpos serem jogados as ruas vai fazer com que os crimes contra as travestis aconteçam pelo ambiente e, justamente, por conta da profissão em que foram lançadas, pois

²⁶² BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo**. Campinas (SP): [s.n.], 2019.

como destaca Jacqueline Gomes de Jesus (2013) que as informações dizem que a maioria dos crimes contra mulheres transexuais e travestis ocorrem no espaço público das ruas, por conta de que grande parte delas possui uma profissão marginalizada.

Quando essas questões são apontadas deve ser lembrado que Viviane Vergueiro (2015)²⁶³ diz que o lutar pelas diversidades é o mesmo que lutar contra binarismos eurocêntricos, contra a ideia de que as pessoas pertençam a uma ou outra categoria mutuamente exclusiva de gênero definida de formas objetivas e neutras associados ao imaginário social das pessoas em diferentes aspectos.

Segundo Ana Flor Fernandes Rodrigues (2019)²⁶⁴, ao refletir sobre as travestis no período ditatorial, acaba concluindo que as próprias pedagogias escolares seguem subsidiando as margens como um lugar das travestis na sociedade brasileira.

²⁶³ VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2015.

²⁶⁴ RODRIGUES, Ana Flor Fernandes. QUEM NÃO QUER AS TRAVESTIS NAS ESCOLAS? UMA VOLTA ATÉ A DITADURA MILITAR NO BRASIL. **Revista Semana Pedagógica**, v.1, n.1, 2019, p. 198-200.

Pensando nisso, Maria Léo Araruna (2017)²⁶⁵ diz que deve ser posta em pauta o projeto de uma outra cidade que seja composta por novas socializações de gênero.

Como se viu com bastante ênfase, as travestis ocupam espaços específicos na sociedade brasileira. Pensando no cenário de pandemia da COVID-19, em um período que se defende o isolamento social, como que fica a situação daquela mulher trans que encontra na prostituição e no mercado informal sua única fonte de renda. Quando **Sanara Santos (2020)²⁶⁶ fala sobre os “corres” das mulheres trans durante a pandemia traz a noção de que tem gente desempregada e passando fome.**

Quando se fala na violência doméstica que aumentou durante o isolamento social, pouco se fala na questão das mulheres transsexuais e travestis. Isso se dá mais uma vez por conta de sua invisibilidade e da falta de interesse por medidas públicas para essas populações. A crise sanitária mundial evidencia as desigualdades sociais e deixam claro as diferentes

²⁶⁵ ARARUNA, Maria Léo Araruna O direito à cidade em uma perspectiva travesti: uma breve autoetnografia sobre socialização transfeminina em espaços urbanos. *Periódicus*, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr.2018, p. 133-153.

²⁶⁶ SANTOS, Sanara. Os corres de uma mulher trans na pandemia. *Gênero e Número*, on-line, 22, mai., 2020.

formas de viver na sociedade. E a população trans não fica de fora desse atravessamento.

O viver em pandemia, como mulher trans e travesti, principalmente quando se encontra distante da lógica de pertencimento social de tal corporeidade diz bastante sobre as diferentes lutas que atravessam-nas nos diferentes espaços em que estão inseridas. Sendo assim, o viver e sentir, em perspectiva trans nessa pandemia é de apagamento e de resistência, pois não podem ficar confortáveis em nenhum quadro social, nem mesmo no cenário de pandemia, onde o Estado deveria estar assistindo essa população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para trabalhar neste ensaio se faz necessário escolher nomes de mulheres trans ou travestis que estejam produzindo discussões científicas, como Ana Flor Fernandes Rodrigues, Beatriz Pagliarini Bagagli, Hailey Alves, Jacqueline Gomes de Jesus, Maria Léo Araruna, **Sanara Santos**, Sara Wagner York e Viviane Vergueiro, pois o viver academicamente precisa também ser associado as suas próprias vivências.

As discussões aqui feitas seguiram a lógica defendida por Sara Vagner York (2018)²⁶⁷ de que está hora de tornar-se protagonista, sobretudo nas falas acadêmicas ricamente apresentadas por pares cisgêneros e que falam de dor, mas sem jamais saberem qual a intensidade disso em corpos que vivenciam tudo o que foi discutido no texto.

A pandemia evidenciou diferentes sentimentos em relação a pessoas transgêneros com relação as suas corporeidades e a sociedade, mas em meio a tudo isso que veio ser evidenciado pela COVID-19 é preciso que se repense o amanhã, pois o futuro também pertence a população trans, e viver e sentir esse momento é sobre isso, sobre ter esperança e sonhar.

²⁶⁷ YORK, Sara Wagner. No Mar dos Abandonos: suspiro entre a teoria e prática queer. **REBEH**, 2018, p. 79-90.

O Mito Da Caverna Durante a Pandemia de Covid-19 - Um Ensaio Comportamental da Reação Populacional Brasileira Ao Isolamento Social

Fernando Maia Coutinho²⁶⁸

Márcio César Marvão Ribeiro²⁶⁹

Resumo

A pandemia de COVID-19 em toda a sua magnitude e complexidade gera efeitos humanos diversos, como o negacionismo perante a fatos médicos e sanitários. Esse cenário permite estabelecer uma similaridade à Alegoria da Caverna de Platão, com o mundo sensível e o mundo das ideias presentes no imaginário dos indivíduos. Logo, o presente trabalho consiste em um ensaio teórico interpretativo que almeja correlacionar aspectos presentes na alegoria à reação populacional ao isolamento social ocasionado pela pandemia do novo Coronavírus. Tal análise não almeja estabelecer veracidades, mas sim, convidar o leitor à reflexão proposta. A discussão ilumina didaticamente tais similaridades por intermédio dos tópicos: os prisioneiros e crenças, quebra de correntes e retorno à caverna; permitindo associações com os fatos pandêmicos vigentes. Por fim, a pandemia de COVID-19 causou um impacto social que retoma o indivíduo ao mundo sensível de Platão, onde sombras tornam-se a realidade que, embora questionável, é escolhida por muitos.

Palavras chave: COVID-19; Isolamento Social; Mito da Caverna

INTRODUÇÃO

²⁶⁸ Acadêmico de Medicina - Universidade Federal do Pará – email: nandoomaiac@gmail.com

²⁶⁹ Acadêmico de Medicina - Universidade Federal do Pará – email: cesarmav8@gmail.com

A COVID-19 é uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV 2), a qual gerou uma situação de pânico internacional quando a Organização Mundial de Saúde(OMS) declarou a pandemia em março de 2020. Desse modo, intervenções urgentes foram aplicadas para o controle da pandemia por entidades governamentais e sanitárias, permitindo uma redução da mortalidade desta patologia desconhecida, inicialmente subestimada nos primeiros países acometidos, permitindo a saturação e , conseqüentemente, colapso dos sistemas de saúde envolvidos. Dentre essas medidas, o distanciamento social é implementado como essencial para o combate ao novo Coronavírus, evitando aglomerações e reduzindo o contato entre pessoas da mesma comunidade.²⁷⁰⁻²⁷¹

Entretanto, embora os benefícios claros, algumas instituições governamentais e, conseqüentemente, parte da população apresentaram julgamentos errôneos sobre a efetividade

²⁷⁰ PEREIRA, M. D.; et. al. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020.

²⁷¹ ROCHA, R.P.; Isolamento Social e Distanciamento entre Políticas Públicas e Demandas Sociais. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/489/624>. Acesso em: 15 jul. 2020.

da ação implementada, por motivos diversos; como fatores econômicos (devido ao impacto na renda), fatores ambientais (como as condições das moradias para atender e permitir o conforto de cada membro das famílias distanciamento de amigos e familiares), dentre outros. Assim, esses fatores contribuem para a indagação da veracidade de fatos, configurando uma massa populacional como o indivíduo categórico “tolo” presente na abordagem do psicanalista Christian Dunker, tal indivíduo impulsionado pelo medo constante, nega a gravidade da pandemia vigente, diminuindo a magnitude do problema, tratando pejorativamente os fatos veiculados pela mídia e pelos profissionais da saúde²⁷²⁻²⁷³⁻²⁷⁴.

Tal comportamento pode ser analisado a partir de uma perspectiva similar presente na obra *A República*, especificamente, o texto sobre a “Alegoria da Caverna”, do

²⁷² PEREIRA, M. D.; et. al. The COVID-19 pandemic, social isolation, consequences on mental health and coping strategies: an integrative review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e652974548, 2020.

²⁷³ BEZERRA, Anselmo César V. *et al.* . Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, jun. 2020

²⁷⁴ MACHADO, Leandro. Coronavírus: alguns sentem tanto medo que precisam negar o que está acontecendo, diz psicanalista. *BBC News Brasil*, São Paulo, 4 de abr. de 2020.

filósofo Platão. Nessa alegoria, existem dois mundos para os homens da pólis, o mundo sensível, representado pelas crenças e falsos julgamentos perante a realidade factível; e o mundo das ideias, representado pela fuga da inércia mental, utilizando a curiosidade como impulso para alcançar a saída da caverna e, a partir desse momento, ser iluminado pela razão. Tal alegoria é perceptível atualmente com o ser humano sendo refém dos diversos dilemas, muitos baseados em crenças e valores que guiam equivocadamente o seu pensar, retornando ao mundo sensível de Platão²⁷⁵.

Dessa maneira, a partir de comparações possíveis, o estudo tem como objetivo estabelecer um paralelo entre o negacionismo das medidas de isolamento social à Alegoria da Caverna de Platão, sistematizando essa relação em tópicos para estabelecer uma melhor compreensão para o leitor.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de um ensaio teórico interpretativo, o qual não visa estabelecer verdades sobre a realidade descrita, apenas promover um debate entre as

²⁷⁵ MATOS, Lucas Pereira. A alegoria da caverna e seu mito hoje. Revista Pandora Brasil, n. 34, 2011.

similaridades de elementos narrativos da alegoria de Platão e do momento atual. Assim, permite-se a interpretação a partir de comparações lógicas para o leitor, sem a obrigatoriedade de um detalhamento exaustivo do assunto proposto.

A ALEGORIA DA CAVERNA

Platão narra o Mito da Caverna por meio de uma conversa entre seu discípulo Sócrates e Glauco, onde Sócrates induz Glauco imaginar uma caverna separada do mundo exterior por meio de um muro alto, o qual permite apenas a passagem da luz. Nesse lugar, existem pessoas que, desde o seu nascimento, permanecem acorrentadas, vislumbrando apenas imagens distorcidas através da abertura luminosa. Tais figuras são apenas sombras de pessoas transportando objetos com formas diferentes; contudo, os prisioneiros da caverna julgam tais imagens como a realidade exterior àquele espaço. Entretanto, repentinamente, impulsionado pela curiosidade, um dos indivíduos da caverna libertar-se das correntes por meio de ferramentas construídas por ele. Libertado, ele ansiava em conhecer o mundo externo e, então, escalou o muro para a entrada da caverna. Ao sair da caverna, primeiramente, o prisioneiro encontrou-se cego pela luminosidade do Sol, a qual habituou-se com o tempo. Ao apreciar detalhadamente o mundo pela primeira vez, além da

alegria significativa a qual foi acometido naquele momento, descobriu que o que vira anteriormente na caverna tratava-se apenas de sombras. Nesse momento, o prisioneiro liberto possui uma difícil decisão a tomar, pois deseja permanecer distante da caverna, porém, também deseja libertar os demais prisioneiros. Dessa forma, assim como a escalada no muro apresentou-se desgastante, voltar à caverna também será; adaptar-se novamente a baixa luminosidade e convencer seus semelhantes do que observou no mundo externo e da realidade de fato em que se encontram, possibilitando ser rejeitado e, até mesmo, assassinado²⁷⁶⁻²⁷⁷.

A PANDEMIA DE COVID-19

A COVID-19, identificado, primeiramente, na cidade de Wuhan (China), o SARS-COV-2, rapidamente, disseminou-se causando um surto global e, para evitar a saturação do sistema de saúde pelas regiões brasileiras, são necessárias medidas para conter contaminação comunitária e permitir o tratamento de

⁹CHAUI, Marilena. O mito da caverna. Fonte: O Cortiço Filosófico. Disponível em: <http://asmayr.pro.br/arq/cul_mito_caverna.pdf> .Acesso em 16 jul. 2020

²⁷⁷ ENTENDA O QUE É O MITO DA CAVERNA, CITADO EM DISCURSO DO MINISTRO DA SAÚDE NESTA SEGUNDA-FEIRA. Diário do Nordeste, 07 abr. 2020.

suporte dos doentes, como o distanciamento social, isolamento social, quarentena e, em casos extremos, lockdown. A primeira medida refere-se à redução do convívio entre pessoas da mesma comunidade; a segunda trata-se da separação entre indivíduos doentes e indivíduos saudáveis, evitando a contaminação do grupo saudável. A quarentena realiza a restrição de grande parte das atividades da sociedade e da circulação de pessoas, enquanto o lockdown configura-se como uma medida mais extrema, restringindo a circulação da população, interrompendo atividades e permitindo apenas serviços básicos, como saúde, alimentação e segurança²⁷⁸⁻²⁷⁹.

DISCUSSÃO

Os Prisioneiros, as Sombras e as Correntes

²⁷⁸ OPAS/OMS. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 24 jul. 2020.

²⁷⁹ UFRGS. Qual a diferença de distanciamento social, isolamento e quarentena? Disponível em: https://www.ufrgs.br/telessauders/posts_coronavirus/qual-a-diferenca-de-distanciamento-social-isolamento-e-quarentena/. Acesso em: 08 jul. 2020.

Na história metafórica e quase épica de Platão, a caverna é o mundo com uma visão limitada por crenças, representadas pelas correntes que imobilizam os prisioneiros. Logo, as sombras, simples projeções das formas, são a realidade aceita para aqueles que se encontram engessados por preconceitos adquiridos e enraizados. Contudo, um dos prisioneiros avista um pequeno feixe de luz, o qual, movido pela razão, liberta-se e começa a questionar sobre a realidade em sua volta, se o mundo que o cercava era o suficiente para explicar toda a sua vivência, até encontrar luz do Sol no final, que quase o cegava, revelando a verdadeira realidade. Comparativamente, na realidade hodierna, o instrumento de quebra seria além da ação do simples pensar, utilizando metodologias científicas para embasar e questionar suas próprias ideias, pois com a desinformação e a geração de “Fake News”, propiciam a propagação de crenças, devaneios e factóides por figuras públicas e grupos ideológicos, fortalecendo visões distorcidas da realidade atual. Desse modo, a pandemia de COVID-19, analogamente, permite discursos fantasiosos e alienantes, impulsionados pelo fato das necessidades sanitárias exigirem grandes sacrifícios pessoais de cada indivíduo; assim como o prisioneiro necessita de uma força interior, moldada pela sua curiosidade, para desvencilhar-se das suas correntes; destacando a necessidade de conhecimento da metodologia

científica, a qual infelizmente, se reprime nos muros das universidades, que, mesmo assim, muitos profissionais formados também tendem a esquecer, não sendo repassado para sociedade²⁸⁰⁻²⁸¹⁻²⁸².

O Retorno à Caverna

O prisioneiro, acostumado com a escuridão, ao sair da caverna, sente-se cego, pelo brilho do sol, aos poucos seus olhos se acostumam a ver a realidade ao mundo a fora. Ele saiu por mérito próprio e possuía toda a felicidade ao vivenciar a verdadeira realidade, todavia ele é um homem e, em Platão, a maior virtude do ser humano é a fraternidade. Tomando tal nível de consciência, o prisioneiro solto desce a caverna subterrânea para trazer a iluminação para os restantes, tal qual um filósofo. Ao descer o prisioneiro não é bem recebido pelos os demais, seus valores e conhecimento são recusados perante ao conformismo com a realidade das sombras. Nesse momento, Platão define o

²⁸⁰ BITTENCOURT, Renato N. Pandemia, isolamento social e colapso global. Revista Espaço Acadêmico, v. 19, n. 221, p. 168-178, 28 mar. 2020.

²⁸¹ BEZERRA, Anselmo César V. et al . Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, jun. 2020

²⁸² CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. Trab. educ. saúde, Rio de Janeiro , v. 18, n. 3, e00279111, 2020 .

conceito de escravidão inconsciente, evento perigoso, pois o escravo agride seu libertador para proteger suas correntes. Hodiernamente, na pandemia, vivencia-se uma luta informacional pautado na divulgação de fatos verídicos e científicos em contrapartida a fatos falsos ou pautados em achismo. O negacionismo científico não surge na era de pandemia viral, historicamente o negacionismo sempre acompanhou a humanidade em algum nível, desde discussões acerca do modelo do sistema solar até sobre a validade de uma informação que chegou pelo aplicativo de mensagem do *Smartphone*. Sem embargo, no mundo pós terceira revolução industrial e de liquidez, a informação abundante em tese deveria prover um fluxo de fatos que garantiriam um efeito positivo em emergências e de extrema necessidade, porém, a desinformação vinga e cria raízes em seus devaneios²⁸³⁻²⁸⁴.

CONCLUSÃO

Dessarte, alegoria platônica demonstra-se atualizada às condições hodiernas, na forma em que aborda questões que são

²⁸³ PAVIANI, Jayme. Platão & a república. Zahar, 2010.

²⁸⁴ FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é plano: uma breve história do século XXI. Editora Companhia das Letras, 2014.

inerentes à natureza humana e, comparativamente, o impacto causado pelo COVID-19, o qual traz de volta a questão das sombras e da limitação do conhecimento, podendo ser também, no caso a situação de quarentena causada pelo vírus, um estopim para a pós-modernidade, em que a caverna, mesmo sendo um escrito antigo, ressoa também nesse tema. A liquidez da informação representa as sombras e as ilusões de tratamento, cura ou desespero pelo vírus. Assim, em suma, infere-se a necessidade da procura da luz final, isto é, das informações palpáveis e de medicina baseada em evidências, que no caso da saúde, deve impulsionar e instigar a quebra das correntes.

O (re) tecer a vida como Penélope

Rayana Rezende Gomes Demetrio de Vasconcelos Barros²⁸⁵

É preciso começar este texto com uma citação de Goethe em seu Fausto “*desejo gozar de meu eu*”²⁸⁶, acho que para mim esse desejo sempre foi muito forte, a vontade de estar confortável comigo mesmo, sem nunca conseguir. A verdade é que, em um mundo como o nosso, temos muito pouco espaço para praticar o autoconhecimento e para desenvolver o amor próprio, especialmente quando se é uma mulher. Ser uma mulher gorda é um ato de coragem. Não digo isso como uma ironia ou tentando levar o público a uma reflexão absoluta sobre a obesidade, mas em uma sociedade patriarcal, onde os nossos corpos servem apenas para saciar a lascívia masculina, se torna comum esconder nossos “defeitos” atrás de vestes discretas, sapatos bonitos ou óculos descolados. Passamos a nos esconder porque a nossa existência não basta, ela é condenável, mas como qualquer existência, ela é necessária, embora quase sempre esquecida. Não

²⁸⁵ Aluna de graduação em letras da Universidade Federal de Pernambuco - raytyler161@gmail.com

²⁸⁶ GOETHE. **Fausto**. São Paulo: Editora 34, 2010

apenas por homens, mulheres, mas também por nós mesmas. Me encontro tão escondida, tão reprimida, tão perdida que já nem sou eu... Sinceramente... o que somos?

Surge então um surto! Não só no Brasil, mas no mundo inteiro: Momento de pandemia! Fomos obrigados a parar! Mas sem olhares, julgamentos, sem a própria pressão estética tão amplamente divulgada pelas redes sociais, o que fazer? O que fazer para preencher o silêncio que invade nossos próprios lares? Somos nós nossos próprios corpos? Somos nós os donos de nossa própria opinião?

Para mim a quarentena representa uma espécie de prisão, ao mesmo tempo liberdade. Momento de metamorfosear. É tão fácil falar em autocuidado, amor próprio...Mas são raros os momentos que paro e cuido de mim mesma. Com que olhar me deparo no espelho? É o meu? Ou um reflexo de todos os olhares que já me foram postos? A quarentena para mim é um tempo de mudança. Ressignificação. No silêncio proporcionado pelo desespero de tempos tão turbulentos onde não é possível saber o que nos aguarda amanhã, é preciso aprender a amar e, mesmo que lentamente, olhar com mais ternura para si mesmo.

Correndo risco de ser piegas, ainda assim, faço a seguinte comparação... Bem como Penélope foi preciso apagar

cotidianamente o bordado que eu tecia para a minha vida e, a cada nova manhã, o refazer sobre nova percepção. Até o ceifar da minha história, quando por fim minha existência for extirpada pela fatal tesoura das moiras, espero ter a oportunidade de (re)tecer o bordado da minha existência inúmeras vezes. A cada novo ponto, porém, espero poder conseguir resguardar à mim uma ótica mais gentil.

Marcha Pela Ciência E A Valorização Da Educação E Da Pesquisa Públicas No Brasil

Thayná Monteiro Rebelo²⁸⁷
Loiane Prado Verbicaro²⁸⁸

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em parceria com universidades, instituições de pesquisa, entidades científicas, professores e estudantes, organizou a Marcha Virtual pela Ciência no Brasil, realizada no dia 07 de maio de 2020, com a finalidade de ressaltar a importância da ciência, tecnologia e inovação no enfrentamento da pandemia do Covid-19, bem como de discutir os efeitos da crise sanitária na sociedade, na economia e no sistema de saúde, promovendo um diálogo entre pesquisadores do país por meio das redes sociais e do Portal da SBPC. O objetivo centrou-se na necessária valorização das ciências como forma de combate à pandemia e de suas principais consequências nas diversas esferas da vida,

²⁸⁷ Graduanda em Direito do Centro Universitário do Estado do Pará. Integrante do Grupo de Pesquisa - CNPq: Filosofia Prática: Investigações em Ética, Política e Direito. E-mail: thaynarebelo@hotmail.com.

²⁸⁸ Professora Adjunta da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Pará - UFPA. Doutora em Filosofia do Direito pela Universidade de Salamanca - USAL. Mestra em Direitos Fundamentais e Relações Sociais pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Líder do Grupo de Pesquisa - CNPq: Filosofia Prática: Investigações em Ética, Política e Direito. E-mail: loianeverbicaro@uol.com.br.

especialmente em um país tão desigual como o Brasil, em que os impactos do novo coronavírus recairão em maior medida na população mais pobre e nos grupos mais vulneráveis. Dessa forma, discutir essas temáticas, por meio de pesquisas e estudos, é fundamental para o devido enfrentamento, afastando-se do negacionismo científico e de “achismos” infundados, inconsequentes e levianos.

O cenário de combate ao Covid-19 no país é ainda mais sensível em decorrência dos constantes cortes de verbas nas ciências, nas universidades, nos laboratórios, nas bolsas de estudos e nos insumos, com uma pauta de intensa desvalorização do conhecimento científico, o que permite que discursos ideológicos baseados em “gurus” estejam em voga, ganhando espaço em detrimento do conhecimento sério e rigoroso da ciência. No entanto, mesmo diante da crescente depreciação da educação no país, é importante registrar que as universidades públicas brasileiras estão na linha de frente do combate ao novo coronavírus, com destaque internacional.

A Marcha Virtual pela Ciência também visou reiterar a importância do documento “Pacto pela Vida e pelo Brasil”, elaborado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns (Comissão Arns), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e SBPC. O Pacto ressalta a importante colaboração dos entes

federativos e da sociedade civil no combate da pandemia, na defesa do isolamento social e da formulação de políticas públicas, especialmente visando atender aos grupos sociais vulnerabilizados. Além disso, o documento prima pela valorização da ciência, com a finalidade da promoção de diálogos sérios e propositivos ao enfrentamento do vírus.

O evento destaca como principais discussões a defesa do isolamento social, medida recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e sociedades médicas e científicas, os cortes dos recursos à ciência, tecnologia e inovação no país, a precariedade dos sistemas de saúde e educação e a necessidade de criação de medidas ao combate à crise econômica, tendo por base o respeito e atenção às populações mais pobres e vulneráveis, como forma de não acirrar as desigualdades sociais e econômicas já existentes.

As melhores respostas à pandemia do novo coronavírus em seus aspectos sanitários, sociais, políticos, econômicos, jurídicos e humanitários só podem ser encontradas a partir de pesquisadores, suas universidades e centros de pesquisa, com a união de esforços das diversas áreas de conhecimento, de acordo com um projeto integrado, capaz de refletir à luz de todas as complexidades envolvidas. Nesse sentido, é importante dizer, ainda que seja o óbvio, que em um projeto fortalecido e democrático de educação e de sociedade deve haver a valorização da diversidade dos domínios do conhecimento: ciências

exatas e da terra, biológicas, da saúde, engenharias, agrárias, linguística, letras e artes, sociais e humanas.

Um especial destaque à área de humanidades tão estrategicamente espezinhada e tachada como inútil. As humanidades (e a filosofia em especial) promovem o pensamento crítico e reflexivo opondo-se ao processo de instrumentalização econômica, permitindo a humanização da humanidade, contra a desertificação que sufoca o espírito e leva a barbárie. É pelas humanidades e também pelas ciências sociais que discutimos desigualdades estruturais e seus marcadores de opressão, raça, classe e gênero, como forma de contribuir para a elaboração de políticas públicas à construção de uma sociedade mais justa, livre de preconceitos e igualitária.

É por intermédio desses estudos que podemos refletir sobre os impactos e consequências da pandemia com o deslocamento do ordinário e o recrudescimento de problemas sociais, políticos, econômicos e éticos preexistentes que, em momentos pandêmicos, são agravados, tais como: o aumento da violência e da opressão de gênero; a insuficiência do neoliberalismo enquanto sistema de acumulação que acena ao esgotamento da ideia de democracia como norma política; a fragilidade dos direitos humanos, com especial destaque à precarização das relações trabalhistas e dos serviços públicos de saúde e ao aumento da pobreza diante da persistência de uma agenda de austeridade e de medidas que maximizam a importância do mercado e os imperativos de

eficiência em detrimento das diretrizes e recomendações científicas, do ser humano e de políticas sociais e de igualdade. As Portarias nº 34 da CAPES e nº 122 do CNPq de 2020 revelam a tacanhez do projeto educacional no país, com o esfacelamento da cultura e das distintas lentes e perspectivas de construção de saberes a partir da diversidade e complexidade dos problemas humanos.

O fortalecimento das universidades públicas e dos sistemas sociais e de saúde viabilizam a adequada infraestrutura para o avanço da cultura, ciência, tecnologia e inovação, com a proteção de vidas e o aumento do bem estar humano e social. A política de austeridade fiscal projetada para financiar cortes de benefícios sociais e de direitos, bem como para promover a descontinuidade de programas e de pesquisas científicas, em razão das reiteradas reduções orçamentárias às universidades e dos ataques à educação e à autonomia universitária, com o desmonte dos sistemas públicos saúde, agrava significativamente a profunda crise que estamos vivendo.

O respeito à ciência afasta a crença em fórmulas mágicas ou soluções messiânicas que têm sido tão propagadas com *fake news* e posturas execráveis como a do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump que recomendou desinfetante para curar o coronavírus, o que gerou intoxicação em vários norte-americanos²⁸⁹. Reprendido, disse o

²⁸⁹ G1. **Trump fala em injeção de desinfetante contra coronavírus e médico rebate: ‘irresponsável e perigoso’**. Reportagem 24 de abril de 2020. Disponível em:

presidente que estava sendo sarcástico²⁹⁰. Inadmissível também é a defesa apaixonada do Presidente do Brasil Jair Bolsonaro para o uso de medicamentos sem comprovação científica de eficácia; bem como suas falas em cadeia nacional minimizando a pandemia ao equipará-la a uma “gripezinha”; as reiteradas atitudes de desdém às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), ao chamar o povo de volta ao trabalho com discursos agradáveis à racionalidade econômica segundo os quais “pior que o medo da epidemia deve ser o medo do desemprego”; as constantes reuniões em aglomerações e, ainda, sem o recomendado uso de máscara protetora; e suas reiteradas manifestações de abominosa indiferença aos números crescentes de mortes com o seu infando “E daí?”²⁹¹. Mais do que irresponsabilidade, é um insulto à valorização da vida e à ciência.

A pandemia tem sido fortemente politizada. Conviver com a mazela sanitária, com o profundo luto e fragilidade da nossa existência

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/24/trump-fala-em-injecao-de-desinfetante-contracoronavirus-e-medico-rebate-irresponsavel-e-perigoso.ghtml>. Acesso em: 25 mai. 2020.

²⁹⁰ OUL. **Trump diz que estava sendo ‘sarcástico’ sobre injeção de desinfetante.** Reportagem 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/04/24/trump-diz-que-estava-sendo-sarcastico-sobre-injecao-de-desinfetante.htm>. Acesso em: 25 mai. 2020.

²⁹¹ FOLHA DE SÃO PAULO. **‘E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus.** Reportagem 28 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 08 mai. 2020.

tem sido um desafio e um momento de inflexão para a nossa civilização. Associar esse momento a todas as irresponsabilidades, desmandos e acirramentos políticos e ideológicos torna-o ainda mais dramático. A politização da pandemia enfraquece a valorização da ciência como o caminho seguro para nos guiar em meio a tantas incertezas e desesperança. Exemplo estapafúrdio encontramos na fala do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, ao referir-se ao vírus como disseminador estratégico do comunismo, denominando-o de “comunavírus”²⁹². No Brasil, a politização do Covid-19 ganha proporção assustadora, caminhando ao lado de teses negacionistas e em descompasso com a ciência.

Infelizmente, a luta não é apenas contra o vírus. É também contra a insuficiência da nossa rede hospitalar em razão dos reiterados cortes de verbas à saúde e à pesquisa científica, fruto da agenda de austeridade fiscal e do descaso com a educação e com a vida; é contra a crise social, política, econômica e humanitária que precariza ainda mais vidas já precarizadas. É preciso vir aqui para reafirmar o óbvio civilizatório: a educação, a pesquisa e as universidades, contra a tragédia do obscurantismo, da indiferença e da barbárie.

²⁹² ARAÚJO, Ernesto. Chegou o comunavírus. *Metapolítica* 17, 2020. Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/post/chevou-o-comunav%C3%ADrus>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Isolamento que apressou o silêncio

Aline Ferreira de Santana²⁹³

Sou cria dos anos 90, passei por uma transição de séculos. Vivenciei os anos 2000, quando algumas pessoas professavam o fim do mundo e também quando ocorreu o boom da internet no Brasil.

Cresci em uma cidadezinha de 5 mil habitantes e desde a adolescência fui muito ligada em estar com as amigas, conversar com elas. Nos encontrávamos todos os dias, todas morávamos próximas umas das outras, uma das facilidades que só cidade pequena nos oferece. Falar muito sobre tudo era o rotineiro na época, isso há 17 anos. Poucas pessoas tinham televisão em casa, já que o valor era inacessível.

Falar com facilidade sempre foi minha marca. Era frequente receber sermão dos professores, por quase sempre estar de conversa paralela durante a aula. Painho foi chamado algumas vezes pela diretoria e até hoje ele fica revoltado com isso. Na vida

²⁹³ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal); e-mail: abravosantana@gmail.com.

adulta, ser desinibida foi positivo nas entrevistas de emprego. Sempre queriam me colocar para vender alguma coisa, acredito levar jeito, mas não gosto muito desse ramo de mercado.

Para algumas pessoas ser falante é um privilégio, concordo que em algumas situações, sim. Sempre fiz questão de ser a pessoa que vai falar em público. Realmente, o medo que alguns tem nesse aspecto, principalmente mulheres, sinto com bem menos frequência. Claro que tudo nessa vida tem seu lado negativo, falar muito já me meteu em várias tretas! Já ouvi falar muito de filtro, será que nasci com ele ou foi esquecido na maternidade?

Depois de vários acontecimentos vividos, comecei a ter interesse pela cultura oriental, fiz leituras e assisti alguns vídeos sobre a importância do silêncio. Tem mais ou menos um ano que tomei a decisão de convidar o silêncio para fazer parte da minha vida. Mesmo com a minha essência sonhadora (culpo a astrologia) e, às vezes, pessimista, nunca antes havia imaginado que uma pandemia apressaria o processo do silenciar.

O isolamento forçado também trouxe o ressurgimento de medos e conflitos que estavam bem guardados em caixas invisíveis. Algumas pessoas tiveram que permanecer em

ambientes tóxicos e abusivos. Para muitos de nós, morar em outra cidade, ir para universidade, ir para casa de um amigo, era uma maneira de fugir um pouco de contextos familiares que não eram agradáveis. Muita gente perdeu o emprego e teve que voltar para o mesmo lugar que lutou tanto para sair.

Tantos conflitos gerados por esse acontecimento brusco, afetou diretamente o processo que já estava sendo planejado: aproximar-me do silêncio e conhecê-lo melhor. Deixei de ser a pessoa que frequentemente ligava para os amigos próximos. As ligações chegavam a durar 3 horas de duração – e muitos áudios no *Whatsapp!* –, porque ouvir e falar com frequência era um hábito diário. Atualmente, passei a ser uma pessoa que passa mais de quinze dias sem se comunicar.

Desde que começou o isolamento social e os noticiários começaram a noticiar os números de mortos as preocupações começaram a brotar, foi inevitável. De modo invisível e sorrateiro, um cansaço foi tomando conta, logo eu, a tagarela, aquela que sempre estava falando alguma coisa. Recuei! Nunca me senti tão esgotada. Falar se tornou exaustivo.

Parei de falar com amigos, colegas, só tenho comunicação frequente com as pessoas de casa (pai, irmão e uma prima). Só de

pensar em abrir o *Whatsapp*, já dá um desespero. Juro que não é falta de amor ou descaso, foi um processo que eu já queria que ocorresse e planejava, mas o cenário dessa pandemia acabou me levando a isso de uma maneira terrível, brusca. Estou tentando estocar energia para conseguir atravessar esse momento. Tive depressão por muitos anos, durante toda a minha adolescência. O medo/receio de voltar a ficar depressiva é inegável. Talvez de modo inconsciente, usei a fala em excesso durante muito tempo para ter atenção e aquilo me aquecia emocionalmente, mesmo que de forma temporária. Nunca pensei que chegaria a uma situação em que o silêncio se tornaria uma necessidade para minha sobrevivência.

Fiquei matutando esses dias, sobre uma frase muito usada como legenda nas fotos nas redes sociais: "quem gosta, te procura; quem ama, vai atrás de você; quem lembra, fala com você." Oras, amo minhas pouquíssimas amigas (conto nos dedos de uma mão), mas estou em uma fase da vida em que o silêncio e a busca por resolver minhas angústias comigo mesma, tem prevalecido. Isso tem me ensinado muito, principalmente a não generalizar e eliminar os achismos, respeitar o silêncio de um (a) amigo (a) ou qualquer outra pessoa, sem julgamentos. Simplesmente deixar a pessoa viver o tempo dela.

Já fui o tipo de pessoa que monitorava o “visto por último” no *Whatsapp*. A pessoa que se angustiava porque a resposta não chegava no tempo que idealizava, isso me fazia muito mal. Como já foi citado antes, silenciar fazia parte dos meus planos, algo a ser trabalhado por etapas. O silêncio que tenho agora, é esgotamento. Não saber quando essa pandemia irá acabar, ver essa quantidade de mortes, suga o psicológico e afeta diretamente o corpo físico. Tenho evitado assistir televisão, também amenizado o uso das redes sociais. Esse bombardeio de notícias só intensifica, a ansiedade de querer respostas, mas ninguém tem respostas.

Tenho buscado ser positiva. Realmente, o silêncio é transformador. Já cheguei a defender que o silêncio era atitude de covardes. Achava que a resposta sempre estava no falar, mas o silêncio também é resposta. Às vezes, aquela pessoa só está esgotada, vivendo uma situação difícil e não tem energia ou não quer falar.

Antes de tudo isso acontecer, quando alguém dizia estar esgotado mentalmente ou emocionalmente, muitas vezes não dávamos o devido crédito. Aprendemos que o que cansa é o trabalho braçal. Temos o hábito de medir o cansaço do outro de acordo com o que a gente acredita ser exaustivo. Esquecemos que

cada ser humano é único e que a sua visão de cansaço, depende de sua visão de mundo, construída das experiências vivenciadas ao longo de sua vida.

Concluo esse texto com a seguinte reflexão: o silêncio nem sempre é abandono. O silêncio pode estar sendo uma nova forma de viver. O silêncio pode ser esgotamento. Independentemente do que seja, o silêncio de qualquer ser humano deve ser respeitado.

A Leitura Como Válvula de Escape Durante a Quarentena

Eddie Carlos Saraiva da Silva²⁹⁴
Sabrina de Lucas Ramos Neco²⁹⁵

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo enfatizar a relevância da leitura durante o período da pandemia que se disseminou pelo mundo. A pesquisa se caracteriza como aplicada, por se tratar de um conhecimento aplicado na vida real, e bibliográfica, no uso de textos, livros e artigos de caráter científico para o referencial teórico. Períodos de isolamento e distanciamento consequentes de grandes tragédias, tende a modificar psicologicamente e emocionalmente indivíduos, deixando-os com uma saúde mental fragilizada e propensa ao desenvolvimento de transtornos mentais. Inúmeras são as práticas saudáveis designadas para o cuidado com a mente, a leitura é uma delas, e além do trato da mente, proporcionar outros inúmeros benefícios para o leitor. A leitura oferece o conforto, refúgio e equilíbrio ao leitor, proporcionando o desligamento da realidade e a interação com mundos novos de fantasia e imaginação.

Palavras-chave: Leitura. Saúde mental. Quarentena. Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

²⁹⁴ Graduando em Biblioteconomia. Universidade Federal do Pará; Pós-graduando em Docência Ensino Superior. Universidade da Amazônia. eddiesaraiva@gmail.com

²⁹⁵ Graduanda em Enfermagem. Universidade Estadual do Pará. sabrinaneco@gmail.com

No atual cenário passamos por desafios que implicam nos aspectos sociais, políticos, culturais e históricos do ser humano. Com a aplicação do isolamento social e do distanciamento social como forma de evitar a disseminação e evitar a multiplicação de indivíduos contaminados, casos de desequilíbrio emocional e psicológico podem ser desenvolvidos. A combinação de certos pensamentos e sentimentos podem resultar em comportamentos anormais, que afetam não somente o indivíduo, mas as pessoas a sua volta também.

Com isso, há a necessidade de cuidados específicos para a mente, que tratam as emoções, sentimentos e comportamentos do indivíduo. Várias práticas são indicadas para o cuidado e manutenção da mente, como: caminhadas que tratam a depressão, musculação para o cuidado da ansiedade, yoga e meditação para controle e concentração, musicoterapia e entre outras, mas o que abordaremos é a leitura como atividade para o cuidado da mente, com base nos estudos feitos por Sousa e Caldin²⁹⁶ e Caldin²⁹⁷ (2001).

²⁹⁶SOUSA, C.; CALDIN, C. F. Biblioterapia e hermenêutica: revisitando Gadamer e Ouaknin. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, abr./jun., 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3197>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362018000200174&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 07 jun. 2020.

²⁹⁷CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001.

O ensaio tem por objetivo estudar a importância da leitura durante o período da pandemia, descrevendo os benefícios que a atividade proporciona ao leitor. Num primeiro momento será abordado alguns transtornos mentais e sua conceitualização, descrevendo, em seguida, o conceito de leitura segundo MerleauPonty (2002) e Almeida *et al.* (2012). Dando sequência com a descrição dos benefícios que podem ser absorvidos durante a leitura e por fim, as considerações finais do trabalho.

2 SAÚDE MENTAL E TRANSTORNOS MENTAIS

Segundo a World Health Organization²⁹⁸ (WHO), saúde mental é "um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade" (tradução nossa). Em situações de distanciamento social, a saúde mental dos indivíduos pode entrar em desequilíbrio, com a experimentação de situações maçantes e entediantes e a expressão de emoções negativas, tendo

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 07 jun. 2020.

²⁹⁸WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental health: strengthening our response.** mar.2018. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 08 jun. 2020.

consequências psicológicas preocupantes tais quais: estresse, tédio, ansiedade, insônia, depressão e comportamento suicida. (MENGIN²⁹⁹ *et al.*, 2020)

Muitos fatores podem ser considerados os estressores neste momento, segundo Faro³⁰⁰ *et al.* (2020) tais quais: medo e apreensão relacionada a incerteza do prognóstico da situação, preocupações hipocondríacas (o medo de ser infectado), o distanciamento dos vínculos, família e amigos, e fatores relacionados a informações, a alta propagação de informações pela mídia e a confiabilidade das informações recebidas.

Dos transtornos mais frequentes observados na literatura ligados a isolamento social, observa-se o tédio como frequentemente descrito, tal qual como sentimento humano de falta de estímulo, e isso ocorre devido a limitação das atividades e a restrição delas ao ambiente doméstico.

²⁹⁹MENGIN, A. *et al.* Conséquences psychopathologiques du confinement. **L'Encéphale**, 2020. DOI <https://doi.org/10.1016/j.encep.2020.04.007>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0013700620300750>. Acesso em: 08 jun. 2020.

³⁰⁰FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: A emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/146>. Acesso em: 08 jun. 2020.

A ansiedade e os sentimentos depressivos estão diretamente ligados as emoções norteadas de medo, dúvida ou expectativa, desamparo e exclusão, que no contexto da pandemia é muito desencadeado pelo excesso de informações da mídia, o medo da contaminação e a escassez de vínculos sociais. A insônia também é um outro ponto a ser observado e, segundo Fuller³⁰¹ *et al.* (2016), ocorre devido a alterações no ritmo circadiano humano, com a alteração de rotina e hábitos, como pratica de atividades físicas, refeições regulares, interação social e até mesmo a exposição a luz solar diária, esse ritmo do corpo sai da pressão homeostática.

Medidas precisam ser tomadas para que se enfrente esse período de forma mais favorável possível, tais quais: práticas de atividade física, gestão do tempo, exercício do autocontrole, planejar e realizar uma rotina, manter vínculos sociais, e praticar atividades de lazer e *hobbies*, ressaltando o habito da leitura que pode ser acessível no ambiente doméstico evitando exposição as mazelas do ambiente externo.

³⁰¹FULLER, P. M.; GOOLEY, J. J.; SAPER, C. B. Neurobiology of the sleep-wake cycle: sleep architecture, circadian regulation, and regulatory feedback. **Journal of biological rhythms**, v. 21, n. 6, p. 482-493, 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0748730406294627>. Acesso em: 03 jun. 2020.

3 LEITURA E SEUS BENEFÍCIOS

A leitura pode ser praticada de diversas formas, seja individualmente ou em grupo, em um suporte impresso ou eletrônico, por meio de livros ou revistas. O ato de ler serve tanto como forma de entretenimento como para uso acadêmico, podemos, também, anexar a leitura a percepção de mundo por meio do enredo das histórias e certa afinidade que o leitor desenvolve com os personagens. Aliás, de acordo com Rocha³⁰², o livro é um instrumento de desenvolvimento pessoal há séculos, seja no intelecto ou no espírito, e com ele se pode aprender e conseqüentemente progredir. Segundo o autor, por meio dos livros podemos vivenciar experiências do passado e da fantasia de outras pessoas, outros povos, além de tomar conhecimento da ciência, admirar a arte nas mais diversas formas e discernir entre o certo e o errado. MerleauPonty³⁰³ defini a leitura como “um confronto entre os corpos gloriosos e impalpáveis de minha fala e da fala do autor [...] Mas esse poder de ultrapassar-me pela leitura, devo-o ao fato de ser sujeito falante, gesticulação

³⁰²ROCHA, R. **A história do livro**. [recurso eletrônico] São Paulo, SP: Melhoramentos, 2014. p.29. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s550s5>. Acesso em: 08 jun. 2020.

³⁰³MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2002. p. 35.

lingüística, assim como minha percepção só é possível por meu corpo”.

Dentre as vantagens que a leitura pode oferecer, e de acordo com a revisão bibliográfica de forma direta e indireta, podemos apontar 16 benefícios que o leitor pode absorver, conscientemente ou não, e que trabalha a construção do pensar, agir e sentir.

- a) Redução do estresse - uma pesquisa desenvolvida na Universidade de Sussex, no Reino Unido, concluiu que a leitura auxilia na redução de 68% do estresse;
- b) Manutenção do cérebro - a leitura por si só é uma atividade que involuntariamente trabalha o cérebro e o mantém ativo;
- c) Terapia - para Caldin³⁰⁴ a literatura por meio da leitura permite o equilíbrio emocional do leitor e, sendo aplicada de forma correta proporciona ótimos resultados;
- d) Melhora o sono - a leitura relaxa e prepara o corpo para o repouso e uma noite de sono com qualidade, podendo contribuir também nos casos de insônia;

³⁰⁴ CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 07 jun. 2020.

- e) Desenvolvimento pessoal – é muito comum o leitor se identificar com um dos personagens devido a história de vida ou as discussões atuais serem muito similar, e conforme o personagem se desenvolve e enfrenta seus desafios, o leitor consegue aprender e desenvolver-se junto;
- f) Entretenimento - a leitura está acessível seja em um livro, revista ou gibi, seja no formato eletrônico ou impresso, nas bibliotecas públicas ou comunitárias;
- g) Criatividade - as histórias de ficção e fantasia trabalham a imaginação do sujeito permitindo a manifestação da criatividade no dia a dia;
- h) Memória - a leitura, assim como na manutenção do cérebro, trabalha involuntariamente a capacidade de memorização do indivíduo. No decorrer da leitura há momentos e personagens que precisam ser lembrados;
- i) Informação - não somente nas leituras acadêmicas, mas na própria literatura, há informação a ser absorvida, e a leitura nos oferece essa possibilidade;
- j) Pensamento crítico - com informação e conhecimento o leitor também tem a capacidade de pensar e analisar as problemáticas sociais, políticas e culturais ao seu redor e no mundo;

- k) Ampliação do vocabulário - a leitura, desde a primeira fase da vida, nos apresenta palavras novas, fazendo com que o leitor as incorpore na fala e na escrita;
- l) Fala e escrita - com acesso a um amplo vocabulário, a fala e a escrita se torna mais fáceis e mais elaboradas;
- m) Empatia - quando o leitor se identifica com o personagem ou com alguma situação da história, desenvolve sentimentos e emoções positivas que podem ser compartilhadas com o próximo;
- n) Cultura – a leitura abre um mundo de fantasia, mas também desperta o interesse para a cultura de outros povos, regiões, e de outras formas de arte, como o cinema, pintura, fotografia e entre outras.
- o) Fragmentação de preconceitos - com o acesso a outras culturas e sociedade por meio dos livros e da leitura, o ser humano se torna menos propenso a desenvolver preconceitos;
- p) Interação social – a leitura feita em grupo, ou não, permite que o leitor conheça e interaja com outros leitores, para compartilhamento das experiências de cada um com a leitura, para discussão das questões abordadas nos livros, para troca de sugestões de outras leituras, gerando assim, vínculos sociais entre os leitores.

A leitura em muitos casos pode ser uma experiência transcendental, permitindo que o leitor se movimente pelo texto e possa interpretá-lo e usufruir das vantagens disponíveis. De acordo com Iser³⁰⁵, “A relação entre o texto e o leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos e, ao mesmo tempo, de sermos transcendidos por aquilo que nos envolvemos”. “A leitura é fator importante na nossa vida, sendo ela o ato de ler propriamente dito, momento em que o leitor se integra a leitura que lhe proporciona prazer, que ele sinta-se envolvido e motivado por ela a imaginar ou adquirir novos conhecimentos”, segundo Almeida *et al.*³⁰⁶. Assim, se o leitor se permitir a experiência que é mergulhar no imaginário da leitura pode usufruir de prazer e satisfação.

Para a leitura proporcionar o processo de cura ao desequilíbrio emocional e psicológico, é preciso que o leitor tenha:

³⁰⁵ ISER, W. **O ato da leitura:** uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo, SP: Ed. 34, 1999. p. 12. (Coleção Teoria, v. 2).

³⁰⁶ ALMEIDA, E. M.; GOMES, M. do N.; SILVA, D. M. S. da; SILVA, M. L. Biblioterapia: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO - EREBD N/NE, 15., 2012, São Luiz. **Anais...** Maranhão: EREBD N/NE, 2012. p. 7. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/47222>. Acesso em: 08 jun. 2020.

uma coexistência com o texto literário, ou, em outras palavras, escutar o que o texto diz, mas, também, dizer algo ao texto, pois as palavras inscritas nas páginas do livro necessitam da sustentação e reativação do leitor – da retomada. Se o leitor impõe a si o limite de ficar preso ao texto, realizando apenas a decodificação de sinais gráficos, fará da leitura um hábito, ou seja, algo automático e esse texto jamais será considerado como passível de terapia, posto que não foi intenção do autor proceder uma cura pela leitura. Mas em contrapartida, se o leitor ultrapassar o que foi dito no texto exercendo a liberdade de interpretação, ele fará da leitura um ato. Nesse ato haverá um envolvimento implícito entre texto e leitor de tal forma que o texto solicitará ao leitor o exercício de sua liberdade de interpretação e de criação de um novo texto, de acordo com Caldin³⁰⁷.

Se a intenção do leitor for positiva com relação a leitura e houver mudança de atitude para o ato de ler e não o hábito, a leitura pode apresentar-se como um remédio, ou solução, para enfrentar os problemas presentes.

3 CONCLUSÃO

³⁰⁷ CALDIN, C. F. **Literatura e terapia**. 2009. Orientador: Marcos José Müller-Granzotto, Dr. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. p. 119. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>. Acesso em: 08 jun. 2020.

A leitura quando disseminada desde a primeira fase de vida do ser humano contribui no desenvolvimento e na construção do caráter do indivíduo, na ampliação da visão de mundo e na maturação dos sentimentos, habilidades e emoções. A leitura de inúmeras formas é um lugar de conforto e de fuga da realidade, em meio a mundos imaginários que aparentam ser tão perfeitos e seguros se comparados com o que vivemos. Ao mesmo tempo, a leitura é uma forma de entretenimento, para pausa no meio de inúmeras notícias ruins e tristes decorrentes da pandemia. A leitura auxilia no trato, principalmente, do emocional e psicológico do leitor, para que transtornos como a depressão não se desenvolva. O livro é um companheiro presente de bons pensamentos e desejos, um lugar, um momento de paz e alegria. Praticar a leitura durante o período de pandemia é uma atividade saudável onde o indivíduo apenas absorve benefícios e não enfrenta perdas, onde o indivíduo está tendo zelo com a mente e o corpo, e ainda pode compartilhar a boa experiência com o próximo.

A Negação Da Ciência Em Tempos De Pandemia

Luan Moraes Ferreira¹
Adriana Vanessa Ribeiro Mafra²

Resumo

A ciência e o método científico apresentam-se historicamente como importantes motores do progresso social e como ferramentas úteis no enfrentamento à problemas de saúde pública. Todavia, no atual cenário pandêmico causado pelo Sars-Cov-2, observa-se o ataque à instituições de pesquisa, pesquisadores e divulgadores científicos, assim como a desvalorização da metodologia científica por alguns setores da sociedade com ênfase em dois objetivos: o fim das medidas de isolamento social; bem como atestar e propor terapias para a Covid-19. Este trabalho constitui-se como um ensaio acadêmico que visa contribuir com a discussão desta temática e tem como objetivo reforçar a relevância do pensamento científico na evolução da Humanidade e sua crucial importância no combate à Pandemia do novo Coronavírus.

Palavras-Chave: Ciência. Pandemia. Educação.

INTRODUÇÃO

A disseminação do novo Coronavírus, para além de constituir um evento puramente biológico, possui grandes reflexos e impactos sociais, em especial ao expor problemáticas antes camufladas pelo véu na “normalidade”. No que tange à Ciência, a pandemia trouxe a tona o histórico afastamento e oposição entre o conhecimento acadêmico e a população propriamente dita – fenômeno potencializado na chamada Era da

pós-verdade, onde *fake news* tomam de assalto os meios virtuais de comunicação. Esta distância entre o povo e o conhecimento científico desnorteia a sociedade na tomada de atitudes de combate a este novo inimigo silencioso e a guia em passos largos para um colapso do sistema de saúde e para a perda de milhares de vidas.

O negacionismo e o ataque à Ciência alcançam também as altas esferas de Governo, contudo, nestas camadas, eles não devem ser entendidos como meros sintomas de patologias sociais, na medida em que constituem-se como estratégias narrativas com o objetivo de fortalecer um discurso político-ideológico que sustenta a falsa dicotomia entre Saúde e Economia, na qual as mortes do cidadãos seriam um “mal necessário” para assegurar o crescimento econômico.

A fim de superar as históricas dificuldades de acessibilidade ao conhecimento científico presentes na sociedade brasileira torna-se essencial, além de discutir as formas de ensino da ciência no Brasil e o papel desta no progresso na humanidade, compreender que a introdução do pensamento crítico, fundamental ao raciocínio científico, perpassa por uma reforma estrutural das instituições de Educação. Além disso, torna-se essencial um alinhamento entre as políticas públicas e o consenso

científico para não somente reduzir as taxas de infecção e complicações hospitalares, mas para combater os impactos sociais da doença – de relevância extrema num país onde a desigualdade se faz presente de maneira tão palpável.

ORIGEM DA CIÊNCIA E DO MÉTODO CIENTÍFICO

A origem da Ciência Moderna remonta às profundas transformações políticas, econômicas e sociais ocorridas na Europa Ocidental no século XVII, no que a historiografia convencionou chamar de Revolução Científica – a partir da qual notam-se mudanças de perspectiva, entre as quais se destacam a substituição do geocentrismo pelo heliocentrismo e o nascer da construção do conhecimento a partir de hipóteses confirmadas com experimentos e mensurações, que culminam progressivamente na construção do método científico. (MODENA, 2015)³⁰⁸. Embora o conhecimento empírico, a observação da natureza e a produção do saber existam em diversas sociedades distribuídas ao longo da história e do espaço geográfico, a racionalização da produção da verdade conduzida

³⁰⁸ MODENA, Elis. O surgimento da ciência/filosofia moderna e a construção de uma concepção utilitarista de natureza. *Revista Geografia em Atos*, São Paulo, n. 15, v. 01. 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/3022>>.

no Ocidente foi crucial para a formação do Capitalismo de instituições fundamentais à sociedade moderna, a exemplo da Academia e do Estado (WEBER, 2004)³⁰⁹.

O avanço do saber científico acerca do funcionamento da natureza permitiu à espécie *Homo sapiens* alcançar feitos de inegável valor, partindo de uma sociedade predominante agrícola e isolada em núcleos, cuja comunicação era muito limitada ou nula, dispostos na África subsaariana, Eurásia, Oceania e América para uma civilização altamente globalizada e interconectada, caminhando em direção a avanços importantes da exploração espacial e estudos genéticos, e com a possibilidade de erradicação da fome, peste e guerra (HARARI, 2018)³¹⁰.

A DESVALORIZAÇÃO DA CIÊNCIA NO BRASIL

Apesar da relevância da metodologia científica, nota-se na sociedade brasileira uma histórica desconfiança em relação ao pensamento científico, visto frequentemente como uma ferramenta de dominação externa ao povo, que tem como objetivo dominá-lo, moldá-lo, manipulá-lo, como se observa nas violentas

³⁰⁹ WEBER, M. Weber, Max. A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. Antônio Flávio Pierucci (Ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³¹⁰ HARARI, Yuval Noah. Sapiens: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.

reações da população à reestruturação urbana e vacinação obrigatória impostas pelo governo durante a Revolta da Vacina (SCHWARCZ, 2015)³¹¹. Em paralelo a isso, as condições críticas de formação e valorização do docente constituem-se como grandes obstáculos para o ensino da ciência no contexto nacional, ademais, a falta de estruturação das escolas e a desigualdade social também prejudicam o aprendizado da metodologia científica e formação do raciocínio crítico (SILVA, 2017)³¹².

Este histórico distanciamento entre Ciência e população – agravado por um Sistema de Ensino deficitário – cobra seu nefasto preço em momentos de alto estresse social, tal qual o cenário pandêmico despertado pelo Sars-Cov-2, conforme se observa nos ataques virtuais realizados grupos de extrema direita liderados pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro a pesquisadores da Fiocruz após divulgarem resultados preliminares de um estudo que atestava complicações em pacientes com a Covid-19 após o uso da cloroquina – medicação

³¹¹ SCHWARTZ, Lilia Moritz. Brasil: uma biografia / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling — 1a - ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

³¹² SILVA, Alexandre Fernando da; FERREIRA, José Heleno; VIERA, Carlos Alexandre. O ensino de Ciências no ensino fundamental e médio: reflexões e perspectivas sobre a educação transformadora. Revista Exitus, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 283, 26 abr. 2017. Universidade Federal do Oeste do Para. <http://dx.doi.org/10.24065/2237-9460.2017v7n2id314>.

defendida por setores governistas como tratamento para o Coronavírus (ADUSP, 2020)³¹³. Além disso, a negação da Ciência também se reflete nas atitudes do Ministério da Saúde, o qual – mesmo após a suspensão do uso do medicamento na França e dos testes clínicos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (ECB, 2020) – manteve as orientações para ampliar o uso de cloroquina e hidroxicloroquina à pacientes nos primeiros dias de sintomas baseando-se em critérios político-ideológicos (BRASIL, 2020)³¹⁴.

Outro foco do negacionismo científico diz respeito a eficiência do isolamento social, o qual seria incapaz de barrar a transmissão do vírus, conforme defendido pelo próprio presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (SOARES, 2020)³¹⁵,

³¹³ ATAQUES a pesquisadores envolvidos em estudo sobre cloroquina são “inaceitáveis”, diz Fiocruz. Adusp, 2020. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesauniv/3638-ataques-a-pesquisadores-envolvidos-em-estudo-sobre-cloroquina-sao-inaceitaveis-diz-fiocruz>>. Acesso em: 01 de jun. de 2020.

³¹⁴ MINISTÉRIO da Saúde divulga diretrizes para tratamento medicamentoso de pacientes. Agência Saúde, 2020. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46919-ministerio-da-saude-divulga-diretrizes-para-tratamento-medicamentoso-de-pacientes>>. Acesso em 03 de jun. de 2020.

³¹⁵ SOARES, Ingrid. Bolsonaro diz que isolamento social contra coronavírus foi “inútil”. Correio Braziliense, Brasília, 31 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/30/inter_na_politica,850258/bolsonaro-diz-que-isolamento-social-contracoronavirus-foi-inutil.shtml>. Acesso em 3 de jun. de 2020.

embora a proibição de eventos com mais de 1000 pessoas – aliada ao fechamento das escolas – seja capaz de reduzir em até 30 por cento a taxa de infecção entre a população, conforme estudo performedo na Alemanha (DEHNING et al., 2020)³¹⁶.

Estes ataques às instituições científicas, somados a negação de resultados de pesquisa que coloquem em cheque determinadas visões de mundo e projetos de poder, são resultados de um sistemático e profundo analfabetismo científico o qual – num mundo cada vez mais integrado e tecnológico, com crescentes desafios relacionados à melhoria da qualidade de vida da população – tem consequências na contemporaneidade exponencialmente maiores do que em qualquer outra época (SAGAN, 2006)³¹⁷. Ademais é importante ressaltar que o discurso anticientífico e a manipulação das ferramentas de produção do saber, longe de serem erros despreziosos, constituem-se como estratégias claras que tem como objetivo

³¹⁶ DEHRING, Jonas; ZIERENBERG Johannes; SPITZNER, F. Paul; WIBRAL, Michael; WIBRAL, Joao Pinheiro; WILCZEK, Michael; PRIESEMAN, Viola. Inferring change points in the spread of COVID-19 reveals the effectiveness of interventions. *Revista Science*, Nova York. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/early/2020/05/14/science.abb9789/ta b-pdf>>.

³¹⁷ SAGAN, C. O mundo assombrado pelos demônios. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

reforçar determinada narrativa político-ideológica e contribuir para a perpetuação do exercício de poder de um grupo (FOUCALT, 2017)³¹⁸.

CONCLUSÃO

Com o aflorar da fragilidade do acesso ao conhecimento científico e seu método por parte da população brasileira, catalisado pela pandemia da Covid 19, torna-se urgente o debate acerca do papel da Ciência e seu ensino na sociedade, o qual perpassa pela própria estrutura de educação adotada no país e sua construção histórica, bem como pela valorização dos profissionais educadores e pelo combate às desigualdades sociais que minam a possibilidade da existência de um ensino digno e igualitário.

Além disso, os problemas advindos do negacionismo – o qual debilita seriamente a capacidade de combate tanto da disseminação do vírus quanto dos sintomas e agravamentos causados pela doença – apontam a relevância do alinhamento das políticas públicas e atitudes de governantes com o pensamento e a produção científica, na medida em que a retomada precoce da

³¹⁸ FOUCALT, Michel. *Microfísica do Poder*. 6. ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz & Terra, 2017. 432 p.

circulação livre de pessoas, defendida por setores do Governo à despeito dos estudos realizados, pode ter consequências devastadoras no aumento do número de infectados e de óbitos.

A pandemia de Sars-Cov-2, como tantos outros eventos de relevância semelhante na história, expôs diversos problemas historicamente negligenciados tanto pelo Estado como pela sociedade brasileira. O ataque à ciência encontra raízes profundas entre as desigualdades sociais perpetuadas ao longo de séculos nas terras tupiniquins, no entanto, a postura negligente e agressiva com relação às instituições de pesquisa por parte do Governo Federal não pode ser vista somente como um reflexo deste processo, mas como uma metodologia nefasta para a radicalização de seus apoiadores e consolidação de seu projeto de poder, a qual considera aceitável que milhares – se não centenas de milhares – sejam sacrificados em prol de um “bem econômico da nação”

O FAZER CIENTÍFICO: Reflexões na pandemia

Gabriel Silva Braga³¹⁹

SOBRE A PANDEMIA: UM BREVE HISTÓRICO

A propagação vertiginosa do novo coronavírus impôs mudanças intensas na rotina de indivíduos, famílias, comunidades e instituições. No âmbito acadêmico, essa nova realidade impactou diretamente a produção científica, por conta das medidas de contingência adotadas pelas universidades públicas federais.

Cronologicamente, a pandemia teve o primeiro registro em Wuhan³²⁰, na China, no final de dezembro de 2019; até então, a COVID-19 era identificada como uma doença respiratória com etimologia desconhecida. De lá para cá, a curva de contágio do

³¹⁹ Discente de Licenciatura em Ciências Sociais, do 5º semestre, da Universidade Federal do Pará (UFPA); bolsista de produtividade PIBIC/UFPA, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Cardoso. Membro do Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas (GEPI/UFPA). E-mail: gabriel.braga@ifch.ufpa.br.

³²⁰ Coronavírus: o que se sabe sobre o novo vírus que surgiu na China. **G1**, 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/o-que-se-sabe-e-o-que-ainda-e-duvida-sobre-o-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2020.

SARS-CoV-2 aumentou exponencialmente: primeiro pelos países asiáticos, depois pela Europa. Contudo, foi apenas em março que a OMS definiu essa doença como surto pandêmico³²¹.

Segundo Pimentel et al. (2020)³²², o coronavírus é uma família de vírus causadores de infecções respiratórias, bem como sintomas comuns de resfriados. Outrossim, o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1 (V) também constituem essa família. Contudo, o surgimento de infecções por coronavírus com alto impacto na saúde pública começou entre 2002-2003 com o surto de SARS-CoV, depois em 2012 com o MERS-CoV (PIMENTEL et al., 2020)³²³. A alta letalidade provocada por esses vírus foi uma das principais características entre os surtos de SARS e MERS. Assim, o que mais chama atenção do SARS-CoV é, justamente, a preeminência em relação aos surtos anteriores provocados por outros coronavírus.

As principais estratégias de contingência para limitar a cadeia de transmissão da COVID-19, além dos cuidados pessoais

³²¹ OMS classifica coronavírus como pandemia. **Governo do Brasil**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

³²² Pimentel, R. M. M. et al. **The Dissemination of COVID-19: an expectant and preventive role in global health.** *J Hum Growth Dev.* 2020; 30(1):135-140. DOI: <http://doi.org/10.7322/jhgd.v30.9976>.

³²³ Idem.

e de higiene, são as medidas sanitárias de controle epidemiológico, tais como o isolamento social e a interrupção das aulas em instituições de ensino.

Nesse sentido, em âmbito nacional, o primeiro caso brasileiro do novo coronavírus, segundo o governo, foi confirmado dia 26 de fevereiro em São Paulo.³²⁴ De lá para cá, de acordo com o último balanço, 4,5 milhões de pessoas foram infectadas pelo vírus SARS-CoV-2 e 136.895 morreram, em função da doença no Brasil³²⁵. Diante desta triste marca, as medidas de enfrentamento a COVID-19 mostram-se imprescindíveis.

Esse cenário iniciou processos de discussões dentro das universidades, por ser um espaço de grande trânsito populacional não apenas de estudantes e funcionários, mas também por ser um ambiente de atividades de extensão – em que, frequentemente, as pessoas utilizam os serviços prestados pela universidade, como hospitais, consultórios odontológicos, práticas de exercícios, assistir a filmes nos espaços dos institutos, dentre outras situações. Muitos debates foram realizados para discutir questões

³²⁴ Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. **Governo do Brasil**, 26 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>>. Acesso em: 31 out. 2020.

³²⁵ Coronavírus Brasil. **Covid19 – Painel Coronavírus**. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

que seriam gravemente afetadas: estudantes formandos e concluintes (os quais necessitam do diploma para ingresso no mercado de trabalho), discentes que recebem auxílios-permanência do Ministério de Educação e Cultura (MEC) e das próprias instituições de ensino superior, além de impactar diretamente nas pesquisas importantes realizadas em laboratório, em hospitais, estudos importantes para o avanço de políticas públicas, dentre outras.

Outrossim, os planejamentos acadêmicos a respeito de aulas e ofertas de disciplinas (tanto na graduação, quanto na pós-graduação) também foram afetadas, haja vista a necessidade destas duas categorias prezarem pela ida ao campo para coleta de dados. Esse fato nos colocou incertezas acerca da conclusão dos nossos cursos, bem como da nossa permanência estudantil, visto que muitos discentes pesquisadores utilizam os recursos recebidos para sobreviver ou visualizam o acesso ao ensino superior como mudança de vida, tanto pessoal quanto familiar.

Neste contexto, encontramos a UFPA: sem perspectiva de retorno às atividades presenciais, cuja suspensão ocorreu em 19

de março³²⁶. As implicações deste período de pandemia detêm múltiplas facetas ao conjunto da comunidade acadêmica, desde aspectos emocionais até fatores econômicos. Debatermos esta diversidade de impactos na população da UFPA também se mostra um desafio, visto que compomos grupos socioeconômicos diferenciados, culturas distintas, ou seja, esta crise afetará mais algumas parcelas populacionais da universidade.

Diante do exposto, o objetivo central deste trabalho é descrever os principais empecilhos que encontramos para concluir o plano de pesquisa de iniciação científica, intitulado “Desafios das Políticas Públicas de Ações Afirmativas: estudantes universitários indígenas”, orientado pela Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso. Para tanto, primeiramente, desempenho uma síntese acerca do panorama cronológico da pandemia, destacando o caso brasileiro, com o intuito de compreender as principais mudanças provocadas pela COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus. Em seguida, descrevo

³²⁶ UFPA suspende atividades presenciais por conta de pandemia do novo coronavírus; veja como ficam outras instituições públicas. G1, 17 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/03/17/ufpa-suspende-aulas-e-atividades-presenciais-ate-12-de-abril-por-conta-de-pandemia-do-novo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 21 set. 2020.

os principais dilemas encontrados para a conclusão da pesquisa citada.

O FAZER CIENTÍFICO E REFLEXÕES NA PANDEMIA

O projeto que desenvolvo visa caracterizar, identificar e descrever os desafios à permanência estudantil durante a graduação de discentes indígenas. Por se tratar de uma pesquisa cuja metodologia envolve conversas e entrevistas, estivemos impossibilitados de continuar, visto que os encontros presenciais possibilitavam sentir os relatos de maneira profunda e qualificada. Apesar de o trabalho estar em andamento, levantamos hipóteses: o racismo institucional, a falta de preparo docente e a inflexibilidade de processos administrativos (editais, bolsas de permanência, dentre outras) são fatores decisivos para a evasão destes discentes.

A respeito dos aspectos institucionais, minha pesquisa ficou comprometida em relação às contribuições de dados oficiais da universidade. Próximo ao período de paralisação da UFPA, solicitei dados ao Centro de Registros e Indicadores Acadêmicos (CIAC) para constar no relatório final, porém a instituição já estava impossibilitada de realizar esta coleta em função da pandemia.

Outrossim, as estruturas da universidade eram importantes para o melhor andamento da pesquisa, visto que trabalhávamos no Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo (LAANF) com espaço adequado: salas próprias para estudo, acesso à internet de qualidade, além de utilizar a biblioteca da UFPA para consultas bibliográficas. Ademais, o espaço de moradia da minha residência é inapropriado para continuar este trabalho acadêmico, pois divido uma quitinete com outro estudante universitário, ou seja, o local para produção acadêmica em que resido é inviável por não ter espaço para concentração.

Em consonância com os fatores supracitados, o isolamento social acarretou aspectos psicológicos negativos, como estresse excessivo, sono desregulado, tristeza, ansiedade e falta de motivação para produzir. Além disso, convivo com uma pessoa do grupo de risco. Esses sintomas são alguns visualizados em uma notícia do Diário do Nordeste (CÂMARA, 2020)³²⁷ sobre uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia, da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em que

³²⁷ CÂMARA, Bárbara. Pesquisa detalha o impacto da pandemia de Covid-19 na saúde mental. **Diário do Nordeste**, 26 jul. 2020. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/pesquisa-detalha-o-impacto-da-pandemia-de-covid-19-na-saude-mental-1.2970400>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

2.705 brasileiros foram ouvidos e constataram que 31,37% desse público apresentou ansiedade como principal sintoma como consequência do isolamento social. Este dado é importante para visualizar o panorama social brasileiro frente à pandemia de COVID-19, bem como corrobora com os impactos enfrentados na produção científica.

Ao analisar todas as consequências mencionadas anteriormente, observamos que a pandemia do coronavírus nos leva a refletir sobre nossas vivências e todo o conjunto da sociedade. Neste momento, em que percebemos um caos na conjuntura política, tanto nacional quanto internacionalmente, as superlotações dos postos de saúde e a urgência de defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), o aumento exponencial do número de infectados e mortes por COVID-19 ao nosso lado, é necessário reconsiderar no que acreditamos e queremos para a transformação social.

Nesse contexto, mostra-se imprescindível dialogar a respeito do Bem Viver das sociedades, da construção de democracia entre a população, da concentração de renda ainda presente no Brasil, dentre outras problemáticas. Como mediador

desse conceito, Acosta (2016)³²⁸ nos apresenta não só as construções históricas envolvidas neste termo, como também a fundamental importância de acumular debates para a construção contínua deste:

O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas. (ACOSTA, 2016, P. 29)

Dessa maneira, é fundamental pensarmos novas perspectivas cuja orientação de princípios seja humana, sem exploração da natureza e respeito ao meio ambiente. Estas premissas devem-se ao crescimento elevado do número de

³²⁸ ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

desmatamento no Brasil, sobretudo na Amazônia, durante o período da pandemia, segundo Oliveira (2020)³²⁹.

Outro ponto importante é pensar de que forma o Bem Viver encaixa-se à universidade e seu modo de produção intelectual. Apesar de a paralisação da rotina presencial, alguns serviços continuaram. Muitas dúvidas e contradições surgiram a partir do debate do Ensino Remoto Emergencial (ERE), as quais mostraram a precariedade de acesso à internet no estado do Pará: reuniões de congregações dos institutos com quedas de internet, estudantes sem acesso às decisões tomadas na universidade (em função de não possuir internet de qualidade para acompanhar os debates), dentre outras problemáticas. Nesse contexto, a UFPA ofertou editais para auxiliar os estudantes nesse período: Auxílio de Inclusão Digital e Auxílio Alimentação. Como destaque do público-alvo da pesquisa, segundo o edital nº 06/2020³³⁰, houve

³²⁹ OLIVEIRA, Élida. Amazônia bate novo recorde nos alertas de desmatamento em junho; sinais de devastação atingem mais de 3 mil km² no semestre, aumento de 25%. G1, 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/07/10/amazonia-bate-novo-recorde-nos-alertas-de-desmatamento-em-junho-aumento-dos-ultimos-11-meses-foi-de-64percent-aponta-inpe.ghtml>>. Acesso em: 31 de jul. de 2020.

³³⁰ UFPA (Pará). SAEST. Edital, nº 06/2020, 31 jul. 2020. **Auxílios Emergenciais de Apoio à Inclusão Digital**. Disponível em: <<https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/11797-ufpa-publica-edital-de-auxilios-emergenciais-de-apoio-a-inclusao-digital>>. Acesso em: 31 out. 2020.

reserva de 10% para indígenas discentes (o total de auxílios disponíveis foi de 3.500).

Contudo, mostra-se um grande desafio à formação acadêmica continuar diante desta nova realidade. Inserir o Bem Viver nessa perspectiva é repensar as maneiras de se produzir em tempos difíceis, do rigor universitário, bem como repensar as nossas relações entre nossos colegas de classe, de grupo de pesquisa etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do atual cenário mundial, é importante pensar sobre as consequências trazidas por esta pandemia, sobretudo aos aspectos sanitários e econômicos. O fazer científico para pesquisadores iniciantes necessita não apenas de cautela, mas de paciência para elaboração de novas ideias e pesquisas. Outrossim, o fator psicológico é determinante para se sentir bem neste caminho da produção científica. Alinhado a essas condicionantes, a pandemia do coronavírus atrasou pesquisas, colocou-nos diretamente em contato com a morte de pessoas próximas e sensibilizou a pensar os problemas sociais que foram expostos descaradamente neste ano. O conjunto dessas adversidades nos coloca a urgência de se pensar um mundo com princípios humanos, onde o bem viver seja colocado em prática:

solidariedade, empatia, sobretudo exigir por nossos direitos básicos de saúde, consumo, dentre outras. Por fim, espero que a perda de amigos e parentes nos faça olhar o próximo como um irmão, que nos faça agradecer aos amigos e familiares que temos.

Pandemúsica, uma proposta de interatividade entre músicas e redes sociais

Eduardo Vetromilla Fuentes³³¹

“... Desde o início, estava você”. Assim como para Caetano³³², a Música sempre esteve onipresente em minha vida. Nos discos de vinil da família, no primeiro³³³ dos mais de mil e tantos outros que juntei, no violão ganho como presente de aniversário de 15 anos e, a partir daí, como principal forma de expressão de sentimentos, pensamentos, aprendizados, conquistas, valores, visões, sentidos e significados de mundo. Aos 45, carregando na bagagem 25 anos bem vividos, decidi retornar às origens e retomar o curso superior de Música, abandonado aos 20 quando saí de minha cidade natal, Pelotas, Rio Grande do Sul.

³³¹ Nesse momento, cursando o segundo semestre de Bacharelado em Música - Ciências Musicais, da Universidade Federal de Pelotas, em Pelotas/RS. Antes disso, músico autodidata e colecionador de discos. Endereço eletrônico de contato: vetromilla@gmail.com

³³² Trecho da letra de “Meu Bem, Meu Mal”, canção de Caetano Veloso, lançada em 1981 por Gal Costa, e gravada pelo próprio Caetano em 1982, no álbum “Cores, Nomes”.

³³³ Álbum “Creatures Of The Night” da banda de rock norte-americana Kiss, lançado no Brasil em 1983.

Sobre “vencer na vida”, ou o que muitos acreditam ser isso, aprendi na estrada se tratar apenas de uma miragem. Na verdade, todo esse tempo parece ter sido necessário apenas para comprovar que não se pode fugir de si mesmo, ou melhor, que se deveria antes buscar conhecer e vencer a si mesmo. Ao fazer essa escolha, grande parte das dúvidas, atribulações, ilusões e desilusões se desfizeram para mim, e como resultado, nasceu uma forte convicção no que aqui passo a contar. O isolamento social promovido pela pandemia global de COVID-19 teve papel catalisador de acontecimentos específicos que irei narrar, e certamente teve influência sobre seus resultados.

A convicção de que falo é a de que a vida espera de nós o cumprimento de funções, não exclusivamente para nós mesmos, mas sim e especialmente para a coletividade e seu desenvolvimento. Não importa qual seja essa função. Se existe, por mais simples ou complexa que ela seja, a vida sempre encontra as pessoas preparadas para desempenhá-la. Se dada pessoa não a cumpre, essa função é transferida para outra. Realizada esta, destituído dela fica o indivíduo, que passa a ter de encontrar outra função para se ocupar, sob pena de ser deixado para trás pela própria vida. Ou seja, o que importa para a vida em coletividade não é o indivíduo em si, mas a função que ele exerce.

Hoje, sei que a verdadeira realização pessoal ocorre quando desempenhamos funções úteis à coletividade e, concomitantemente, agradáveis a nós mesmos.

O distanciamento social promovido pela pandemia foi bem definido como “um freio de arrumação em escala global³³⁴”, produzindo mudanças abruptas e radicais no funcionamento da vida humana no planeta. À exceção daqueles que desempenham atividades essenciais para o momento, o restante da coletividade está sendo forçado a repensar sua participação como agentes produtivos no mundo. Certamente, esta parcela já se pergunta: “E agora, o que iremos fazer?”. Melhor seria se perguntar: “O que é possível ser feito?”. O momento exige muita criatividade, colaboração e capacidade de adaptação ao quadro resultante.

Na condição atual de estudante e pesquisador da Música, não pude deixar de observar neste momento o quanto essa e todas as outras expressões da arte humana estão se revelando fundamentais para a manutenção da saúde mental e do relativo bem-estar das coletividades em isolamento. Junto a outras

³³⁴ Frase pronunciada por André Trigueiro na *live* “Viralizando a Consciência”, veiculada na manhã de 24/05/2020 pela página da FEBtv no *Facebook*. A FEBtv é um canal de divulgação dos conteúdos audiovisuais da Federação Espírita Brasileira. O vídeo se encontra disponível em:
< <https://www.facebook.com/FEBoficial/videos/300995860897910/>>.

iniciativas, especialmente dentro das Áreas Humanas, como no campo das Letras, da Filosofia, da História, da Política e mesmo da Religião, a Música cumpre, para muito além de seu papel de entretenimento social, a importante função de promover o esforço necessário na busca pelo conhecimento de nós mesmos e de nossas potencialidades como indivíduos e como sociedade.

Diante dos riscos à saúde e à vida, e da limitação imposta aos movimentos de retorno à “normalidade”, a *Internet* e as redes sociais representam os principais e, em muitos casos, os únicos meios de interatividade social. No que se refere a minha preferência dentre as plataformas sociais disponíveis, destaco o *Facebook* como principal canal de comunicação para textos e conteúdos musicais, artísticos e culturais. Através dela, tenho investido parte de meu tempo na divulgação de iniciativas próprias no campo da Música há algum tempo. Antes de relatar a experiência atual que o isolamento social suscitou, falarei brevemente de propostas anteriores e seus resultados.

Ainda em Recife, em outubro de 2016, inaugurei a página “Música e Conteúdo³³⁵” onde pretendi além de divulgar meus

³³⁵ Página no *Facebook*, disponível em: <
<https://www.facebook.com/musicaeconteudo/>>.

trabalhos como músico, contribuir para a difusão da riquíssima música popular brasileira, através da análise de repertórios em seus aspectos puramente musicais, bem como de aspectos filosóficos, morais e éticos do conteúdo das letras, na expectativa de abrir espaço para fomento de debates sobre esses temas com minha rede social. Atualmente³³⁶, a página conta com 243 seguidores. Porém, nas 10 principais postagens de conteúdo para leitura e debate que fiz, houve pouca interação. Sabendo que o assunto “música popular brasileira” é algo de amplo interesse, entendi que a iniciativa não havia encontrado sua melhor forma de apresentação.

Já de volta a Pelotas, em julho de 2019, criei a página “Fonoteca Pelotense”, que tinha por objetivo divulgar as ações de projeto colaborativo que pretendia a criação de uma rede de colecionadores, profissionais e apreciadores da música para catalogação e disponibilização virtual de acervos públicos e privados de discos de nossa cidade em base mundial de dados fonográficos. Apesar de alcançar número próximo de seguidores da página anterior em menor tempo, bem como da frequência maior de postagens, os resultados esperados não foram atingidos,

³³⁶ Consulta realizada em 24/05/2020.

o nível de interação foi baixo, e tanto o projeto quanto a página foram encerrados.

Retomando os acontecimentos atuais, lembro que comecei meu isolamento social oficialmente no dia 13 de março de 2020 e, desde então, meu contato externo com o mundo passou a ser realizado quase que totalmente através da *Internet*. Fui testemunha da “explosão” de *lives* musicais direcionadas a todos os gostos. Grandes nomes da música mundial acalentaram nosso isolamento com a diversidade e a grandiosidade de suas artes. Entretanto, ainda que músico me considere, não me senti motivado a fazer o mesmo.

Essa reação não me causou surpresa. Há tempos já sentia que as minhas aspirações musicais vinham deixando de seguir no sentido de continuar atuando como músico intérprete para seguirem no sentido de atuar como intérprete da Música. Na verdade, já começara a cultivar o desejo de prosseguir no campo da pesquisa musical, de interpretar a obra de outros artistas, abrindo mão aos poucos de exercitar o que eu poderia chamar de “minha arte”; Ou melhor, redirecionando essa sensibilidade para outros fins.

Acredito que o isolamento acentuou essa tendência, me revelando aos poucos um ingrediente musical que sempre esteve presente, mas que permanecia oculto, não realizado. Embora entendendo a execução musical como um exercício de intercâmbio entre músicos e platéia no campo das energias e vibrações sutis, sentia que algo mais faltava a esse fenômeno, o fruto do seu desdobramento. Descobri que o que faltava era dar a luz, trazer à tona, revelar os efeitos provocados pela música em nosso mundo interior.

A “Pandemúsica³³⁷” nasceu desse transbordo artístico nascido nas redes sociais durante a pandemia, e veio acompanhada de uma frase: “A música pode ser um exercício filosófico, basta acrescentar interação ao fenômeno”. Longe das pretensões de sucesso, a proposta do grupo criado foi simplesmente abrir espaço para interação onde os participantes pudessem indicar músicas, incluir informações sobre elas, explicar sua leitura sobre o conteúdo das letras, falar dos sentimentos que elas produzem, das reflexões que elas

³³⁷ Grupo público do *Facebook*, disponível em <
<https://www.facebook.com/groups/1096783617353259/>>.

proporcionam, das lembranças que elas provocam, dos contextos em que elas se enquadram e produzem sentido.

O espaço foi inaugurado em sete de maio de 2020, na forma de grupo público ao invés de página pessoal, o que aprendi ser o melhor formato para estímulo à interação entre os participantes. Essa ideia surgiu na esteira das inúmeras propostas criadas para ajudar a encurtar as distâncias entre as pessoas através das redes sociais nesse período, e em 17 dias de funcionamento, o grupo contabilizou 166 membros³³⁸, 139 publicações, 201 comentários e 1.249 reações. Penso que o rápido crescimento do grupo se deu, em grande parte, pela tendência natural das pessoas estarem mais tempo conectadas à suas redes durante o isolamento. Mas, desconfio que haja nessa ideia algo de resposta a um anseio universal, que é o desejo de expressar nossa maneira de compreender e de interagir com a Música, algo que muitas vezes permanece escondido no interior de cada pessoa, talvez até por falta de palavras que expressem esses efeitos que a ela nos causa.

Retomando os parágrafos iniciais desse ensaio, concluo que o período de confinamento social contribuiu para o

³³⁸ Consulta realizada em 24/05/2020.

amadurecimento dessa proposta de interação social de cunho filosófico, artístico e cultural relacionado à Música. A mesma tem servido de veículo para diversos debates, relatos, trocas e compartilhamentos de opiniões, sentimentos e reflexões, cumprindo um interessante papel de aproximar os integrantes, reforçando laços existentes, construindo novos vínculos de afinidade e novas relações de amizade, além de contribuir para o enriquecimento cultural de todos, ou pelo menos do meu, que tenho descoberto excelentes indicações musicais e histórias até então por mim desconhecidas.

Porém, para muito além desses fatos, esta experiência contribuiu para solidificar minha convicção nos ideais que cultivo em minha trajetória pessoal como artista, como pesquisador e como ser humano, que são os de fazer uso da própria sensibilidade e inteligência para o exercício de atividades voltadas ao desenvolvimento da educação e da interatividade entre as inteligências e sensibilidades da coletividade, através do aprofundamento da percepção da arte, e mais especialmente da Música, como instrumento poderoso na promoção de bem-estar e progresso moral da sociedade. Iniciativas simples, como essa, me fazem crer que estamos cumprindo uma função importante, e seus

resultados provocam em mim um sentimento legítimo de realização pessoal.

Cuidado de si e o corpo em uma linha tênue com a pandemia

³³⁹ Augusto Rodrigo Bezerra da Silva

³⁴⁰ Elizângela Kelly Pedroso da Silva

As relações estabelecidas de si para consigo mesmo são perpassadas pela relação do sujeito com os outros e com o mundo, uma sempre atua sobre a outra, seja de forma direta ou não e passam pela experiência corporal de cada indivíduo. Nesse sentido, o cuidado de si, embora seja muito particular a cada pessoa, não pode ter seu entendimento encerrado no próprio sujeito, pois compreende todo um mundo de coisas que está a sua volta. As práticas e exercícios de “cuidado de si” são influenciadas pelas culturas e pelas relações sociais pautadas em privilégios e nas ausências deles.

A pandemia do novo coronavírus vem desvelando algumas marcas estruturantes da nossa sociedade e ampliando a ferida da desigualdade social que sempre esteve desnudada aos

³³⁹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco, augustorodrigo96@gmail.com

³⁴⁰ Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Pernambuco, elizngelakelly@yahoo.com

nossos olhos, mas que nesse contexto faz-se ainda mais delicada. As pessoas são afetadas e enfrentam esse momento de maneiras diferentes de acordo com os recursos que possuem para isso. Enquanto uns desfrutam da tranquilidade de sua casa, tendo total condições para cumprir a quarentena (embora, ainda assim, possam ser fortemente abalados por questões emocionais e psicológicas), alguns não tiveram sequer a possibilidade de parar o trabalho para cumprir a quarentena e resguardar suas vidas, outros não possuem nem casa.

A pandemia afeta as massas de maneiras distintas e as possibilidades para a enfrentar dignamente não são as mesmas para todos. Assim sendo, o cuidado de si nesse contexto não se isenta das particularidades de classe, raça e gênero e embora seja uma caminho necessário para superação de uma crise tão densa, que transcende a experiência do “ser moderno”, as práticas do cuidado de si não chegam na mesma intensidade e com a mesma qualidade em todas as camadas sociais.

O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em fevereiro de 2020 e a partir do mês seguinte o país passou a aderir ao isolamento social como uma das alternativas imediatas para tentar conter o avanço da doença. Esse, que é um dos maiores desafios em escala global dos últimos tempos,

transformou os modos de viver, hábitos e as relações com o espaço, com os outros e com nós mesmos, de modo que, o “Eu” está constantemente sendo afetado por esta realidade.

O contato constante com a possibilidade de contaminação e morte passou a gerar um cenário emocional muito delicado, evidenciado em pesquisas como de Silva e Marcílio (2020)³⁴¹, onde se percebe o domínio de sentimentos como ansiedade, medo, angústia, desespero, preocupação, tristeza e outras emoções negativas que se tornam normais nesses momentos de crise e que afetam diretamente a percepção corporal e de tudo que lhe atravessa. Estudos da The Lancet apresentados no El PAÍS (2020)³⁴² também apontam que o desânimo e a fácil irritação estão muito comuns e que a quarentena provoca confusão, raiva e sintomas de estresse pós-traumático. Esse quadro geral de emoções e sentimentos negativos comuns durante o isolamento

³⁴¹ SILVA, Maria Alves Soares da; MARCÍLIO, Bruna Maria Siquinelli. Espaços e Emoções: reflexões para entender a experiência do isolamento social na pandemia de COVID-19. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 68-74, julho de 2020.

³⁴² EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-20/um-mundo-de-ansiedade-medo-e-estresse.html>. Acesso em: 02 julho de 2020.

social alertam sobre a dificuldade que é sobreviver nesses tempos, tanto no sentido da saúde física, quanto da mental. Se faz necessário sobretudo exercer um cuidado de si, onde seja possível voltar-se a si e reestabelecer uma relação de carinho e cuidado com sua corporeidade, para poder atravessar esses tempos da maneira menos dolorosa e danosa possível.

Discutir a cerca das práticas do cuidado de si sem refletir sobre a relação do indivíduo com seu corpo e de como ele é afetado por tudo e todos que estão ao seu redor, pode deturpar a percepção do que é e de como se dá essas práticas, tendo em vista que elas passam pela experiência sensitiva / corporal. As emoções do ser humano é uma personagem fundamental na construção de sua imagem corporal, assim como aspectos neurológicos, fisiológicos e sociais; essa construção por mais subjetiva que seja, se dá por meio das relações com terceiros, através das trocas e experiências entre eles, ou seja, tudo que entendemos ou acreditamos sobre nossos corpos partem diretamente das nossas vivências. Afirmar isso implica falar sobre toda pressão estética que sofremos, que provoca a angustiante caminhada pelo corpo perfeito, ou pelo padrão de vida ideal, o que pode comprometer nosso entendimento sobre práticas do cuidado de si.

O corpo pode ser entendido como “corpo máquina”, “corpo objeto”, “corpo cibernético”, “corpo biomédico”, mas não podemos negar que o corpo é um fenômeno da experiência humana. Através do corpo sentimos o mundo e nos manifestamos nele – sentimos seus prazeres, suas dores, sabores, aromas, enxergamos as cores, as luzes, conhecemos outros corpos e nos relacionamos com eles. Embora ainda exista o paradigma da dicotomia sobre o corpo e a mente, pensar o corpo enquanto fenômeno existencial, “coloca o homem como um ser total que, como todo ser vivo, tem a capacidade de se autorregular: de buscar um estado de equilíbrio físico, psíquico, social e em suas relações com o meio ambiente” (BOLSANELLO, 2005)³⁴³.

É inconcebível considerar o corpo sem pensar em suas pluralidades, pois o corpo é aquilo que viveu, ele traz em si marcas e *habitus* / memórias adquiridas desde seu nascimento, ele carrega a história de quem ele é, com quem viveu e onde passou. O corpo é um arquivo perfeito da nossa formação como indivíduos. Em outras palavras, ele é o reflexo da sociedade em que está introduzido. O ser é constituído pelo fenômeno da experiência corporal e todo esse conjunto é afetado diretamente e

³⁴³ BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. Motriz, Rio Claro, v.11, n. 2, p. 100, 2005.

de forma constante pelas relações sociais. Tais relações que são pautadas nos privilégios e na falta deles se colocam como elementos centrais no que tange as práticas que se manifestam na sociedade e a exclusão social.

Autocuidado não depende só do indivíduo, mas de um mundo de coisas que o rodeia, da sociedade que está inserido, ele é mediado e transpassado por diversos fatores como gênero, raça, classe, religião, geração e outros, de modo que a Interseccionalidade³⁴⁴ interfere principalmente na tomada de decisões, uma vez que a (im)possibilidade dessas escolhas passa necessariamente por tais fatores. O acesso a informações e até mesmo à noção de corpo e cuidado de si como algo necessário para todos, não chega a todas essas camadas sociais.

Cuidar de si em meio a tantas vulnerabilidades, desinformação e diversos fatores que se levantam nesse sentido é um desafio ainda maior. Casos diários de assassinatos e investidas contra a população que compõe as minorias se somam ao quadro delicado do enfrentamento do coronavírus no Brasil, onde há um elevado número de mortes que poderiam ser evitadas, sendo essas, em maioria, população pobre; isso atinge diretamente a

³⁴⁴ **Interseccionalidade** é uma categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe.

saúde mental e a capacidade de autocuidado desses sujeitos. As pessoas que possuem maiores privilégios sociais (ricos, brancos, heteros, cis...) possuem também maiores condições para cuidar de si, a sociedade lhe permite entender que ele precisa de cuidado, enquanto para a população marginalizada – que têm seus corpos criminalizados – sequer é dado esse entendimento.

Muitas das práticas e exercícios mais conhecidos e até aqueles mais simples como exercícios de respiração ou fazer uma boa higiene do sono, podem não fazer sentido na realidade ou possibilidades de boa parte da população, gente que não tem água potável em casa, ou que não sabe se no outro dia vai ter comida, dentre tantas outras realidades. Com isso não afirmamos que o cuidado de si não seja necessário para toda população, mas reiteramos que as condições com que ele se apresenta para as diferentes camadas da sociedade são muito diferentes.

Cuidado de si trata-se de um princípio de formação do sujeito, onde se faz necessário voltar-se a si e conhecer a si mesmo, percebendo quem é esse “Eu” que precisa de cuidados e quais cuidados são esses que se fazem necessários, e assim se (re)construir. É necessário que haja um movimento de mergulho em si, transformar-se e se tornar matéria prima para si mesmo, só então o autocuidado de fato se consolida em práticas e exercícios,

uma vez que ele não existe sem esses últimos. “O cuidado de si é uma atividade que implica não somente conhecimento, mas, também técnica, colocando em jogo as formas de exterioridade, o corpo, toda essa superfície do eu. Em outras palavras, as experiências.” (SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR, 2015)³⁴⁵.

Também não é possível realizar cuidado de si sem esse retorno a si, o exercício pelo exercício não nos leva ao que o conceito nos propõe, pelo contrário, pode levar a sérios problemas, como a prática de exercícios movidos apenas pela pressão estética, entre outros problemas já levantados aqui e para além deles. Esse cuidado é um trabalho interno, um processo que dura toda a vida, durante a juventude, onde vai auxiliar no preparo para vida, até a velhice, onde trará um movimento de renovo. “Essa atividade de ter cuidados com a própria alma deve ser

³⁴⁵ SEMINÁRIO DOS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFSCAR, 11., 2015, São Carlos. **Foucault e o cuidado de si**: os caminhos prováveis de uma subjetividade contemporânea autônoma. São Carlos: Edufscar, 2015. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/04/Ramon-T.-P.-Brand%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

praticada em todos os momentos da vida, quando se é jovem e quando se é velho” (FOUCAULT, 2010, p. 80-81)³⁴⁶.

O cuidar de si, aqui, é também um ato de amor, carinho e compreensão consigo. É entender seus processos, se enxergar em meio caos e compreender seus limites, vai além do praticar exercícios físicos, ou manter uma dieta a fim de se manter nos padrões de beleza (lê-se magra/o) ou um padrão de “vida saudável” por status sociais. O processo do cuidado do “Eu”, está mais relacionado com o se sentir confortável com sua imagem corporal, com o exercitar a aceitação de quem se é, do que com as buscas inalcançáveis, dolosas e danosas para se manter nos padrões de beleza e acarretar um bom status social – tão divulgado pelos meios de comunicação de massa, que instiga incessantemente o consumo de produtos que promete te encaixar nos padrões.

Ao contrário do que as mídias de massa pregam, as práticas e meios (exercícios e dietas, produtos redutores de medidas, entre outros) que te levam a se encaixar nos rótulos sociais, não proporciona um estilo de vida saudável, mas te prendem num ciclo de dores e privações, que se você se desvia

³⁴⁶ FOUCAULT, M. *Hermenêutica do sujeito*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

um pouco, passa a ser criticado e excluído; porque a finalidade não é exercitar o autocuidado, ou cuidado com outro, mas incentivar e reforçar as práticas excludentes da sociedade. O Cuidar de si é o se colocar como prioridade, é uma construção constante, um processo delicado, que nos instiga a sermos melhores para nós mesmo e para quem nos cerca, gerando uma cadeia de afeto e cuidado mútuo do seu “Eu” e com quem se relaciona trocando experiências.

Vivendo Na Quarentena

Késia Luana Pompeu Gonçalves³⁴⁷

Dilma Lopes da Silva Ribeiro³⁴⁸

INTRODUÇÃO

O presente texto trata de minhas observações e experiências no contexto da Pandemia provocada pelo “novo coronavírus”, que ficou conhecido como Covid-19, ano de 2020. Essa narrativa é composta por descrições e análises que têm como pano de fundo as situações vividas no diálogo entre a comunidade quilombola de onde sou oriunda e a cidade em que resido atualmente, a maior parte do tempo em razão dos estudos de graduação na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) – Parauapebas (PA).

Conforme foi se dando a coleta de dados e a escrita do presente texto, foi sendo construída o que mais tarde entenderia tratar-se de uma autoetnografia – um desdobramento do método etnográfico – onde, segundo Santos & Biancalana (2018), a

³⁴⁷ Discente de graduação do Curso de Zootecnia, da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) – campus de Parauapebas.

³⁴⁸ Doutora em Ciências Sociais – Antropóloga, professora na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

“observação e descrição seguem presentes, contudo, o pesquisador passa a compreender-se também como parte do seu foco de estudo.” (op. cit., p. 85)³⁴⁹.

Conforme se sabe, a etnografia seria ao mesmo tempo o método e o estilo textual ou tipo de *tradução* escrita de uma determinada comunidade de iguais, ou seja, de grupos culturais que se identificam através de particularidades em seus modos de vida. Tradicional e largamente elaborada e utilizada pela antropologia e alguns estudos sociológicos, no âmbito das ciências sociais, os trabalhos etnográficos ampliaram-se e desdobraram-se diante e sobre si mesmos trazendo-nos até essa característica de contar com a observação-participação-atuação de seus elaboradores/pesquisadores/escritores nas realidades estudadas; seja como membros originários dessas comunidades, seja como membros circunstanciais e/ou oculares das vivências expressas nas histórias contadas acerca delas.

Dessa maneira, é interessante apresentar o que foi registrado no trabalho de Santos & Biancalana (2018, p. 85-86):

³⁴⁹ É necessário ressaltar que essa visada, assim como a própria concretização da pesquisa e escrita em si, não teriam sido possíveis sem a condução de minha atual orientadora, antropóloga, uma vez que minha área de formação em andamento possui outros métodos de pesquisa e de escrita.

Segundo os autores Cano e Opazo (2014, p. 149), o antropólogo Karl G. Heider foi um dos primeiros a utilizar o termo autoetnografia ao designar, em 1975, as descrições que o grupo humano o qual estudava fazia de sua própria cultura. Ainda de acordo com Cano e Opazo (2014, p. 149), David Hayano utilizou o mesmo termo em 1979 para referir-se “ao estudo da cultura a que o pesquisador pertence”. Atualmente, segundo Ellis, Adams e Bochner, citados por Cano e Opazo (2004, p. 149), a autoetnografia comumente diz respeito a um modo de pesquisa em que se busca “valorizar a experiência do pesquisador através da descrição e análise sistemática para a maior compreensão dos aspectos do contexto ao qual pertence ou em que participa”. Ou seja, enquanto Versiani fala sobre a presença das subjetividades como característica desse método, a última citação enfatiza novamente descrição e análise sistemática como ferramentas organizacionais importantes para a aplicação da autoetnografia na pesquisa.

Assim, a presente tentativa de autoetnografia que ora apresento surgiu das reflexões que fiz sobre acontecimentos recentes (abril a junho de 2020), tendo como ponto de observação minhas experiências como membro de uma comunidade quilombola que ora reside em outra cidade, distante de sua família e de seu local de pertencimento; e como esse distanciamento

atuou sobre as condições experienciadas nesse contexto particular de isolamento social imposto pela pandemia.

CONTEXTOS DE VIDA

Venho de uma comunidade quilombola do município de Cametá (PA): Porto Alegre. A comunidade situa-se a 46 km de distância do “centro” da cidade e faz divisa com o município de Oeiras do Pará (PA), através do rio Anauerá – inclusive, na outra margem do Anauerá fica outra comunidade denominada Vila Santa, já no município de Oeiras.

Porto Alegre é minha casa; nossa casa. Foi onde eu e meus irmãos crescemos. Entretanto, somente bem mais tarde passei a entender o significado desse lugar para minha identidade, conforme vou contar adiante. Nossa ancestralidade quilombola vem por parte de meu pai e de meu avô paterno, filhos do lugar, sendo que o bisavô de meu pai foi o membro remanescente de negros escravizados, o qual, evadindo-se do estado de Alagoas, refugiou-se no Pará. Por outro lado, minha avó paterna era descendente de indígenas, segundo contava. Nascida e criada em Cametá, construiu família com meu avô e permaneceu na vila de Porto Alegre até seu falecimento.

Já minha mãe não estava ligada a um passado quilombola até conhecer meu pai. Vinda da localidade de Itambuba, da chamada “região das ilhas”, para trabalhar como empregada doméstica conheceu papai no “centro” de Cametá, onde o mesmo ia constantemente por questões de trabalho e para as compras. Então, casaram-se e ele a trouxe para morar na vila de Porto Alegre, no terreno da família, onde construíram a casa na qual vivemos até hoje.

Atualmente a rotina na comunidade é baseada no acordar cedo, ir aos seus plantios de mandioca, milho, arroz e pequenas hortaliças, atuar na fabricação de farinha e cuidar das pequenas criações de animais em seus quintais. Há quem vá ao rio Anauerá pescar, também. A alimentação em sua maior parte é comprada na cidade e é composta por: carne bovina, frango, verduras e frutas, bem como alimentos não perecíveis – que são adquiridos em forma de “compras para o mês”.

Poucas pessoas tem emprego fixo, sendo que a pouca renda mensal das famílias é composta pela venda de alguns dos itens que produzem em seus quintais e das aposentadorias; além disso, a renda da maioria dos moradores é complementada com programa de transferência de renda para famílias de baixa renda, o conhecido “Bolsa Família”. Algum recurso é adicionado a

algumas pessoas por meio do “Seguro Defeso”, que garante renda mínima a pescadores nos períodos em que a pesca para fins comerciais é proibida.

Apesar do início de seu povoamento ser datado de meados do ano de 1815, conforme relatos dos moradores mais antigos, Porto Alegre foi titulada apenas no ano de 2007 pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA). O presidente da Associação de moradores da comunidade nos contou em certa ocasião que um dos entraves para a regularização da comunidade se deu em função da resistência de auto identificação como quilombola por parte de uma parcela dos moradores, que resistiam à ideia de ligação a um passado de escravidão; de serem descendentes de escravos.

Nesse sentido, inclusive, hoje posso dizer que com relação a minha própria auto identificação como quilombola esta ocorreu a partir do início de um longo processo para legalização da comunidade e titulação de terras, que incluiu (re)conhecermos as origens da comunidade, a partir das histórias dos “mais velhos”, os primeiros moradores e seus descendentes. Então, “ser quilombola” deriva de um “tornar-se quilombola”; é um aprendizado, ou, pelo menos, foi pra mim e para meus irmãos, também.

Assim, refletindo³⁵⁰ hoje sobre o assunto penso que tornei-me quilombola por meio de uma ressignificação de coisas vividas e de histórias aprendidas com meus pais e avós até aquele momento; apreendendo a história de nossa ancestralidade, e a importância disso, o resgate de uma cultura, de nossas manifestações artísticas, da memória e das tradições do povo de quilombo, que aconteceram através das diversas atividades que compuseram o processo de reconhecimento da Comunidade de Porto Alegre, como: minicursos, oficinas, rodas de conversa, palestras, pesquisas e outras atividades, conduzidas pela organização *Malungu* – Coordenação das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Pará e pela Fundação estadual “Curro Velho”. Isso levou alguns anos.

Outro ponto de convergência disso deu-se, ainda, com a nossa necessidade de escolarização e formação profissional, onde as oportunidades para as comunidades remanescente de quilombos foram surgindo em meados de 2011-2012. Entendi, assim, que nossos direitos foram sendo construídos/conquistados. Isso ajudou-me a buscar e agarrar as oportunidades, até a situação

³⁵⁰ A reflexividade sobre mim, sobre minhas origens, minha identidade e as relações com minha ancestralidade quilombola, trazida pela elaboração desta auto etnografia foi um aspecto totalmente inesperado para mim. Uma experiências de escrever sobre si mesma não era algo planejado.

atual em que me encontro como estudante universitária – algo que antes parecia muito distante. Entretanto, as dificuldades apenas se modificaram, mas não foram em nada atenuadas.

Em razão da necessidade de cursar uma universidade atravesssei o estado para cursar a graduação em Zootecnia, na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), no campus de Parauapebas, que fica localizado na região sudeste do estado do Pará. Assim, desde 2013 moro em Parauapebas, e, nos poucos intervalos, sempre que posso em termos de tempo e de recursos financeiros desloco-me até minha cidade natal. Apesar de hoje residir com minha irmã, em Parauapebas³⁵¹, passo a maior parte do tempo sozinha, uma vez que em razão do seu trabalho, ligado a indústria de mineração, ela precisa ficar “alojada” na fábrica.

Em Parauapebas, além dos estudos, utilizo uma parte do tempo para tentar complementar minha renda³⁵² com a venda de cosméticos, uma vez que não consigo ter emprego fixo por conta dos horários na UFRA. Assim, existem dias em que os horários de aulas e outras atividades são pela manhã e em outros somente à tarde; outros dia, preciso permanecer o dia todo no campus. Nos

³⁵¹ Após a conclusão do curso de Nutrição na UFPA minha conseguir colocação em uma empresa de grande porte ligada à mineração local.

³⁵² Recursos enviados por meus pais para as necessidades básicas de moradia, alimentação, transporte e outras pequenas despesas.

finais de semana permaneço em casa, raramente saindo – lazer é artigo de luxo para uma estudante com minhas condições.

A INSTALAÇÃO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Após o decreto de que estávamos vivendo uma Pandemia em função da ampla disseminação em nível mundial do SARSCOV ou “novo coronavírus”, com a identificação da doença que foi denominada de COVID-19³⁵³, veio a orientação e determinação oficial de que precisaríamos ficar em Quarenta. O termo quarentena indica, entre outros significados, a necessidade de isolamento de pessoas e suspensão de suas atividades habituais em razão de risco de contaminação por algum tipo de doença; indica, também, o período de 40 (quarenta) dias para se ficar nesse tipo de afastamento coletivo, visando garantir ou melhorar as condições de saúde de uma população. E tanto esse risco de

³⁵³ COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. **Quais são os sintomas de alguém infectado com COVID-19?** Os sintomas mais comuns da COVID-19 são febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19>.

contaminação, quanto o tempo de isolamento e distanciamento social modificaram as rotinas e trouxeram diferentes impactos para as vidas dos brasileiros – e de milhões de outros indivíduos no planeta.

Assim, no dia 19 de março de 2020 tivemos a notícia de que as atividades acadêmicas na UFRA seriam paralisadas em decorrência do aumento de casos de Covid19 no estado. Desde então decidi ficar em casa e apenas sair em caso de extrema necessidade, uma vez que sou do grupo risco por ter asma.

Fiquei vários dias refletindo sobre muitas coisas, triste por ter que parar de estudar pois esse seria meu último ano de faculdade e tentando me manter bem psicologicamente, tarefa difícil inclusive. De qualquer maneira, apesar das necessidades e incentivos, nem estudar conseguia de fato.

Estar distante da minha família nesse momento foi muito difícil para mim pois tenho um apego muito grande por meus pais. Além disso, minha mãe é do grupo risco, e especialmente nesse momento estava cuidando da minha avó materna que também é grupo risco. Por outro lado eu me encontrava apenas com minha irmã em um lugar distante. Assim, preocupava-me com as pessoas que eu amo, queria juntar-me a eles/elas para que ficássemos todos juntos até que passasse o período. Ocorre que

isso não era possível no momento, o que me deixava ainda mais angustiada. Quando minha irmã chegava aos finais de semana do trabalho e eu cogitava viajar eu percebia tristeza da parte dela, então decidi que iria tentar me acalmar, que não iria enlouquecer e nem aceitava morrer de covid 19. Precisava ficar bem e continuar em Parauapebas por mais um período de tempo; confinada. Isso também tem relação com a vida, com as sensações que existem em nós, muitas vezes. A sensação do momento era de impotência.

Minha vida quilombola é sempre muito tranquila. Os vizinhos sempre visitando a casa dos meus pais, rodas de conversas e eventos. Naquele momento nada disso era possível. O pensamento era somente um: queria poder estar na vila de Porto Alegre. Para estar com minha família, para impedir os visitantes de frequentarem nossa casa, para ver se “os meus” estavam bem; se tomavam as medidas de proteção impostas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) e tudo mais. O lugar que tenho como minha referência de tudo agora estava não apenas distante, mas também difícil de acessar.

Os moradores que estavam à frente da comunidade montaram até uma espécie de portaria para impedir o acesso de pessoas diferentes ao lugar. Mas, algumas pessoas não

respeitavam os protocolos; além disso, as pessoas precisavam ir até Cameté buscar alimentos e, assim, começaram a aparecer casos na comunidade. Várias pessoas tiveram confirmação da doença através de testes. Por outro lado, minha mãe apresentou todos os sintomas e chegou a passar mal, inclusive, mas não confirmou se havia sido contaminada, uma vez que não pôde fazer nenhum dos testes.

Passados uns dias fiquei sabendo do falecimento de uma pessoa próxima, de apenas 26 anos, o que me deixou bem abalada, pois o único histórico de doença era asma e eu com 29 anos me encontrava totalmente inerte, sem coragem para começar a reagir ou praticar alguma atividade física. Ocorre que em uma noite eu me senti muito mal com dores no corpo, febre e cansaço, sintomas de gripe e que agora poderiam ser decorrentes do ataque no novo Coronavírus. Parece que a ansiedade do momento amplificava os sintomas em meu corpo, como um autofalante potente. Resolvi tomar medicações que normalmente já tenho em casa, como antialérgicos e remédio para febre e dois dias depois estava melhor. Porém fiquei com bastante medo, e as incertezas premente não ajudavam; não fui fazer exames. Desse modo, então, não sei exatamente o que era.

Assim que os sintomas se foram eu me vi na obrigação de mudar meu comportamento: melhorar minha alimentação e praticar algum tipo de atividade física, minimamente. Porém eu estava muito indisposta e protelava começar algo de fato. Dias passaram e foi então que comecei a procurar na internet vídeos que tratassem de atividades para se fazer deitada, ainda na cama; encontrei exercícios de respiração e comecei a praticá-los. A partir do terceiro dia de prática meu corpo começou a reagir positivamente e fui para o tapete de yoga, a princípio aulas para iniciantes, depois misturando exercícios aeróbicos – um dos ganhos foi que até agora consegui eliminar 4kg do sobrepeso que tinha. Essa atitude me fez melhorar bastante, tanto no corpo quanto na mente, pois agora eu havia criado uma rotina.

Preocupo-me muito com minha família, pois minha mãe é hipertensa e houveram casos lá na comunidade onde ela mora. Como disse anteriormente, moro sozinha e minha irmã que trabalha alojada vem aos finais de semana pra casa; porém, ela contraiu o covid-19 e precisou ficar cerca de um mês afastada de mim a fim de evitar que eu também me contaminasse. O temor da doença é algo que eu tenho bastante, fiquei naturalmente muito preocupada com minha irmã, depois minha mãe contraiu o covid19 mais medo senti, as incertezas sobre a doença, os traumas

e lutos por pessoas conhecidas que se foram, o terror psicológico se instaurou, mas felizmente minha mãe e irmã se recuperaram bem.

Nesse período, então, eu estou totalmente reclusa dentro de casa, minha pele clareou, dentre as coisas que me tiram do tédio eu aprendi fazer algumas receitas de comidas e bolos, não é nada fácil pois todos os dias os casos aumentam as notícias nos amedrontam, já morreram pessoas próximas e a cada situação é um choque diferente, são famílias em luto que não estão tendo nem a oportunidade de dar o “último adeus” a seus entes; são perdas irreparáveis e é muito triste toda essa situação. Mas, eu decidi viver um dia após o outro com a esperança de isso tudo passe o mais rápido possível, e que a cura ou vacina chegue logo.

Tive dias cinzentos, dias em que mal me levantei da cama. fiquei por aproximadamente 90 dias totalmente confinada até que um amigo me trouxe de Parauapebas a Belém e segui viagem até Cametá, nesse momento estou próxima da minha família aqui na comunidade Quilombola de Porto Alegre, o surto por aqui foi bem tenso, houve um óbito em uma comunidade vizinha Chamada Boa Esperança, mas felizmente a maioria das pessoas que contraíram o novo coronavírus se recuperaram e passam bem, eu continuo praticando as atividades físicas, e consegui tirar

minha mãe e minha tia do sedentarismo, estamos fazendo caminhadas e nadando, bem como dançando imitando vídeos advindos da internet ganhando disposição e resistência, e tentando emagrecer. Atualmente o surto nessa região está estabilizado e aos poucos o medo se vai e as pessoas retomam suas rotinas habituais.

Sinto que estou indo devagar, mas conseguindo progredir.

A Violência Doméstica No Brasil No Cenário Da Pandemia De Covid-19

Maria Beatriz Cardoso Magalhães Damasceno³⁵⁴

João Paulo Monteiro Soares³⁵⁵

Resumo

A pandemia por Coronavírus ao redor do mundo gerou a necessidade de implementação de medidas de segurança que objetivassem a redução do risco de contaminação pelo vírus SARS-Cov-2. A principal medida restritiva adotada foi o isolamento social, o qual repercutiu de formas diferentes de acordo com a realidade familiar e social das pessoas que o praticaram. No que tange à realidade brasileira, isso foi bem perceptível, principalmente quando são avaliados os grupos vulneráveis. As mulheres, que muitas vezes são vítimas de violência doméstica são um grande exemplo, haja visto a intensificação das denúncias dos casos de agressão. Ao passo que para grande parte da população o confinamento pode ser considerado o mais seguro, para muitas mulheres, trata-se de uma situação que evidencia suas fragilidades e demonstra que o lar também pode oferecer riscos.

Palavras-chave: Pandemia; Vulnerabilidade Social; Violência Doméstica

INTRODUÇÃO:

Os primeiros registros do surgimento de um novo tipo de vírus, o SARS-Cov-2 tiveram início em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Não foi preciso muito tempo para que o vírus

³⁵⁴ Maria Beatriz Cardoso Magalhães Damasceno - Graduada em Fisioterapia, Universidade do Estado do Pará, Campus XII. E-mail: mabemagalhaes17@gmail.com

³⁵⁵ João Paulo Monteiro Soares - Graduando em Medicina, Universidade do Estado do Pará, Campus XII. E-mail: jpmonteirosoares2017@gmail.com

se disseminasse rapidamente por outros países, culminando na pandemia de Covid-19, deliberada pela Organização Mundial de Saúde no começo de março de 2020 ³⁵⁶.

O vírus possui como característica alta transmissibilidade, portanto, medidas de proteção foram implementadas, visando a contenção do problema, dentre as principais recomendações podem-se destacar a intensificação dos hábitos de higiene e a adoção do isolamento social ¹.

No Brasil, após as confirmações dos primeiros casos, iniciativas foram tomadas para que não houvesse o avanço da doença. Assim como em outros países, também foi estipulada como principal ferramenta de controle, a prática do isolamento social. No entanto, se por um lado tal estratégia poderia proteger alguns cidadãos, por outro serviria para salientar graves mazelas sociais e demonstrar o quanto alguns grupos estão ainda mais expostos após a adoção da medida. Prova disso são as mulheres que se encontram em confinamento com seus parceiros ou

³⁵⁶. BAPTISTA, Anderson Barbosa; FERNANDES, Leonardo Vieira. Covid-19, análises das estratégias de prevenção, cuidados e complicações sistemáticas. DESAFIOS - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 7, n. Especial-3, p. 38-47, 2020.

familiares violentos e, constantemente, sofrem agressões, sejam elas verbais, físicas ou psicológicas.

Desse modo, faz-se necessário compreender a situação dessas mulheres, bem como os principais fatores que potencializam suas fragilidades e a violência no seu núcleo familiar diante do atual momento.

DESENVOLVIMENTO:

A violência contra a mulher é uma questão com raízes antigas, um problema resultante de anos de relações sociais e pessoais marcadas por desigualdade e desrespeito³⁵⁷. Ao longo de toda a história a sociedade ergueu sua estrutura a partir do patriarcalismo, contribuindo para uma hierarquia entre homens e mulheres, na qual, muitas vezes, o sexo masculino é colocado em uma posição superior ao feminino. Por muito tempo as disparidades entre ambos os sexos foram bem evidentes, aos homens, pertencia os privilégios, o título de provedor do lar e

³⁵⁷. KOBAYASHI, Nathalia Yuri Tanaka et al. Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil-impacto do isolamento social pela COVID-19/Violence against women and the femicide in Brazil-impact of social distancing for COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 4511-4531, 2020.

grande peso na sociedade, enquanto às mulheres cabia a postura de submissão e fragilidade ³⁵⁸.

A reivindicação pelos direitos femininos assumiu diferentes formas ao redor do mundo. Na França, por exemplo, Simone de Beauvoir, famosa escritora francesa, ao longo sua trajetória dedicou-se a defender o sexo feminino e questionar a invisibilidade e a desigualdade que marcava suas relações. Simone foi autora de grandes obras, dentre elas, *O Segundo Sexo*, cuja temática é justamente voltada para compreender a desigualdade de gênero e a situação da mulher em sociedade ^{359,5}.

No Brasil, a luta pelo reconhecimento dos direitos das mulheres trouxe conquistas importantes, ainda que tardias, dentre elas o sancionamento da Lei Maria da Penha em 2006. A lei tem por objetivo garantir a proteção do público feminino bem como devida punição aos seus agressores ³. Ela define como violência doméstica atos ou omissões que gerem danos físicos, morais ou

3. GOMES, Gabriele de Castro Vieira et al. *Feminicídio: a última forma de violência contra a mulher e o discurso simbólico*. 2019.

4. BASCUÑÁN, Máriam Martínez. O feminismo que nasceu com Simone de Beauvoir. **El País**. 06 de Out. de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html

psicológicos à integridade da vítima, e que ocorram em ambiente doméstico ou familiar³⁶⁰.

Muito embora os anos tenham passado e esse cenário tenha sofrido diversas modificações, ainda é possível encontrar seus resquícios em nossa sociedade atual. Apesar da existência de leis e de medidas de enfrentamento contra violência, a herança do machismo, ainda se faz presente na casa de muitos brasileiros³⁶¹.

A vulnerabilidade das mulheres em seus lares, pode ser influenciada e acentuada por diversos motivos, a atual pandemia de Covid-19 demonstra isso. Podem ser apontados como fatores exacerbadores da violência nos domicílios, a permanência prolongada com o agressor, a dependência econômica vivida pela mulher e seus filhos, o estresse emocional gerado pelo momento, intensificação do etilismo por parte do cônjuge, e o medo de represálias após o ato da denúncia³⁶².

³⁶¹ CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. **Psicologia. pt-o portal dos psicólogos**, p. 1-8, 2017.

³⁶² CUIDAR, VERBO COLETIVO. **Episódio 2: Violência Doméstica na pandemia**. Locução: Bruna Angotti e Regina Vieira. 08 de maio de 2020. Podcast. Disponível em: <https://cuidar-verbo-coletivo.simplecast.com/episodes/episodio-2-violencia-domestica-na-pandemia>

³⁶² VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel

No mês de março de 2020, após o início do confinamento, dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), mostraram que os serviços de disque 100 e ligue 180 registraram um aumento de 18% nas denúncias³⁶³. O Rio de Janeiro, em seu primeiro final de semana após o decreto de isolamento ter entrado em vigor, registrou um aumento de 50% nas ocorrências de violência doméstica. Esse aumento também foi observado em outros estados, como Paraná, Pernambuco e São Paulo³⁶⁴.

No que tange ao feminicídio, o país apresentou uma elevação de 5% nas taxas referentes a esse crime. No Acre houve um crescimento de 33%, no Pará o aumento foi de 187,5% e no Rio Grande do Sul houve um aumento de 73%, índices alarmantes que escancaram a última faceta do machismo e da violação dos direitos femininos^{365,366}.

³⁶³ VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200033, 2020.

³⁶⁴ MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00074420, 2020.

³⁶⁵ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 2020

³⁶⁶ MUGNATTO, Sílvia. Crescem denúncias de violência doméstica durante a pandemia. **Câmara de Deputados**. 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/661087-crescem-denuncias-de-violencia-domestica-durante-pandemia>>

Todavia, em alguns estados houve um contraste, observou-se a diminuição dos registros de boletins de ocorrência. Segundo dados, o Pará apresentou uma queda de 49,1% no número de notificações de violências doméstica registradas, no Rio Grande do Sul houve uma redução de 9,4%, e no Mato Grosso a taxa de casos reportando lesões corporais decresceu 21,9%³⁶⁷.

Prováveis razões corroboram para a redução dos registros criminais, sendo estas, a minimização do acesso a redes de apoio e canais de denúncia, o medo de comparecimento a delegacias e órgãos públicos em virtude do receio de contaminação pelo vírus, bem como a redução das prisões preventivas no momento^{10, 368}.

Como principais estratégias de apoio a esse público, o Brasil tem apostado nos serviços digitais que permitem que as denúncias sejam realizadas via internet, é o caso do boletim de ocorrência eletrônico, já em vigor nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo¹¹. Ferramentas de acolhimento também devem ser mencionadas, como o aplicativo Direitos

³⁶⁷ Um vírus e duas guerras: Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19. **Ponte**. 18 de jun. de 2020. Disponível em: <https://ponte.org/mulheres-enfrentam-em-casa-a-violencia-domestica-e-a-pandemia-da-covid-19/>

Humanos BR e o site da ouvidoria.mdh.gov.br, ambas as plataformas possibilitam denúncias referentes à violação dos direitos humanos ⁹.

A ampliação das campanhas e redes de solidariedade também devem ser pontuadas, é o caso de iniciativas como o Projeto Justiceiras, criado pela promotora Gabriela Manssur que reúne voluntárias de diversas profissões com intuito de prestar assistência às vítimas de violência, e o projeto Mete a Colher que atua também no meio virtual por meio de apoio e orientações³⁶⁹.

CONCLUSÃO:

A partir do exposto é perceptível o quanto o atual momento repercute no âmbito social e agrava problemas já existentes em nosso dia-a-dia. Torna-se fundamental reconhecer a relevância de ações individuais e coletivas no combate à violência doméstica. É indispensável a ampliação de mecanismos de prevenção que valorizem o cuidado, e a participação do público feminino. Para que isso de fato ocorra, é primordial o envolvimento dos cidadãos e das diversas esferas públicas,

³⁶⁹ECOIA, Diana. Mulheres formam redes de apoio contra a violência doméstica na pandemia. **UOL**. São Paulo. 08 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/05/08/mulheres-formam-redes-de-apoio-contr-a-violencia-domestica-na-pandemia.htm>>

compreendendo não somente os canais de denúncia, mas também outros serviços, como o de saúde, especialmente a atenção primária.

A intensificação das atividades dos serviços de acolhimento e proteção às vítimas e os investimentos em serviços online também se mostram vitais. Da mesma forma, os veículos de comunicação como internet, televisão ou jornais, possuem grande papel dentro desse cenário, fornecendo atualizações dos dados envolvendo a temática, para que assim, a população tenha maior conhecimento da gravidade desse problema, tão relevante quanto a pandemia enfrentada. E, por fim, além de estratégias que contemplem o poder judiciário e as redes de aconselhamento e acompanhamento, é essencial o empenho de cada indivíduo para mudar a própria mentalidade, trabalhar para romper com ideais do passado que ainda sustentam a desigualdade entre homens e mulheres, e desconstruir preconceitos, o que apesar de ser um processo longo e trabalhoso, mostra-se possível, tendo em visto as conquistas obtidas pelo sexo feminino ao longo de sua trajetória.

O temor além da pandemia

Manoel Junior Ferreira Mendes³⁷⁰

Resumo

As pandemias são enfermidades responsáveis por causar morte e levar temor para milhares de pessoas. Atualmente, o planeta está mais preparado para lidar com doenças de escala global, como o novo coronavírus. Entretanto, apesar das elevadas taxas de contaminação da pandemia vigente, os grupos mais resistentes à doença estão se tornando cada vez mais responsáveis pelo agravamento do pânico de pessoas mais sensíveis à enfermidade. Uma vez que os mais resistentes estão ignorando a importância do isolamento social, apesar de ter o conhecimento dos números crescentes de óbitos pelo novo coronavírus.

Palavras-Chave: *Pandemia, Medo, Grupos de risco.*

Introdução

A população mundial deste século está concentrada nas cidades e ocupando cada vez mais áreas com poucos metros quadrados.

³⁷⁰Acadêmico de Odontologia da Universidade Federal do Pará. Email: manoeljfmedes@gmail.com

Com isso, esta alta densidade populacional, aliado ao fluxo contínuo de pessoas que transitam por diferentes lugares e entram em contato com variadas culturas, possuem risco de se tornar vetor, não intencional, de uma doença que pode desencadear uma pandemia. Sendo este conceito definido, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), como uma doença que pode se espalhar rapidamente por diversas partes do mundo através de uma contaminação sustentada, ou comunitária. De modo que é importante ressaltar que não é a gravidade da doença o fator determinante para a sua disseminação, mas o seu poder de contágio e proliferação geográfica 2.

Neste sentido, ao longo da história, grandes enfermidades foram responsáveis por causar a morte de milhares de pessoas em diferentes regiões do planeta. Sendo a peste, ou praga de Justiniano, que ocorreu por volta de 541 d.C, foi considerada a primeira pandemia já registrada, com sua origem no Egito e chegando em poucos anos na capital do Império Bizantino. Esta pandemia durou cerca de 200 anos e causou a morte de 25 a 100 milhões de pessoas. De maneira que, séculos mais tarde na Europa esta doença ressurgiu com o nome de Peste Bubônica ou Peste Negra.

Além disso, com os avanços tecnológicos foi evidenciado que os primeiros registros de pandemias haviam como agente causador as bactérias. No entanto, somente em 1580 ocorreram os primeiros relatos de uma pandemia cuja manifestação clínica evidenciava uma gripe. Esta doença se proliferou por praticamente todos os continentes. Apesar de não haver detalhes específicos para se identificar o tipo de patógeno causador, somente em 1889, com a Gripe Russa, foi possível detalhar uma pandemia gripal cujo agente causador foi identificado como um vírus. Isto ocorreu, devido às possibilidades técnicas de desenvolver estudos detalhados já disponíveis na época. Com isso, foi possível, além da identificação do causador da pandemia, classificar o vírus como um subtipo de H2N2, esta doença levou a morte de aproximadamente 1,5 milhões de pessoas.

Após a Gripe Russa, outras pandemias virais foram ganhando mais importância, devido sua variabilidade de subtipos e potenciais de causar uma pandemia como foi o caso da gripe espanhola, a aviária e a suína. Atualmente, segundo a OMS, o planeta está mais preparado para lidar com este tipo de enfermidade, pois com o desenvolvimento tecnológico, aliado a rápida disseminação de informação, possibilita a rápida criação de um tratamento precoce da doença, ou de métodos preventivos

e de controle da infecção. Deste modo, no cenário atual de pandemia, medidas de contenção ao vírus estão sendo desenvolvidas pelos governos mundiais, a fim de impedir sua disseminação. Estas ações foram planejadas em poucos meses, em virtude das informações detalhadas sobre o patógeno como o meio de transmissão, sinais e sintomas provocados pelo novo coronavírus.

Em vista disso, uma das ações de prevenção para o controle da pandemia, realizada pelos governos mundiais contra o novo coronavírus, é a medida do isolamento social, que tem como objetivo principal evitar a transmissão do vírus e mantê-lo confinado em uma área sob vigilância. De modo que, outras pandemias como a peste bubônica e a cólera, embora não serem transmitida pelas vias respiratórias, tiveram o isolamento social como medida sanitária. Esta ação foi importante para descobrir a causa principal destas enfermidades, controlar a disseminação do vetor e do agente causador, além de identificar o grupo, ou grupos mais sensíveis às doenças.

Entretanto, apesar das ações sanitárias de controle das pandemias, a ideia do risco de morte provocado pela introdução de um novo patógeno na sociedade, como é o caso do novo coronavírus, deixa a população em alerta, principalmente, aos

indivíduos mais sensíveis à doença, pois devido possuir agravante para a manifestação de sinais e sintomas mais severos da doença, suas ações de controle e isolamento devem ser mais intensa para preservar a saúde.

Contudo, independente do cuidado que este grupo mais sensível possa desenvolver, é necessário que os demais grupos sociais atuem de modo que se sensibilizem e conscientizem-se do dever de contribuir para a saúde das pessoas em risco. Mas, atualmente esta medida de isolamento vem sendo negligenciada principalmente pelos jovens. Deste modo, potencializando o temor da pandemia aos grupos mais vulneráveis ao novo coronavírus, pois é elevado o risco de morte, devido às complicações que podem desenvolver ao contrair o vírus.

Desenvolvimento

O primeiro surto da Covid-19 foi registrado na China, em dezembro de 2019. De forma que este novo vírus chegou ao Brasil, e por sua vez na América Latina, em 26 de fevereiro de 2020, com seu primeiro caso identificado na cidade de São Paulo. Em poucas semanas, grande parte do país já iniciavam o registro de seus primeiros casos da doença. Em vista disso, as medidas iniciais para conter a propagação do vírus foi por meio do isolamento social. Os impactos desta ação de controle social

resultaram em transtorno na economia local e nacional, pois os espaços de circulação público e privado, além de comércios e empresas tiveram seu funcionamento limitado ou interrompidos.

Além disso, o isolamento social ocasionou transtornos emocionais na população, como medo e estresse, principalmente devido as informações divulgadas na mídia sobre esta nova pandemia, que revelava ser uma nova cepa viral de fácil contaminação. Além disso, pessoas mais sensíveis às notícias, encontravam nos meios de informação não tradicional uma carga maior de tensão, pois vários sites e blogs afirmavam que esta pandemia seria um dos sinais para o início do apocalipse bíblico.

De modo que, com o passar das semanas, descobriu-se que a doença é perigosa para um determinado grupo de pessoas, sendo que para a maioria dos indivíduos, principalmente composta por jovens e adultos, sua manifestação clínica pode ser semelhante a um resfriado. Assim, pelo acesso à esta informação, o interesse pelo isolamento social sofre uma queda, pois quanto mais tempo uma pessoa permanece em isolamento, mais ela se torna resistente a medidas mais rígidas de controle.

De modo geral, as pessoas consideradas de grupo de risco são aquelas que possuem deficiência imunológica, que sejam idosos e as que já possuem alguma comorbidade respiratória. Assim, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, como a maior parte da população brasileira é composta por jovens e adultos não classificadas como um grupo de minoria, são os que tendem a ser mais desrespeitosos com o isolamento. De acordo com o Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom, em relação aos discursos sobre a covid-19 e as medidas de isolamento, ele foca nos jovens, solicitando que respeitem o isolamento e as pessoas que estão em risco. Pois, devido as constantes notícias veiculadas pela mídia que denunciam casos frequentes de aglomerações em festas e reuniões clandestinas, aliada a fatos de 25% dos idosos brasileiros residirem com mais de 3 pessoas, tendo a possibilidade delas serem jovens, existe elevado risco de circulação do vírus dentro das residências de pessoas mais sensíveis à doença.

De forma que esta solicitação do secretário direcionando a um grupo mais resistente a doença, evidenciava a carência de responsabilidade com a população mais sensível a doença, pois o medo com a ideia do risco de morte, além do sofrimento que estes indivíduos podem passar com o processo de evolução da doença,

pode desencadear uma série de complicações entre eles a depressão.

Esta percepção de desrespeito se reflete, principalmente, em umas das apresentações de Marina Abramović, com o Ritmo 0, em 1974. Ela buscou expressar o caráter selvagem do ser humano ao subjugar o indivíduo mais fraco e indefeso. Nesta performance, a autora permaneceu imóvel por 6 horas, tornando-se um objeto vulnerável para seu público, que por sua vez poderia realizar ações como bem entendesse, sem haver punições durante o período estipulado.

Com essa constante tensão e estresse do perigo de morte, além do sofrimento que os indivíduos menos resistentes podem passar com a evolução da doença, é mais bem compreendido por meio do Modelo Kübler-Ross de Enfrentamento da Morte. Essa metodologia busca descrever, de forma científica, as possíveis atitudes e reações de pessoas que podem estar próxima, ou estão em risco de morte. Sendo identificados em cinco estágios, independentes da ordem de manifestação, a negação, raiva, negociação, depressão e a aceitação

Com isso, em meio a pandemia da Covid-19 é possível observar nas pessoas este tipo de reações descrito no modelo de Kübler-Ross, pois inicialmente, os sintomas da doença podem se

assemelham às várias outras infecções respiratórias, podendo assim ser negada constantemente. De modo que, os estágios de depressão e aceitação de sua condição são meios possíveis para desencadear um processo de suicídio, pois pessoas psicologicamente mais abaladas pela situação da pandemia, podem observar empiricamente seu ambiente social, e ao perceber que seu bem estar também irá depender da conscientização dos grupos mais resistentes, pode ser causa determinante para ações que levem risco de morte.

Conclusão

O medo é um sentimento essencial para a sobrevivência humana. Contudo, o predomínio diário deste sentimento no cotidiano das pessoas, pode desencadear a depressão. De modo que, a pandemia da Covid-19 tem provocado esse temor que chega a 60 dias, afetando, principalmente, os indivíduos do grupo de risco. Além disso, esta condição vem sendo potencializada pelos jovens que não estão dando a devida atenção a pandemia.

Deste modo, é necessário que haja sensibilidade e humanidade por parte do grupo mais resistente, pois mesmo eles podem desenvolver casos mais graves da covid- 19, devido que sua condição clínica não significa que são invulneráveis ao vírus.

Logo, com o atual cenário de desenvolvimento tecnológico, estima-se que uma vacina para a covid-19 venha a ter seu desenvolvimento dentro de 12 meses. Entretanto, apesar do dinamismo na produção de uma cura, a prevenção e a contenção são as principais medidas de controle, pois mesmo com a criação da vacina, o vírus continuará no meio ambiente sofrendo mutação e adaptando-se à sociedade.

Morte, existência e pandemia em *free jazz*³⁷¹

Antonio Moraes Ferreira³⁷²

Entrando pela janela aberta, a brisa percorre o quarto. A luz me alerta que amanheceu. Mais um dia nasce e não tenho compromissos, tarefas ou para onde ir. Os noticiários comunicam a situação em que se encontra o mundo: um vírus, vindo da China, se alastrou globalmente. O Brasil, até onde sei, não teve sorte. Um parasita energético: organismo que corre com o sangue da natureza, que satisfaz sua condição de vivo quando viola o nosso corpo e toma-o por refúgio. O rei coronado pela natureza. Percebo que esqueci de regar algumas sementes que havia plantado em mim e elas se angustiam fora de minha vista. Se balanço a cabeça em indiferença, assim faço tentando ignorar o borbulho das minhas ideias, o surgimento do desconhecido. Hora das indagações acerca de um futuro incerto, da ansiedade sorrateira que prometia o fim... fim de quê?

Só pode ser o fim da vida. Ao menos, o fim dela como conhecemos. Reestruturações na rotina, cuidados diários

³⁷¹ Estilo de jazz. Característico pela liberdade de improvisação total do músico. Altamente experimental, busca romper com os padrões musicais pré-estabelecidos.

³⁷² Graduando em bacharelado em Psicologia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – E-mail: amoraes2000f@gmail.com.

conigo, com mais velhos e mais novos... mudanças necessárias para que nossos hábitos antigos não nos destruam. Os veículos de comunicação narram o panorama: disputas políticas, estratégias de isolamento com o objetivo de conter o mal que se dissemina, decisões contrárias pautadas em abuso de poder, embates econômicos e negligência da vida. A rivalidade está armada. De repente a segregação que já existia tornou-se mais evidente e as pessoas que ainda não enxergavam, talvez por conveniência ou resignação, passaram a ver. É travada explicitamente uma luta pela vida: o mundo inteiro – ou quase – contra o inimigo subestimado, que provoca pânico em alguns e desdém em outros.

E então, tomado pela brisa constante e pelas falas que ouvia na televisão, desatei a pensar: há quanto tempo não abria a janela? Ou, de outra forma, há quanto tempo não a mantinha aberta? Estive perdido em tantos compromissos que nem pude aproveitar a vista como gostaria. Lembro que um dos maiores encantos que tive ao me mudar para um décimo andar foi a vista do pôr-do-sol. O laranja do crepúsculo pode significar várias coisas diferentes a depender de quando observamos. Enxerguei, na maior parte do meu tempo como recém- chegado, uma espécie de beleza anônima: o astro aparentava estar mais próximo de mim do que qualquer outro bairro – talvez mais até

do que a própria vida, que às vezes escapa. Após o surgimento das medidas de confinamento, no entanto, a minha experiência com o fim da tarde se tornou um pouco ambígua. Agora, quando olho pela janela, recebo em meu quarto a luz morna que comunica a morbidez que ronda o lado de fora. A janela: um enquadramento. Do lado de dentro, o que antes foi conforto toma por novo significado a prisão; do lado de fora, a promessa de uma falha perfeita que está fora do nosso alcance, o girassol-futuro que não cessa de crescer mas escapa à nossa vista e, quem sabe, possa não estar mais lá quando procurarmos. De súbito, proibida a minha correria diária, vejo o canto em que descanso de outra forma: pintado de tormenta. O pôr-do-sol anuncia perigo.

Nas primeiras semanas, a existência no isolamento social foi perturbadora. Pensei em adiantar todas as atividades e leituras acadêmicas para que, enfim, pudesse me permitir fazer outra coisa. Em um dia procrastinei, no seguinte, também. O sentimento comum foi culpa. Estava tão inserido na rotina frenética das confusões com prazos que, sem esta, nada parecia ser possível. Tive então de lidar com a angústia que se tornava maior a cada dia que passava. Se tentei ler, me frustrei por só ter percorrido vinte páginas e me cobrei mais, já que estávamos confinados e, se eu não fosse capaz de produzir alguma coisa,

me sentiria uma falha.

Até que me acaricie e decidi voltar o olhar às minhas necessidades.

Ao tomar um tempo pra mim, comecei a pensar na morte, que estava agora ao meu alcance – mas não esteve desde sempre? O que mudou? Conclui: talvez a minha relação com ela tenha mudado. Eu nunca tive uma relação com a morte. Nunca senti como se tivesse de lidar com ela e, portanto, passei mais tempo ocupado pensando em como seria “correto” reagir ao invés de propriamente fazê-lo. Agora ela está do lado de fora. O mundo todo corre perigo e eu tardei a entender a magnitude da situação. Enquanto uma sensação angustiante me tomava emprestado por alguns dias, sem que eu soubesse de onde vinha, outra me reconfortou: basta ter cuidado, seguir as precauções e tudo ficará bem. A televisão comunica números: as mortes aumentando. A pressa chamava pra fora e nós tínhamos que permanecer presos, ouvindo as trombetas do apocalipse. Carregado pelo pensamento como se fosse pela brisa, pensei nos diversos tipos de morte que agora nos cercavam.

Além das mortes que findam a existência – as que são narradas, ilustradas por números que nos mantêm vidrados em televisões, celulares, noticiários, etc. – pensei em pequenas

outras mortes que iam sendo disparadas de lar em lar. Torci para que não estivessem entrando pelas janelas que, agora, deixamos abertas. Não poder se reunir com os amigos para jogar conversa fora, ter de conviver com a angústia e com o medo... O sofrimento causado por nossas inquietações e pelo tédio? Agora é constante. Eu nunca fui hábil em conviver por muito tempo em companhia, seja de amigos ou familiares. Outra morte.

O que eu faria preso dentro de casa por todo esse tempo? Me soou óbvio: o que sempre fiz. Mas o que parecia tão simples tornou-se, após alguns dias, um pouco mais difícil. Meus hábitos agora eram insuportáveis, meus hobbies, entediante; distrações não me distraiam e eu desejava furiosamente programas que, antes do isolamento, considerava desnecessários e até desagradáveis. Quando o tédio me assaltava, tão acostumado ao *vil da rotina*³⁷³, não me permitia senti-lo e entrava em desespero: implorava por um pouco de inconstância, elaborei estratégias e orquestrei várias fugas – agora queria fugir de casa. Como lidar com as novas exigências por mais tempo?

³⁷³TIAGO IORC, Desconstrução. In: Reconstrução. Universal Music, Iorc Produções: 2019. Disponível em <<https://open.spotify.com/album/4MaXnFPKQXHK7voqrWGEPn?si=a2vZT0mjRdqd2PBrXSW97A>>

Encontrei conforto ao ser acolhido pela letra “S”, como em “nós”. O plural foi o salvador da pátria. O sentimento de coletividade está mais forte e presente do que nunca, e saber que não estou sozinho me permitiu pensar em outras maneiras de segurar as pontas. Surgiram atividades e afagos em forma de reuniões on-line, que oferecem um pouco do aconchego habitual que marca o encontro; eventos que garantem um contato íntimo, confortável e seguro com a arte que, apesar dos pesares, pulsa desenfreada em nossas veias: música, cinema, escrita, etc.; pessoas que se lançam ao mundo como desenhistas, roteiristas – ou tudo ou nada, sem rótulo algum. A prisão cede em ruína quando os pássaros ameaçam voar, as barreiras se sensibilizam diante da cantoria: o mundo inteiro e suas diversas vozes.

A partir de algumas reflexões que logo vieram, pude então ressignificar a morte. Um pouco além: pude pensar a morte em minha vida e na minha vida diante da morte. Se até então eu balançara a cabeça em indiferença, agora estava decidido a entender como a presença inesperada do vírus me

afetava. Com o perigo visível e próximo de mim, decidi aceitá-lo de uma vez por todas e, em sua iminência, dialogar com as minhas necessidades. Como me manter são e desfrutar da existência por agora? Como manter o Dó maior³⁷⁴ soando enquanto aguardamos a queda da monarquia, do rei coronado? Minha pasta de poemas responde, me lembrando de algo que esqueci: a possibilidade de *reinvenção*.

O plural salva através do coletivo, mas também através das possibilidades de reinvenção. Precisei de alguns meses para me habituar à mudança na rotina, desvencilhar do ritmo que mais se assemelha a um parque de diversões funcionando a todo vapor. Quando consegui, pude pensar no que faria agora. No que eu *queria* fazer agora. Pela primeira vez em anos eu não tinha plano nenhum. Eu não tinha compromissos para amanhã, não tinha deixado de fazer o que devia ter feito pra ontem e nem permaneceria acordado à noite, arrumando alguma coisa pra semana que vem: tudo o que eu tinha era o agora. Esta percepção me trouxe, de início, medo e angústia. Eu teria tempo e disposição suficientes para me ocupar inteiramente daquilo que eu desejasse: qualquer coisa, e “qualquer coisa” é uma coisa imensa. A disponibilidade era assustadora, culposa.

³⁷⁴Acorde (conjunto de notas) que emite um som mais “alegre”, característico de acordes maiores.

Devo admitir que não foi fácil ou tranquilo me encontrar diante desta nova perspectiva. Uma das maiores dificuldades que encontrei, sob a égide de uma pandemia global, foi lidar com o tempo e com a disponibilidade. Eu era como um livro já lido, com a capa folgada, ao ser pressionado contra a parede por quase um mês: demorou um tempo até que a capa se permitisse saltar para fora novamente. Sentindo falta das pressões externas que me governavam, imaginei que, em sua ausência, eu mesmo deveria me manter pressionado, sem considerar a possibilidade de levar a existência como um bom *free jazz*: diferente em atitude, improvisado, livre dos padrões e deliciosamente único a cada momento.

Por outro lado, pensar em morte enquanto reinvenção de si, em um período de pandemia, pareceu uma atitude culposa. Me autocensurei, quase como se a preocupação com o meu próprio bem-estar fosse uma demonstração desnecessária do meu egoísmo e anulasse a percepção de que as coisas estão tempestuosas lá fora. Se olharmos atentos pela janela encontraremos mascarados saltando tímidos e receosos pela penumbra, trabalhadores que não podem se resguardar e,

portanto, correm o risco de tropeçar na morte que há virando a esquina. Contradição: estar preso não se opõe à liberdade, mas ao fim.

A humanidade se mantém em alerta. Como desfrutar de algum tipo de bem-estar conscientes de que a natureza não precisa de permissão para continuar existindo enquanto escalamos o ar, igualmente *impermitidos*, para garantir a segurança de alguns em detrimento do sacrifício de outros? E o que fazer quando somos lembrados de que, apesar desta escalada, existe o chão? Do outro lado da culpa está a satisfação que nos parece utópica quando estamos submersos. Somos lançados à deriva em nosso próprio microcosmo, que nos confronta com anjos e demônios. O autoconhecimento – que se mascarava em suficiência nas certezas confortáveis do dia-a-dia – passa por metamorfose: eis uma exigência! Consciência do interior povoado em si (ou consciência de si?), o que te aflige? O que queres? A necessidade de ouvir e reinventar-se diante de si.

Voltar o olhar a si mesmo nunca foi um crime, e hoje se transmuta em exigência. Às vezes, diante do frenesi fluorescente que é o cotidiano, com suas corridas, montanhas-russas e rodas-gigantes, esquecemos de regar nosso interior povoado (ou nossas singularidades?) por mudas de rosas que

buscam forças para florescer. Os baobás se espalham como sentimentos até então anônimos, ignorados. É verdade que estar preso dentro de casa – principalmente quando percebemos que ela se assemelha mais a ponto de partida do que de chegada – pode parecer, a princípio, assustador. Como não se encontram chaves que tranquem problemas ou abram soluções, começo despindo minha casa de prisão para que eu possa reencontrar nela o conforto de quando vi o pôr-do-sol pela primeira vez. Assim, reinvento o casulo-morada para que também eu possa tornar-me borboleta: me reinventar.

Quando as luzes do parque se apagam e ninguém soa o alarme para começar a corrida, penso na vida e na morte. Brinquemos, então, de buscar novas formas de existir e sentir para que, diante de novas necessidades, possamos pintar as paredes do apartamento de outra cor – tal como fazemos diariamente, ao morrer e ceder lugar a novas vidas de nós mesmos.

Amigos da Caverna

Francisco César Aquino de Moraes³⁷⁵
Ellen Sabrinna dos Remédios Passos³⁷⁶

Gostaria de trazer a reflexão, aqui, do que faz o ser humano cumprir ou não cumprir regras em meio a situações consideradas de risco.

Em primeiro lugar, o ser humano é o único animal que contempla e tenta justificar seu próprio eu em meio ao cosmo. Poeira um tanto insignificante, mas com uma mente inteligível, produz pensamentos extraordinários.

Por outro lado, é capaz de negligenciar seus próprios feitos, descobertas e regras. O cenário atual, que exige um pensamento de trabalho em comunidade devido à pandemia do novo Coronavírus, mostra um lado obscuro que às vezes não é refletido em situações cotidianas. O homem já provou inúmeras vezes sua dualidade quando está em frente a uma situação de julgamento, de medo ou de falta de liberdade. Quem somos? Somos capazes de seguir regras e ao mesmo tempo ter liberdade?

³⁷⁵Acadêmico da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Medicina, e-mail: francisco.cezar2205@gmail.com

³⁷⁶Acadêmico da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Medicina, e-mail: sabrinarp09@hotmail.com

Primeiramente, Jean Jacques Rousseau, filósofo suíço (1712-1778), considerado um dos maiores representantes do iluminismo e um dos ideólogos da Revolução Francesa (1), dizia que para a conservação do homem seria necessária uma agregação, logo uma união de forças, representado em um acordo no qual manteria a liberdade de cada homem, sem se prejudicar e sem prejudicar outro associado. Daí o Contrato Social. Jamais enunciado formalmente, porém está inserido na comunidade como direitos e deveres de um corpo pertencente a uma assembleia.

Todavia, esta resposta é falha quanto a profundidade do ser, porque em situações onde não existem leis humanas formais, a sociedade, ao menos parte dela, possui dificuldade em exercer um comportamento para o bem coletivo. Tal pensamento pode ser constatado com a pandemia do novo Coronavírus, em que alguns hábitos foram recomendados tanto pelo Estado quanto pela comunidade científica, como usar máscara, evitar sair de casa e não frequentar ambientes aglomerados. Embora esses comportamentos, se levados a sério, seriam capazes de auxiliar a permanência da vida, bem

como minimizar as eventuais perdas, só foram levados a sério quando houve a criação de decretos e leis para abrir a possibilidade de multa, uma vez que, o ser humano, sob vigilância, tende a seguir as recomendações propostas.

Jean-Paul Sartre, (1905-1980) filósofo e escritor francês, um dos maiores representantes do pensamento existencialista na França, em sua célebre obra “O Existencialismo é um Humanismo”, apresentou a sua teoria existencialista afirmava que ações que são tradições são idealistas, sendo a experiência humana prova que são necessários freios sólidos para detê-los de comportamentos prejudiciais à própria humanidade. Dessa forma, o homem existe e só posteriormente se define, sendo aquilo que faz de si mesmo, projetando o futuro. Além disso, o ser humano é responsável pela sua própria individualidade, mas também é por todos os outros homens, pois o comportamento serve de exemplo para todos. Por isso o livre arbítrio se torna um fardo. Assim, sou eu que faço, a liberdade condenada deveria fazer com que a sociedade refletisse sobre as possíveis consequências de hábitos inapropriados, pois um simples indivíduo pode criar mudança no comportamento de uma coletividade.

Este cenário de pandemia atua pode ser comparado, com algumas adaptações, à Alegoria da Caverna do filósofo grego

Platão (427 a.C.-347 a.C.), que apresenta uma natureza com homens não tão educados que vivem em uma morada subterrânea semelhante a uma caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que esteja atrás deles.

A luz de um fogo

é o que ilumina por trás deles. Há um caminho para subir, entretanto, é cortado por um muro baixo, como se fosse um exibidor de marionetes. Alguns homens carregam todo o tipo de objetos, acima do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Alguns deles ficam calados e outros falam. Atrás do muro há os acorrentados que vivem das imagens das sombras feitas por outros homens. Se alguns deles pudessem conversar, a maioria especularia que as sombras eram donas das vozes, logo seriam a única verdade existente. Se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua falta de razão, gerada pela falta de conhecimento, seriam forçados a levantar, a virar a cabeça, a andar, a olhar para a luz, sendo que todos esses movimentos o gerariam incomodo

pois, não possuíam o hábito de olhar a luz, mas sim as sombras. Demorariam para aceitar ou até poderiam não querer compreender as inverdades que eles estavam habituados. Tirarem de lá à força seria o melhor caminho, arrastar até a luz do sol, ele não sofreria e se irritaria da mesma forma, seria melhor para habituar, devido a presença de um indivíduo que já experimentara a luz. A luz do Sol era a verdadeira verdade. As sombras, os muros, as vozes não se comparam a verdade a luz das estrelas, a luz própria da natureza e a luz da razão. A subida é a contemplação do que há no alto, considera-se que se trata da ascensão da alma até o lugar inteligível, reto e belo. Acrescento que é preciso vê-la se quer comportar-se com sabedoria, seja na vida privada, seja na vida pública.

Desse modo, homens que já possuem o conhecimento são capazes de retornar à caverna e socorrer outros acorrentados. Ações irracionais seriam gradualmente reduzidas pela conquista da luz do conhecimento. O cenário da pandemia do novo coronavírus deveria ser idealmente tipificado por comportamentos éticos em que ficar em casa seria a retomada que todo sábio deveria fazer para resgatar as pessoas que vivem no meio das sombras – falta de conhecimento e consumidores de desinformações-. Hábito no qual

daria exemplo para todos os homens, pois a razão, a moral

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia

e a ética são a luz da informação, conhecimento, exemplo de que o bem de estar em quarentena é para a coletividade. Pena que os mais sábios não chegaram a saber do seu poder de influência ou não querem voltar para a caverna. Livres para agir, porém acorrentados de pensamento.



NARRATIVAS
FOTOGRAFICAS

Cotidiano Pandêmico

Hugo Chaves Monteiro³⁷⁷

Por qual motivo trabalhamos? Essa pergunta foi como minha bússola durante a minha adolescência e início da juventude. Geralmente encontrava mais de uma resposta para tal questionamento, mas nenhuma era satisfatória o bastante. Após alguns anos, passei a ressignificar a ideia de trabalho e assim compreendi que nosso maior problema é o sistema econômico no qual estamos inseridos e não o fato de termos que desenvolver algumas atividades para subsidiar nossa existência.

Essa informação moldou meu caráter, fez com que eu tivesse mais respeito pelas pessoas que compõem o meu meio social e fazem o meu dia acontecer. Isso me levou a refletir sobre respeito, gratidão, liberdade e mutualismo. De longe, termos utópicos, mas que se observarmos bem, são indispensáveis para nossa vida em sociedade.

Pensando nisso, fui levado a questionar o outro. Como é que flui o seu trabalho? Qual divindade você acredita? Qual seu plano pós pandemia? Algum conhecido faleceu? Como você se sente? Quem depende de você e o que te faz querer seguir em meio a essa loucura? Qual lembrança te faz sorrir?

Tais perguntas não faziam parte de um roteiro, mas fluíam em meio a uma conversa casual, até chegar o ponto em que eu

³⁷⁷ Graduando do curso licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: hugochaves040@gmail.com

convidava a pessoas para ser fotografada. Em meio a esse processo vieram vários “não”, mas as pessoas que apoiaram a ideia se entregaram ao processo e fizeram essa narrativa ganhar forma.

Nesse sentido, minha ideia inicial era de mostrar quem eram as pessoas que eu estava encontrando durante a pandemia, relatar brevemente sua história e presentear elas com um registro fotográfico. Essa parecia uma ideia perfeita, contudo, a prática desse exercício me mostrou feridas, lacunas, o luto, revolta, perseverança e muita fé em Deus. Essas afirmativas fizeram esse trabalho ultrapassar a simples mecanização do processo e nos levou a trocar boas risadas e felicitações para um futuro que acontece agora.

Em meio a esse processo pude perceber o quanto que o discurso proferido pelo atual presidente da república, levou as pessoas ao encontro do vírus. Para exemplificar posso citar as correntes de oração que aconteciam em frente ao Hospital Regional Abelardo Santos (HRAS), era absurda a quantidade de pessoas que se aglomeravam em frente ao hospital para interceder pela vida de familiares, amigos e até mesmo pessoas desconhecidas. E o discurso no qual se reduzia a proliferação do vírus como algo insignificante geralmente se fazia presente.

Outro exemplo são os trabalhadores que informaram que tiveram contato com o vírus por não se sentirem confortáveis com a utilização da máscara e que não acreditavam nos índices que a rede de televisão e internet divulgavam, logo após adoecerem, tiveram que mudar drasticamente seus hábitos para proteger seus familiares.

Durante esses sete meses, o tempo vem sendo voraz, sinto como se 30 dias se resumissem em apenas 10, há um bombardeio de mensagens, de demandas cotidianas e sentimentos que tomam meu eu como morada. Esse processo que busco apresentar nessa narrativa é sobre isso. Sobre os dias nos quais eu acordava

radiante e queria produzir o máximo possível e os dias em que nem mesmo queria sair de casa, justamente por saber que seria mais um dia cheio de rotinas.

Fico extremamente grato por cada um que aceitou participar dessa breve narrativa, por cada riso, cada desejo de boa sorte e por cada agradecimento. Essas pessoas fazem parte do meu cotidiano, estão no meu caminho, estão pelas ruas. Trabalhadores que assim como eu, não puderam parar durante a pandemia, sentem medo e desejam mudar de vida o quanto antes.

Tatiane; seu Anderson; dona Rosana; Fabiano e Davi Silva, vocês me ensinaram e me motivaram tanto que deixo aqui registrada a minha eterna gratidão aos nossos encontros e boas risadas.



Mercado de São Brás (ervas e outras medicinas)



Maré de alimento



Rogai por nós.

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia



Augusto Montenegro e novas perspectivas



Bom dia, mano



A gente se reconhece no olhar



Caminhos

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia



Olhos que sorriem

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia

Retratos Enclausurados – “Retratos a partir da experiência de (sobre)viver em tempos de pandemia no Brasil.”

Giullia Silva Nogueira³⁷⁸



³⁷⁸ Acadêmica de Terapia Ocupacional da UFPA, cursando o Sétimo semestre.
Email: Giullia.nogueira@gmail.com



60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia





60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia





60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia





Quanto tempo demora sessenta dias?³⁷⁹

Ádyla Wilsandra Valente de Souza³⁸⁰

Da mesma maneira como Biquíni Cavadao interpreta uma canção chamada “Quanto tempo demora um mês”, comecei a refletir o que sessenta dias causou em mim. Talvez eu tenha vivido numa intensidade de 16 anos ou como um bebê de seis meses desprotegido. Senti-me presa. Em pensamentos. Nos meus medos. Nas minhas crises de ansiedade. Diante das minhas perdas.

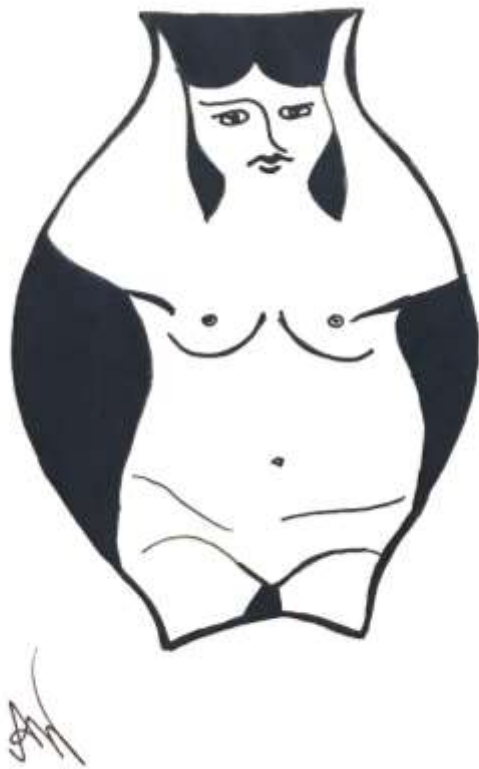
Vi meu corpo exposto, assim como as cerâmicas que analiso no laboratório Curt Nimuendajú. Dei-me conta de que assim como os caquinhos, eu também trago um contexto histórico, e atual. Da mesma maneira como as urnas funerárias são expostas em museus, meu psicológico e sentimentos foram expostos. Talvez eu

³⁷⁹Titulo inspirado na música do grupo musical BIQUÍNI CAVADÃO. Quanto tempo demora um mês. Fortaleza: Ceará Music, 2005. Composição: Alvaro, Bruno, Miguel, Gian Fabra. Três discos sonoros, coletânea 1985/2007 vols 1&2.

³⁸⁰Graduanda em Arqueologia. Email: adylawvs@hotmail.com

quisesse estar salvaguardada em alguma reserva técnica, mas caberia a mim o privilégio de poder ficar em casa?

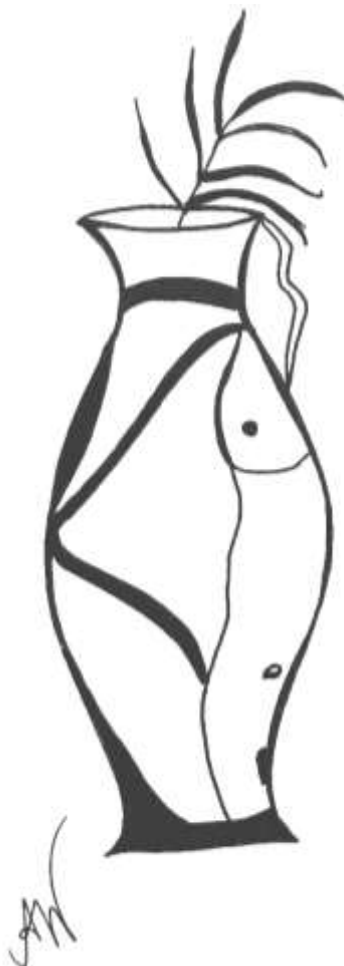
No entanto, diferentemente disso, sessenta dias me deixou à mercê de um vírus. Sessenta dias me tirou um amigo querido. Sessenta dias levou o meu tio. Sessenta dias foi tempo suficiente para o meu avô perder o melhor amigo, a minha avó o vizinho e eu o ar durante as madrugadas. E foi assim que comecei a produzir desenhos que expusessem os meus sentimentos.



Meu corpo, minha exposição



O universo não cabe em caixinhas



Somos mais do que corpos



Encaixe – inspirado na coleção de estudos de cerâmica da obra de Pablo Picasso

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia



Autorretrato de uma crise de ansiedade durante isolamento social



Tentativa de absorver informações para produção do meu TCC

60 dias de isolamento - Uma interpretação sobre o VIVER E SENTIR durante a pandemia

OS *AUTORES*



Denise Machado Cardoso

Denise é uma geminiana nascida em Belém do Pará no mês das festas juninas. Realizou seus estudos em escola pública durante toda sua trajetória acadêmica. Doutora em Desenvolvimento Socioambiental (Pós-Graduação do Trópico Úmido PDTU/NAEA) pela Universidade Federal do Pará (2006), realizou estágio doutoral na Universidade do Algarve/Portugal (2005). É mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (2000) e graduada em História também nesta universidade (1987). Atualmente é Assessora Adjunta da Assessoria de

Diversidade e Inclusão Social (ADIS/UFPA), pesquisadora do Laboratório de Antropologia e dos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Coordena o Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA) e é Pesquisadora Associada ao Musée du Quai Branly (França). Atuou como membro do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPA (2012/2017). Participou, como Consultora Ad Hoc, no Programa Pró-Equidade de Gênero da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (2014/2016). Coordena o Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (VISAGEM) e o Grupo de Estudos sobre Populações Indígenas (GEPI). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Gênero Eneida de Moraes (GPEM), do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Violência na Amazônia (NEIVA), do Projeto Recursos Naturais e Antropologia das Populações Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas (RENAS/MPEG), e do Pet/GT/CS. Participa das ações do Instituto de Pesquisa em Estudos Culturais e Ambientais Sustentáveis da Amazônia (IPEASA). Desenvolve projetos audiovisuais na região do arquipélago do Marajó.

Realiza pesquisa sobre políticas de ações afirmativas voltadas para povos originários e populações quilombolas. Tem experiência na área de Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, educação indígena, etnomuseologia, cibercultura, antropologia visual, antropologia política, ciências sociais e ambientais.



Felipe Bandeira Netto

Felipe é um Quilombola, fotografo, professor, antropologo, libriano, cervejeiro, poeta, escritor e viado. Nasceu em Belém do Pará no dia 02 de outubro, mês do Natal do paraenses; o Círio de Nossa Senhora de Nazaré. No entanto, cresceu nos campos do Marajó, em Salvaterra, no Quilombo de Mangueiras, desde os dois meses de vida. Filho de Oxalá e Oxun. Estudante de escola publica durante toda a escola básica. Na universidade

estudou Filosofia, Biologia e Física, na busca por encontrar algo que lhe complementasse, e encontrou esta completude nas Ciências Sociais – Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Pesquisa Antropologia visual trabalhando com sexualidades, gêneros e masculinidades a partir de imagens de homens pretos nus em fotografias. Como mestrando em educação em ciências no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, desenvolve pesquisa, também, sobre formação de professores e ensino aprendizagem com interesses em pesquisa narrativa, memória, fotografia, experiência e formação de professores de ciências. Membro do Grupo de Pesquisa (Transformação), membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem (VISAGEM) e do Grupo de estudos Cultura e Subjetividade. Atuou como professor pesquisador e colaborador do Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará, como fotógrafo tem preferência por fotografia de rua e fotografias de nu. Apreciador de uma boa Maniçoba e Açai sem açúcar com farinha d'água. É antirracista e antifascista.

